

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Beatriz de Castro Sanches Azevedo Araújo

“Camisa de Couro” e a densa trama das relações de poder que envolvem a  
criação de suas imagens na cidade de Três Lagoas, MS, 1959 – 1962.

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO  
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Beatriz de Castro Sanches Azevedo Araújo

“Camisa de Couro” e a densa trama das relações de poder que envolvem a criação de suas imagens na cidade de Três Lagoas, MS, 1959 – 1962.

MESTRADO EM HISTÓRIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Olga Brites.

SÃO PAULO

2008

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho não estaria completo se dele não contassem alguns agradecimentos especiais.

À professora doutora Olga Brites, orientadora desta dissertação, cujas observações tiveram a arte de conciliar a correção dos erros com o cuidadoso e profundo conhecimento que um mestre tem para não desanistar os discípulos num caminho desconhecido.

À banca de qualificação, composta pelas professoras doutoras Yara Aun Khoury e Laura Antunes Maciel, pelas ricas sugestões que muito contribuíram na estruturação final deste trabalho.

O meu reconhecimento à CAPES por me conceder uma Bolsa de Estudo Parcial por doze meses, tornando viável a realização deste trabalho.

Aos três-lagoenses de nascimento e de coração, que me concederam suas entrevistas, suas fotografias, suas lembranças e seu tempo sem os quais este trabalho de pesquisa não se realizaria.

O meu carinho especial ao Tony, companheiro de tantos desafios, cuja compreensão e apoio foram estímulos constantes. Aos nossos filhos Maria Eugênia e Tonico, que enfrentaram as mudanças bravamente para que este trabalho se tornasse realidade.

Beatriz de Castro Sanches Azevedo Araújo

“Camisa de Couro” e a densa trama das relações de poder que envolvem a criação de suas imagens na cidade de Três Lagoas, MS, 1959 – 1962.

## RESUMO

No fim da década de 1950 e início da década de 1960, a cidade de Três Lagoas foi palco de curiosas e instigantes passagens que envolveram a atuação do “pistoleiro” Antonio Joaquim Aragão, popularmente conhecido por “Camisa de Couro”. Muito além de instigantes, as ações desse personagem dariam origem à criação de uma memória popular de mitos e lendas em torno de figuras de homens considerados “fora-da-lei”. Mais precisamente, neste trabalho, nossa intenção foi compreender como a imagem de um “bandido pistoleiro” se constituiu num “mito” que permanece vivo até hoje na memória de um grupo de pessoas que compõem a população três-lagoense e localizar em que universo ocorre essa transformação, como ela se manifesta e quais os sujeitos envolvidos nessa dinâmica.

## Palavras-chave

Memória; cultura; cidade; poder; transformações.

Beatriz de Castro Sanches Azevedo Araújo

“Camisa de Couro” and the dense web of power relations involved in the creation of his images in the city of Três Lagoas, MS, Brazil, 1959 – 1962.

## ABSTRACT

In the late 1950's and early 1960's, the city of Três Lagoas was the backdrop for some peculiar and intriguing tales involving “gunman” Antonio Joaquim Aragão, commonly known as “Camisa de Couro”, literally “Leather Shirt”. The actions of this character gave rise not only to curiosity but also to a popular memory made up of myths and legends centered on the figure of men who were considered “outlaws”. More specifically, in this dissertation, we seek to understand how the image of an “outlaw gunman” has become a “myth” that remains alive in the memory of a group of people who live in the city of Três Lagoas, and to identify the context where this transformation occurred, how it manifests itself and the subjects involved in this dynamics.

## Key Words

Memory; culture; city; power; transformations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	
LEMBRANÇAS DE UM PASSADO RECENTE: UMA CIDADE CHAMADA TRÊS LAGOAS.....	34
1. Três são as lagoas: incontáveis as memórias.....	37
2. Três Lagoas: uma cidade em transformação.....	43
3. Três Lagoas e o Progresso: a ferrovia, a energia e a celulose.....	49
4. Três Lagoas e a imprensa paulista nos anos de 1959 a 1962.....	60
CAPÍTULO II	
PODERES EM DISPUTA.....	82
1. O Poder dos “Arquivos”: interdições, má vontade, prepotência e também questões políticas.....	82
1.1 Arquivo dos jornais locais.....	83
1.2 Arquivo criminal.....	85
1.3 Arquivo policial.....	86
1.4 Arquivo da Câmara Municipal.....	87
1.5 Arquivo da Prefeitura Municipal.....	87
1.6 Arquivos de Três Lagoas.....	88
1.7 O caso das fotos.....	89
2. O Poder dos Habitantes.....	92
3. O Poder dos Costumes.....	104
4. O Poder dos Outros Pistoleiros.....	113
CAPÍTULO III	
“CAMISA DE COURO”: BANDIDO E MOCINHO NO IMAGINARIO DA POPULAÇÃO DE TRÊS LAGOAS.....	125
1. “Camisa de Couro” e Suas Imagens.....	126
2. “Camisa de Couro” e as Imagens da “Viúva Madalena”.....	161

3. “Camisa de Couro” e o Poder da Fotografia no Processo de Criação de Suas Imagens.....	167
CONCLUSÃO.....	185
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	190
ANEXOS.....	197

## INTRODUÇÃO

Três Lagoas, quarta-feira, oito de novembro do ano de 1961, às 19 horas e 7 minutos, como de costume, o trem que vinha de São Paulo apitou ao se aproximar da estação. Sentados à mesa do bar Cinelândia<sup>1</sup> se encontravam conversando o jovem fazendeiro, senhor Carlos, e seu amigo, o médico doutor Munir. Ao apito do trem os dois amigos levantaram-se da mesa do bar Cinelândia e caminharam lentamente em direção à estação, onde o trem já havia encostado. Estacionado na parede lateral do prédio da Prefeitura estava um Jipe Willis, Over Lest, quatro portas, de cor azul. Assim, o senhor Carlos<sup>2</sup> nos relatou o que aconteceu em seguida:

*"Mais adiante, atravessando a rua em direção ao Jipe estacionado vinha "Camisa de Couro" acompanhado de seu amigo "João Carapina". Nesse momento o doutor Munir alertou: - Vamos mais devagar que é o "Camisa de Couro" que está chegando ali no Jipe. Aí paramos a uns trinta metros de distância e conversávamos ali os dois, quando "Camisa de Couro" levou a mão ao carro. Na partida do jipe estava a mão direita, e com a mão esquerda ele segurava o volante. De chapéu de aba larga, "Camisa de Couro" ia dar a partida no jipe, enquanto o "João Carapina" entrava do outro lado, no lugar do passageiro. De repente chegaram dois indivíduos, um de camisa branca, o outro de roupa escura e de chapéu pequeno normal e antes que ele pudesse fazer qualquer menção, qualquer reação, os dois atiraram ao mesmo tempo à queima roupa. Inclusive, a camisa e o paletó dele ficaram chamuscados de pólvora tal a proximidade com os tiros. E foi uma ação tão rápida que ele não esboçou a menor reação e os dois indivíduos terminaram o tiroteio. A impressão que deu é que havia dois revólveres e uma arma automática, porque houve uma sequência de tiros de arma automática e tiros de revólveres. Os dois indivíduos correram, atravessaram o jardim que fica em frente, viraram na rua João Carrato, correndo, passando em frente ao Hotel Modelo, e seguiram por essa rua até um terreno baldio na Avenida Olintho Mancini, onde havia um carro esperando os dois. Esse fato eu presenciei até eles virarem a esquina. Posteriormente é que nós ficamos sabendo que havia um carro esperando os dois. Havia também um terceiro indivíduo por trás do jipe, ali onde fica a igrejinha de Santo Antonio, que a Prefeitura era menor do que é hoje, o prédio, e esse indivíduo estava ali dando cobertura aos outros dois. O "João Carapina", que estava entrando no jipe, não havia se assentado ainda quando levou um tiro na perna e caiu fora do jipe. Mesmo assim, ele sacou um revólver e atirou a esmo. Porque naquela situação ele não poderia ter tentado, ele ficou quase embaixo do jipe e atirou. Então o doutor Munir, como médico, teve que dar assistência à vítima e eu o acompanhei. Naquela época a luz em Três Lagoas era tão deficiente nesse horário que a maioria das pessoas usava uma lanterna no bolso. E ele principalmente, como médico, poderia ser chamado a qualquer hora. A posição em que "Camisa de Couro" se encontrava era com a mão esquerda na divisória do volante meio pendurada, a mão direita totalmente caída, o chapéu caído e o rosto em cima do volante. O doutor Munir, chegou virou sua cabeça para trás e focalizou com a lanterna a pupila e comentou comigo: - Está morto! Foi instantâneo, havia um corrimento, um sangramento do supercílio que dava a impressão de que ele tinha sido atingido também na cabeça. Aí lá na autópsia que o doutor Munir fez comprovou que era pela pancada do supercílio em cima do volante que abriu um cortezinho que corria um filete de sangue. Eu acompanhei o doutor Munir na autópsia, e tirando a roupa dele no tórax do lado esquerdo, que foi o lado que ele foi atirado,*

---

<sup>1</sup> O bar Cinelândia ficava na rua Paranaíba nas proximidades do Cine Santa Helena, portanto, localizava-se no centro da cidade, próximo à estação ferroviária.

<sup>2</sup> Entrevista coletada em Três Lagoas com o fazendeiro e pecuarista senhor Carlos, no dia 22/1/2003.

*havia, salvo melhores lembranças, nove perfurações. Essas perfurações do lado esquerdo eram pequeninhas, mas, na saída das balas, que na maioria se alojaram no estofamento do Jipe, do outro lado, eram buracos mesmo. É que eram balas “dum dum” que iam abrindo por onde passavam. Nesse ponto a notícia correu, e o hospital de pequeno porte na época foi insuficiente pelo tanto de gente que chegou pra ter certeza que o “Camisa de Couro” havia morrido. No outro dia então, no funeral, como eu disse no início, quando o “Camisa de Couro” morreu, Três Lagoas teve o maior enterro com a maior presença de público até hoje, tinha mais de cem veículos. Olha que Três Lagoas era pequena na época<sup>3</sup>, continua pequena, mas era bem menor. E muita gente, gente a pé, gente de charrete, gente de avião, gente de todo jeito que tinha direito. Ele já tinha baixado a sepultura, já estavam fechando a sepultura quando a esposa do deputado desceu de avião<sup>4</sup>. Ela chegou fazendo barulho pediu para abrirem a sepultura que estava quase fechada. Abriram o caixão pra ela ter certeza que era o “Camisa de Couro” que estava enterrado. Salvo melhor juízo o nome dela era Madalena, um nome assim. Eu não assisti ao funeral.”<sup>5</sup>*

No mesmo dia oito de novembro de 1961, no mesmo horário, em frente ao relógio<sup>6</sup>, o jovem padeiro Ibraim, amigo de farra de “Camisa de Couro”, enquanto esperava a segunda sessão do cinema começar, conversava com amigos logo ali. O senhor Ibraim assim nos contou o que aconteceu naquela noite:<sup>7</sup>

*“Eu estava lá no relógio eu e o Magid. Aí o trem que vinha de Bauru para Campo Grande chegava às 19horas. Aí o trem parou e o “João Carapina” estava esperando ele pra levar ele embora. Aí, enquanto a gente esperava a segunda sessão do cinema, nós escutamos três rajadas “tá, tá, tá...”, mas não era metralhadora não, era revólver mesmo. Aí saímos, tudo correndo pra ver. E era o “Camisa de Couro”, ele estava lá, chegou a sacar os dois revólveres, mas a morte dele foi tão instantânea que não deu nem tempo. Ele morreu na hora, ali. Naquele tempo não tinha IML (Instituto Médico Legal) era tudo bagunçado, no próprio jipe mesmo levaram. Aí falamos, vamos dar um jeito e levamos. Aí tiramos as roupas e estava tudo ensanguentado, aí lavamos tudo e pusemos algodão nos buracos das balas. O velório foi na casa do João Carapina, naquele tempo não tinha velório, era tudo em casa. Lembro de muito avião de Cassilândia, Paranaíba tinha muitos. O velório tinha muita gente e muita gente estranha. Nesse momento uma das irmãs do senhor Ibraim comenta: - Ele foi enterrado como indigente, né? O senhor Ibraim imediatamente responde: - Que indigente, o quê? Tinha mais de mil pessoas no cemitério, só! O enterro era às quatro horas (16horas). Eram cinco horas (17horas) e já estava tudo enterrado. Aí enterrou tudo e desceu um aviôzinho “teco-teco” no campo de aviação. O José Ribeiro, que era taxista de “pé-de-bode”, foi lá, pegou a viúva no campo de aviação e levou para o cemitério, era a viúva de Mirassol<sup>8</sup>. Nós fomos vindo embora quando ela fez todo mundo voltar com quatro jagunços tudo armado. Fez nós voltar pra tirar ele. Chegamos lá, chamamos o coveiro e ele tirou os tijolos, tirou o caixão e ela mandou abrir e*

---

<sup>3</sup> Segundo, dados coletados, Três Lagoas tinha uma população em torno de 15.000 habitantes em 1961. Hoje sua população deve estar em torno de 85.000 habitantes.

<sup>4</sup> O senhor Carlos se refere aqui à viúva do deputado Anísio José Moreira, a fazendeira Madalena Vieira Moreira, da cidade de Mirassol, estado de São Paulo, que posteriormente a esse episódio do enterro de “Camisa de Couro” tem seu nome envolvido no assassinato do Juiz de Direito da cidade de Mirassol, doutor Jaime Garcia Pereira, que veio a ocorrer onze dias depois do enterro de “Camisa de Couro”. O assassinato do doutor Jaime Garcia Pereira ocorreu no dia 20 de novembro de 1961 na cidade de Mirassol, no estado de São Paulo e “Camisa de Couro” foi enterrado no dia 9 de novembro de 1961, na cidade de Três Lagoas, no estado de Mato Grosso.

<sup>5</sup> Entrevista coletada em Três Lagoas com o fazendeiro e pecuarista senhor Carlos, no dia 22/1/2003.

<sup>6</sup> Existe um relógio construído bem no meio das principais avenidas do centro da cidade. A estação ferroviária fica logo em frente.

<sup>7</sup> Entrevista coletada no município de Três Lagoas no dia 16/1/2006.

<sup>8</sup> A viúva do deputado Anísio José Moreira, a fazendeira Madalena Vieira Moreira.

*falou: - Tá certo é ele mesmo! E foi embora. Foi. Ela fez nós abrir o caixão e, quando viu, falou: - É ele mesmo! Pegou, virou as costas, pegou o avião e foi embora.*<sup>9</sup>

No mesmo dia oito de novembro de 1961, e no mesmo horário, há poucos metros da estação ferroviária, no bar Esporte<sup>10</sup>, estava dona Zelina, prostituta muito amiga de “Camisa de Couro”, que tomava um lanche na companhia de uma colega. Dona Zelina assim nos conta o que aconteceu:<sup>11</sup>

*“No dia da morte dele eu estava no bar Esporte. Aquele tempo tinha o bar Esporte. E eu vinha junto com a menina pra tomar um guaraná e comer um lanche lá. Aí, nós estávamos lá e escutamos aqueles tiros tá, tá, tá.... parecia metralhadora. Aí, depois veio um moço correndo e falou: - Acertaram o “Camisa de Couro”! Aí, nós corremos pra lá, sabe. Quando chegamos lá estava o jipe dele encostado lá na prefeitura pra frente do relógio e ele sentado com a cabeça encostada na almofada e com as mãos caídas. Do outro lado estava o doutor Munir, o finado doutor Munir, e do outro lado estava o finado Padre João<sup>12</sup>, que também já morreu. O padre João falava pra ele assim: - Pede perdão a Deus, Antonio, pede perdão a Deus! Mas ele já estava morto há muito tempo. Aí, nós ficamos um pouquinho ali olhando. Aí tiraram ele com o jipe e tudo e levaram para o hospital. Nós fomos também pra ver. Muita gente foi pra lá. Aí, lá no hospital puxaram a camisa dele assim, e caiu aquele monte de bala no consultório do médico. Já estava morto há muito tempo, aí trouxeram o corpo e o “João Carapina” falou: - O velório vai ser lá em casa! O João Carapina naquela época tinha uma chácara lá perto do Cine Lapa. Naquele tempo era tudo mato, tudo cerrado e tinha a chácara dele lá, e o velório foi lá. Mas era avião a noite inteira. Saía um avião, chegava outro, saía um, chegava outro. Até na hora do sepultamento dele chegou a Madalena. É que a Madalena tinha dado mil cruzeiros pra ele pra matar o Juiz de Mirassol. Então, quando ele matasse o Juiz de Mirassol, ela pagava os outros mil cruzeiros. É que ela tinha empreitado por dois mil cruzeiros. Aí a Madalena chegou, e o caixão já estava dentro da sepultura, do túmulo, e ela pediu para o coveiro, e o coveiro falou: - Agora eu já estou fechando. Aí, ela falou: - Pode abrir que eu lhe dou dez réis. Naquele tempo dez réis era um dinheirão! Aí o coveiro tirou os tijolos, puxou o caixão, abriu, ela olhou. Ela era bem pequenininha, a Madalena era pequenininha. Ela olhou e falou: - É ele mesmo! Pode colocar. Tirou dez réis da bolsa dela, deu pro coveiro e virou as costas. Mas aquilo estava assim de avião em cima do cemitério. O último avião que veio foi o Semi e o Orecy. O Semi e o Orecy também era pra ele matar. Estava na agenda dele o Semi e o Orecy de Goiás. Eram dois irmãos fazendeiros goianos, de Goiânia. Por sinal, o Orecy foi até prefeito de Andradina. Então dessa época pra cá que mataram ele, aí ficou toda morte diziam foi o Antonio! Foi o Antonio! No velório veio muita gente, mas o povo não veio para o velório, veio pra ver se era ele mesmo. Era avião de noite que chegava. Chegava de Goiás e de tudo que era lugar.”<sup>13</sup>*

Esses três relatos narram a morte do “pistoleiro” Antonio Joaquim de Aragão, popularmente conhecido por “Camisa de Couro”, ocorrida no dia oito de novembro de 1961, na cidade de Três Lagoas, localizada no sul do estado de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul. Minha intenção em apresentar este trabalho, destacando essas narrativas justifica-se pelo fato de

---

<sup>9</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 16/1/2006.

<sup>10</sup> O bar Esporte se localizava na rua Paranaíba, nas proximidades do Cine Santa Helena, no centro da cidade, próximo ao bar Cinelândia, ao relógio e à estação ferroviária.

<sup>11</sup> Entrevista coletada no município de Três Lagoas, no dia 29/1/2003.

<sup>12</sup> Anos depois o padre João Tomes foi assassinado.

<sup>13</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/ 2003.

considerar que este acontecimento e seus posteriores desdobramentos têm ressonância no tempo. De certa forma eles contribuem para compreender a maneira como esse passado tem sido lembrado e realimentado há mais de quarenta anos por algumas pessoas que vivem ou viveram na cidade de Três Lagoas desde então.

Antonio Joaquim de Aragão era nascido no interior de Sergipe e estava com 27 anos quando foi morto na cidade de Três Lagoas. De acordo com alguns depoentes, “Antonio”, logo que chegou à cidade nos primeiros tempos, andando pelas ruas da cidade, envergava roupas surradas, botas rotas e uma jaqueta de napa ou couro que, segundo dizem, ele recebeu em pagamento por um serviço. Para muitos de nossos depoentes, o uso de sua famosa “camisa de couro” era providencial para acomodar seus dois revólveres sempre bem polidos e lubrificados. Coincidemente ou não, toda vez que ele saía para viajar ou fazer algum serviço, ele a trajava.

“Camisa de Couro” não possuía residência fixa em Três Lagoas, todavia, ele freqüentou assiduamente a cidade no período dos anos de 1959 a 1961<sup>14</sup>. Conforme constatamos em nossas fontes, ele possuía muitos amigos na cidade, e dois deles o hospedavam constantemente em suas casas. Eram eles o “João Carapina<sup>15</sup>” e o “Alberto Armeiro<sup>16</sup>”. Sua permanência na cidade era breve, ele ficava dois ou três dias e já viajava. Voltava depois de vinte ou trinta dias, ficava dois ou três dias e viajava outra vez. Segundo seus conhecidos, essa situação se prolongou por mais ou menos três ou quatro anos. Foram nessas suas idas e vindas que ele protagonizou algumas cenas que o fizeram conhecido na cidade e região.

Na fala do fazendeiro senhor Carlos,

“(...) o “Camisa de Couro” de início não se mostrava, ele ficava acoitado em casas de amigos dele, de pessoas que ou deviam favores a ele ou temerosos dele aceitavam hospedá-

---

<sup>14</sup> Conforme as fontes, pudemos perceber a presença de Antonio em Três Lagoas nos anos de 1959, 1960 e 1961, mas isso não quer dizer que sua presença em Três Lagoas não possa ter se iniciado alguns anos antes.

<sup>15</sup> João Lino da Silva, popularmente conhecido por “João Carapina”, era um comerciante de suínos conhecido na cidade. Foi muito amigo de “Camisa de Couro” e, depois dos acontecimentos narrados acima, teve seu nome muitas vezes ligado ao suposto “Sindicato do Crime” ou “Sindicato da Morte”. Seus filhos, quando procurados, não quiseram falar sobre o assunto.

<sup>16</sup> O senhor Alberto Armeiro era o dono da oficina de armas e tinha bastante amizade com o “Camisa de Couro”, ele o hospedava em sua casa, e sua esposa dona Áurea também gostava muito dele. Dona Áurea, antes de falecer, nos concedeu uma entrevista.

*lo. Com o passar dos anos ele foi avançando e começou a se hospedar no Hotel Modelo e a freqüentar os bares que a sociedade de Três Lagoas freqüentava.*

Perceptivelmente, essa mudança no comportamento de “Camisa de Couro”, observada na fala do senhor Carlos, coincide com a época em que ele passou a circular pela cidade portando credenciais de investigador de polícia e na posse de um jipe azul zero quilometro e de um caminhão amarelo.

Por essas e por outras “coincidências” é que este trabalho de pesquisa abrange os anos de 1959 a 1962 na cidade de Três Lagoas. Minha opção por esse recorte temporal se justifica por vários motivos. Primeiro, apreendi por meio das fontes que, durante os anos de 1959 a 1961, a presença de “Camisa de Couro” em Três Lagoas se faz de forma mais acentuada e suas ações se tornam mais constantes. Aliado a isso, simultaneamente ocorreram outras ações semelhantes às suas, que, no entanto, foram protagonizadas por outros “pistoleiros” que também atuavam e viviam na cidade e na região. Essas evidências me levaram a apreender que “Camisa de Couro” não foi um caso único e isolado de “pistoleiro” que agia na cidade e na região durante a década de 1950 e início da década de 1960. Assim, ao contrário do que nos leva a imaginar, naquelas e em outras circunstâncias, ele não foi um caso singular de homem considerado “fora-da-lei” entre os moradores e freqüentadores da cidade de Três Lagoas.

Concomitantemente a essas evidências, cabe-nos lembrar que nos anos de 1959 a 1962 se intensificaram as negociações para a viabilização do Complexo Hidrelétrico do Urubupungá, e isso incluiu o início das obras da Usina Hidrelétrica de Jupiá em Três Lagoas. A realização dessa obra envovia o interesse de vários estados além de Mato Grosso. Cabe ressaltar que o estado que nutria o maior interesse para a imediata realização dessa obra era o estado de São Paulo, seguido dos estados do Paraná, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina. Sendo assim, em nosso entender esse fato colaborou e influiu para que esse período fosse marcado por mudanças, transformações, acordos e rearticulações que envolveram setores ligados aos poderes local, regional e federal.

---

<sup>17</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas no dia 22/1/2003.

Devemos ainda considerar que o estado de Mato Grosso possuía uma localização geográfica estratégica. Ou seja, possuía e ainda possui interessantes fronteiras tanto nacionais quanto internacionais. Entre seus limites nacionais confronta-se com os estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Pará, Amazonas e Rondônia. Internacionalmente faz fronteira com países como o Paraguai e a Bolívia. Desta forma, não podemos ignorar que o estado de Mato Grosso era muito extenso e que sua economia estava voltada aos grandes latifúndios pecuários e à mineração. No caso da cidade de Três Lagoas, por estar localizada na porção sul do estado, sua economia estava voltada aos grandes latifúndios pecuários e ao comércio.

Diante dessas observações cabe-nos ainda lembrar que, durante os anos dedicados a este processo de pesquisa, muitos desafios tiveram de ser superados. Recordo-me dos momentos de certezas e de incertezas por nós vividos e também dos momentos de frustrações, que de tão intensos, tiveram efeitos contrários. No lugar de desestimularem eles nos incentivaram a superar problemas e a vencer os próximos obstáculos que surgiram.

Inúmeras foram as vezes em que me vi diante de algumas escolhas a serem feitas. Ocasiões em que meus questionamentos foram responsáveis pela direção e os rumos que a pesquisa tomou. De todas as dificuldades que se colocaram a minha frente, algumas foram superadas, outras nem tanto. Porém, uma delas posso dizer, com certeza, que se tornou a mais difícil de ser resolvida. É esse momento que estou vivenciando, o de passar para o papel e transformar em escrita o que observei, questionei e analisei durante todo esse tempo. Naturalmente, escrever torna-se um dos atos de maior responsabilidade para nós pesquisadores, afinal, somos responsáveis por tudo o que escrevemos e isso, de certo modo, me assusta.

Preocupo-me principalmente quando me lembro da fala de um depoente que, com toda a sua “ingênua sabedoria” no meio de uma das entrevistas realizadas, diz: - *“Minha senhora, o papel é o único bicho que eu conheço que agüenta todo tipo de desaforo e não reage”*. Diante dessa fala paro, reflito e me questiono: - Será que vou conseguir achar o caminho de volta de toda essa história?

Nesse caminhar revejo todo o processo de pesquisa, desde o projeto proposto inicialmente, e percebo o quanto eram verdadeiras minhas considerações iniciais. Ou seja, que as reflexões sobre o nosso objeto de

estudo se constroem na prática da pesquisa em virtude dos diferentes pontos de vista sobre o assunto estudado. Aos poucos, percebi que ao longo da investigação o objeto se compunha, ganhava vida e movimento. Ao mesmo tempo, com base na reflexão que os dados da pesquisa de campo me ofereciam, fui construindo os referenciais necessários para pensar meu objeto de estudo, delimitá-lo melhor e compreendê-lo um pouco mais.

A cada passo dado em direção a essas questões, percebi a importância de estabelecer um diálogo permanente com as fontes e a bibliografia ou entre a prática e a teoria para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Compreendi que para não me perder no caminho de volta precisava ter em mente duas preocupações. Primeiro, adotar um comportamento ético que respeitasse tanto a pessoa contemporânea quanto a pessoa do passado, ambas envolvidas em minha pesquisa. Segundo, pensar de que maneira meu trabalho poderia voltar a essas pessoas que entrevistei e de como poderia também voltar para a população de Três Lagoas.

Com essas duas preocupações em mente me lancei ao desafio de compreender o que o personagem “Camisa de Couro” e as relações de poder que o envolvem representam para essas pessoas que vivem ou viveram na cidade de Três Lagoas e que guardam “Camisa de Couro” na memória.

Não é nossa intenção nesta pesquisa fazer um trabalho biográfico do personagem e nem tampouco achar culpados ou inocentes nessa história. Mas, sim, compreender o poder de atuação da memória na constituição da cultura como campo de luta e como passado vivo e ativo.

Em nossa compreensão a violência em Três Lagoas no período por nós estudado foi filtrada pela ótica das autoridades locais e regionais, que insistiam em alimentar a imagem e a figura do “bandido”, com o objetivo de disfarçar ou encobrir as freqüentes manifestações de violência e os conflitos sociais onde se fazia presente o banditismo organizado, a luta pela posse de terra, a luta de classes e a disputa de poderes. A nosso ver, ao alimentar a imagem do “bandido”, as autoridades locais e regionais ocultavam a responsabilidade pela violência por atos arbitrários cometidos.

Nesse sentido vamos ao encontro das palavras de Valmir Batista Corrêa, quando analisa que o “banditismo” rural em Mato Grosso, no período de 1889 a 1943, desenvolveu-se com mais intensidade nas zonas de pecuária

(Pantanal e sul do estado), onde assumiu características do “modus vivendi” típico dessa atividade.<sup>18</sup>

Dessa forma, compreendemos que a organização social em Três Lagoas nos anos de 1959 a 1962 manteve algumas das características do período analisado anteriormente pelo autor. Nesse caso, a nosso ver, em Três Lagoas ela se assemelhava com o enfoque dado por Corrêa nos seguintes aspectos,

*“(...) no uso da indumentária comum aos peões que lidavam com o gado e no uso obrigatório da arma branca ou arma de fogo que aproximava o vaqueiro do bandido na sua convivência diária com a violência, o nomadismo e com a vida rústica do campo. (...) manifestou-se nas mais diversas formas de relacionamento com o latifúndio pastoril, com os coronéis fazendeiros e com a população sertaneja. (...) estreitou-se as opções do sertanejo que, ou agregava-se ao latifúndio como jagunço, capanga e bandido à disposição de um grande senhor de terras, ou caía no mundo do crime por sua conta e risco. No primeiro caso, o bandido tinha a proteção do latifundiário coiteiro e, no segundo, podia eventualmente ser perseguido por capturas organizadas pelos próprios fazendeiros.”<sup>19</sup>*

Apreendemos que as características acima citadas se faziam, de certa forma, presentes na sociedade três-lagoense. No entanto, isso não quer dizer que novas práticas e novas relações vividas não tivessem sido adotadas entre os homens considerados “fora-da-lei” e essas experiências sociais que construíam novos discursos e novas táticas de controle e de resistência. Pelo que pudemos perceber em Três Lagoas e na região, muitos desses fazendeiros/coronéis evitavam ter seus nomes diretamente ligados a esses homens considerados “fora-da-lei” e aos crimes de morte encomendada. Afinal, muitos deles exerciam cargos públicos de prestígio ou gozavam de uma posição econômica e social que não condizia mais com essa prática considerada de homens violentos. Naquele momento possuir capangas e jagunços não combinava com a imagem de “homens modernos” que tentavam construir para si. Assim, estrategicamente, passaram a contratar os serviços dos “empreiteiros” para realizarem os seus “mandos”, evitando seu envolvimento direto nas demandas. Esses “empreiteiros”, por sua vez, contratavam os “matadores” ou “pistoleiros” que seriam os profissionais responsáveis pela execução dos serviços encomendados.

---

<sup>18</sup> CORRÊA, Valmir Batista. *“Coronéis e Bandidos em Mato Grosso 1889-1943”*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1995. p.153.

<sup>19</sup> Idem, p.p. 152 e 153.

Cabe-nos esclarecer que o “mandante” era quem encomendava e pagava pelo crime. Esse “mandante” contratava o serviço com o “empreiteiro”, que, na maioria das vezes, era uma pessoa de bom poder aquisitivo e bem relacionada na sociedade. Esse “empreiteiro”, por sua vez, contratava o “pistoleiro” adequado para o serviço encomendado. Nesse caso, os “pistoleiros”, ao serem contratados, assumiam a execução do serviço e suas possíveis consequências. Essa atitude, de certa maneira, isentava de responsabilidade os “mandantes” e também os “empreiteiros”.

A fala do senhor José Luiz nos ajuda a compreender o universo da “violência” que analisamos neste trabalho. Ao recordar “Camisa de Couro”, ele nos conta que,

*“(...) enquanto vivo nego, temia ele, por ele ser encomendador de crime. (...) Então você encomendava a morte pra ele e explicava; o cara me fez isso, fez assado e tal. Mas ele era apaziguador também, ele não ia lá só pra matar. (...) Ele também era apaziguador de negócios por ser um homem temido. (...) Então muito negócio foi feito através desses acordos. E num era lá só pela maldade, mas, quando ele pegava para ir lá fazer ele não voltava sem fazer.”<sup>20</sup>*

No final da década de 1950 e início da década de 1960, a cidade de Três Lagoas foi palco de curiosas e instigantes passagens que envolveram a atuação do “pistoleiro” Antonio Joaquim de Aragão, popularmente conhecido por “Camisa de Couro”. Muito além de instigantes, as ações desse personagem dariam origem à criação de uma memória popular de mitos e lendas em torno de figuras de homens considerados “fora-da-lei”. Mais precisamente, neste trabalho, nossa intenção foi compreender como a imagem de um “bandido pistoleiro” se constituiu num “mito” que permanece vivo até hoje na memória de um grupo de pessoas que compõem a população três-lagoense e tentar localizar em que universo ocorre essa transformação, como ela se manifesta e quais os sujeitos envolvidos nessa dinâmica.

A escolha de “Camisa de Couro”, como tema de pesquisa, ocorreu em razão da curiosidade que esse personagem sempre me despertou. Aliada a isso uma série de questionamentos que surgiram no decorrer das aulas da disciplina de História Regional<sup>21</sup>, oportunidade em que tive contato com a obra

---

<sup>20</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/11/2006.

<sup>21</sup> Disciplina cursada no Curso de Graduação em História, Câmpus de Três Lagoas, UFMS, realizado entre o período de 1999 a 2002.

de Valmir Batista Corrêa “Coronéis e Bandidos em Mato Grosso -1889-1943”, que resultou numa monografia de final de curso.

Houve ainda fatores de ordem pessoal, uma vez que nas décadas de 1970, 1980 e 1990 vivenciei no âmbito familiar muitas experiências sociais que dizem respeito ao estado de Mato Grosso, ao atual estado de Mato Grosso do Sul e ao universo das mortes “encomendadas”. Essa identificação com o tema acabou gerando novos questionamentos e reflexões que apresentei num projeto de pesquisa para o Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Quando propus inicialmente o tema “Camisa de Couro – bandido ou mocinho no imaginário da população de Três Lagoas” a preocupação foi evidenciar essa contradição que me incomoda e impulsiona a buscar respostas. Há tempos venho observando o interesse da população de Três Lagoas em relação ao personagem “Camisa de Couro”, um “pistoleiro” de certo modo igual a muitos outros que viviam e atuavam na região, no período analisado por este trabalho.

Todavia “Camisa de Couro” se destaca e ganha forças por uma série de fatores. Primeiro, sua morte foi presenciada por quase toda a população e seu velório e seu funeral foram cercados de episódios representativos acompanhados por um número expressivo de pessoas. Em seguida, cerca de um mês após a sua morte, seu nome aparece estampado em vários órgãos da imprensa paulista por consequência do crime que resultou no assassinato do juiz de direito da cidade de Mirassol, São Paulo, doutor Jaime Garcia Pereira. Essa notoriedade ocorreu quando se descobriu que a “mandante” do crime havia sido a viúva fazendeira Madalena Vieira Moreira, a mesma que havia protagonizado o episódio<sup>22</sup> em seu enterro.

Diante disso, uma campanha encabeçada pelas autoridades locais tentou de todas as maneiras apagar sua passagem por Três Lagoas. De que forma? Toda documentação referente à sua morte está confusa. Identificamos que sua Certidão de óbito está com o nome de Horácio Nogueira Barbosa, natural de Anápolis, Goiás. No livro de registro de aforamento do terreno do

---

<sup>22</sup> O episódio a que nos referimos é a chegada da viúva Madalena no enterro de “Camisa de Couro” e sua ordem para desenterrá-lo.

jazigo onde está sepultado, no Cemitério Municipal de Três Lagoas, seu nome também consta ser Horácio Nogueira Barbosa. No processo crime em que ele figura como réu, ele está indiciado como Antonio Carvalho. Seu nome, sua procedência e sua filiação estão trocados em todos os documentos que conseguimos localizar referentes à sua morte.

Nesse caso apreendemos que quanto mais o assunto era proibido mais suas histórias ganhavam força perante a população. Junto a isso iniciou-se no Foto Zaguir um comércio em torno de suas fotografias, que logo recebeu interdição das autoridades locais. Imediatamente, foi proibido o comércio dessas fotografias e os negativos foram apreendidos. Por esses e por outros motivos fomos apreendendo as razões de “Camisa de Couro” ter se diferenciado dos outros “pistoleiros” da época.

Que “Camisa de Couro” é um personagem imerso em contradições, isto conseguimos localizar, no entanto, compreender essas contradições é que faz parte de nossos questionamentos.

Essa questão se torna um pouco mais comprehensível quando nos atentamos ao “perigo” que *Stuart Hall* percebe “quando tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do popular”<sup>23</sup>.

Nesse caminhar ampliamos e modificamos a nossa noção de cultura popular, considerando-a não algo à parte, em oposição a uma cultura dominante, mas o espaço da diferença, e ambas constitutivas da mesma cultura que é de todos. Sendo assim, compreendemos que toda essa movimentação se faz numa constante tensão.

No dizer de *Stuart Hall*, “a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência”<sup>24</sup>.

Transformar “bandidos” em “heróis” ou o inverso, “heróis” em “bandidos” envolve um complexo processo de transformação de toda uma sociedade. Deste modo, cabe indagar: Será uma forma de se lutar pela cultura de um povo que se sente ameaçado de perder heranças culturais e poderes?

---

<sup>23</sup> HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do “popular”*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.247 – 264.

<sup>24</sup> Idem.

De acordo com Hall “a cultura popular é o terreno sobre o qual essas transformações são operadas,” nesse caso, é a dinâmica das relações entre as pessoas que vivem essas transformações e como resistem ou se submetem a elas.

Pudemos perceber, nesse contexto, a importância e a necessidade de se buscar um diálogo com as fontes e a teoria, no momento em que se tornou evidente a existência de uma distância entre os registros oficiais sobre a vida e a morte de “Camisa de Couro” e as recordações presentes na memória e nas falas das pessoas que selecionamos para ouvir. Em decorrência dessa distância, o nosso maior desafio estava em pensarmos a memória, não só como um depositário de informações, mas também, como história, como luta, como processo em andamento.

Ao refletirmos desta forma, novas questões tornaram-se perceptíveis, vozes até então inaudíveis ganharam volume, sujeitos tornaram-se visíveis e as disputas mais claras. Assim, as dinâmicas relações entre presente-passado e memória-história foram se tornando cada vez mais o caminho para nortear e direcionar nossas buscas e reflexões.

Assim, refletimos sobre a complexidade que o conceito de “cultura” apresenta e, ao dialogar com *Raymond Williams*, apreendo “cultura como todo um modo de vida, portanto, um local de interesses convergentes”<sup>25</sup>. Nesta perspectiva, nos propomos a pensar cultura(s) como todo o modo de vida e modo de luta, pertencente a todos. Desta forma, procuramos compreender “cultura” como um campo fértil para identificar diferenças e descobrir tendências que questionam a ordem.

Se há mais de quarenta anos, “Camisa de Couro” faz parte da história e da memória da cidade de Três Lagoas; se jovens, velhos, ricos ou pobres já ouviram seu nome ou conhecem algumas de suas histórias, surge a indagação: Quem são esses sujeitos que fazem questão de lembrar esse personagem e suas histórias? Que lugar cada um ocupa dentro da disputa dessa memória? O que essa memória quer nos dizer? Com esse procedimento, caminhamos em busca de respostas, e o conceito de cultura fornecido por *Williams* foi uma trilha percorrida.

---

<sup>25</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, sd, p. 19-26.

Já na ótica de *Edward P. Thompson*, “cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Sendo assim, será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes”.<sup>26</sup> Neste diálogo com *Thompson*, tenciono conhecer o personagem “Camisa de Couro” em suas particularidades, seu modo de vida, seu cotidiano e suas práticas, visando entender como se formulou a imagem do “bandido (ou mocinho?) pistoleiro”. Busco compreender, também, como em torno de sua memória se cruzam e tensionam interesses, valores, perspectivas e poderes.

Um dos passos foi compreender de que maneira esse personagem se inseria na sociedade três-lagoense da época e para isso apresentaram-se as questões: Como se constituía essa sociedade? Quais eram os sujeitos que a compunham? Quais os códigos que a regiam? Quais costumes adotavam? Ao procurar respostas para essas e outras perguntas que surgiram, estamos desfazendo esse feixe emaranhado em que se articulam forças e interesses de várias pessoas que direta ou indiretamente fazem parte de todo o contexto que envolve “Camisa de Couro” e sua passagem por Três Lagoas. Ao enveredarmos por esse viés, *Thompson* nos auxiliou bastante.

Daí, a complexidade de uma reflexão que busca apreender as noções de “cultura”, como todo modo de vida e campo de disputa na realidade ambígua e contraditória vivida pelos homens em suas experiências de vida.

Outra contribuição importante para a pesquisa vem de *Walter Benjamin*, quando analisa que “na luta de classes essas coisas espirituais (aqui entendemos cultura) não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor”<sup>27</sup>. A maneira como “Camisa de Couro” foi eliminado acabou desencadeando uma série de experiências contraditórias que precisaram ser analisadas. Por que a morte de um “bandido pistoleiro” traria tantas recordações? Se o governo e a polícia agiram conforme suas funções, a saber, proteger a sociedade, o que poderia ter gerado tantas lembranças saudosistas?

Para Benjamin, essas coisas espirituais se “manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo

---

<sup>26</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-24.

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história* in Magia e Técnica, Arte e Política. p. 222 – 232.

*dos tempos, questionando sempre cada vitória dos dominadores*<sup>28</sup>. Ele ainda nos alerta sobre a existência de “*um misterioso ponto de encontro entre o presente e o passado onde os dominados resistem aos dominadores*”<sup>29</sup>. E esse ponto de encontro pode ser entendido como o campo de luta na cultura e pela cultura.

Como o interesse e o fascínio que esse personagem “Camisa de Couro” e suas ações despertam até hoje nas pessoas, aliados a sua reconhecida trajetória no mundo do crime no fim da década de 1950 e início da década de 1960, na cidade de Três Lagoas, são um dos elos de encontro entre o presente e passado numa disputa entre poderes, que passa pelo processo ativo de criação de significados do passado? Como essa complexa relação entre presente e passado percebida no contexto que envolve “Camisa de Couro” é captada pela memória nas disputas entre dominações e resistências?

Não temos respostas a essas indagações, porém, vamos procurando juntar os fragmentos desse passado, que se fazem presentes na memória e nas falas dessas pessoas, na tentativa de entender que para a história nada é perdido e que não existe um passado morto e acabado e que a memória é também um campo da prática política.

Nesse diálogo com *Benjamin*, analisamos suas palavras, quando diz que “*nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie*”<sup>30</sup>. Neste ponto, fazemos uma reflexão sobre o risco que a história e a cultura correm ao caírem nas mãos dos dominantes e dos vencedores. Nesse processo de apropriação que o poder realiza sobre os “*despojos*” sobre os “*bens culturais*” e sobre a “*própria memória*” está o perigo de que a manipulação e o domínio se transformem em armas poderosas nas lutas travadas contra os dominados. Vale lembrar aqui que, em muitas ocasiões, pessoas comuns<sup>31</sup>, ao se apropriarem desavisadas de perspectivas que favorecem a dominação também a realimentam e a reproduzem. Compreendo que, nesse caso, as pessoas comuns, ao reproduzirem as mesmas histórias, realimentam esses poderes.

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem, Ibidem.

<sup>30</sup> Ibidem

<sup>31</sup> Compreendemos como pessoas comuns os habitantes e moradores de Três Lagoas que não pertenciam à elite dominante envolvida com o discurso do progresso.

Ao compartilharmos com *Benjamin* esse pensamento indagamos: Se, na versão oficial, “Camisa de Couro” foi um “bandido perigoso”, morto pela polícia numa ação espetacular empreendida com a intenção de proteger a cidade e a população da convivência ameaçadora com esse personagem, como se explicam, então, alguns relatos que mencionam que “Camisa de Couro”, por um período, fez parte do contingente policial da cidade ou do Estado? Por que na fala das pessoas o que ouvimos com eloqüência não é a grandeza do ato policial em coibir as ações do pistoleiro? Por que é forte a lembrança de como ele circulava tranquilamente na sociedade três-lagoense? E as muitas insinuações de que ele fora traído? E o reconhecimento de sua profissão (pistoleiro) associada a atos de coragem e até de bondade? E o incômodo sentido pelas ações policiais posteriores à sua morte que foram empreendidas para eliminar qualquer vestígio de sua passagem por Três Lagoas? E a freqüência com que são citados nas falas os nomes e as ações de outros “bandidos pistoleiros” que atuavam em Três Lagoas no mesmo período? Assim, surgem essas e outras perguntas.

“Camisa de Couro” vai se tornando obsoleto e indesejado nas novas articulações, procedimentos e estratégias dos coronéis e das instituições públicas na cidade e na região? O fato da morte de “Camisa de Couro”, segundo a versão autorizada, ter sido encomendada pelo governo do estado, representado na época pelo governador Fernando Corrêa da Costa, no período em que Três Lagoas participava da complexa construção da Usina Hidrelétrica de Jupiá, juntamente com outros estados (SP, PR, MG, GO, SC), não pode ser considerada uma ação de poder, de domínio da situação? Sua morte não pode ter sido manipulada pelos dominadores, dando a entender que “Camisa de Couro” e seus serviços não eram mais bem-vindos? Será que a Lei do “Quarenta e quatro”<sup>32</sup> ou do “Trinta e Oito” deixara de vigorar? Ou, quem sabe, não foi um acerto de contas? Qual o motivo de se tentar apagar todas as provas oficiais de sua passagem por Três Lagoas?

Quando começamos esta investigação, fomos procurar por registros oficiais referentes à morte de “Camisa de Couro”. Não encontramos muitas

---

<sup>32</sup> Segundo Walmir Batista Correa em sua obra *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso*, a região mato-grossense ficou conhecida como terra sem lei, ou onde a única lei existente obedecia ao artigo 44, ou seja, a lei com armas de fogo calibre 44.

fontes escritas e, quando existentes, elas se mostravam contraditórias, motivo pelo qual elas serão discutidas e abordadas mais especificamente no segundo capítulo. Porém, o contato com as pessoas que trabalhavam nos lugares que investigamos (Prefeitura, Cartórios, Câmara Municipal, Delegacias, Fórum, Jornais, Universidade, etc.) foi significativo, pois a maioria ficava muito curiosa ao saber o que eu procurava. Aos poucos, aproximavam-se e indagavam sobre a pesquisa e faziam questão de contar como o avô, o pai, o tio, o vizinho e, em alguns casos, eles próprios se lembravam do personagem e de suas façanhas.

A dificuldade em localizar as fontes escritas, por não termos conseguido acesso aos arquivos, ou por realmente não encontrar as informações ou ainda por constatarmos que certas informações se encontravam propositalmente confusas levaram-nos a ampliar um diálogo com essas pessoas, e por meio delas localizamos informações preciosas para o desenvolvimento da pesquisa. Por intermédio delas localizamos documentos, fotos, jornais e outras histórias. Lembramos que a maioria dessas fontes está guardada e muito bem protegida, em mãos particulares.

Essa proximidade nos remeteu a algumas questões: Como fazer tal pesquisa, sem levar em conta a fala das pessoas? Quem são essas pessoas e o que estão querendo nos mostrar? Que lugares elas ocupam nessa dinâmica relação de disputa pela memória? Como não perceber a presença e a importância da memória? Como refletir entre a relação memória e história em nossa pesquisa? E como trabalhar essa memória de maneira que as pessoas com as quais falamos se reconheçam neste trabalho?

Ao nos defrontarmos com essas questões, optamos pela história oral, procurando entrevistar pessoas que conheceram e conviveram com “Camisa de Couro” em Três Lagoas. Essa escolha se justifica pela nossa tentativa de compreender o poder de atuação da memória na constituição da cultura como campo de luta, como passado vivo e ativo e também como prática política.

Mesmo conscientes de estarmos desafiando uma tradição historiográfica que ainda preza a objetividade dos fatos, ainda assim, nos lançamos a

“escovar a história a contrapelo”<sup>33</sup>, na recuperação das memórias e das fontes orais como objetos de estudo da pesquisa.

Nesta perspectiva, inicialmente, procuramos entender qual a credibilidade dos trabalhos com memórias e fontes orais. Nos dois casos não podemos esquecer que as fontes são pessoas e não documentos e, nesta direção, concordamos com Alessandro Portelli, quando discute a credibilidade das fontes orais e alega que: “A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso não há “falsas” fontes orais.”<sup>34</sup> (1997, p.33).

Em vários momentos de nossa pesquisa percebemos que nossos entrevistados se afastavam do fato e faziam referências a lugares, pessoas, costumes, que, muitas vezes, não estavam inseridos no contexto, mas que acabaram tornando suas falas mais compreensíveis e mais representativas.

Isso posto, nos implica a pensar sobre a importância da memória para a história oral e Portelli nos auxilia, quando observa que:

“... realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.” (1997, p.33)<sup>35</sup>

Estudos desenvolvidos na Coletânea *Muitas Memórias, Outras Histórias*, ampliam essas questões e ressaltam o papel da subjetividade nos trabalhos com memórias e fontes orais e, segundo as autoras:

“Ao procurarmos trabalhar com narrativas individuais, confrontamo-nos com o trabalho da fala, da consciência e da memória que se constroem no momento da interlocução com as pessoas entrevistadas. Assim, fomos descobrindo e nos apoderando da memória como história e campo de disputas”.<sup>36</sup>

Lançando mão dessa idéia, refletimos sobre o cuidado e a preocupação que o pesquisador precisa ter quando trabalha com a recuperação das fontes orais, e como o fato de perceber e reconhecer a presença da subjetividade nas narrativas de nossos entrevistados nos direciona a um comprometimento de recuperar corretamente essas falas. Se estivermos receptivos, elas poderão

---

<sup>33</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história in Magia e Técnica, Arte e Política*. p. 222-232.

<sup>34</sup> PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In Projeto História (14), fev. 1997. p. 25-39.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> FENELON, Décia; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. (orgs.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho D'água, 2005.

nos apontar outras realidades e perspectivas de apreender o trabalho com a consciência e, assim, incorporá-lo na explicação histórica.

Portelli nos leva a pensar na subjetividade como o modo como cada um incorpora em sua consciência a cultura compartilhada no processo de disputa que se forja na experiência social vivida e que se faz presente nas narrativas. Segundo esse autor, “se formos capazes de detectá-la a subjetividade se revelará mais do que uma interferência, será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega até nós das memórias e das fontes orais”.<sup>37</sup>

Outro ponto que nos propusemos a compreender na obra de Portelli é que, ao falar de história oral e memórias, o autor discute a memória coletiva, afirmando que “Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada, e ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais”.<sup>38</sup>

Ao analisarmos essas palavras, observamos que o autor discute a natureza da memória coletiva, quando explica que a memória social é partilhada, no entanto, ela é gerada pelo trabalho da consciência de cada pessoa, a partir dos modos como se inscreve no social. Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, com base no próprio ponto de vista e, nesse aspecto, compartilhamos da idéia de Portelli: “...o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis”.<sup>39</sup>

Podemos verificar isso em nossa pesquisa. Ao partirmos para as entrevistas, tínhamos um foco inicial “Camisa de Couro”, mas, aos poucos, observamos como esse personagem se representava de maneiras diversas para cada um. Mesmo o fato de terem pontos comuns, como conhecê-lo, conviverem com ele ou terem visto sua morte, não fez com que suas falas nos contassem as mesmas histórias. Por meio de suas narrativas, percebemos que cada entrevistado expunha um pouco de si, das experiências vividas em suas memórias. Eles nos contaram como viviam e como se relacionavam e, desse modo, nos apresentaram formas distintas de ver a cidade, seus sujeitos, as leis, as ações das autoridades no viver urbano que compartilham.

---

<sup>37</sup> PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os fatos. Narração, Interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais*. In Revista Tempo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, vol.1(2), p.59-72 (s/d).

<sup>38</sup> PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana(Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum*. In Usos e Abusos da História Oral. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coord.) 5<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 103-130.

<sup>39</sup> Idem.

Gradativamente, suas falas foram se mostrando carregadas de outros significados.

Essa opção requereu, num primeiro momento, uma reflexão sobre o papel da Memória, da História e das Fontes Orais em nossa pesquisa. Implicou, ainda, na busca das histórias dessas pessoas para a compreensão de como continuam a recordar um passado próximo que se faz presente em suas memórias, cujo desaparecimento, no entanto, fica evidente nas fontes oficiais.

Como dissemos anteriormente, a dificuldade em localizar os registros sobre a passagem de “Camisa de Couro” por Três Lagoas fez com que buscássemos um diálogo com algumas pessoas, e esse contato nos trouxe um universo que cada vez mais foi nos chamando a atenção.

As restrições sofridas ao acesso aos arquivos locais, em sua maioria, dizem respeito aos arquivos do Fórum, da Delegacia e também dos jornais locais que circulavam na época e que se encontram em arquivos particulares, o que dificultou o nosso acesso. Os exemplares desses dois jornais “Gazeta do Comércio” e “Jornal do Povo” são acervos particulares e não estão disponíveis para pesquisa. Alguns livros do Arquivo do Cartório Criminal chegaram a nossas mãos por meio de particulares. Por essa via, também, conseguimos as cópias dos discursos da solenidade de abertura das obras do Complexo de Urubupungá. As fotos foram igualmente conseguidas com restrição. Os registros oficiais a que tivemos acesso, como a Certidão de óbito, Processo Crime, Livro de aforamento para concessão de terrenos para jazigos do Cemitério Municipal de Três Lagoas concedidos pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas encontram-se com os dados sobre “Camisa de Couro” trocados. Lembramos que, em contrapartida, a Câmara Municipal nos liberou seu arquivo sem nenhuma restrição, e a Prefeitura Municipal de Três Lagoas nos forneceu gentilmente cópia do Código de Postura e suas atualizações.

Algumas informações iniciais levaram-me a adotar um critério de escolha para identificar quais pessoas entrevistar e como ter acesso a elas. Optei por procurar primeiro as pessoas com mais idade e que tivessem tido um relacionamento mais direto e afetivo com “Camisa de Couro” em Três Lagoas. Uma preocupação foi buscar pessoas com diferentes níveis sociais e em

diferentes estágios de inserção social na região. Uma entrevista me levou a outra e, assim, sucessivamente<sup>40</sup>.

Fui a campo com algumas idéias: conhecer as pessoas, falar um pouco sobre a pesquisa e tentar marcar as entrevistas. Esse primeiro contato foi fundamental para localizar as pessoas e perceber que nem todos queriam falar sobre o assunto. Enquanto alguns foram simpáticos e me atenderam prontamente, uma boa parte pediu para que não tivessem seus nomes revelados, e outros nem nos atenderam. Nesses encontros e desencontros obtive doze depoimentos, na sua maioria individuais; apenas dois foram realizados simultaneamente entre irmãos. Onze foram tomados em Três Lagoas e um em Castilho (SP).

Esses doze relatos foram realizados com durações médias de 40 a 60 minutos, num total aproximado de 12 horas de gravações. No tratamento dado às fontes orais, optei por transcrevê-las mantendo a construção da oralidade e as expressões regionais.

Entre os doze depoentes estão:

Senhor Paraná, que conheceu “Antonio” no Paraná e depois o reencontrou em Três Lagoas. Ele pediu para não ter seu nome revelado. Em suas palavras, ele e “Camisa de Couro” foram amigos e depois se tornaram inimigos. O senhor Paraná foi militar, mas pediu baixa do Exército e na época da entrevista estava se aposentando como funcionário da Prefeitura Municipal de Três Lagoas.

Dona Áurea, viúva do senhor Alberto “Armeiro”, dono da oficina de armas em Três Lagoas. Ela contou-nos que eram amigos de “Antonio”, e por isso, chegou a hospedá-lo algumas vezes em sua casa. Ela demonstrou ter um grande afeto por ele e recordou-se de que ele a costumava chamar de madrinha.

Dona Zelina, ex-prostituta, conheceu “Antonio” em um baile e mantiveram uma grande amizade. Ela nos contou várias passagens de “Antonio” que presenciou e se lembrou de várias conversas que tiveram. Dona Zelina assistiu a sua morte.

---

<sup>40</sup> Gentilmente colegas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Campus de Três Lagoas me acompanharam em algumas dessas entrevistas. São eles: Fabio Cerviz Gimenez (Três Lagoas), Shirley Maria Alves (Paranaíba), Nivaldo Gonçalves dos Reis (Três Lagoas) e Silvia Delbone (Castilho).

Dona Minda, cuja casa “Camisa de Couro” freqüentava, é viúva do senhor Dorival Floriano, mecânico de uma oficina mantida por uma Madeireira que retirava madeira para a fabricação de dormentes para a estrada de ferro. “Camisa de Couro” sempre ia junto com os caminhões da madeireira para a mata do Alto Sucuriú puxar madeira e passava em sua casa para tomar café. O senhor Dorival é o autor da fotografia do jipe.

Senhor Ibraim, padeiro aposentado, que conheceu o “Camisa” na Zona do Meretrício e se tornou amigo de farra dele. Participou de muitas passagens com “Camisa de Couro” e chegaram a viajar juntos várias vezes de avião para Anápolis, Jataí e Araçatuba. O senhor Ibraim está em duas fotos ao lado de “Camisa de Couro”. Ele assistiu a sua morte.

Dona Amélia e o senhor Jamil são dois irmãos, comerciantes de ascendência árabe, que também eram irmãos do finado fotógrafo da cidade, o senhor Fares Zaguir. Conheceram o “Camisa de Couro” por causa do comércio.

Senhor Amado, pedreiro aposentado, possuía muitos amigos em comum com “Camisa de Couro”. Eles não tinham amizade, no entanto, freqüentavam os mesmos lugares e se encontravam sempre. O senhor Amado presenciou várias cenas protagonizadas por “Camisa de Couro”.

Senhor Carlos, fazendeiro e pecuarista, teve vários amigos ameaçados de morte por “Camisa de Couro”. Ele pertence a uma antiga família de fazendeiros e assistiu a sua morte. Seu pai era um político muito influente na época.

Senhor Argeo, fazendeiro e pecuarista, presenciou a morte de “João Cachimbo” no bar do Campo de Aviação. Numa outra ocasião foi ameaçado por “Camisa de Couro” a mando de seu cunhado, por causa de um conflito que envolveu a separação de sua irmã e a partilha do “gado” com esse mesmo cunhado. Teve também seu primo “Diguinho” assassinado por “Camisa de Couro”.

Senhor José Luiz, mecânico, dono de uma oficina e piloto de avião. Era moleque na época e via constantemente “Camisa de Couro” na casa do vizinho e o admirava. Hoje reúne um arquivo sobre “Camisa de Couro” e pretende escrever um livro sobre ele.

Doutor Juca atuou como Promotor Público e Juiz de Direito de Três Lagoas e região nos anos que a pesquisa abrange. Pertence a uma antiga família de importância político-administrativa da cidade e da região.

Senhor José, aposentado por invalidez, e primo de segundo grau de “Camisa de Couro”.

Todos esses sujeitos têm em comum terem vivido em Três Lagoas entre os anos de 1959 a 1962 e terem conhecido o “Camisa de Couro”.

Todavia, não poderia deixar de relatar um acontecimento que vivenciei durante a fase da investigação por fontes e que me ajudou a compreender a dimensão que meu trabalho poderia alcançar na vida de certas pessoas envolvidas diretamente com o personagem “Camisa de Couro”. Foi por meio dessa experiência que comprehendi que existem pessoas que ainda guardam feridas mal cicatrizadas sobre o assunto. Esse fato me levou a repensar a importância de realizar um trabalho de pesquisa que tem como objeto de estudo um fato da história de um passado recente e que aborda situações que envolvem sujeitos em suas relações sociais vividas, que abrangem relações afetivas de âmbito familiar.

Em busca das identidades de “Camisa de Couro”<sup>41</sup>, percebemos que todos os entrevistados se referiam a ele como “Antonio”, e assim fomos até o Cemitério procurar por algum vestígio em sua sepultura que nos indicasse um caminho a percorrer. Localizamos em sua lápide o nome Antonio Joaquim de Aragão, uma possível data de sua morte 7 de novembro de 1961, e o nome de seus pais, José Joaquim Aragão e Maria da Conceição Aragão. Lançando mão desses dados enviei uma carta registrada ao Cartório de Registro Civil de Itabi no interior de Sergipe.<sup>42</sup> No conteúdo da carta me identifiquei, expus o motivo de minha solicitação e pedi que, se estivesse correta, me ajudassem a localizar algum familiar que por ventura ainda residisse por lá.

---

<sup>41</sup> Como dissemos anteriormente, sua identidade se encontrava confusa nas fontes localizadas.

<sup>42</sup> No arquivo do Núcleo de História da Universidade Federal de Três Lagoas, existe uma pasta iniciada pelo falecido Professor Honório Carneiro com documentos referentes a “Camisa de Couro”. Lá estavam alguns recortes de jornais do ano de 1996 e uma correspondência enviada pelo Professor Honório ao Cartório de Registro Civil de Anápolis no estado de Goiás, pedindo informações sobre a possível identidade e procedência de “Camisa de Couro”. A correspondência enviada em resposta à solicitação do Professor Honório negava a existência de tal pessoa em seus registros. Diante disso procuramos investigar outras possibilidades e chegamos à cidade de Itabi, Sergipe, por intermédio de um dos depoentes.

Em seguida um sobrinho de “Camisa de Couro” me contatou e se propôs a me ajudar. Por um período mantivemos contato, e ele me forneceu alguns dados sobre seu tio. Nesse ínterim lhe enviei a Coletânea na qual publiquei um artigo sobre o assunto. Ele, ao recebê-la, agradeceu-me e disse que tinha gostado muito. Depois disso nunca mais respondeu meus e-mails. Mandei várias mensagens me colocando à disposição para qualquer esclarecimento, mas não obtive respostas. Decidi respeitar seu silêncio, no entanto, penso que vários podem ser os motivos de seu afastamento. Acredito que o medo de uma represália tenha vindo se juntar ao alerta que deve ter recebido dos familiares mais velhos. Não posso afirmar que tenha sido isso, é apenas uma possibilidade, todavia, esse acontecimento me fez detectar pontos de tensão que eu não havia visualizado antes.

Recentemente recebi um novo e-mail, só que desta vez de uma sobrinha me pedindo informações sobre o tio. Em nossas conversas, ela me passou uma informação que respondeu a uma indagação que há tempos me incomodava: Se na sepultura estava o nome correto, como nos demais registros estava trocado? Durante as entrevistas, havíamos notado que alguns depoentes citaram que, na sepultura, estava escrito “Aqui jaz Camisa de Couro”, e alguns insinuaram que, de vez em quando, sua sepultura aparecia pintada, com flores e com velas. No entanto, ninguém soube me dizer ao certo quem cuidava dela. Uns chegaram a supor que quem cuidava era o pessoal da família do “João Carapina”, outros, do “Zezé Taxista” ou do “Alberto Armeiro”. Em nossa visita ao Cemitério Municipal de Três Lagoas, o zelador disse não saber quem cuidava do túmulo. Foi por intermédio dessa sobrinha que fiquei sabendo que sua mãe, que é irmã de “Camisa de Couro”, anos depois de sua morte, esteve várias vezes no Cemitério Municipal de Três Lagoas, e foi ela quem mandou fazer a lápide com os dados corretos e a colocou na sepultura.

Diante dessa experiência e revendo as entrevistas, chamo a atenção para o fato de não citar em alguns momentos deste trabalho os nomes de alguns entrevistados, por respeito aos seus pedidos para preservar suas identidades. De certa maneira “Camisa de Couro” ainda é um assunto proibido. Em alguns casos, em respeito aos seus pedidos, adotamos pseudônimos para identificá-los.

Desta forma, não se pode negar que os acontecimentos que envolvem “Camisa de Couro” fazem parte da memória e da história das pessoas que têm raízes fincadas na região sul-mato-grossense e, como tal, eles instigam a imaginação e despertam curiosidade. Conseqüentemente, propõe-nos uma indagação histórica.

Juntamente com fontes orais, procuramos trabalhar com fontes escritas e com fotografias. Contrapor, questionar, analisar, refletir sobre essas fontes foram minhas preocupações centrais em todo o percurso do projeto e da pesquisa. Dessa maneira fui compondo o trabalho e apreendendo o movimento e as transformações na dinâmica social das relações vividas por “Camisa de Couro” em Três Lagoas, nos anos de 1959 a 1962.

Portanto, não poderia compreender a densa trama das relações de poder que envolvem o personagem “Camisa de Couro” em Três Lagoas sem antes conhecer a cidade, seus habitantes, sua organização social, seu passado, seu presente, seus costumes, suas práticas, seus discursos e suas imagens. Partindo dessa idéia comecei a traçar os capítulos da dissertação.

No primeiro capítulo, apresento a cidade de Três Lagoas dos anos de 1959 a 1962 e analiso como seus moradores viviam e se relacionavam. Identifico que essa sociedade estava passando por mudanças e transformações que afetaram diretamente a elite política dominante que precisou se articular e se reorganizar para interferir politicamente nestes novos tempos. Observo que parte dessas transformações se deu em razão da parceria do Estado de Mato Grosso com o Estado de São Paulo na implantação das obras da Usina Hidrelétrica de Jupiá, o que foi visto pela elite dominante como a grande oportunidade para a chegada do propalado “progresso”. Apreendo que essa parceria resultou em medidas que foram adotadas para coibir a “violência” vista por parte da elite envolvida nesse processo como o maior obstáculo para a modernidade projetada. No entanto, como era de se esperar de uma sociedade violenta, lançou-se mão da própria “violência” como método para solucionar o problema. E o resultado foi a operação “limpeza dos pistoleiros”. Dessa forma, discuto como todo esse processo de mudança aliado às medidas impostas pela elite dominante articulada foi apreendido pelos moradores de Três Lagoas, que se tornaram o alvo dessas medidas. Nesse ínterim busco entender qual foi a participação da

imprensa paulista na construção da imagem da cidade de Três Lagoas como “Cidade dos Pistoleiros”. Esse capítulo, ao qual denomino de “Lembranças de um passado recente: uma cidade chamada Três Lagoas”, divide-se em “Três são as lagoas: incontáveis as memórias”; “Três Lagoas: uma cidade em transformação”; “Três Lagoas e o Progresso: a ferrovia, a energia e a celulose”, e “Três Lagoas e a Imprensa Paulista nos anos de 1959 a 1962”.

No segundo capítulo, identifico espaços ainda existentes em Três Lagoas sob influência dessa antiga elite dominante, que procura manter esse passado recente guardado sob sua proteção. Observo que certas atitudes e condutas foram significativas para a nossa reflexão de que essa antiga elite dominante de Três Lagoas ainda se considera dona da história. Identifico que no processo de criação da imagem de “Camisa de Couro” em Três Lagoas atuam forças em disputa por poderes. É nessa disputa de poderes sobre a memória desse passado, que se personifica na criação e na realimentação da imagem de “Camisa de Couro” em Três Lagoas, que se baseia esse capítulo, que se intitula “Poderes em Disputa”, e se divide em: “O Poder dos ‘Arquivos’: Interdições, Má Vontade, Prepotência e Também Questões Políticas”; “O Poder dos Habitantes”; “O Poder dos Costumes” e “O Poder dos Outros Pistoleiros”.

No terceiro capítulo busco apreender, por meio das fontes orais, as múltiplas imagens que “Camisa de Couro” produziu na cidade. Detenho-me a analisar de que forma as pessoas com as quais conversamos se recordam de “Camisa de Couro” e de suas ações. Observo como suas lembranças se tornam significativas para a compreensão desse passado recente e, assim, vamos ressaltando o poder da memória na interpretação da História. Esse capítulo se intitula “Camisa de Couro: Bandido e Mocinho no Imaginário da População de Três Lagoas”, e se divide em: “Camisa de Couro e Suas Imagens”; “Camisa de Couro e As Imagens da Viúva Madalena” e “Camisa de Couro e o Poder da Fotografia no Processo de Criação de Suas Imagens”.

Por todas as razões expostas, “Camisa de Couro” se tornou nosso objeto de estudo.

## CAPÍTULO I

### LEMBRANÇAS DE UM PASSADO RECENTE: UMA CIDADE CHAMADA TRÊS LAGOAS

*“A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas das mãos, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (CALVINO Ítalo, **As Cidades Invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia da Letras, 1990, p.14)*

Ao debruçarmos sobre nossas fontes, envolvidos com nossos objetos de estudo, surgem questões até então despercebidas, que transformam e mudam o rumo de nossa pesquisa. Perceptivelmente, esse olhar diferenciado nos revela a possibilidade de existirem “outras histórias” sobre a cidade de Três Lagoas que são contadas por outras vozes e protagonizadas por outros sujeitos. Atentamente, passamos a focar em nossas fontes tudo que nos direcionasse a um caminho que não fosse o estabelecido pela “história oficial” consolidado por figuras ilustres, atos heróicos e discursos que, na maioria das vezes, são frutos de uma construção que visa a perpetuar certos grupos no poder. Coincidemente, em vários momentos desse percurso, nossas fontes muitas vezes confundiam em vez de esclarecer, parecendo ter como propósito desviar nosso objetivo, ou seja, evitar uma reflexão sobre o que já está estabelecido. Uma das maneiras que encontramos para driblar essas artimanhas e compreender a cidade de Três Lagoas, seus sujeitos e suas práticas sociais foi partir da premissa de dialogar com alguns pesquisadores que se preocuparam em apreender certos aspectos políticos e econômicos relacionados à construção da imagem do estado de Mato Grosso. Arditosamente essa imagem foi elaborada pela elite mato-grossense e sul-mato-grossense e se encontra fortemente enraizada na historiografia oficial dos dois Estados.

Segundo *Paulo Roberto Cimó Queiroz*, essa conduta ganha corpo por volta do ano de 1919; explica o autor:

*“Conforme os estudos de Zorzato e Galetti, uma “identidade mato-grossense” foi elaborada, por membros dos grupos sociais então dominantes no Estado, nas décadas iniciais do século XX (especialmente em torno do ano de 1919, quando se comemorou o bicentenário de Cuiabá). Além de reagirem às imagens negativas sobre o Mato Grosso (o “estigma da barbárie”) elaboradas e veiculadas por viajantes, as elites locais visavam manter a “primazia do mando”, em face da “ameaça” representada pela possível chegada de novos grupos (os “capitais” e “braços” com os quais se esperava promover o desenvolvimento do Estado). Elabora-se uma “memória de consenso”, forjando-se um “sentimento de pertencimento ao grupo” que seria útil para “escamotear as desigualdades sociais” e “unir facções políticas rivais”. Os membros da elite afirmam-se “sentinelas avançadas da civilização no sertão” e resgatam suas origens bandeirantes ou européias, “silenciando-se sobre o lado indígena”. Explora-se o tema da “luta contra ameaça estrangeira”, com a imagem do “defensor fronteiriço”, procura-se fixar a imagem de um meio físico rico e saudável e firma-se o critério do “pioneerismo” como um dos recursos de manutenção da “primazia do mando”.<sup>43</sup>*

No decorrer deste estudo observamos ser essa a estratégia utilizada pelas elites dominantes<sup>44</sup>, tanto do estado de Mato Grosso quanto do recente estado de Mato Grosso do Sul, em suas incansáveis tentativas de se apoderarem da “história”. Nesse sentido torna-se evidente a fala de Hobsbawm, ao afirmar que “(...) toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.”<sup>45</sup> Em nosso caso específico essa observação exigiu dias e noites de reflexões. Isso não quer dizer que tenhamos conseguido modificar discursos que perduram há décadas, mas, sim, compreendermos que nas palavras de Hobsbawm nossas percepções ganham sentido, quando analisa que:

*“O elemento de invenção é particularmente nítido neste caso, já que a história que se tornou cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo”.<sup>46</sup>*

---

<sup>43</sup> QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. **DIVISIONISMO E “IDENTIDADE” MATO-GROSSENSE E SUL-MATO-GROSSENSE: UM BREVE ENSAIO.** p.p. 1 -2.

<sup>44</sup> Compreendemos como elite dominante as articulações entre políticos, fazendeiros, comerciantes, empresários e as pessoas que ocupavam os cargos públicos. De acordo com o pesquisador Alfredo da Mota Menezes, “Nomear pessoas para funções públicas era de enorme importância. Uma função pública era disputada e tinha valor político. O prestígio de um grupo media-se pela quantidade de seus correligionários em postos de mando no estado, nos municípios e nos cargos federais existentes.” P.15

<sup>45</sup> HOBSBAWM, Eric J. e RANGER, Terence. **A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.21.

<sup>46</sup> Idem, Ibidem p.21.

Adotarmos essa postura diante de nossas problemáticas nos direcionou a buscar um sentido para o nosso papel de pesquisadores. Cientes da responsabilidade que assumimos em nossas produções, procuramos adotar uma atitude crítica perante nossas fontes e, para isso, redobramos a atenção sobre elas. Essa conduta nos envolveu de tal forma que as inquietações do presente se voltaram para o passado. Assim, essa dinâmica relação entre presente/ passado/presente tornou-se nosso maior desafio.

*Hobsbawm* analisa bem esse processo de envolvimento, ao escrever que:

*“(...) todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos neste processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades”.*<sup>47</sup>

Desta maneira, ao assumirmos a posição de pesquisadores devemos estar conscientes de que enfrentaremos um árduo trabalho. Principalmente se nossa opção for propor uma reflexão que não seja a institucionalizada. Certamente, essa ação gerará conflitos, críticas e polêmicas. Se pararmos para analisar, veremos que Walter Benjamin<sup>48</sup>, algum tempo atrás, já havia nos alertado sobre isso, quando sugeriu que “escovássemos a história a contrapelo” na busca por respostas para nossas inquietações.

Foi agindo dessa maneira que conseguimos outras formas de ver, sentir, lembrar, ouvir, falar, enfim, viver uma “cidade”, que não seja única e determinante. Mas de captarmos e percebermos a possibilidade de existirem outros pontos de vista, outras formas de se contar e muitas maneiras de se lembrar essa “cidade”. Esse exercício constante de tentar apreender as dinâmicas relações entre passado / presente e entre memória / história de uma população, num determinado período, em relação a um determinado acontecimento levou-nos a perceber que reunidas num mesmo nome, “Três Lagoas”, foi possível encontrar várias cidades que guardam lembranças, segredos e experiências vividas tão diversas. Por isso, deixamos vir à tona as várias cidades que estão representadas nas falas, nos gestos, nos costumes, nos desejos, nos medos, nos segredos, nos livros, nos documentos, na

---

<sup>47</sup> Idem p.22.

<sup>48</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História*. In *Magia e Técnica, Arte e Política*, p.p. 222-232.

imprensa e em tantas outras formas de expressão. Buscarmos algumas histórias da população três-lagoense, que viveu na cidade de Três Lagoas no período de 1959 a 1962, que conheceu o “Camisa de Couro” e que viveu as transformações, foi imprescindível para compreendermos que as lagoas “ainda”<sup>49</sup> são três, mas as lembranças são inumeráveis.

## TRÊS SÃO AS LAGOAS: INCONTÁVEIS AS MEMÓRIAS

*“Quando eu vim pra cá, Três Lagoas era só aquele violinho lá embaixo ali onde é a praça hoje. Naquele tempo tinha era só gado e tinha muita mangueira plantada e o gado ficava ali embaixo comendo.” (Relato de dona Zelina)*

No fim da década de 1950 e início da década de 1960, se você chegasse pela primeira vez à cidade de Três Lagoas e desembarcasse na estação ferroviária logo perceberia as ruas largas e grandes avenidas arborizadas que se estenderiam a sua frente. Se olhasse em frente, logo ali na praça central toda arborizada, encontraria o comércio, a Prefeitura, o relógio, um ponto de charretes e uma enorme placa erguida em ponto bem visível, com alguns dados econômicos, geográficos, políticos e sociais do município. Nessa placa, acima das informações e abaixo do nome da cidade, estava a frase: “Sala de visita do Estado de Mato Grosso”. Perto dali, bem nas proximidades da praça e da placa, estavam os bares Esporte, o Cinelândia, o Ponto Azul, o Marabá, o Cine-teatro Santa Helena, a Casa Perez, a Casa Síria, a Casa Modelo, a Igreja Matriz de Santo Antonio, o Hotel Modelo, o Foto Zaguir, a Alfaiataria Elegante, a Barbearia do Sebastião “barbeiro”, a Oficina de Armas do Alberto “armeiro” e muitos outros estabelecimentos.

Todavia, você também poderia chegar a Três Lagoas pelo ar, e para isso você contava com algumas opções. No plano comercial serviam Três Lagoas duas empresas de navegação aérea, a Panair do Brasil com 50 poucos

---

<sup>49</sup> Das três lagoas que deram origem ao nome da cidade, apenas a lagoa maior recebeu infra-estrutura as outras duas lagoas se encontram abandonadas pelo Poder Municipal.

mensais e o Consórcio Real-Aerovias-Nacional com 15 poucos mensais. Outra opção que você teria, se essa fosse a sua vontade, seria voar em um dos muitos aviões particulares que existiam em Três Lagoas. Em consequência da falta de estradas para o interior do estado, muitos fazendeiros da região adquiriram aviões para suprir sua necessidade de locomoção. Esses aviões eram, na maioria da marca “Cessna” ou popularmente chamados de “teco-teco”, e movimentavam o céu e os campos de poucos de Três Lagoas e das fazendas de toda a região. Se você optasse por esse meio de transporte, logo perceberia como o aeroporto, o bar da aviação e também suas proximidades eram muito freqüentados pelos pilotos, pelos fazendeiros e pelos usuários desse tipo de transporte. Se decidisse vir a Três Lagoas pelo céu, logo avistaria e se deslumbraria com a imensidão das matas de cerrado que cercava a cidade.

Outras opções de acesso a Três Lagoas também existiam naquela época. Se você chegasse a Três Lagoas vindo da região noroeste do estado de São Paulo, além do trem, poderia usar o automóvel ou ônibus e atravessar a ponte Francisco de Sá, que transpunha o rio Paraná. Lembrando que isso só seria possível se sua travessia não coincidisse com o horário do trem. Poderia também fazer essa travessia do rio Paraná por meio da Balsa que o Serviço Nacional da Bacia do Prata mantinha ali, mas, para isso, teria que ficar atento aos horários de travessia, porque eles se encerravam às 18 horas.

Depois de desembarcar em Três Lagoas, assim que você estivesse acomodado na casa de um amigo, de um parente ou em uma das pensões ou hotéis da cidade, você poderia decidir em conhecer um pouco mais essa cidade e seus moradores. Se você estivesse sozinho e não conhecesse ninguém, poderia comprar um exemplar de um dos dois “órgãos políticos e noticiosos”<sup>50</sup> de periodicidade semanal que eram publicados e circulavam pela cidade, a “Gazeta do Comércio”<sup>51</sup> e o “Jornal do Povo”<sup>52</sup>. Se essa escolha não

---

<sup>50</sup> Assim está relatado na Encyclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, p.309 a 314.

<sup>51</sup> O Jornal Semanário Gazeta do Comércio foi publicado pela primeira vez em 10 de outubro de 1920 pelo jornalista Elmano Soares (redator-chefe) e por Bernardo Oliveira Bicca (editor-chefe) em oficina própria em Três Lagoas. Após o falecimento de Elmano Soares, em 1938, o jornal passa para a propriedade do advogado e político Doutor Julio Mário Abbott de Castro Pinto. A partir daí o jornal ganha uma característica política e, durante as décadas de 1950 e 1960, foi identificado como Jornal da UDN (União Democrática Nacional). Hoje a Gazeta do Comércio de Três Lagoas compõe-se do Arquivo

surtisse o efeito desejado, você poderia sair para dar uma volta pela praça central e pelas ruas do centro da cidade.

Ao caminhar pelas ruas se depararia com alguns animais pastando livremente pelas ruas da cidade e, não demoraria muito, sentiria calor e sede<sup>53</sup>. Nesse caso, procuraria sentar-se em um dos bares ou em uma das sorveterias que existiam para tomar um sorvete ou beber alguma coisa para se refrescar do calor. Se estivesse sentado em uma mesa de frente para a praça poderia observar que muitas das pessoas a sua volta usavam chapéus para se protegerem do sol, botas e guaiacas<sup>54</sup> nas cinturas. Também veria rodas de pessoas conversando embaixo das sombras das árvores refrescando-se do calor, bebendo “Tereré”<sup>55</sup>. Provavelmente, você não ficaria muito tempo sozinho, logo alguma dessas pessoas se aproximaria curiosa para conversar.

Ao cair da noite, se você ainda estivesse pela praça, poderia aguardar a chegada do trem que acontecia sempre por volta das 19 horas e, em seguida, poderia ver qual era o filme que estava passando no Cine Santa Helena e, se fosse de seu agrado, poderia assisti-lo. Se fosse um fim de semana, poderia

---

Particular Castro Pinto e os periódicos estão encadernados por ano. O nosso acesso a esse arquivo foi restrito.

<sup>52</sup> O Semanário Jornal do Povo foi fundado em 15 de junho de 1949 por Filinto Muller, Stênio Congro e outros membros do PSD (Partido Social Democrático). Esse Jornal era explicitamente partidário nas décadas de 1950 e 1960. No ano de 1962 ele deixa de ser mantido pelo Partido Político e passa para as mãos de um dos membros fundadores, o Promotor Público doutor Stênio Congro. Hoje ele ainda pertence à família Congro e tem como diretor o doutor Rosário Congro Neto. O acervo do Jornal do Povo que abrange o período de nossa pesquisa se encontra em mãos particulares. Isto é, pertence ao ex-Prefeito de Três Lagoas, o médico Dr. Darcy da Costa Filho. Entramos em contato com ele, porém, o acesso a seu arquivo não nos foi permitido em tempo hábil para a realização deste trabalho. O atual proprietário do Jornal do Povo (Dr. Rosário Congro Neto) abriu o seu acervo para a pesquisa, no entanto, os anos de nosso interesse ele disse não possuir.

<sup>53</sup> Conforme matéria publicada no jornal Diário da Noite de 13 de dezembro de 1961, p.9, a temperatura média na cidade no mês de dezembro alcançava os 35º C na sombra.

<sup>54</sup> Cinto largo de couro que traz um lugar para se guardar armas. Guaiaca é um acessório para o porte de armas.

<sup>55</sup>Hoje, ainda é costume em Três Lagoas, nos fins de tarde, as pessoas colocarem as cadeiras das varandas nas calçadas, em frente das casas, e sentarem para conversar tomando Tereré para se refrescarem. O Tereré é uma bebida feita com a infusão da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) de origem guarani, semelhante ao chimarrão, porém consumida com água, ou suco, fria ou gelada. Em sua produção, a erva-mate utilizada no preparo do tereré se difere do chimarrão por ter de ficar de repouso por volta de oito meses, em local seco, e de ser triturada grossa depois disso. Tradicionalmente, o recipiente usado para servir o tereré é a guampa, fabricada com parte de um chifre de boi com uma das extremidades lacrada com madeira ou couro de boi, e todo o seu interior é revestido de verniz. Em muitos casos, pessoas que não possuem a guampa ou a cuia improvisam uma lata de alumínio para tomarem o Tereré. Ele é tomado por uma bomba (uma espécie de canudo com um filtro na ponta para que não se absorva o pó). A forma tradicional de se tomar o Tereré é sentar-se em círculo ou em roda para facilitar a passagem da guampa ou cuia pelas mãos de todos do grupo.

participar do footing<sup>56</sup> que os jovens realizavam pelas proximidades. Nesse caso poderia ter a sorte de ser convidado para um baile na cidade ou no cerrado. Ainda, se você fosse homem, poderia acabar a noite em uma das casas da baixa Zona de Meretrício, nas proximidades da lagoa maior. Se fosse domingo e estivesse animado, você teria a opção de assistir a uma tourada ou ir a uma corrida de cavalos fazer uma aposta. Além de todas essas opções, se sua chegada fosse à época de campanhas eleitorais, você se depararia com ardentes comícios no coreto da praça.<sup>57</sup>

Cercada de campos e cerrado por todos os lados a cidade e o município de Três Lagoas, por volta dos anos de 1959 a 1962, ocupava uma área de 27.117 Km<sup>2</sup>, e sua população era estimada em torno de 15.497 habitantes. Sua atividade econômica preponderante era a pecuária e seu rebanho bovino girava em torno de 235.564 reses. Nessa ocasião, contava também com um grande rebanho de gado suíno estimado em 90.720 cabeças<sup>58</sup>.

Sua localização geográfica alcançava a Zona Sul do estado de Mato Grosso, limitando-se com os Municípios de Paranaíba, Aparecida do Tabuado, Água Clara e Ribas do Rio Pardo. Com a região noroeste do estado de São Paulo o rio Paraná era seu limite natural. Por essas e por outras razões, Três Lagoas se autodenominava a “Sala de Visita do Estado de Mato Grosso”<sup>59</sup>.

Todavia, consideramos que, mais do que mera “sala de visita do Estado de Mato Grosso”, Três Lagoas era também uma das “portas de entrada e de saída do Estado de Mato Grosso”. Um lugar de entroncamento, de passagens, de chegadas, de saídas e, também, de permanências. Desse fluxo de pessoas oriundas de vários lugares que chegavam ou que passavam por Três Lagoas,

---

<sup>56</sup> Footing era o passeio que os jovens faziam na praça ou nas ruas próximas para paquerar.

<sup>57</sup> O poder dos partidos políticos em Três Lagoas entre as décadas de 1950 e 1960 como em todo o estado de Mato Grosso mantinha a mesma organização e direção partidária. Desta forma a força política em Três Lagoas dividia-se entre o PSD – Partido Social Democrático e entre a UDN - Partido da União Democrática Nacional. Conforme pudemos constatar em nossas fontes, esses dois partidos e seus correligionários mantinham uma disputa acirrada dentro e fora das urnas.

<sup>58</sup> Esses dados foram colhidos na Encyclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, p.309 a 314 e no Jornal Diário da Noite nº 11.315, 2ª edição do dia 13 de dezembro de 1961, 1ª página

<sup>59</sup> Esses dados foram colhidos na Prefeitura Municipal de Três Lagoas, na Encyclopédia dos Municípios, na imprensa local, na imprensa paulista e na documentação da CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá ).

algumas decidiam ficar na cidade. Outras apenas passavam por lá seguindo para seus destinos.

Situada na parte sul do estado de Mato Grosso, a cidade de Três Lagoas se tornava muito próxima de vários estados do país, entre eles, estão o Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Entendemos que essa proximidade explica em parte o fato de alguns moradores da cidade terem seus nomes ligados ao seu lugar de origem como, por exemplo, a Goiana, o Mineiro, o Maringá, o Paulista, e assim por diante.

Nesse período também localizamos, entre os moradores e freqüentadores, da cidade alguns nordestinos como a Baianinha, o “Camisa de Couro” de Sergipe, o senhor Amado da Bahia, o “Cabo Maranhense” do Maranhão, entre outros. Nas palavras da pesquisadora Nadir Domingues encontramos vestígios para compreender essa migração nordestina na cidade: “No Estado Novo, a fim de evitar o congestionamento dos grandes centros urbanos, utilizou-se a política de substituição da imigração estrangeira pela nacional, deslocando os excedentes do Nordeste para o Centro-Oeste.”<sup>60</sup> Desta forma, apreendemos que a migração nordestina para o Mato Grosso se iniciou no período assinalado pela autora. No entanto, entre as décadas de 1950 e 1960 esse movimento continuava.

Entretanto, não só dos estados vizinhos e do nordeste chegavam os novos moradores. Eles vinham também do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Rio de Janeiro, do Paraguai, da Bolívia, da Itália, da Síria, do Líbano, de Portugal e da Espanha.<sup>61</sup>

Desse vai e vem de pessoas provindas de vários lugares é que se compunha a população de Três Lagoas no fim da década de 1950 e início da década de 1960.

Como dissemos anteriormente, Três Lagoas estava cercada de matas de cerrados e, além disso, contava com uma rede hidrográfica favorável. Essa situação favoreceu a formação de uma sociedade com sua economia baseada em grandes latifúndios pecuários. Como sabemos, uma fazenda de criação de gado, mesmo sendo extensa e com muitos animais, não precisava de um

---

<sup>60</sup> MENDONCA, Nadir Domingues. *A (DES)CONSTRUÇÃO DAS (DES) ORDENS - Poder e Violência em Três Lagoas, 1915-1945*. São Paulo: USP, 1991. p.146.

<sup>61</sup> Idem, tabela XIV do Anexo, também das fontes orais.

grande número de peões<sup>62</sup> para ser tocada. Assim, os próprios fazendeiros e suas famílias cuidavam de suas fazendas e, mantinham poucos empregados. Era comum muitos desses fazendeiros viverem entre a fazenda e a cidade. No entanto, durante suas permanências nas fazendas, que eram áreas extensas e isoladas, ficavam muito expostos. Foi assim que a necessidade de se proteger colaborou para que essas pessoas ligadas à vida rural adotassem práticas de sobrevivência específicas em seu cotidiano.

A naturalidade com que o senhor Argeo nos narra um fato corriqueiro de seu cotidiano na fazenda é que nos ajuda nessa reflexão. Seu comportamento é assim explicado:

*“(...) A gente se criou assim muito apanhando no pesado, dormindo junto com esses bichos. Pegava até sucuri de 25 palmos, eu peguei! Meu pai atirava e eu pegava sucuri, onça, anta. Aí a gente vai perdendo o medo. Isso pra mim... eu pegava boi, vaca e ninguém pegava esses trem assim não. Então eu tinha um pouquinho de fé comigo.”<sup>63</sup>*

Vencer os perigos que a vida e o trabalho na fazenda traziam fazia parte do cotidiano dessas pessoas. Um cotidiano em que a coragem e a violência andavam juntas, ditando normas e práticas perfeitamente aceitas no grupo social que se regia por elas. Possivelmente, em algum momento de suas experiências vividas, a coragem e a valentia tenham se confundido com a violência, ocasionando mudança de comportamento. Afinal, todo o tipo de perigo os rondava, e a ameaça poderia vir de todos os lados. Indiscutivelmente, a violência tornou-se prática comum na experiência dessas pessoas. Essa combinação de coragem, valentia e rusticidade geraram costumes e práticas que conquistaram “fama” nas regiões urbanizadas do país.

É o senhor José Luiz que, ao recordar Três Lagoas na década de 1960, nos conduz a essa reflexão, *“A região era uma região assim de gente, trabalhadora, né? Não tinha nada de extraordinário na cidade, mas, tinha a fama de Três Lagoas lugar de acoitar pessoas valentes, né? Existia, sim, essa fama na época de Três Lagoas. (...)”<sup>64</sup>*

Desse modo, percebemos que para conhecer a cidade de Três Lagoas e seus moradores deveríamos trazer à tona a “violência”, tanto “sofrida” quanto “exercida” por essas pessoas, e problematizá-la em suas relações vividas e em seu cotidiano. Assim, buscar por essas pessoas, torná-las visíveis, ao invés de

---

<sup>62</sup> Os trabalhadores de fazenda responsáveis pela lida do gado.

<sup>63</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 19/12/2005.

<sup>64</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/11/2006.

ocultá-las, revelaram-nos tramas, segredos, acordos e articulações nas disputas por lugares e poderes.

## TRÊS LAGOAS: UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

*“Quando ele veio para Três Lagoas, Três Lagoas era muito pequena naquela época e logo a gente ficava sabendo quem chegou e quem não chegou. Minha família, família na época de muita importância, principalmente político-administrativa. A gente ficava sabendo quem chegou e tudo por interesse da família e da própria cidade.” (Relato do doutor Juca).*

Os anos de 1959 a 1962 foram de grandes promessas de transformações para Três Lagoas. Desde o ano de 1951 o então governador do Estado de Mato Grosso, Fernando Corrêa da Costa (em seu primeiro mandato)<sup>65</sup>, começou sua campanha para a consolidação do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá. Esse projeto de grande importância nacional incluía a construção da Usina Hidrelétrica de Jupiá, que assim foi explicada pelo artigo publicado na Revista Visão de 2 de fevereiro de 1962:

*“A primeira fase de Urbupungá será a Usina de Jupiá, localizada no rio Paraná, 10 km abaixo da confluência do rio Tietê, na divisa dos Estados de Mato Grosso e São Paulo, nos municípios de Três Lagoas (MT) e Castilho (SP). Sua capacidade instalada será de 1.330.000 kw, superando a maior usina em construção na América Latina, a de Furnas, em Minas Gerais, onde se fará o aproveitamento de 1,2 milhão de kw. Jupiá terá uma queda média útil de 24 metros, com uma produtividade média de 6,8 biliões (sic!) de kwh por ano. A obra de Urubupungá, será dimensionalmente maior que a de Assuã no Egito.”<sup>66</sup>*

---

<sup>65</sup> No período de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966 foi Governador do Estado, Fernando Corrêa da Costa, representante do Partido da União Democrática Nacional (UDN). Cabe-nos lembrar que Fernando Corrêa da Costa da UDN já havia exercido o cargo de Governador do Estado de Mato Grosso no período anterior, de 31 de janeiro de 1951 a 31 de janeiro de 1956, ocasião em que venceu nas urnas o candidato ao Governo do Estado Filinto Müller, chefe político do PSD e forte influência política na cidade de Três Lagoas. Sua importância como liderança política na cidade é tanta que uma de suas maiores e mais importantes avenidas leva o seu nome. Foi assim que a antiga avenida Cuiabá passou a se chamar avenida Filinto Müller.

<sup>66</sup> Revista Visão, Vol. 20, N°. 5, 2 de fevereiro de 1962, São Paulo: Companhia Lithographica Ypiranga, p.20.

Para enfatizar a importância desse projeto para o estado de São Paulo e a participação do estado de Mato Grosso e da cidade de Três Lagoas nele, destacamos algumas falas que nos conduziram nessa reflexão.

No dia 25 de novembro de 1962, ocorreu na vila Piloto, no Complexo de Urubupungá, a solenidade de Celebração de Assinatura de Contratos de Aquisição dos Equipamentos e das Obras de Construção Civil da Usina de Jupiá. Essa solenidade teve a presença do Presidente da República, João Belchior Marques Goulart, do Governador do Estado de São Paulo doutor Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, do Embaixador da Itália, senhor Mário Di Stéfano, além de outras autoridades nacionais, regionais e locais. Devemos lembrar que, no início, eram sete os estados que compunham a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU), congregando os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Posteriormente, o Rio Grande do Sul, que na época era representado pelo governador Leonel Brizola, se retira da Comissão. Assim, mantiveram-se na Comissão seis estados: São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina e Paraná.

No discurso pronunciado pelo governador de São Paulo, doutor Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto nas solenidades de 25 de novembro de 1962, em Urubupungá, encontramos fortes vestígios da missão civilizadora que o estado de São Paulo insistia em protagonizar. Foram suas palavras:

*“Tratava-se, agora, de devassar outras regiões e de plantar outros marcos. Para São Paulo, muito especialmente, era ainda, e sempre, o cumprimento de seu destino. Bem o disse, o eminentíssimo governador, em seu discurso na sessão de instalação da Conferência, após rememorar o esforço paulista que produziu a integração geográfica e o feito heróico da “Monção Cuiabana”. (...) Urubupungá representa, portanto para nós, paulistas, um encontro com o passado, em perspectiva de futuro...A nova geração de paulistas, de governantes, de homens de empresa, de intelectuais, de todos os trabalhadores, tem encontro marcado em qualquer lugar onde se organize e se desencadeie, com honestidade de propósitos, a luta contra o sub-desenvolvimento, para comungar com seus irmãos brasileiros, nesse novo ideal de conquista de uma vida melhor e mais digna para todo o nosso povo. (...) Precisamos, já agora, de um novo bandeirismo, que não visa à integração do território, mas da comunidade nacional, num poderoso corpo voltado à construção de uma grande Pátria.”*<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Discurso pronunciado pelo Governador de São Paulo, doutor Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, nas solenidades de 25 de novembro de 1962 em Urubupungá.

As palavras do doutor Hélio Pereira Bicudo, Presidente da CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá), dirigidas ao Presidente da República, doutor João Belchior Marques Goulart, exaltaram essa intenção.

*"Temos perfeita compreensão, Senhor Presidente, do quanto V. Excia. sente-se emocionado vendo em andamento uma obra que, melhor do que nenhuma outra realiza uma autêntica interiorização da cultura e civilização prevista para quem idealizou a "marcha para o oeste". Sim, porque a primeira significação de Urubupungá é a interiorização da produção e consumo da energia elétrica. Somam-se aqui os esforços cooperativos de seis estados – São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina e Paraná. Com áreas em distintos estágios de desenvolvimento econômico, somando aproximadamente dois milhões de quilômetros quadrados e detendo aproximadamente 50% da renda nacional – área de influência de Urubupungá oferece uma síntese do Brasil, seus contrastes e possibilidades, problemas e soluções. Esta obra interessa ao maior centro industrial da América Latina, com parque industrial diversificando razoáveis níveis de renda e compondo a maior parcela do mercado interno. Mas fecundará, também, áreas subdesenvolvidas ou mesmo inexploradas, em situação geográfica relativamente desfavorável e reclamando toda a infra-estrutura para a mobilização de seus recursos."*<sup>68</sup>

Como pudemos perceber, esses discursos lançam mão do bandeirismo como recurso para enaltecer a condição de São Paulo como carro chefe na questão do desenvolvimento.

Em outro trecho do discurso do doutor Hélio Pereira Bicudo, encontramos menção da participação do Governador Fernando Corrêa da Costa na idealização desse projeto. Ele assim é lembrado:

*"Desde o início do século, sonha o Brasil com o aproveitamento dos ressaltos de Urubupungá. O tema tem sido, desde então lembrado, uma e outra vez. Mas somente em 1951, quando então o governador de Mato Grosso, o ilustre doutor **Fernando Corrêa da Costa**, dirigi-se ao eminente homem público que dirigia São Paulo, o doutor Lucas Nogueira Garcez, começaram os entendimentos, estudos e debates que culminaram com a criação da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai."*<sup>69</sup>

O Governador de São Paulo, doutor Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, em sua fala também destaca a participação do Governador Fernando Corrêa da Costa no projeto desde o seu início.

*"Quando em 1951, os governadores da região centro-sul, por sugestão do governador de Mato Grosso, **doutor Fernando Corrêa da Costa**, e convocação do Professor Lucas Nogueira Garcez, Governador de São Paulo, reuniram-se para o debate de assuntos de interesse comum e decidiram criar a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, deram eles o sinal para uma grande arrancada, não menos importante, para a Nação, que aquelas de outrora, que investiram no território desconhecido e delinearam o perfil de nosso País."*<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> Discurso pronunciado pelo Presidente das Centrais Elétricas de Urubupungá S.A. (CELUSA), doutor Hélio Pereira Bicudo, nas solenidades de 25 de novembro de 1962, em Urubupungá.

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Discurso pronunciado pelo Governador do Estado de São Paulo, doutor Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, nas solenidades de 25 de novembro de 1962, em Urubupungá.

No memorando de nove páginas realizado pela CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá S.A.), em ocasião da solenidade de 25 de novembro de 1962, ocorrida em Urubupungá, intitulado “**Urubupungá – Passos de Gigante no Brasil – Fronteira**”, percebemos que o envolvimento do governador Fernando Corrêa da Costa fora decisivo para a concretização dessa obra. Seu nome estava ligado à história do Complexo de Urubupungá da seguinte forma:

*“Quem primeiro sugeriu, em termos concretos, o aproveitamento do potencial hidrelétrico da Bacia do Paraná, foi, em 1951, o governador de Mato Grosso, Dr. Fernando Corrêa da Costa, que hoje governa novamente aquele estado. Foi sua Excia. que concitou o então governador do Estado de São Paulo a que liderasse um movimento visando reunir os governadores de todos os Estados banhados pelas águas do Rio Paraná para a exploração de seu potencial hidrelétrico.”<sup>71</sup>*

Aprendemos que a intenção desses discursos foi valorizar a ação e o empenho do governador Fernando Corrêa da Costa na realização do projeto e, dessa forma, exaltar sua aliança e seu compromisso com os outros estados nessa parceria.

Queremos deixar claro que não é nossa intenção neste trabalho ressaltar os feitos desse ou daquele político, mas, sim, considerarmos que Três Lagoas estava diretamente envolvida nesse processo de transformação que se anunciava com a implantação dessa obra que envovia interesses de outras esferas.

Todavia, dois aspectos nos chamaram a atenção nesses discursos pronunciados na ocasião da solenidade de 25 de novembro de 1962, em Urubupungá. O primeiro foi o argumento de se exaltar os feitos de São Paulo para o Mato Grosso, retornando ao passado bandeirante como justificativa da necessidade da Construção da Usina Hidrelétrica de Jupiá em terras mato-grossenses. Naquele momento, voltar a esse passado garantia o futuro do projeto e a implantação de sua infra-estrutura. Lembrar os feitos dos bandeirantes, dos pioneiros e dos desbravadores em terras mato-grossenses, enaltecia o poder de alguns grupos sociais. Em seguida percebemos como em seus discursos foram preservados marcos e personagens que alimentavam e

---

<sup>71</sup> Memorando produzido pela CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá S.A.) para as solenidades de 25 de novembro de 1962, em Urubupungá.

davam forças à elite política estadual no poder, justificando, assim, sua atuação e seu papel nessa parceria.

Na verdade, toda a elite política local tinha consciência da importância geográfica de Três Lagoas para a realização dessa obra e, ao mesmo tempo, almejava a chegada do propalado progresso que a acompanharia. Porém, a elite política local se dividia em dois grupos políticos. Entre eles o grupo que apoiava a UDN – União Democrática Nacional e o governador Fernando Corrêa da Costa, e o outro grupo que era formado pelos partidários do PSD – Partido Social Democrático, opositores do governador Fernando Corrêa da Costa e aliados do Senador Filinto Muller. Situação que até certo ponto revela que nos bastidores da política local ocorria uma acirrada disputa de poder entre esses dois partidos e seus correligionários. No entanto, a elite precisava se preparar e preparar também a cidade para receber todas as benesses que se aproximavam. Foi assim que percebemos que uma grande parte do poder local sentia-se de mãos atadas em relação a esse projeto. Várias tensões indicam que grupos pertencentes à elite local não se sentiam parte deste processo.

Na Ata da 4<sup>a</sup> Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Três Lagoas, realizada em 6 de fevereiro de 1961, o Vereador Helio Congro<sup>72</sup> faz um comentário que demonstra a indignação da Câmara Municipal ao não ser informada da presença da diretoria da CELUSA em Três Lagoas. Esse acontecimento é assim relatado:

*"Pede a palavra o Vereador Helio Congro, para estranhar não ter sido cientificada esta Câmara, da presença, nesta cidade, dos senhores Diretores das Centrais Elétricas do Urubupungá e solicita a interferência desta Câmara junto ao Executivo Local."*<sup>73</sup>

Ao que parece, esse processo de transformação estava desestabilizando formas de mando locais. Certamente fugia de controle uma obra tão volumosa que congregava interesses de parceiros tão poderosos economicamente. Cientes e incomodados com certa impotência perante o projeto, só restou para Três Lagoas e para uma parcela do poder local

---

<sup>72</sup> Político do PSD, presidente da Câmara Municipal em 1960. Ligado por laços afetivos a Filinto Muller e membro de uma família local muito influente no Estado e detentora de importantes cargos públicos e religiosos (Promotores, Ministro do Tribunal de Contas do Estado, Monsenhor Eclesiástico etc...)

<sup>73</sup> Livro de Registro (Nº.11) das Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Três Lagoas, fls. 9 (f).

aguardar o progresso que se aproximava. Nas palavras do doutor Juca e do senhor Carlos, fica explícita essa impotência.

O doutor Juca<sup>74</sup> assim se expressa:

*"Mas, o que Três Lagoas tem feito pela barragem? Nada! Me parece que agora é que devem estar pagando algum royalty da barragem aqui. Pagava-se tudo pra Castilho (SP). O que Castilho tem para receber royalties da barragem? Às vezes eu estou falando isso de maneira grosseira ou de uma forma que não seja verdade por falta de conhecimento meu. Mas, como é da falta de conhecimento meu é da falta de conhecimento de quase todo mundo aqui."*<sup>75</sup>

De uma forma mais direta e sem rodeios, o senhor Carlos<sup>76</sup> diz: "O Mato Grosso só contribuiu com o barranco na construção dessa Usina".<sup>77</sup>

Entretanto, o doutor Juca, ao retomar seu pensamento anterior, recorda-se da disputa política que envolveu a realização dessa obra e explica,

*"Mas, existe aí o inferno da política! Porque principalmente Três Lagoas foi excessivamente prejudicada. Porque eu não vejo o que a barragem trouxe na época em si para Três Lagoas, aflorar, ou despertar, despontar. Nada! A barragem, a Usina é feita no estado de Mato Grosso do Sul no município de Três Lagoas, no distrito de Jupiá. E, no entanto, toda a direção, a alta direção disso era no estado de São Paulo."*<sup>78</sup>

Particularmente, em nossa compreensão, havia um jogo de disputa entre os poderes, em que forças se articulavam e se tensionavam ao mesmo tempo. Nessa dinâmica relação entre poderes, percebemos que um sentimento misto de rancor e mágoa foi se desenvolvendo. Tudo indica que a cidade de Três Lagoas e o poder local mantinham muita expectativa em torno dessa obra e, ao que parece, essa expectativa não foi alcançada. A nosso ver, a cidade e o poder local se prepararam e acataram ordens superiores para que o projeto se realizasse sem maiores problemas. Em razão disso, a cidade de Três Lagoas, e principalmente sua elite política, considerava estar mais próxima do Governo Estadual, mais próxima do Governo Federal e mais próxima ainda de São Paulo, do qual receberia o progresso. No entanto, nossas fontes nos levam a supor que essa mesma elite política de Três Lagoas, se sentiu traída e, ao mesmo tempo, contrariada no decorrer dessa obra. O apoio que esperava receber não veio do Governo do Estado de Mato Grosso como também não

---

<sup>74</sup> Lembremos que o doutor Juca era Promotor Público e provinha de uma família importante na política local ligada ao PSD.

<sup>75</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2007.

<sup>76</sup> Lembremos que o senhor Carlos era fazendeiro e filho de um político influente do PSD, com fortes ligações afetivas com Filinto Müller

<sup>77</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>78</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

veio de São Paulo. Assim, o progresso que a cidade de Três Lagoas receberia, e que parte da elite esperava alcançar, mais uma vez fugia de suas mãos.

## **TRÊS LAGOAS E O PROGRESSO: A FERROVIA, A ENERGIA E A CELULOSE.**

*“É a grande vantagem nossa é a proximidade com São Paulo. Agora ao invés de usufruir dessa proximidade quando se criou essa Barragem, mas, era uma política, desculpe a palavra “nefanda”, “nojenta” (...)” (Relato do doutor Juca)*

Assim como a ferrovia, a Usina de Jupiá, integrante do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá, gerou expectativas de grande progresso para a região Sul do Estado. Esse potencial da região já fazia parte do discurso adotado pelo período Republicano desde o começo do século XX, o que, de certa forma, nos leva a indagar sobre a permanência e a força desse ideal presente até hoje nas falas de algumas pessoas.

Seguindo essa trilha, percebemos que em Três Lagoas esse discurso reaparece e que, em certa medida, o poder local atual o incorpora da mesma maneira que o incorporou anteriormente. Para nós, esse processo discursivo passou pela construção da Ferrovia no início de século XX, manteve-se na construção da Usina Hidrelétrica de Jupiá nas décadas de 1950 e 1960, e hoje reaparece na implantação das indústrias de Papel e Celulose lideradas pelo Grupo Votorantim e International Paper na primeira década do século XXI.

Essa reflexão origina-se de algumas falas que julgamos ser extremamente representativas nesse contexto que abordamos. Ao perguntarmos ao doutor Juca como ele vê o processo de industrialização pelo qual Três Lagoas passa nesse momento, ele responde.

*“Só se pode dizer que Três Lagoas está tendo prefeito e por injunção de duas coisas. Primeiro porque o pai é Senador”<sup>79</sup> e realmente estava fazendo tudo em benefício de Três Lagoas e pra filha que é prefeita. Inclusive com o meu voto. E também porque chegou a hora de Três Lagoas explodir com essa International Pape” e com a Votorantim. E tudo isso estourou nas mão dessa moça.”<sup>80</sup>*

Analizando sua fala, percebemos a importância que ainda é dada por algumas pessoas ao poder político e administrativo em Três Lagoas. Coincidentemente, esse momento de “explosão”, “de desenvolvimento” e da chegada do tão almejado “progresso” citado pelo depoente vai ocorrer nas mãos de uma representante da antiga elite dominante. Uma legítima herdeira do poder local e regional, como esse entrevistado, faz questão de ressaltar:

*“Ela é competente, ela é intelectualizada, ela tem um punhado de títulos, ela é de uma família tradicionalíssima de Três Lagoas. Conheci dela tanto os avós maternos quanto os paternos. Fui muito amigo do pai, trabalhamos juntos. Tivemos nossas desavenças políticas, mas, que nunca interferiu no procedimento humano, amigo, cordial e profissional, entre eu e o Ramez. Nunca, nunca, nunca, nunca.”<sup>81</sup>*

Essas palavras vêm ao encontro de nosso questionamento anterior, quando dissemos que, a nosso ver, a elite política três-lagoense continua esperando o “progresso” da mesma forma que no passado. Porém, esse “progresso” agora deve chegar pelas mãos das indústrias de papel e celulose de capital nacional e estrangeiro. Afinal, esse “progresso” já esteve tão próximo da cidade por duas vezes. A impressão que fica, e que o depoimento sugere, é que o “progresso” vem para ficar, e mais do que nunca a cidade deve estar preparada para recebê-lo.

No entanto, lembremos que esse discurso já esteve presente três vezes na história de Três Lagoas e, coincidentemente, em três momentos de mudanças e para justificar essas mudanças. A primeira vez foi na construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, quando Três Lagoas se autodenominou a “Filha Primogênita da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Terras Mato-grossenses”. A segunda vez foi nas décadas de 1950 e 1960, quando esse mesmo discurso aparece no início das obras da Usina Hidrelétrica de Jupiá, integrante do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá. A partir daí Três Lagoas passa a se autodenominar “A Sala de Visita de Mato Grosso”. Consideramos a

---

<sup>79</sup> Exerce o cargo de Prefeita na cidade de Três Lagoas a ex-deputada Simone Tebet, filha do recém-falecido Senador da República Ramez Tebet, natural de Três Lagoas, que exerceu na cidade o cargo de Promotor Público e Prefeito. Uma forte liderança política na cidade.

<sup>80</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2007.

<sup>81</sup> Idem.

terceira vez a que está acontecendo nesse momento, com a vinda das indústrias de Papel e Celulose e com sua autodenominação de “A Cidade das Águas”. A nosso ver, essa prática de se autodenominar toda vez que se anunciam mudanças dá a dimensão da tensão cultural nesse fazer-se da cidade, nas lutas e disputas de grupos sociais em torno da apropriação do passado, atualizando-o de acordo com o presente.

Nossa observação encontra eco nas palavras da pesquisadora Laura Maciel em seu trabalho sobre a Comissão Rondon, quando, ao dialogar com Pierre Nora, analisa a forma como a República e seu ideal de construir a Nação ainda se encontram enraizados nas práticas políticas de hoje<sup>82</sup>.

*“Essa memória, contudo, não é natural, espontânea e cumulativa, mas é fruto de lutas e disputas de grupos sociais e concretiza-se e explícita-se em torno do esforço para apropriar-se do passado, atualizando-o e conferindo-lhe novos sentidos de acordo com seus interesses no presente ou pela vontade de perpetuação simbólica por meio da renominação ou “batismo” de ruas, praças ou rios e serras, ou da construção de monumentos celebrativos.”<sup>83</sup>*

No caso da ferrovia, na perspectiva de Paulo Roberto Cimo, é de que muito antes da construção da NOB (Ferrovia Noroeste do Brasil), eram as mais vivas possíveis as expectativas acerca dos efeitos de uma ferrovia que viesse a ser construída em Mato Grosso. Contudo, o autor recorda que a enunciação de tais perspectivas convivia também com algumas vozes mais cautelosas em relação à construção da ferrovia em Mato Grosso.

No entanto, prognósticos dos mais animadores não cessavam de brotar das mais variadas fontes, como relata o autor.

*“Na verdade, já em 1903, ao expor o projeto que viria a ser adotado pela NOB, Emílio Schnoon destacava, por exemplo, o potencial hidrelétrico das quedas de Itapura e Urubupungá (junto às quais passaria a ferrovia), prevendo que se formaria ali ‘um grande centro comercial e industrial’ (grifo nosso), e assinalava que a estrada, ‘atravessando os formosos campos da Vacaria, que alimentam milhões de cabeças de gado’, promoveria o desenvolvimento de todo o sul de Mato Grosso, ‘em 843 km de leste a oeste por outro tanto de sul a norte’.”<sup>84</sup>*

Segundo esse autor, as ressalvas em relação a essa obra não impediram que, em 1908, Euclides da Cunha reiterasse e amplificasse as

---

<sup>82</sup> A Praça Central de Três Lagoas se chamava Praça da Bandeira. No Governo Municipal atual ela foi reformada e completamente descaracterizada, tiraram a fonte luminosa e o velho coreto. Ao ser concluída a reforma ela passou a chamar-se Praça Ramez Tebet.

<sup>83</sup> MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: EDUC, 1998, p.22.

<sup>84</sup> QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*. Bauru/ SP: EDUSC; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p.322.

previsões de Schnoor relatadas acima. Assim o autor descreve as palavras de Euclides da Cunha:

*"No sul de Mato Grosso, assinala Euclides, aquela Comissão havia identificado ‘uma área de 6 milhões de hectares de terra roxa igual à do Oeste paulista, de fertilidade consagrada’ – área que, uma vez atravessada pela Noroeste, ‘desvendaria’ a colonização estrangeira ‘um dos mais opulentos recantos do Brasil’."*<sup>85</sup>

Reiterando a importância geográfica da região e vislumbrando outros potenciais, o autor destaca que Euclides da Cunha reitera nesse momento a previsão do crescimento dessa região num futuro próximo.

*"Além disso, fascinado pelas promessas de eletricidade, o autor reitera a previsão de que a região dos saltos de Itapura e Urubupungá (grifo nosso) seria ‘a base vindoura do mais importante dos centros industriais da América do Su’: naqueles lugares até então ‘desfrequentados’, Euclides vislumbrava, com efeito, ‘uma cidade opulentíssima do futuro (grifo nosso)’."*<sup>86</sup>

Essas palavras vêm corroborar esse discurso tão pronunciado em Três Lagoas desde o início do século XX. Para a historiografia tradicional<sup>87</sup>, a “ferrovia” abriu o sertão e trouxe a cidade. Em seguida a “usina” dominou o rio e trouxe a energia. Nesse momento o “eucalipto” invade os pastos, trazendo a industrialização. O interessante foi notarmos como a apropriação e a articulação em torno do passado serve como justificativa para o progresso, que, para muitos, está mais do que predestinado.

Anteriormente, neste trabalho, enfatizamos por várias vezes e em várias situações que a cidade de Três Lagoas precisava se preparar para receber o desenvolvimento e o progresso que se aproximavam. Essa nossa afirmação se refere ao que consideramos medidas que foram tomadas pela elite dominante no ensejo de deixar a cidade e a sociedade local prontas para receber os benefícios que o progresso e a civilização trariam para Três Lagoas com a implantação da Usina Hidrelétrica de Jupiá. Essas medidas incluíram também a rearticulação e a reorganização de grupos sociais que, naquele momento, sentiam-se ameaçados e acuados em suas formas de mando.

Nesse sentido vamos ao encontro do pensamento da pesquisadora Margarida de Souza Neves, que, ao trabalhar a cidade do Rio de Janeiro na

---

<sup>85</sup> Idem, p.322.

<sup>86</sup> Idem, Ibidem, p.322.

<sup>87</sup> Referimos-nos principalmente aos trabalhos do intelectual Virgílio Corrêa Filho, que, entre vários de seus trabalhos, participou da elaboração da Encyclopédia dos Municípios Brasileiros publicada em 1958 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

virada do século XIX para o século XX, analisa os discursos que fizeram do Rio de Janeiro a capital de uma ordem discursivamente identificada com o progresso, mas solidamente ancorada no atraso da fraude eleitoral, do coronelismo e dos pactos entre as antigas e as novas oligarquias. Para a autora, nesse período de grandes reformas urbanas<sup>88</sup> no Rio de Janeiro,

“(...) pouco a pouco a aparente igualdade entre os dois termos da divisa positivista, emblematicamente bordada na bandeira republicana, cedeu lugar a uma subordinação: não mais “ORDEM E PROGRESSO”, mas sim a priorização do primeiro dos termos a “ordem”, cada vez mais entendida como pré-condição para o segundo deles, o “progresso”. E é em nome da construção, da preservação e da reprodução desta “ordem” que se justificam todas as violências.”<sup>89</sup>

Esta observação de Neves contempla nosso questionamento, ao considerar que, em nome da construção, da preservação e da reprodução da “ordem” se justificam todas as violências. Para a autora, muitos são os estudiosos que identificam a violência como um dos traços que presidem a vida da cidade, as medidas “saneadoras” e as reformas urbanas da virada do século. Na maioria desses estudos, o caráter **excludente e hierarquizador** (grifo nosso) da “ordem” é reconhecido e destacado. E no caso da cidade, completa, ainda, a autora: *“Exclusão e hierarquias revelam-se no espaço da cidade. Neste sentido, a própria cidade é documento que, como todo documento, revela e oculta a violência, as múltiplas exclusões e as sutis hierarquias da sociedade.”*<sup>90</sup>

Nesse sentido compreendemos que, no caso da cidade de Três Lagoas, um problema social que se fazia presente na sociedade três-lagoense nos anos de 1959 a 1962 passou a incomodar as elites envolvidas nesse processo de urbanização mais que qualquer outro. As ações de violência que assolavam Três Lagoas e a região se faziam incompatíveis com as benesses que a cidade esperava compartilhar com os centros mais desenvolvidos do país.

A Revista Visão de 2 de fevereiro de 1962 dedicou à edição de Nº. 5, Volume 20, ao tema **“URUBUPUNGÁ: impulso decisivo”** como matéria de

---

<sup>88</sup> Para Neves, as medidas saneadoras impostas à população do Rio de Janeiro em nome das reformas urbanas travaram uma guerra civil. A polícia, a Junta de Higiene, o clube de engenharia e os demais batalhões da ordem nas ruas do Rio de Janeiro inscreviam assim a violência no próprio tecido urbano da cidade, excluindo fisicamente espaços onde o espetáculo da pobreza ameaçava a fachada moderna que a cidade procurava construir, controlando, fiscalizando, disciplinando ou eliminando também os espaços simbólicos.

<sup>89</sup> NEVES, Margarida de Souza. **O POVO NA RUA UM “CONTO DE DUAS CIDADES”** in OLHARES SOBRE A CIDADE. p.139.

<sup>90</sup> Idem, p. 139 e 140.

capa e de reportagem especial. O interessante é que na primeira página está estampada a fotografia de “Camisa de Couro”<sup>91</sup> ao lado da legenda “Para sua informação”. Todavia, um trecho da reportagem corrobora nossos questionamentos, a saber:

*“Quando as obras atingirem um estágio mais avançado, Urubupungá exercerá um papel benéfico no saneamento do banditismo. O maior número de autoridades constituídas e o afluxo de gente ordeira e trabalhadora contribuirão para diminuir o “bangue-bangue”. O aumento do número de empregos já conseguiu até converter algumas ovelhas negras, que preferiram trocar sua vida incerta pelo batente condignamente remunerado. E não tardará muito o dia que as histórias de jagunços ficarão restritas aos serões familiares e às conversas de botequim, precedida da introdução clássica: “Era uma vez, antes de Urubupungá...”<sup>92</sup>*

Ao reconhecermos que nós historiadores somos pessoas envolvidas com o presente, devemos relatar um acontecimento ocorrido no ano de 2007 na cidade do Rio de Janeiro, que muito nos intrigou e que, ao mesmo tempo, apontou-nos a permanência de algumas práticas de dominação que são explicitamente adotadas por alguns grupos sociais.

A cidade do Rio de Janeiro se preparou para sediar o Evento Esportivo dos Jogos Pan-americanos de 2007 que envolveram, se não todos, pelo menos a maioria dos países que compõem o Continente Americano. Esses preparativos incluíram construções de estádios esportivos, de alojamentos para milhares de atletas, uma vila olímpica e a contratação de inúmeros profissionais envolvidos na preparação e na realização do evento. Resumindo, foi um grande empreendimento que envolveu a participação não só do Brasil como de outros países. Motivo para que a imprensa de todo o Continente Americano estivesse com seus olhos e interesses voltados para o Brasil e principalmente para o Rio de Janeiro.

Todavia, não é novidade para ninguém que o Rio de Janeiro enfrenta há anos uma dura luta contra a violência praticada pelos traficantes de drogas que dominam os morros e as favelas da cidade. Invasões policiais, tiroteios entre traficantes ou entre traficantes e policiais são casos corriqueiros no Rio de Janeiro.

No entanto, mais ou menos um mês antes do início dos jogos, foram realizadas várias operações envolvendo a polícia local, estadual, federal e forças do Exército no controle da violência. O mais interessante é que todo

---

<sup>91</sup> Lembremos que “Camisa de Couro” havia sido assassinado em novembro de 1961.

<sup>92</sup> Revista Visão, Volume 20, Número 5, de 2 de fevereiro de 1962, p. 11

esse aparato foi direcionado para operações de invasões brutais contra morros e favelas, passando-se a idéia de que após essas operações os problemas com a violência estariam solucionados e a cidade estaria preparada para receber um evento de porte internacional como esse.

Como não poderia deixar de ser, a mídia televisiva<sup>93</sup> e a imprensa nacional abraçaram essa campanha de divulgação das medidas de segurança com força total. A idéia que se tentou passar é que depois dessa “limpeza social” a paz reinava outra vez na cidade do Rio de Janeiro. A força e a intensidade com que as imagens do confronto foram divulgadas pareceu-nos como algo anunciado para um devido fim. Ou seja, após essa massiva campanha como num passe de mágica ou por meio da união de vários poderes a cidade estaria “livre” dos problemas que sempre a acompanharam. Desta forma, estava preparada para receber os atletas, as comissões, a imprensa, a mídia e os turistas.

Todos esses acontecimentos nos levaram a refletir sobre o que teria ocorrido na cidade de Três Lagoas, no período de 1959 a 1961, quando a cidade se preparava para receber, no ano de 1962, toda a infra-estrutura do Complexo de Urubupungá. Essa obra de importância nacional, que envolvia alta tecnologia e capital estrangeiro, estava diretamente relacionada à construção da Usina de Jupiá em Três Lagoas como primeira fase do projeto.

Nas palavras do senhor Carlos,

*“Esse período estava se iniciando a construção da Usina de Jupiá, a Usina Hidrelétrica que teve uma repercussão nacional pelo porte. Trabalhando nela estavam diversos engenheiros de outros países e de várias nacionalidades, mas principalmente italianos. (...) alguns engenheiros se negavam a ficar aqui trabalhando, embora, tivesse a vila Piloto que hoje é uma parte da cidade de Três Lagoas e lá eles residiam. Mas eles se negaram a trazer suas famílias para cá, temerosos, desses criminosos.”<sup>94</sup>*

É possível observar por esse depoimento que a violência que reinava em Três Lagoas e na região estava amedrontando os profissionais que estavam escalados para a obra. O senhor Carlos nos conta ainda que essas ações de violência associadas a algumas ações de “Camisa de Couro” possivelmente trouxeram problemas na execução das obras da Usina.

---

<sup>93</sup> Os telejornais a todo o momento noticiavam as invasões.

<sup>94</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

“Posteriormente, quando a Usina de Jupiá estava numa fase mais delicada da construção, ele estava ficando cada dia mais atrevido. E aí, assim, os engenheiros não queriam de forma alguma vir para Três Lagoas. Principalmente, trazendo suas famílias.”<sup>95</sup>

De acordo com a Ata da 32ª Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Três Lagoas, realizada em 8 de dezembro de 1960, a imprensa falada da capital paulista noticiou um acontecimento policial<sup>96</sup> ocorrido em Três Lagoas que muito constrangeu a Câmara e provavelmente grande parte da população de Três Lagoas. Esse fato foi assim relatado,

*“O Senhor Gentil Montalvão<sup>97</sup>, ainda na tribuna, declara lamentar desagradáveis ocorrências policiais, de que foi teatro esta cidade, recentemente; adianta que tais fatos deram margem a comentários da imprensa falada paulista, que são bastante constrangedores para todos nós, habitantes desta cidade.”<sup>98</sup>*

Esse acontecimento foi o assassinato do aviador João de Freitas, conhecido por “João Cachimbo”, natural do interior de São Paulo, assassinado por “Camisa de Couro” numa emboscada no bar Aviação, no início de dezembro de 1960, que muito assustou os profissionais que já estavam trabalhando no projeto de execução da obra. Certamente, sua repercussão atravessou as fronteiras da cidade e do estado como demonstra a Ata da Sessão da Câmara Municipal de Três Lagoas. Na imprensa local, o Jornal a Gazeta do Comércio edição de 4 de dezembro de 1960, nº. 2664 – 2564, assim publicou o acontecimento.

“MAIS UM VIOLENTO CRIME DE MORTE – ASSASSINADO JOÃO “CACHIMBO” OU JOÃO PILOTO (JOÃO DE FREITAS).”

*“Péssimos Antecedentes:- Os antecedentes do assassinado são os piores possíveis. Pesam contra ele as mais sérias acusações, dentre as quais a de pistoleiro profissional. Como auxiliar de Polícia de Três Lagoas nestes negros anos do Governo Ponce de Arruda, fez misérias, tinha inimizades de morte, inclusive com o “Camisa de Couro”, ao que consta seu mais célebre e ferrenho adversário.”<sup>99</sup>*

Mas nem tudo é tão simples quanto parece. A violência em Três Lagoas era voz corrente. E mesmo que tudo nos leve a considerar que a morte de “João Cachimbo” tenha sido em razão de uma rixa entre ele e “Camisa de

---

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Compreendemos que pela data da reunião 8/12/1960, esse fato policial corresponde ao assassinato do piloto de avião João de Freitas, natural do interior de São Paulo, também conhecido por “João Cachimbo”. Ele foi assassinado por “Camisa de Couro” no Bar do Campo de Aviação de Três Lagoas.

<sup>97</sup> Gentil Montalvão era vereador e representava a UDN. Além de político, ele era escrivão de polícia. Nas atas de Sessões da Câmara ele foi o político que mais defendia e brigava pelo partido e pelo governo. No ano de 1961 foi nomeado, por Fernando Corrêa da Costa, Fiscal da Coletoria.

<sup>98</sup> Livro de Registro (Nº. 10) das Atas das Sessões Ordinárias da Câmara Municipal de Três Lagoas, fls. 79(f).

<sup>99</sup> Arquivo doutor Luiz Carlos Castro Pinto.

Couro”, a possibilidade de ter sido uma “queima de arquivo” também tem de ser analisada. O senhor Argeo<sup>100</sup>, que estava em frente ao bar Aviação conversando com o “João Cachimbo”, nos conta o que ocorreu naquele dia. Segundo ele,

“(...) A mulher estava de dieta fazia oito dias. Eu estava vizinho igual está aquelas casas lá a 3<sup>a</sup> casa ali era o bar Aviação. (...) Aí nós estávamos conversando quando chamaram ele no telefone(...) Aí ele entrou pelo bar lá encostou no balcão e estava no telefone, e eu vi quando o homem entrou rangendo os dentes assim...O Camisa de Couro, o revólver já estava até engatilhado. Eu vi aquilo assim fiquei quietinho parado, olhando. A mulher estava no balcão e já achou gritando: - Nossa Senhora! Bateu pra dentro e ele já atirou no homem. Já matou com um tiro. Aquele tiro foi mortal(...) aí pintou outro companheiro dele e pá, pá, pá...! Furaram tudo os maços de cigarro do bar e as latas de doce. E o João Cachimbo levou só aquele tiro mortal e aí pegou um na virilha meio na perna e um na copa do chapéu. Que ele usava um panamazão. E se não é aquele tiro mortal que ele levou na traição, ele não morria não. Aí a polícia foi lá e deram um jeito de sumir com aquele carro. Eu nem vi a hora que eles estavam lá, porque eu fui para o hospital, a mulher foi baleada, a minha cunhada.(...) Aquelas balas do tiroteio, a bala partiu no meio. Deveria ser daquelas balas que antigamente tinha, umas balas explosivas. Pegou no portal e partiu no meio e pegou na costela da Maria Laura e foi parar na veia artéria dela. Aí eu entrei naquele momento e ele veio correndo pro rumo do avião no trieiro que ia pro hangar.”<sup>101</sup>

Quando perguntamos ao senhor Argeo qual teria sido, em sua opinião, o motivo desse assassinato, ele nos responde com naturalidade: “Dizem que tinha uns vinte homens encomendado pra matar ele e que cada um deu um pouco.”<sup>102</sup>

Várias coisas ditas pelo senhor Argeo nos fizeram refletir sobre a naturalidade com que a violência era tratada por algumas pessoas, matar, morrer ou até mesmo levar um tiro eram coisas corriqueiras. Conviver com a possibilidade de ser assassinado a mando de alguém, então, fazia parte do cotidiano dessas pessoas. Por isso não podemos desconsiderar a possibilidade de, naquele momento, “João Cachimbo” representar uma ameaça para alguém ou para algum grupo interessado em apagar vestígios e “queimar arquivos”.

Nesse mesmo período um outro acontecimento ocorrido entre o governo do Estado e a prefeitura de Três Lagoas nos chamou a atenção. Esse acontecimento foi relatado na Ata da 19<sup>a</sup> Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Três Lagoas, realizada em 17 de julho de 1961, e tem a ver com as arbitrariedades de mando dentro do poder político. Nessa sessão o vereador

---

<sup>100</sup> Lembremos que o senhor Argeo era fazendeiro e morava na fazenda. Conhecia o “João Cachimbo” porque algumas vezes voava com ele. Seu irmão também era piloto e eles possuíam um avião. O senhor Argeo estava na cidade porque o filho tinha nascido.

<sup>101</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 19/12/2005.

<sup>102</sup> Idem.

Antonio Gonçalves de Oliveira ocupa a tribuna e pronuncia discurso, no qual diz, o seguinte:

*“Sr. Presidente, foi sobremodo constrangedora, para nós membros do Partido Social Democrático, e chocante para a população de cidade civilizada, o aparato que cercou o cumprimento de simples mandado judicial. Não estamos aqui para discutir questão de direito. Não somos bacharel e não abrigamos intuito de ofender quem quer que seja. Trata-se, Sr. Presidente, de apreensão de máquina (motoniveladora) de propriedade do Estado e há tempos cedida por meio de formal arrendamento, ao Governo Municipal (grifo nosso.) Talvez o intuito, muito nobre e merecedor de aplausos de melhor servir os legítimos donos da coisa pública. O patrão é um só e os seus transitórios mandatários disputam a oportunidade e a corrida no tempo – no afã de melhor servi-lo. Tudo isso merece aplausos, porém o que chocou-nos foi a visita da Justiça, acompanhada de escolta e inclusive, de particulares armados estranhos à própria Justiça (grifo nosso). A origem do ato, em si, nós conhecemos – é o desejo de melhor servir. A origem da belicosidade, do aparato, é por nós desconhecida (grifo nosso). O alto Poder Público Estadual será sempre bem recebido, neste Paço e este Salão Nobre estará sempre de portas inteiramente abertas à sua ilustre presença. Não é e nunca será necessária a presença de força armada para penetrar no Município de Três Lagoas ou em sua Prefeitura Municipal (grifo nosso)”.<sup>103</sup>*

Sem dúvida, esse acontecimento que acabamos de citar tem relação com a nossa problemática. Ao analisarmos o conteúdo dessa Ata, percebemos que eram fortes as tensões entre o poder instituído e a elite local. A menção da visita da Justiça, acompanhada de escolta e até de particulares armados estranhos à própria Justiça para cumprir um mandado judicial, revela que estava ocorrendo uma disputa de poder dentro do próprio poder. Não foi apenas nesse acontecimento que evidenciamos a presença dessa disputa. Outras situações parecidas ou semelhantes também nos levaram a essa reflexão.

O senhor Ibraim<sup>104</sup>, nos dá a dimensão da luta política na cidade ao nos contar um episódio que presenciou protagonizado por “Camisa de Couro”, ocorrido num período de campanhas eleitorais em Três Lagoas,

*“Teve um comício que ele acabou com o comício aí na praça. Era PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional,) e aí ele era UDN e teve um comício do PSD e ele foi lá e acabou com o comício com um tiroteio. Mas não matou ninguém! Só assustou! Só espantou! Era lá no coreto, ainda tinha o coreto lá!”<sup>105</sup>*

A cidade de Três Lagoas, porém, guardava traços culturais e sua população era formada por uma variada gama de pessoas como identificamos por meio de nossos depoentes. Entre eles, ouvimos mecânicos, pilotos de avião, donas de casa, ex-prostitutas, ex-militares, funcionários públicos

---

<sup>103</sup> Livro de Registro (Nº.11) de Atas das Sessões Ordinárias realizadas na Câmara Municipal de Três Lagoas, de 10 de janeiro de 1961 a 19 de junho de 1963, folhas 81 frente e verso.

<sup>104</sup> Amigo de farra de “Camisa de Couro”.

<sup>105</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

aposentados, grandes pecuaristas, pequenos proprietários, juízes de direito, comerciantes, políticos, padeiros, pedreiros, armeiros<sup>106</sup>, peões de fazenda e muitos outros. Portanto, a idéia de “progresso” e de “civilização” que era concebida pela elite não era a compartilhada por todos os segmentos da sociedade local.

O artigo da pesquisadora *Maria Clementina Pereira Cunha*, “*Nação, um lugar comum*”, a analisa as várias maneiras com que a palavra “*Nação*” é vivenciada pelos inúmeros sujeitos que a compõem e nos auxilia em nossa indagação a respeito da palavra “Progresso”. A autora faz uma observação que nos levou a refletir sobre como as pessoas comuns, que formavam a maioria da população três-lagoense, vivenciavam e compreendiam as transformações que estavam ocorrendo na cidade. Ao se referir a sua experiência com o sentido de *Nação*, a autora observa que,

“Vistas em seu processo histórico de constituição, as nações são fenômenos de sentidos essencialmente duais. Foram construídas a partir do alto, mas não podem ser compreendidas sem os pontos de vista, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, submetidas ao intenso bombardeio simbólico. Se não queremos fazer da história a biografia das nações, será necessário tentar entendê-la a partir de outros parâmetros: verificar como ela é vivenciada e compreendida, não pelos governos ou pelos agentes do nacionalismo em seus vários matizes, mas pelas pessoas que são objeto de sua ação e propaganda.”<sup>107</sup>

Diante dessas palavras apreendemos que a cidade de Três Lagoas idealizada podia ser uma e muitas ao mesmo tempo, e isso se explica pela forma como ela se refaz, se nega, se afirma, se rearticula e se move no presente. Foi possível então entender porque o “progresso”, na memória de alguns três-lagoenses, está sempre incompleto ou por chegar. Algo visto sempre para o futuro e não para o presente.

---

<sup>106</sup> Curiosamente, a profissão de armeiro era muito respeitada. Todos os entrevistados citaram o senhor Alberto “armeiro” e sua oficina de armas em suas narrativas. O senhor Alberto já havia falecido quando iniciamos esse trabalho, mas conversamos com sua viúva dona Áurea Amazonas antes de seu falecimento.

<sup>107</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. “*Nação, um lugar comum*”. In: Pátria amada esquartejada. São Paulo, SMC/DPH, 1992. p.37.

## TRÊS LAGOAS E A IMPRENSA PAULISTA NOS ANOS DE 1959 A 1962

*“É muito provável que lá tenha tido também uma repercussão. Mas, não no porte daqui.” (Relato do senhor Carlos)*

*“TRÊS LAGOAS: MERCADO DE PISTOLEIROS” (Diário da Noite 2ª edição. 13 de dezembro de 1961. p.1)*

Como dissemos anteriormente, um sentimento misto de rancor e mágoa foi aparecendo na fala de alguns de nossos depoentes quando se referiam à construção da Usina Hidrelétrica de Jupiá. Aliado a isso percebíamos como a maioria de nossos entrevistados construía a memória desse período por meio da implantação dessa Usina. Partindo dessa idéia, fomos buscar por reportagens sobre a implantação do Complexo de Urubupungá nos anos referentes ao início da obra da Usina de Jupiá, que era o período que nos interessava.

Nossa intenção nessa busca foi apreender o modo como a cidade de Três Lagoas era citada pela imprensa paulista e para isso fizemos uma escolha. Inicialmente, centramo-nos na figura de “Camisa de Couro” e no período que considerávamos ter sido o de sua maior atuação na cidade de Três Lagoas e região, ou seja, os anos de 1959 a 1962<sup>108</sup>.

Diante dessa opção nos deparamos com alguns órgãos da imprensa paulista que nos chamaram a atenção pelo número de reportagens publicadas sobre o estado de Mato Grosso, sobre sua participação no Complexo de Urubupungá, sobre Três Lagoas e sobre o próprio “Camisa de Couro”. Esses órgãos foram a Revista Visão<sup>109</sup>, o jornal Diário da Noite<sup>110</sup>, o jornal o Estado

---

<sup>108</sup> Lembremos que “Camisa de Couro” morreu no fim de 1961, porém os acontecimentos posteriores a sua morte se estenderam pelo ano de 1962.

<sup>109</sup> A Revista Visão era dirigida por Hernane Tavares de Sá, o redator chefe era Jorge Leão Teixeira, o secretário geral era Hideo Onaga. Era composta e impressa pela Companhia Lithographica Ypiranga em

de São Paulo<sup>111</sup> e o jornal *Última Hora*<sup>112</sup>. Isso não exclui o fato de que outros órgãos da imprensa paulista tenham publicado matérias semelhantes.

Vários foram os motivos que nos levaram a destacar nesse trabalho a imagem produzida e construída sobre o Estado de Mato Grosso e sobre a cidade de Três Lagoas pela imprensa paulista. Consideramos que, com a necessidade da imediata implantação do Complexo de Urubupungá, o interesse do Estado de São Paulo se voltasse todo para o Estado de Mato Grosso e para Três Lagoas com a intenção de viabilizar a primeira fase do projeto. Nossa surpresa foi que a imprensa paulista pouco ou nada falava sobre Três Lagoas e, sempre que se referia a Urubupungá, situava a Barragem de Jupiá como Mato Grosso ou simplesmente Jupiá.

No ano de 1959 iniciava-se a corrida para a campanha eleitoral para o Governo do Estado no ano de 1960, e a disputa seria acirrada entre os maiores líderes políticos do Estado, Fernando Corrêa da Costa da UDN (Partido da União Democrática Nacional) e Filinto Muller do PSD (Partido Social Democrático), que já haviam se enfrentado anteriormente. Só que, desta vez, um novo personagem estava surgindo nessa disputa, o deputado Wilson Fadul, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que começava a se fortalecer. Percebemos, nesse contexto, que as reportagens que saíram nos anos de 1959 e 1960 eram favoráveis ao candidato ao Governo do Estado, Fernando Corrêa da Costa da UDN (União Democrática Nacional), adepto e defensor da divisão do Estado e forte aliado dos outros estados para a implantação da Usina em Três Lagoas. Isso explica em parte a nossa reflexão anterior, quando dissemos que estava havendo uma forte disputa pelo poder político no Estado e isso afetava diretamente as disputas políticas locais em Três Lagoas.

Um outro motivo por nós considerado foi o assassinato do Juiz de Direito da cidade de Mirassol, no interior de São Paulo, doutor Jaime Garcia Pereira, ocorrido no dia 20 de novembro de 1961, a mando da milionária fazendeira

---

São Paulo. Localizamos suas edições no Arquivo da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, em São Paulo.

<sup>110</sup> Publicado pelo Grupo dos Diários Associados fundado por Francisco Assis Chateaubriand . Localizamos essas edições no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>111</sup> Editado pelo Grupo Mesquita. Localizamos essa edição no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>112</sup> Editado pela Companhia Paulista Editora de Jornais, São Paulo. Diretor Presidente Samuel Wainer. Localizamos essas edições no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Madalena Vieira Moreira, viúva do deputado Anísio José Moreira, que havia sido um político muito influente na região da cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. Cabe-nos lembrar que a viúva Madalena Vieira Moreira é a mesma citada por nossos depoentes no início deste trabalho. Foi ela que chegou de avião no dia do enterro de “Camisa de Couro” e mandou desenterrá-lo. O envolvimento de Madalena Vieira Moreira na morte do Juiz desencadeou uma série de reportagens que abrangeram o sul de Mato Grosso e principalmente as cidades de Paranaíba e Três Lagoas.

Durante os anos de 1959 a 1962, a Revista Visão publicou dezenove reportagens sobre o Estado de Mato Grosso. Dessas matérias sete foram publicadas no ano de 1959, cinco foram publicadas no ano de 1960 e sete publicadas no ano de 1962. Como dissemos anteriormente, a nosso ver, a Revista Visão apoiou Fernando Corrêa da Costa, o que de certo modo esclarece o teor das reportagens publicadas no período de campanha eleitoral. Para nossa reflexão se torna importante destacarmos alguns trechos das reportagens publicadas pela Revista Visão que nos levaram a essa e outras indagações.

Na reportagem publicada na Revista Visão de 28 de agosto de 1959<sup>113</sup>, na seção “DO PAÍS”, com o título “**Dois Mato Grossos**” é abordado o movimento crescente de adeptos que visavam a separação do “Norte” e do “Sul” de Mato Grosso. Na matéria essa divisão se fazia necessária pela grande extensão de Mato Grosso e pela diversidade de estilos de vida de suas populações. Nesse caso a matéria ressalta que os “sulistas” são os idealizadores e os defensores da idéia do divisionismo ou separação de Mato Grosso. Devemos lembrar que a divisão do Estado era tema de campanha dos candidatos da UDN (União Democrática Nacional), que eram identificados como os candidatos do “sul”, tendo como líder Fernando Corrêa da Costa. O PSD (Partido Social Democrático) era identificado como o partido das forças do “norte” e tinha como líder Filinto Muller, contrário à divisão do Estado

No dia 2 de outubro de 1959, a mesma revista publica matéria sobre a carta geográfica de Mato Grosso, intitulada: “**35 anos em busca de detalhes –**

---

<sup>113</sup> Revista Visão, 28 de agosto de 1959, p. 18. Arquivo da Biblioteca Municipal Mario de Andrade. São Paulo

***Registradas regiões virgens percorridas por Rondon***". Essa matéria vem corroborar o discurso da existência de grandes regiões inexploradas no Brasil, o que incluía o norte de Mato Grosso. Isto, a nosso ver, alimenta a campanha divisionista encabeçada pela UDN (União Democrática Nacional), que ressaltava a grande extensão do estado e o não povoamento da parte "norte" como atravancamento para a região "sul" na disputa por poderes.<sup>114</sup>

No dia 16 de outubro de 1959, a Revista Visão traz a seguinte reportagem "***Urubupungá em pauta***". Essa matéria noticia a realização em São Paulo da VII Reunião Anual dos Governadores da CBIPU (Comissão Interestadual da Bacia Paraná – Uruguai) para apreciação da constituição de uma sociedade mista para a construção e exploração da usina hidrelétrica de Urubupungá. Essa reunião tem a participação do governador de Mato Grosso João Ponce de Arruda do PSD (Partido Social Democrático). Essa reportagem inicia um aumento das matérias sobre Urubupungá, o que demonstra que as negociações estão em pleno vapor.<sup>115</sup>

Reafirmando nossa observação anterior, no dia 23 de outubro de 1959, três artigos foram publicados na Revista Visão sobre o Estado de Mato Grosso. Num curto espaço de tempo volta à pauta a necessidade da "***Divisão de Mato Grosso***"<sup>116</sup>, sob alegação de ser essa medida necessária pelos mesmos motivos apresentados na reportagem anterior, publicada no dia oito de agosto.

No mesmo dia 23 de outubro de 1959, uma matéria de duas páginas, com o título "***Urubupungá para 1964 – ARRANCADA NA PARANÁ – URUGUAI***", enfatiza a conclusão da Usina de Jupiá para o ano de 1964, o que nos dá a dimensão da urgência com que esse projeto tinha que ser viabilizado e colocado em prática para não ocorrer o ameaçado déficit de energia previsto para São Paulo. Isto, de certo modo, explica o interesse de São Paulo e da Revista Visão por Mato Grosso.<sup>117</sup>

---

<sup>114</sup>Revista Visão de 2 de outubro de 1959, p. 34. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>115</sup>Revista Visão de 16 de outubro de 1959, p. 19. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>116</sup>Revista Visão de 23 de outubro de 1959, p. 6. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>117</sup>Idem, p.47 e 49.

A outra reportagem publicada nesse dia, ocupando duas páginas, intitulava-se “**ELETRIFICAÇÃO DE MATO GROSSO**” e abordava a aprovação de um financiamento de 606 milhões de cruzeiros para as Centrais Elétricas Mato-Grossenses (CEMAT), para a construção da Usina de Mimoso, que forneceria energia às principais cidades do estado, mas principalmente ao “sul” do estado. Essa matéria se tornou importante para nossa reflexão pelos vários aspectos que aborda e que condizem com a nossa problemática. Destacamos alguns trechos dessa matéria, que indicam preocupação em ressaltar as qualidades de Campo Grande e da região “sul” como centro comercial, econômico e industrial, justificando, assim, a liberação desse financiamento em seu benefício. Os argumentos para esse financiamento foram os seguintes:

“(...) Mato Grosso costuma considerar-se um Estado com três capitais: Cuiabá, Corumbá e Campo Grande. Esta última é o grande centro comercial com um desenvolvimento que se acentua de ano para ano, mas que contrasta com seu tremendo déficit de energia elétrica. O empreendimento de Mimoso será decisivo para Campo Grande e para toda região sul. (...) Em Mato Grosso já existe um número elevado de pequenas indústrias de beneficiamento, apoiadas na pecuária e na agricultura da região sul, além de empreendimentos de maior vulto como os matadouros de Campo Grande e Aquidauana. A CEMAT representa uma esperança e um estímulo para o desenvolvimento dessas indústrias de beneficiamento do gado, assegurando energia e transporte. Além disso a especulação imobiliária, fenômeno que atrai compradores de terras do Brasil e exterior receberá novo impulso com o desdobramento das atividades da empresa. Mato Grosso, que hoje ostenta entre seus fazendeiros até alguns nobres europeus, acenando com a energia elétrica, certamente atrairá novas inversões para suas vastas terras. (...) Um dos fundamentos dessa ambição assenta evidentemente nas oportunidades que Mato Grosso oferece, principalmente ao investidor estrangeiro. Difícilmente ele encontrará no mundo de hoje onde comprar terras tão vastas, a preço tão acessível, sem o risco de conflitos políticos com o povo da região ou de problemas raciais (grifo nosso). (...)”<sup>118</sup>

Aprendemos dessa forma que junto à justificativa para o benefício conseguido pelo financiamento para a região “sul” se aliava o compromisso assumido pelos beneficiários de transformar a parte “sul” do estado em região sem conflitos políticos e sem problemas raciais. Um lugar ideal para receber os investimentos anunciados. Para que isso acontecesse sem problemas para os investidores uma nova imagem da região “sul” começa a ser construída a partir de então.

Na edição da Revista Visão de 27 de novembro de 1959, o artigo publicado “**ONDE UM BARCO VALE 40 CAMINHÕES**” fala sobre a importância e a possibilidade de se explorar o potencial de uma rede de

---

<sup>118</sup> Idem, p.53 e 54.

navegação fluvial na Bacia Paraná – Uruguai. Conforme o artigo, com a construção da barragem de Jupiá o transporte fluvial será beneficiado.<sup>119</sup>

No dia 18 de março de 1960, a Revista Visão traz na capa o título “**ANDAM RETALHANDO MATO GROSSO**” e, na página 42, a matéria se intitula “**Febre imobiliária atinge Cuiabá**”. Esse artigo insinua que está sendo alimentada por políticos e homens de negócios sediados na cidade de Cuiabá uma onda de especulação imobiliária com as terras do Norte do Estado.<sup>120</sup>

No dia 8 de abril de 1960, matéria com o título “**Urubupungá vai sair – Pode evitar a crise em 1965**” aborda possíveis obstáculos de trâmites legais ao início da obra que poderiam ameaçar o fornecimento de energia para toda a região centro sul e provocar uma crise no ano de 1965. Esse problema se resolveria com a criação de uma sociedade de economia mista que agregasse os Estados parceiros.<sup>121</sup>

Em 9 de setembro de 1960, a Revista Visão anuncia o início das obras da Usina de Jupiá, “**Ururbupungá em obras – Rumo a mais de 3 milhões de kw**”.<sup>122</sup>

E no dia 14 de outubro de 1960, na Secção Outras Notícias uma pequena nota é publicada com o título “**Urubupungá**”, e essa nota confirma o início imediato da obra.<sup>123</sup>

Fechando esse ciclo de reportagens, no dia 21 de outubro de 1960, em matéria intitulada “**Os vitoriosos**”, a Revista Visão homenageia os Governadores eleitos e assim se refere a Mato Grosso:

*“Volta ao Governo o Senador Fernando Corrêa da Costa, beneficiado neste pleito pelo lançamento da candidatura do Deputado Wilson Fadul (PTB), que enfraqueceu bastante a posição do Senador Filinto Muller. Corrêa da Costa já declarou que não criará embaraços a Jânio, mas não deixará sem cobrança as poucas promessas que o Presidente eleito fez aos seus conterrâneos.”<sup>124</sup>*

---

<sup>119</sup>Revista Visão de 27 de novembro de 1959, p. 75. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>120</sup>Revista Visão de 18 de março de 1960, p. 42. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>121</sup>Revista Visão de 8 de abril de 1960, p. 26. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>122</sup> Revista Visão de 9 de setembro de 1960, p. 27. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>123</sup> Revista Visão de 14 de outubro de 1960, p. 26. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>124</sup> Revista Visão de 21 de outubro de 1960, p. 23. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

Nosso objetivo com essa exposição é mostrar que o movimento percebido nessas reportagens sobre Mato Grosso e o Complexo de Urubupungá na imprensa paulista serviu para alimentar a campanha eleitoral do candidato eleito a governador do Estado de Mato Grosso, Fernando Côrrea da Costa<sup>125</sup> que era identificado como o candidato da região “Sul” do Estado de Mato Grosso e defensor da divisão do Estado.

No dia 5 de janeiro de 1962, a Revista Visão publica a reportagem **“ESSES TRILHOS VÃO AO SOPÉ DOS ANDES”**, em que um repórter relata sua aventura em uma viagem de trem de São Paulo a Santa Cruz de La Sierra, via Bauru, Três Lagoas, Corumbá. Na reportagem são apontados vários problemas nessa travessia<sup>126</sup>, entre eles, a presença de “contrabandistas” em todo o percurso percorrido. Essa reportagem além de servir para mostrar como e de que forma o Estado de Mato Grosso se tornava parte dos assuntos da Revista Visão no ano de 1962, traz comentário que chamou nossa atenção à referência feita ao contrabando na fronteira com a Bolívia. Esse tipo de “comércio” sempre esteve presente no Mato Grosso e seu fluxo maior era com a fronteira do Paraguai na parte Sul do Estado. O contrabando de “bebidas” via Paraguai movimentava um grande “capital” no Estado, e Três Lagoas, como já citamos anteriormente, era uma das “portas de entrada e de saída” não só de pessoas, mas também de mercadorias. Isto nos leva a inferir que ela era rota de contrabandistas e de mercadorias contrabandeadas dos países vizinhos como a Bolívia e o Paraguai.

A edição de 2 de fevereiro de 1962, cita na capa e na página de abertura Três Lagoas e “Camisa de Couro”, conforme já mencionamos anteriormente e comentaremos posteriormente. Sua reportagem principal sobre Urubupungá ocupa 4 páginas, e seu título **“A MAIOR DA AMÉRICA LATINA”** faz um histórico da obra e dos próximos passos a serem dados. Três Lagoas é citada da seguinte forma:

---

<sup>125</sup> Segundo a pesquisadora Stella Maris Florensani Jorge, havia uma divisão política entre os partidos políticos PSD e UDN que, em suas disputas, eram identificados como o PSD sendo o partido do Norte e a UDN como o partido do Sul.

<sup>126</sup> Revista Visão de 5 de janeiro 1962, p.p 20 a 23. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

*“A CELUSA não espera muitos problemas com a arregimentação de mão-de-obra na região, não obstante ela se igualar, dentro em pouco, à metade da população da cidade mais próxima, Três Lagoas, onde vivem 15 mil habitantes.”<sup>127</sup>*

No dia 16 de março de 1962, a Revista Visão traz matéria sobre Três Lagoas, que se intitula **“Matadouro já maduro-Três Lagoas quer ter vez”**. Pela primeira vez, depois de todas as matérias publicadas até então, Três Lagoas parece que desperta e parte para uma luta aberta, impondo-se como beneficiária da infra-estrutura de Urubupungá.

*“O município de Três Iagoas (NOB, Mato Grosso), que domina ampla faixa pastoril e pode aproveitar toda a orla ocidental do rio Paraná na instalação de invernadas artificiais para a engorda de bovinos, também quer matadouro-frigorífico, de âmbito nacional. Existe uma organização com experiência regional de abate de gado e comércio de carnes interessada na construção, e as autoridades locais estão reclamando assistência financeira dos governos central e estadual. Há mesmo um pedido de financiamento em estudos no BNDE. Com a ampliação considerável das zonas de engorda no Estado de Mato Grosso, com Urubupungá prometendo fazer revolução industrial às margens do rio Paraná, com a melhoria do sistema de transportes e a tendência insofismável de interiorização da indústria de carnes e derivados – entende Três Lagoas que a sua vez é chegada (grifo nosso).”<sup>128</sup>*

Em edição de 30 de novembro de 1962, a Revista Visão publica a solenidade de assinatura dos contratos de financiamento da CELUSA, ocorrida na vila-Piloto, com o título **“Italianos em Jupiá”**.

*“Jupiá – Em solenidade realizada domingo último na cidade-piloto da CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá S.A.), a 6 km de Três Lagoas (MT), o Presidente João Goulart assinou contrato no valor de 63 milhões de dólares com o grupo italiano GIE para o fornecimento de equipamentos pesados e construção da Usina de Jupiá (primeira fase de Urubupungá), cuja conclusão está prevista para 1966.”<sup>129</sup>*

Ao analisarmos todas essas reportagens, pudemos compreender os motivos que provavelmente causaram o sentimento misto de rancor e de mágoa percebidos nas falas dos depoentes. Ficou claro que a construção da Usina de Jupiá se fez independentemente de qualquer interferência ou participação de Três Lagoas e do próprio Estado de Mato Grosso. Uma infra-estrutura à parte foi montada por São Paulo e pela “sociedade mista” CELUSA para que se viabilizasse a obra. Toda essa situação nos remete aos discursos que apresentamos anteriormente, em que apreendemos que São Paulo

---

<sup>127</sup> Idem, p. 23.

<sup>128</sup> Revista Visão de 16 de março de 1962, p.29. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

<sup>129</sup> Revista Visão de 30 de novembro de 1962, p.18. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

retornava ao passado bandeirante para justificar-se da apropriação dos recursos naturais do Estado de Mato Grosso “a seu bel prazer”, deixando Três Lagoas e o Estado de Mato Grosso à margem de toda essa infra-estrutura. Um exemplo disso foi a cidade-piloto que foi construída às margens da represa para garantir a estabilidade da obra.

Na documentação que foi enviada à imprensa na ocasião da comemoração realizada em 25 de novembro de 1962, na cidade-piloto, o aspecto social dessa fase da obra foi assim descrito.

*“As Centrais Elétricas de Urubupungá destinam vital importância também ao aspecto social do empreendimento. Projetaram e constroem verdadeira **cidade operária** (grifo nosso) que abrigará 1.600 famílias e 4.000 solteiros, perfazendo população aproximada de 15.000 habitantes. Desse trabalho, já estão concluídos 80% das residências, 60% do centro comercial, Grupo escolar para 700 alunos e está planificada a construção de uma Escola Profissional, para aproveitamento dos alunos que terminam o primário na cidade-piloto de Jupiá. Há também um ambulatório médico, para casos prementes e a CELUSA já inaugurou um moderno hospital para 150 leitos.”<sup>130</sup>*

Como vimos a “vila piloto” era uma cidade com capacidade de receber 15.000 habitantes, praticamente o mesmo número de habitantes de Três Lagoas, que na ocasião era de aproximadamente 15.497.

No folheto publicado, impresso e distribuído pela CELUSA e pela CESP, em agosto de 1968, sob o título “URUBUPUNGÁ – UM POUCO DA SUA HISTÓRIA”<sup>131</sup> a infra-estrutura da “vila piloto” foi assim destacada.

*“(...) A vila apresenta forma plana e circular, servida de água encanada, esgotos e luz, 2.370 casas, 3 hotéis e blocos de alojamento para solteiros. Possui um centro comercial completo inclusive 3 bancos, agência de correios, uma cooperativa de consumo, mercado e feira livre. Possui Igreja Católica e um templo para as várias denominações protestantes. Para atender a população escolar, conta com 3 grupos, um ginásio, uma escola industrial e curso para educação de adultos. Possui um hospital completo, com maternidade, berçário, gabinetes dentários etc. É editado na Vila um jornal quinzenal e uma revista mensal. No campo de esportes e diversões, encontramos 2 clubes, quadras de esportes, campo de futebol iluminado e um cinema.”<sup>132</sup>*

No entanto, no depoimento do doutor Juca, a “vila piloto” é assim descrita:

*“Aqui o que se fez foi uma vila que se chamava “vila piloto”. Que eu entendo por “vila piloto” uma coisa completamente diferente. Mas, como não é da minha alçada e não cabia a mim dar opinião, nem nada. E sempre fui contra. Ali ficou a “peonada”, o operariado que*

---

<sup>130</sup> Cópia do documento denominado Subsídios para a Imprensa, realizado em novembro de 1962, pela CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá S.A.)

<sup>131</sup> Cópia do documento denominado Subsídios para a Imprensa, realizado em novembro de 1962, pela CELUSA (Centrais Elétricas de Urubupungá S.A.) e cópia do folheto distribuído pela Divisão de Comunicações da CELUSA e da CESP em agosto de 1968.

<sup>132</sup> Cópia do folheto distribuído pela Divisão de Comunicações da CELUSA e da CESP em agosto de 1968.

*trabalhou naquilo ali. Mas trabalhavam como “mouros”, devem-se aqueles “barrageiros” como eles falavam que vinha de barragem em barragem. Deve-se a eles a feitura disso aí. Eles o mal que eles fizeram foi casar com as moças de Três Lagoas. Então, foi como a turma falava assim: Caramba, foi um tal de desentocar moça em Três Lagoas!*<sup>133</sup>

Mais adiante em sua fala, o doutor Juca analisa.

*“Tudo que se fez aí na “vila piloto” nada sobrou pra Três Lagoas. Porque deteriorou quase tudo. Poucas casas existem lá que foram reaproveitadas. Não tem nada, nada, nada mais. O que tem de bom está do lado de São Paulo que a senhora deve conhecer, onde tem o clube, que tem as piscinas, tem isso, tem aquilo e que fizeram não sei quantas casas para os engenheiros e para os altos funcionários.”<sup>134</sup>*

Na reportagem da Revista Visão, de 2 de fevereiro de 1962, detectamos um vestígio de sua argumentação. Conforme cita a reportagem: “*Toda a cidade-piloto, construída à base de madeira, é facilmente desmontável e deverá ser transferida para as obras da Ilha Solteira, quando essas tiverem início, provavelmente em 1966.*”<sup>135</sup>

Apreendemos que, para o doutor Juca a construção da Usina de Jupiá não trouxe nenhum benefício à cidade de Três Lagoas, o que ele justifica, alegando que “acordos políticos” prejudicaram a cidade. Em suas palavras, “(...) naquela época era uma política, desculpe a palavra “nefanda”, “nojenta.”

Por outro lado, devemos considerar também a explicação do senhor Carlos que afirma que a “violência” e as ações de “Camisa de Couro” haviam sido as causas do temor dos engenheiros em vir para Três Lagoas. Em nossa compreensão, o senhor Carlos ao justificar que a “violência” havia assustado os “engenheiros” que se dirigiam para trabalhar na Usina de Jupiá, nos dá a idéia de que Três Lagoas não foi ignorada, preterida e rejeitada por São Paulo e, sim, que forças maiores foram as causas desse abandono ou desprezo. Apreendemos aí o papel da memória, criando sentidos e significados nas experiências vividas dessas pessoas que viveram essas transformações.

Para o senhor Carlos e para o doutor Juca, membros da elite local, parece inconcebível a idéia de São Paulo simplesmente ter ignorado Três Lagoas na realização desse projeto. E a violência associada às ações de “Camisa de Couro”, foi a maneira que o senhor Carlos encontrou para explicar e justificar o comportamento de São Paulo diante de Três Lagoas. Já para o

---

<sup>133</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> Revista Visão de 2 de fevereiro de 1962, p.23. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

doutor Juca, “acordos” e “articulações” políticas servem de interpretação ao que ocorreu.

Que a violência era voz corrente em Três Lagoas e na região já conseguimos localizar. Como também já localizamos que havia disputas políticas acirradas acontecendo em Três Lagoas naquele momento de grandes obras e de transformações. Assim, através da Revista Visão e suas reportagens sobre o Complexo de Urubupungá conseguimos localizar vários pontos de tensão que acompanharam as negociações para a imediata construção do Complexo Hidrelétrico de Urubupungá, que salvaria São Paulo do déficit de energia que se anunciava. Isso incluiu, o início imediato da Usina de Jupiá em Três Lagoas.

No entanto, não só de obras e expectativas de progresso vivia a população de Três Lagoas. Tensões internas também estavam ocorrendo na cidade nesse período. Lembrando o que já falamos anteriormente, reportagens foram publicadas no final de novembro e começo de dezembro de 1961 pela imprensa paulista, cobrindo o assassinato do Juiz de Direito da cidade de Mirassol, o doutor Jaime Garcia Pereira, ocorrido no dia 20 de novembro de 1961 naquela cidade. O doutor Jaime Garcia Pereira havia sido morto em uma emboscada a mando da milionária e fazendeira Madalena Vieira Moreira, viúva do Deputado e político da região de Mirassol e São José do Rio Preto, doutor Anísio José Moreira. Por não concordar com uma citação de penhora impetrada pelo doutor Jaime contra uma de suas fazendas em uma ação movida pelo Banco do Brasil por causa de um financiamento, a viúva enfureceu-se e armou a emboscada.

Toda a imprensa paulista cobriu esse caso desde o momento do assassinato, da descoberta da mandante até a busca do pistoleiro e do empreiteiro contratados para a execução do crime, que ocorreu precisamente onze dias depois do enterro de “Camisa de Couro” em Três Lagoas. Entretanto para uma parte da população de Três Lagoas, esse crime tinha um sentido especial, pois a lembrança de Madalena Vieira chegando ao cemitério cercada de jagunços, mandando desenterrar o corpo de “Camisa de Couro”, ainda estava muito nítida em suas memórias.

Após a viúva Madalena ter confessado o mando do crime, uma caçada aos executores foi montada pela polícia paulista, inclusive a da capital, na

busca e na captura dos criminosos. Em sua confissão a viúva Madalena acusou o fazendeiro Vicente Peralta, da cidade de Paranaíba, no Estado de Mato Grosso, como o empreiteiro que tinha contratado para agenciar o pistoleiro que executaria o crime. Assim, toda a busca do assassino e do empreiteiro se voltou para o Sul de Mato Grosso. Porém, um agravante perseguia a viúva Madalena, o episódio que protagonizara no enterro de “Camisa de Couro”.

A imprensa paulista, diante de um caso recheado de tramas e com envolvidos tão poderosos e conhecidos, lançou mão de cobrir todos os passos da investigação e da captura dos criminosos. Nessa disputa por leitores, Três Lagoas e “Camisa de Couro” começam a fazer parte dessa trama e passam a ser citados nas reportagens dos jornais Última Hora, Diário da Noite e do Estado de São Paulo, que circulavam na capital e no Estado de São Paulo. Para nos auxiliar em nossas indagações, destacamos alguns trechos das reportagens que consideramos funcionarem como um fio condutor para nossa problemática.

De acordo com o jornal Última Hora, na edição de 21 de novembro de 1961, a notícia foi a seguinte, **“Cerco para deter assassino do Juiz: Delegado de Homicídios em Mirassol”**,

*“Todos os recursos policiais estão sendo mobilizados em Mirassol no sentido de capturar o misterioso personagem que às 19:30 horas de ontem com dois tiros a queima roupa assassinou o Juiz de Direito daquela Comarca doutor Jaime Garcia Pereira.”<sup>136</sup>*

No dia 22 de novembro de 1961, o Última Hora traz a seguinte matéria sobre o caso, **“Mirassol: Polícia suspeita de mandante no assassinio do Juiz”**.

*“Grande Suspeita – Comenta-se pela cidade que a esposa do falecido deputado Anísio José Moreira, senhora Madalena Moreira, teria sido a mandante do crime. Esta versão, aliás, é apresentada em virtude de um caso ocorrido entre aquela senhora e o magistrado há questão de um mês. (...) Neste meio tempo, também apareceu em Mirassol um indivíduo conhecido por Camisa de Couro, cujo nome verdadeiro era Horácio de Carvalho, assassinado recentemente em Três Lagoas, Mato Grosso, que foi visto com a senhora Madalena Moreira, inclusive nas proximidades da casa do Juiz e do oficial de justiça. “Camisa de Couro”, segundo consta, era temível pistoleiro.”<sup>137</sup>*

---

<sup>136</sup> Última Hora, de 21 de novembro de 1961, p. 2. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>137</sup> Última Hora de 22 de novembro de 1961, p.11. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Evidências da relação de “Camisa de Couro” com a viúva Madalena já começam a ser apontadas pela imprensa antes mesmo de confirmada a participação dela no crime.

Segundo o Última Hora de 24 de novembro de 1961, “**Milionária confessa: mandou assassinar Juiz de Mirassol**”.

“(...) Trama Sinistra – Teve inicio há dois meses quando Madalena Moreira expulsou 2 oficiais de justiça negando-se a receber citação judicial de que sua fazenda São José estava com ordem de penhora. Naquela ocasião afirmou: - “O juiz é um canalha comedor de bola.” Ruminando sua vingança (segundo alega, o magistrado a perseguia). Madalena combinou com seu irmão Honorato a maneira de se livrarem do juiz. Assim, resolveu ir a Santana de Paranaíba em Mato Grosso procurar o pistoleiro alcunhado “Camisa de Couro” que matava por empreitada. Ali chegando foi informada de que “Camisa de Couro”, fora assassinado e indicaram-lhe o cangaceiro “Juquinha”.(...)”<sup>138</sup>

Em 25 de novembro de 1961 é assim publicado pelo Última Hora, “**Trama Sinistra Desmascarada: viúva milionária pagou pistoleiro para matar Juiz**”.

“(...) Surge Vicente – O ex-administrador da fazenda São José Benedito Augusto ao ser interrogado pelo delegado Vidal, contou-lhe que há tempos fora vítima de um atentado por parte de Madalena. Esta contratara Horácio “Camisa de Couro” (pistoleiro mato-grossense) para exterminá-lo. Somente escapou da morte porque quando “Camisa de Couro” desfechou-lhe uma bofetada dizendo: “Vou liquidá-lo” e sacou do revólver, casualmente passou pelo local uma senhora grávida. Benedito desesperado pôs-se a gritar e escudou-se na referida mulher. Com o alarme o pistoleiro fugiu. Benedito também afirmou a autoridade que dois motoristas locais faziam corridas para a milionária e que o empreiteiro da morte em Mato Grosso era Vicente Peralta. (...)”<sup>139</sup>

Aprendemos que Paranaíba, “Camisa de Couro” e Vicente Peralta começam a ganhar mais notoriedade no caso do que a própria acusada do crime.

Na edição de 27 de novembro de 1961 a matéria sobre o caso é a seguinte “**Policia utiliza retrato falado para capturar assassino do Juiz**”.

“(...) Pessoa influente – O delegado Nerval Ferreira Braga, que comandou a diligência e efetuou a prisão de Cori afirmou à imprensa que Vicente Peralta é pessoa influente e uma das maiores fortunas de Paranaíba. Tem um frigorífico, máquina de benefício, 5 caminhões e já possuiu 2 aviões estando hoje com 1 só prefixo PT-AAJ pilotado por Cori. Nas últimas eleições municipais Vicente Peralta foi candidato à Prefeitura de Paranaíba pelo PSP. Com relação ao “Juquinha”, disse o delegado que em Paranaíba o assassino do Juiz Jaime Garcia Pereira não é elemento temido e muito menos conhecido como pistoleiro. (...)”<sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> Última Hora de 24 de novembro de 1961. p.11. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>139</sup> Última Hora de 25 de novembro de 1961. p.3. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>140</sup> Última Hora de 27 de novembro de 1961. p.10. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

No jornal O Estado de São Paulo do dia 26 de novembro de 1961, na Seção de Notas Policiais, há um artigo com o seguinte título “**Surgem mais dois implicados no homicídio do Juiz**”.

*(...) Sabe-se agora que o assassino que agiu a mando da viúva Madalena Vieira Moreira, principal implicada no caso é proveniente da localidade de Santana do Parnaíba, em Mato Grosso e teria ido a Mirassol acompanhado de seu patrão Vicente Peralta, conhecido contrabandista e chefe de uma quadrilha de pistoleiros naquele Estado. Ambos já têm sua prisão preventiva decretada. Outro indiciado que está sendo procurado pela polícia é o aviador de nome Cori, que teria transportado o assassino e seu patrão. Informam-se que Vicente Peralta tem grandes recursos financeiros e goza de prestígio naquele Estado. (...)"<sup>141</sup>*

Essa reportagem do jornal Estado de S. Paulo vem ao encontro de nossa indagação anterior, quando se refere a Vicente Peralta como conhecido “contrabandista”. Isso explica, em parte, o seu patrimônio particular, cinco caminhões e dois aviões. No entanto, sua importância não se dá apenas pelo fato de nos mostrar indícios de que a prática do “contrabando” era uma realidade nesse período. Mas, também, o fato de exaltar o “poder” de Vicente Peralta e, assim, amenizar o “poder” de Madalena.

O Diário da Noite em 1º de dezembro de 1961, em sua segunda edição, publica a reportagem “**Testemunha sabe quanto custou a morte do Juiz de Direito de Mirassol**”, e no teor dessa matéria encontramos a seguinte informação.

*“Camisa de Couro” – Segundo fomos informados “Camisa de Couro” o bandido que se homiziava em Três Lagoas, Mato Grosso, mantinha um estranho tratado com dois outros pistoleiros daquela região. Ao que se informa, há questão de um mês, o facínora, em conversa com amigos em Santana do Paranaíba, manifestou seu temor ante uma ameaça de morte que vinha sendo feita a ele. “Camisa de Couro”, nessa ocasião não revelou o nome de quem o ameaçava, mas pediu aos dois companheiros que se colocassem de sobreaviso. Mediante este pedido presumia-se que “Camisa de Couro” suspeitava que seria vítima de algum atentado mortal e os outros bandidos teriam que vingá-lo. Segundo ainda as informações colhidas pela reportagem, um dos homens que teria a obrigação de vingar a morte do bandido é Jaime de tal, pistoleiro habitante em Santana do Parnaíba e que na cidade de Cuiabá matou inúmeras pessoas. A polícia continua empenhada em desvendar a morte de Horácio de Carvalho, identidade de “Camisa de Couro”. As autoridades acreditam na participação de moradores desta cidade na morte do bandido uma vez que são muitas as pessoas que teriam interesse em exterminá-lo. (...)"<sup>142</sup>*

Nessa reportagem vemos o interesse se voltar novamente ao “Camisa de Couro” e, com isso, enfatizar Paranaíba e Três Lagoas como lugares onde “bandidos” se confraternizavam e selavam acordos de vingança. Apreendemos, dessa forma, que começa nessa reportagem a criação do suposto “Sindicato

---

<sup>141</sup> Jornal O Estado de S. Paulo de 26 de novembro de 1961. p.40. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>142</sup> Jornal Diário da Noite de 1º de dezembro de 1961. p.20. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

do Crime”, que logo em seguida viria ameaçar e, principalmente, encobrir ações praticadas por pessoas como “Madalena Vieira”.

Em matéria publicada em 5 de dezembro de 1961, na segunda edição, o Diário da Noite traz um artigo com o título **“Matador de Mirassol ameaça executar Madalena Moreira”**.

(...) “*João Carabina*” – Ao que foi revelado à reportagem “*João Carabina*” um dos quadrilheiros de Vicente Peralta Garcia, foi o homem que encontrando “Juquinha” no cemitério indicou-o a Madalena Moreira dizendo: - Este é o homem que o seu Vicente recomendou. Ele é dos melhores. (...) “*Vicente Peralta*” – Sabe-se que depois dos últimos acontecimentos, ou sejam os assassinatos de “Camisa de Couro” e “João Branco” e o caso do Juiz o “Sindicato da Morte” que era presidido por Vicente Peralta foi praticamente dissolvido. Essa grei criminosa, composta por elementos foragidos de todos os Estados, vinha desde muitos anos intranqüilizando os sertões e as cidades principais da araraquarense, onde os bandidos matavam a troco de ninharia, desde que fosse uma empreitada de sangue. Os únicos homens que ainda se mantêm leais a Vicente Peralta são João Carabina e Juca de tal, elementos perigosíssimos e que permanecem em Três Lagoas. (...)”<sup>143</sup>

Seguindo nosso pensamento de que a reportagem anterior já preparava o terreno para transformar Três Lagoas em sede do “Sindicato do Crime” e lugar de “bandidos facínoras”, essa reportagem já indica “Madalena” como ameaçada de morte por membros dessa “temível” grei criminosa.

No dia 6 de dezembro de 1961, matéria publicada pelo Diário da Noite com título **“História tenebrosa de um bandido”**, traz um trecho do depoimento do assassino do Juiz que diz o seguinte.

“Há quatro anos quando chegou a Santana do Paranaíba e apesar de seus 22 anos de então teve que lutar duramente para não morrer vítima daqueles mesmos homens que hoje idolatra estes já falecidos “Camisa de Couro” e “João Branco” e também “João Carabina” e Jucão. (...) “Camisa de Couro” me ensinou a matar, mas não me disse como fazer para cuidar dos traidores, mas eu sei por iniciativa própria. (...)”<sup>144</sup>

“Sindicato do Crime”, Madalena Vieira ameaçada de morte, “Camisa de Couro” se transformando em ídolo de outros “pistoleiros”, assim desvelamos que o caminho estava sendo preparado para amenizar a culpa de Madalena diante do crime que cometera.

Em 12 de dezembro de 1961, em sua primeira edição, o Diário da Noite publica uma reportagem sobre a possibilidade de Vicente Peralta se entregar **“Prisão Preventiva de Vicente Peralta não será relaxada”**.

---

<sup>143</sup> Jornal Diário da Noite de 5 de dezembro de 1961. p.12. Arquivo Público do Estado de São Paulo

<sup>144</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição, de 6 de dezembro de 1961. p.34. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

*“(...) Em nossas andanças à procura de Vicente Peralta soubemos que o empreiteiro da morte, passando por Três Lagoas, avistou-se, com o advogado Júlio de Castro<sup>145</sup>, daquela cidade, tratando com ele a sua apresentação à polícia de Mirassol. De acordo com essa conversa o causídico deveria negociar a quebra da prisão preventiva decretada contra Vicente Peralta. Somente com essas condições o foragido se apresentaria. (...) Em Paranaíba a população está dividida, sendo que são poucos os que acreditam na apresentação de Peralta à polícia. Por outro lado, são muitos os que crêem no fato de que o foragido venderá caro sua liberdade, mormente depois que souber que a prisão preventiva será mantida.”<sup>146</sup>*

Após seis dias sem publicar nota sobre o caso, no dia doze sai uma matéria sobre a possibilidade de Vicente Peralta se apresentar à polícia de Mirassol.

Consideramos que com essas reportagens tenha sido iniciado pela imprensa paulista um possível movimento para se desviar o foco das atenções sobre a mandante do crime a “viúva Madalena”. Transferir a atenção dos leitores e da opinião pública para o já morto “Camisa de Couro” e para a captura do assassino e do empreiteiro foi um meio de amenizar as acusações que caíam sobre ela. Certamente uma estratégia dos advogados de defesa de Madalena que contou com o apoio da imprensa.

No entanto, também devemos considerar que o cerco a Vicente Peralta aumentava a cada dia. Acuado, ele também passa a contar com as estratégias de defesa de seus advogados. Percebemos que depois da reportagem que nega o pedido de relaxamento da prisão preventiva decretada contra ele, começa a mudar o teor e a intensidade das reportagens publicadas. A partir de então, a imprensa, e mais nitidamente o Diário da Noite, passa a publicar reportagens sobre Três Lagoas, “Camisa de Couro” e o “Sindicato da Morte”. Uma tática para desviar-se o foco de atenção que recaía sobre a negociação da apresentação de Vicente Peralta e sobre a cidade de Paranaíba.

Há um outro fator, porém, que devemos considerar nesse contexto. O advogado de defesa de Vicente Peralta, o doutor Julio Mario Abbott de Castro Pinto, era um homem com fortes ligações com a imprensa e também muito influente no meio político. Ele era o diretor-proprietário do jornal “Gazeta do Comércio” de Três Lagoas, um dos mais antigos jornais do Estado de Mato

---

<sup>145</sup> Julio Mario Abbott de Castro Pinto foi um político muito influente na região de Paranaíba e Três Lagoas. Exerceu o cargo de deputado estadual e federal e foi prefeito de Três Lagoas. Foi líder da bancada da UDN e presidente da Assembléia Legislativa. Atuou como advogado e foi proprietário do jornal a Gazeta do Comércio de Três Lagoas.

<sup>146</sup> Jornal Diário da Noite, 1ª edição, 12 de dezembro de 1961. p.30. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Grosso, foi prefeito de Três Lagoas<sup>147</sup> e também deputado estadual<sup>148</sup> e federal<sup>149</sup> pela UDN (União Democrática Nacional), legislando pelo Estado de Mato Grosso. Compreendemos que todas essas considerações se tornaram importantes para a nossa pesquisa no momento em que procuramos saber como essas reportagens foram vistas e assimiladas pelas pessoas que moravam em Três Lagoas nesse período. Nosso interesse recaiu principalmente em apreender de que modo as pessoas que entrevistamos vivenciaram toda essa trama que envolvia relação e disputa de poderes, da qual a imprensa paulista passou a ser um instrumento.

No dia 13 de dezembro de 1961, na segunda edição do jornal Diário da Noite, é publicada na capa, em destaque, a seguinte chamada de matéria: **“Diário da Noite” devassa o “Sindicato da Morte” – TRÊS LAGOAS: MERCADO DE PISTOLEIROS.** Ilustram essa legenda duas fotos, uma de um soldado em frente a uma placa da cidade e a outra, de “João Carapina”, tratado por todas as reportagens até então por “João Carabina”.

Na mesma edição, na página 9, é publicada a matéria agora intitulada agora **“Diário da Noite devassa o “Sindicato Da Morte” – I”**, logo abaixo, em destaque, vem a legenda **“TRÊS LAGOAS: CIDADE SEM LADRÕES E SEDE DOS MATADORES EMPREITADOS”**. Esse artigo mostra a cidade como um “Recreio” de Bandidos e um lugar de pessoas “valentes”, onde vigora a “Lei do 38” e, por isso, muito freqüentada por forasteiros. Considera o artigo que, por esses motivos, associados à ação ineficiente e “conivente” da polícia, a cidade se tornou a sede do “Sindicato da Morte”. No meio de toda essa exaltação da presença da criminalidade e da inclinação da cidade para o crime, uma nota nos chamou a atenção mais que todas as outras pela peculiaridade e sutileza com que “mostra” e, ao mesmo tempo “esconde”, as nuances do poder. Assim expressa essa nota:

**CIDADE SEM LADRÕES** – *“Uma coisa ficou patenteada durante nossa visita a Três Lagoas e após a demorada pesquisa que realizamos na cidade, através de seus arquivos e da população: ali não existem ladrões. Os moradores explicam que enquanto tem sido tolerado o crime, tem sido combatido com unhas e dentes toda a espécie de roubo. A polícia e o povo muito embora tenham dado agasalho, por medo ou por comodismo aos matadores*

---

<sup>147</sup> Período de novembro e dezembro de 1945. Ele foi precedido e sucedido por Rosário Congro que exerceu o cargo de agosto de 1941 a outubro de 1945 e, depois, de janeiro de 1946 a outubro de 1947.

<sup>148</sup> Exerceu o cargo de Deputado Estadual por Mato Grosso nos anos de 1950 a 1954.

<sup>149</sup> Exerceu o cargo de Deputado Federal por Mato Grosso nos anos de 1954 a 1958.

*profissionais, permitindo assim que tenha se formado na região o sinistro “sindicato da morte” não aceitam sob hipótese alguma qualquer tipo de gatuno, seja do mais reles ao mais refinado. Contam-se largamente pelas praças e pelos bares as histórias dos teimosos e que pensando terem encontrado um “eldorado” inexplorado imaginaram golpes dos mais ardilosos. Estes não tiveram sucesso. Poucos deles chegaram ao menos e serem identificados ou vistos depois das tentativas. Desapareceram como por encanto e fala-se que muitas “buchadas” foram encontradas boiando sobre as águas turvas dos grandes rios ou riachos que cortam a região sertaneja.”<sup>150</sup>*

Parece haver indícios nas informações dessa reportagem de que os “matadores profissionais” nessa ordem ou organização social atuavam como um exercício de controle social e político de forma autoritária, mas reconhecido e legitimado.

No dia seguinte 14 de dezembro de 1961, em sua segunda edição, o Diário da Noite publica em matéria de primeira página o seguinte artigo **“Diário da Noite devassa o “Sindicato da Morte” – MARCADO PARA MORRER LÍDER DOS PISTOLEIROS”**. Ilustra essa legenda a foto de um pistoleiro atrás das grades, sem camisa e usando óculos escuro modelo aviador<sup>151</sup>. O texto era o seguinte.

*“Foi no período de transição do ano de 1951 para 1952 que a ação decisiva da Policia Rural na zona sertaneja fez dissolver os pistoleiros profissionais que a soldo de poderosos grileiros<sup>152</sup> mantinham a posse ilegal de consideráveis glebas de terra. Os assassinos mercenários, porém, foram aos poucos se deslocando para a cidade mato-grossense de Três Lagoas onde a polícia tinha procedimento passivo e não se dava ao trabalho de conhecer o nome do autor de um crime de morte. Pouco a pouco aqueles que fizeram da morte negócio rendoso, convergiram para Três Lagoas e não tardou surgir um líder para congregar todos num sinistro ramo comercial. Foram estabelecidas taxas de 40 mil a 1 milhão de cruzeiros que eram pagas sem qualquer argumento pelos “coronéis” desejosos de se verem livres de seus inimigos políticos. E foi com a seqüência desses assassinos arrendados que se formou ali o terrível “sindicato da morte” cujos préstimos passaram a ser solicitados por indivíduos de outras unidades do país. Um dos setores da entidade fatídica passou a ser orientada pelo criminoso João Lino da Silva, vulgo “João Carapina”, o qual se destacara pelo número de assassinatos que praticara. Ele teve o cuidado de ter como subalternos homicidas não menos arrojados como “Zé Branco” e “Jucão”. Este grupo consolidou-se com a integração do falecido Antonio de Carvalho, vulgo “Camisa de Couro”, caracterizado pela habilidade e sangue frio com que dava cumprimento aos homicídios de mando. Mais tarde o grupo se completou com os menos famosos ‘Abilião’, Oscarlino José de Oliveira e “Zé Giango”. Assim, Três Lagoas se transformou num “paraíso de anjos do inferno”, onde muita gente que entra no desagrado dos “coronéis milionários” teve sua vida abreviada pelas mãos de um matador profissional cujo prazer em executar um bom “serviço” superava o de ordem material representado pela paga estabelecida no contrato da morte. No clichê o pistoleiro profissional Oscarlino José de Oliveira agora preso, por ter assassinado um fazendeiro em Três Lagoas, recebendo pelo “trabalho” a importância de 40 mil cruzeiros.”<sup>153</sup>*

---

<sup>150</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição, 13 de dezembro de 1961. p.9. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>151</sup> Acessório muito usado pelos pilotos de avião ou aviadores até hoje.

<sup>152</sup> Denominação para as pessoas que invadiam e se apropriavam de grandes áreas de terras públicas. A maioria das grandes e antigas propriedades foram adquiridas dessa forma no país.

<sup>153</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição, 14 de dezembro de 1961. p.1. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Na mesma edição, ocupando a página 8 inteira, está o artigo “**Diário da Noite devassa o “Sindicato da Morte” – II – LÍDER DOS PISTOLEIROS DE TRÊS LAGOAS ESTÁ COM SEUS DIAS DE VIDA CONTADOS**”. Todo esse artigo fala sobre a suposta organização criminosa e de como ela agia. Ainda faz citações dos nomes de alguns pistoleiros vivos e mortos e insinua estar ocorrendo uma guerra na disputa de grupos rivais. Acentua a participação de “João Carapina” como o líder dos pistoleiros e como o empreiteiro de Três Lagoas. Fala dos valores e taxas cobradas pelos serviços de morte e sobre a ameaça feita a “João Carapina” por um pistoleiro preso.<sup>154</sup> É interessante observar que esse artigo não cita Vicente Peralta nenhuma vez. Menciona os pistoleiros de Paranaíba, Três Lagoas, Camapuã e, no entanto, não cita Vicente Peralta.

No dia 15 de dezembro de 1961, novamente o assunto ganha a capa da 2ª edição do Diário da Noite, com o título “**Diário da Noite devassa o “Sindicato da Morte” – CHORO DE “MARIPOSAS” NO TUMULO DE UM PISTOLEIRO**”. Ilustra essa matéria uma foto de duas moças chorando, abraçadas à cruz da sepultura de “Camisa de Couro”, com a placa do número do jazigo à frente. O texto é o seguinte.

*“No cemitério de Três Lagoas, sob um terreno árido limitado por uma cruz de madeira e outra menor servindo de suporte para a placa de nº. 6233, está sepultado o temível matador profissional que em vida se chamou Antonio de Carvalho ou Horácio de Carvalho, mas que no mundo do crime era identificado por uma só denominação: “Camisa de Couro”. Fuzilado há pouco mais de 30 dias em frente à estação ferroviária de Três Lagoas, o “Dioguinho Moderno” apareceu naquela cidade mato-grossense na época em que a fama do “Sindicato da Morte” transpusera os limites de diversos Estados. Aspirava a ser um dos integrantes da entidade sinistra, mas para tanto deveria mostrar sua habilidade no manejo do revólver. Não lhe foi difícil evidenciar sua capacidade para ser um dos homens que “João Carapina” recrutava para o comércio da morte. Em pleno centro da cidade assassinou friamente outro criminoso mercenário que era João de Freitas, vulgo “João Cachimbo” e assim demonstrou qualidades mais que suficientes para se tornar um pistoleiro de primeira linha. E daí por diante “Camisa de Couro” foi matando a troco de tudo que valia dinheiro. Homem simpático, tornou-se amado pelas mulheres, principalmente as mundanas, dizendo alguns que durante muito tempo merecera atenção especial por parte da viúva Madalena Moreira. Hoje, somente as “mariposas” de Três Lagoas choram a morte de “Camisa de Couro”, as quais vez ou outra deixam sobre seu humilde túmulo um punhado de flores e uma coroa de ferro.”<sup>155</sup>*

---

<sup>154</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição, 14 de dezembro de 1961. p. 8. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>155</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição, 15 de dezembro de 1961. p.1.Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Na mesma edição, como matéria de página inteira, o Diário da Noite publica a seguinte reportagem “**Diário da Noite devassa o “Sindicato da Morte” – III – “CAMISA DE COURO”: UMA LEGENDA CRIMINOSA QUE ACABOU NO SERTÃO**”. Ilustra essa reportagem uma foto de “Camisa de Couro” sentado com a mão na arma que carrega na cintura. O texto conta toda a trajetória de “Camisa de Couro” em Três Lagoas até a sua morte. Segundo a reportagem, ele era protegido politicamente e portava um documento que o credenciava como elemento de confiança na alta cúpula da chefia de Polícia. Os trechos dessa reportagem que consideramos importante destacar são:

*“(...) Ídolo – Em vida “Camisa de Couro” fora o ídolo de um sem número de rapazes do sertão, os quais admiravam sua fama e sonhavam viver tão perigosamente quanto ele. Entre estes estava o rapazinho que matou o Juiz de Direito de Mirassol. Entre as mulheres que o adoravam estava a jovem “mariposa” que em meio a centenas de pessoas, compareceu ao cemitério local e permaneceu ali até que o caixão pobre de “Camisa de Couro” baixasse a sepultura. A última morada do bandido tem o número 6.233. Simplesmente um número que simboliza o fim do homem que desafiava a polícia que fazia tremer os não policiais e que andou livremente por todo lado sem ser molestado por quem de direito. Um exemplo disso foi o delegado de Mirassol, Carlos Medeiros Doria, que permitiu o livre trânsito do bandido pelas ruas durante quase seis meses, suscitando a revolta de todos quanto o avistavam e reconhecia como autor de 26 crimes de morte a maioria dos quais as autoridades negam ter ciência.”<sup>156</sup>*

Como já citamos anteriormente, ocupou a capa da Revista Visão de 2 de fevereiro de 1962, uma manchete com o título “**URUBUPUNGÁ: IMPULSO DECISIVO**”. No entanto, na primeira página, está a fotografia do “Camisa de Couro”, portando duas armas, com a legenda: “**Para Sua Informação**”. Cabe-nos lembrar que, em vários momentos de nossa reflexão, retornamos a essa reportagem por considerarmos que ela nos indica vários pontos de indagação, como, por exemplo, ser essa a primeira reportagem da Revista Visão que apresenta Três Lagoas de maneira destacada, mesmo que seja para mostrar que ela estava à margem do Complexo de Urubupungá. Todavia, essa reportagem também pontua que Três Lagoas, mesmo estando à margem de toda a infra-estrutura da Usina, será beneficiada pelo seu projeto “civilizador”. Dessa forma, o texto destaca que os problemas sociais que Três Lagoas enfrentava já estavam em vias de serem totalmente sanados. O texto em sua íntegra assim se apresenta:

*“O visitante que chegar à cidade mato-grossense de Três Lagoas, distante 7 km do local onde se construirá a Usina de Jupiá, primeira etapa do conjunto hidrelétrico de*

---

<sup>156</sup> Jornal Diário da Noite, 2ª edição de 15 de dezembro de 1961. p. 7. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

*Urubupungá (o maior da América Latina), ouvirá logo uma história de jagunço ou o pipocar de um tiroteio. Apesar dos esforços das autoridades da região, “um sindicato da morte” ainda opera na zona cobrando preços altos. A população já se habituou com a jagunçada e aceita os tiros e mortes como fatos rotineiros. Apenas prudentemente, limita sua vida noturna ao cineminha local. O jagunço conhecido como “Camisa de Couro” (foto) foi uma das últimas vítimas desses tiroteios, tendo sido liquidado há dois meses por concorrentes de maus bofes. “Camisa de Couro” chorava copiosamente todas as vezes que despachava um novo cliente para a agência funerária, dizendo-se um incompreendido, que só matava em legítima defesa. (...) Quando as obras atingirem um estágio mais avançado, Urubupungá exercerá um papel benéfico no saneamento do banditismo. O maior número de autoridades constituídas e o fluxo de gente ordeira e trabalhadora contribuirão para diminuir o “bangue-bangue”. O aumento do número de empregos já conseguiu até converter algumas ovelhas negras, que preferiram trocar sua vida incerta pelo batente condignamente remunerado. E não tardará muito o dia em que as histórias de jagunços ficarão restritas aos serões familiares e às conversas de botequim, precedidas da introdução clássica: “Era uma vez, antes de Urubupungá...”<sup>157</sup>*

Lembramos que desde o começo deste trabalho, os acontecimentos ocorridos posteriormente à morte de “Camisa de Couro” sempre nos intrigaram. Mesmo considerando que a maioria das matérias publicadas pela imprensa paulista tenha servido como instrumento de defesa dos advogados dos implicados no assassinato do Juiz de Direito de Mirassol, parece haver também outros motivos. Um deles talvez seja a imagem de “Camisa de Couro” que a imprensa paulista ajudou a construir para que a elite de Três Lagoas se livrasse do estigma da violência e das práticas de atos arbitrários e ilícitos que ameaçavam vir à tona. Como vimos, em todo este capítulo, parte da imprensa paulista colaborou bastante para construir a imagem do “pistoleiro profissional”, justificando o fim da violência na cidade e na região para, assim, encobrir as formas de mando locais ainda atuantes. Forças se uniram e se articularam para transformar “Camisa de Couro” no “último dos pistoleiros” que atuou por ali. Essa imagem e essa aura mítica do homem valente, corajoso, amado pelas mulheres, que cultivou seguidores e que desafiava a polícia serviu para transformar em lenda uma prática ainda muito corrente nessa sociedade e que, perante uma grande parte da população de Três Lagoas, não estava tão fora de moda assim.

Devemos considerar também que uma outra questão nos incomoda nesse contexto. A nosso ver, denunciar e exaltar a existência de um atuante “Sindicato da Morte” em Três Lagoas poderia fazer parte de uma estratégia para encobrir as ações de “contrabandistas”. E mais, que esses mesmos

---

<sup>157</sup> Revista Visão de 2 de fevereiro de 1962, p. 11. Arquivo Biblioteca Municipal Mario de Andrade São Paulo.

“contrabandistas” poderiam estar se sentindo ameaçados com a proximidade e com a nova parceria com o Estado de São Paulo. Certamente, isso poderia colocar em risco os negócios via Três Lagoas, com a possibilidade de maior vigilância na fronteira dos dois Estados o que viria ameaçar e dificultar práticas ilícitas.

Todas essas reportagens reiteram nossa suposição feita inicialmente, na introdução quando dissemos que a violência em Três Lagoas pode ter sido filtrada pela óptica das autoridades locais e regionais que alimentavam a imagem e a figura do “bandido” para ocultar suas responsabilidades por atos arbitrários cometidos. E, nesse caso, a imprensa paulista foi um grande instrumento para a criação das imagens de “Camisa de Couro”, que ressoam até hoje em Três Lagoas.

## CAPÍTULO II

### PODERES EM DISPUTA

*“É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.”* (CALVINO Ítalo, *As Cidades Invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.44)

### O PODER DOS “ARQUIVOS”: INTERDIÇÕES, MÁ VONTADE, PREPOTÊNCIA E TAMBÉM QUESTÕES POLÍTICAS.

*“(...) não existe nenhum documento sobre o assunto porque a justiça mandou caçar tudo (...)”* (Relato do senhor Paraná)

Questões intrigantes acompanharam nossa experiência de campo em busca de documentos nos “Arquivos” Públicos e Particulares<sup>158</sup> de Três Lagoas. Munidos de Ofícios do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, solicitamos autorização para nosso acesso aos arquivos do Fórum da Comarca de Três Lagoas, da Delegacia de Polícia, da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal. Depois de endereçados e entregues, ficamos aguardando o deferimento das autoridades responsáveis.

Nossa experiência anterior indicava que obter essa autorização seria uma tarefa árdua, pois quando, primeiramente, procuramos por documentos que nos ajudassem a identificar o personagem “Camisa de Couro”, já havíamos nos deparado com alguns empecilhos. Isso fez com que levássemos um bom

---

<sup>158</sup> Muitas pessoas comuns conservam em arquivos pessoais (particulares) documentos desse período, como fotos, cópias de discursos, encartes, plantas, mapas, livros de registros etc.

tempo para que pudéssemos identificá-lo. Quanto mais procurávamos mais a questão se complicava. Não conseguíamos localizar documentos como atestado de óbito, título de aforamento perpétuo, notícias de jornais da época, prontuário de entrada no hospital. Nada, quando localizávamos, nem o nome, nem a data da morte coincidiam. Diante disso fomos realizando buscas paralelas que nos auxiliassem. E o problema maior que enfrentamos foi com os “Arquivos”. Tudo era difícil e complicado.

Tanto que, num primeiro momento, até consideramos que a troca de nomes nos documentos referentes à morte de “Camisa de Couro” fosse consequência de um hábito pessoal de fazer uso de outras identidades para facilitar suas práticas criminosas. Hoje, já pensamos de forma bem diferente.

## **ARQUIVO DOS JORNais LOCAIS**

Sabíamos que, na época, dois jornais circulavam em Três Lagoas “A Gazeta do Comércio”, já extinto, e o “Jornal do Povo”, ainda em circulação. Por esse motivo ilusoriamente achamos que isso facilitaria nossa investigação. Ledo engano. Procuramos por esses arquivos e localizamos alguns. Outros ainda não conseguimos encontrar.

No extinto jornal “A Gazeta do Comércio”<sup>159</sup> de Três Lagoas, que era de propriedade do já falecido advogado e político, doutor Julio Mario Abbott de Castro Pinto<sup>160</sup>, suas edições são mantidas encadernadas no Arquivo Particular de seu filho, doutor Luiz Carlos de Castro Pinto. Nosso acesso a esse jornal foi complicado por vários motivos. Primeiro, o doutor Luiz Carlos quase não era encontrado em Três Lagoas, tanto que se mudou definitivamente da cidade, por esse motivo levamos meses para sermos atendidos. Segundo, nosso acesso foi autorizado com restrição, só podíamos fazer a pesquisa em sua casa e não podíamos fotografar nem copiar os jornais. Terceiro, era necessário devolver cada volume examinado para pegar o próximo. Quarto, ele não nos mostrou o volume das edições de novembro e dezembro de 1961 e do ano de

---

<sup>159</sup> Lembremos que, nas décadas de 1950 e 1960, esse Jornal era identificado como o Jornal da UDN (União Democrática Nacional).

<sup>160</sup> Advogado de Vicente Peralta no processo do assassinato do Juiz de Direito de Mirassol , doutor Jaime Garcia Pereira.

1962 e explicou que estavam emprestados para uma amiga pesquisadora do Rio de Janeiro e ela não havia devolvido. Na época, mesmo decepcionados, por ser esse o período que mais nos interessava, consideramos sua explicação razoável. Hoje consideramos sua atitude com outro sentido.

No “Jornal do Povo”<sup>161</sup> procuramos de insistentemente falar com seu proprietário, na época, o doutor Stênio Congro, que havia sido Promotor Público nos anos cinqüenta e sessenta em Três Lagoas, hoje falecido. Por meio do redator do jornal na época, o senhor Messias, que sempre nos atendia, soubemos que a fotografia de “Camisa de Couro” que tinha sido usada na reportagem do ano de 1996 tinha sido conseguida com a filha do antigo fotógrafo da cidade, senhor Fares Zaguir. Foi ele que nos falou também para que procurássemos dona Zelina, que havia sido muito amiga de “Camisa de Couro”. Assim, ele ficou de me colocar em contato com o doutor Stênio, que, segundo ele, era uma boa pessoa e adorava contar histórias de antigamente. Voltei a procurá-lo dias depois, quando ele me disse que o doutor Stênio não queria me atender porque não sabia nada sobre esse assunto e, por isso, não tinha nada a dizer. Tempos depois dessa nossa tentativa, o doutor Stênio ficou muito doente e faleceu.

Sobre o arquivo do “Jornal do Povo”, o próprio Messias e, mais tarde, o doutor Rosário Congro Neto, filho do doutor Stênio, que assumiu a direção do jornal contou-nos que o “Jornal do Povo” passou para a propriedade da família “Congro” no ano de 1962. Por essa razão somente a partir daquele ano eles poderiam ter alguma coisa, porém, parte de seu antigo arquivo tinha sido doado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Procuramos por esse “Arquivo” na Universidade e realmente está lá. Mas, somente a década de 1970.

Há pouco tempo tomamos conhecimento de que o médico e ex-prefeito da cidade, doutor Darcy da Costa Filho, possui um “Arquivo” das edições do “Jornal do Povo” da década de 1960. Procuramos o Doutor Darcy no Hospital da UNIMED de Três Lagoas, mas, antes, pedimos a uma amiga que trabalha na UNIMED, Marilisa, para nos apresentar para não corrermos o risco de não

---

<sup>161</sup> Lembremos que esse Jornal foi fundado pelo PSD (Partido Social Democrático), por isso, ligado ao Partido.

sermos atendidos. Conversamos com o doutor Darcy, que nos atendeu bem e disse que precisava verificar se ele tinha as edições dos anos que me interessavam. Caso tivesse, eu teria que marcar com sua esposa um horário para que ela me recebesse em sua casa para que eu pudesse realizar a consulta. Fiquei de enviar um e-mail para confirmar e marcar uma data para realizar a consulta. Mandei vários e-mails e até hoje não obtive resposta. Como esse fato ocorreu há pouco tempo e, não poderia ficar aguardando sem previsão de resposta, a imprensa local neste trabalho foi pouco contemplada.

## **ARQUIVO CRIMINAL**

Voltemos aos ofícios. No Fórum o Juiz Diretor, doutor Paulo César de Figueiredo, deferiu o pedido permitindo nossa pesquisa no “Arquivo Criminal”, no entanto, não nos autorizou dar carga dos processos, ou seja, não poderíamos retirá-lo do “Arquivo”, o que a nosso ver, é compreensível. Nossa intenção em relação ao “Arquivo Criminal” era conseguir os processos crimes sobre as mortes de “Camisa de Couro” e de “João Cachimbo” e, se possível, levantar todos os processos-crimes de assassinatos ocorridos no período de 1959 a 1962.

Com a autorização dada nos dirigimos ao prédio do “Arquivo”, que é anexo ao Fórum, e conversamos com o funcionário responsável na época, o senhor Edno. A primeira coisa que ele fez foi nos mostrar a desordem em que se encontrava o “Arquivo”. Naquele momento até entendemos sua argumentação, o prédio do “Arquivo” era recém-construído e eles ainda não tinham arrumado. Diante dessa situação, o senhor Edno nos pediu que esperássemos uns quinze dias para que ele nos recebesse. Atendemos ao seu pedido, só que a espera levou-nos meses e mais meses. De tanto insistirmos, o senhor Edno conseguiu localizar um processo crime de um assassinato em que “Camisa de Couro” era indiciado como réu. Tirei cópia e devolvi. Depois disso não obtive mais sucesso.

Fizemos outras tentativas, mas o responsável pelo “Arquivo” não era mais o senhor Edno, e o novo funcionário não se mostrou nem um pouco interessado em nos atender. Nesse meio tempo o prédio do Fórum passou por várias reformas e novas construções. Aliado a isso transferências de juízes e

períodos de férias forenses contribuíram para que não tivéssemos êxito em nossas tentativas. Nossa intenção em fazer esses comentários é alertar pesquisadores sobre os problemas que enfrentamos ao nos depararmos com a burocracia, com a desorganização e com todo o tipo de dificuldade de acesso à documentação do período e, também, com a má vontade de alguns funcionários públicos em auxiliar os pesquisadores na busca por fontes e materiais de pesquisa. Como sabemos é trabalhoso e, infelizmente, nos pequenos centros, as pessoas nem sempre se dão conta da importância de um trabalho como esse. Como nosso tempo para esta pesquisa é limitado<sup>162</sup>, não nos foi possível continuar insistindo com as pessoas do “Arquivo Criminal”.

## **ARQUIVO POLICIAL**

Nosso acesso à Delegacia foi mais complicado ainda. Durante nossa busca por fontes geradas no âmbito do departamento policial da cidade, não obtivemos êxito em seu arquivo, pois, em todas as nossas tentativas o acesso nos foi negado sob alegação de não existir documentação referente a esse período. O motivo dado para o possível desvio desses arquivos seria o fato de Três Lagoas, na época, pertencer ao Estado de Mato Grosso, e o poder centralizador do Estado, na época, concentrava-se na cidade de Cuiabá. Cabe-nos lembrar que não foram poucas as pessoas que se ampararam nesse argumento, ou seja, que culparam a posterior divisão do Estado, ocorrida no ano de 1977, como a principal causa do “desvio” ou da “perda” de seus arquivos. Deparamo-nos com essa explicação não só na delegacia de polícia como em outros órgãos e departamentos públicos no decorrer de nossa investigação.<sup>163</sup>

Depois de várias tentativas sem sucesso, pedi a interferência de um amigo ex-Promotor Público, doutor Adão Levorato, para ver se ele conseguia algum dado novo que me auxiliasse na busca da documentação desse período.

---

<sup>162</sup> Nossa pesquisa está sendo financiada pela CAPES e nosso prazo para conclusão é de 24 meses, o que impossibilitou tempo hábil para insistir com o Arquivo Criminal do Fórum de Três Lagoas.

<sup>163</sup> O Departamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que é mantido na cidade, também alegou esse problema. Muito tempo depois conseguimos a cópia de um mapa da cidade do ano de 1960 e, através do IBGE de Campo Grande, conseguimos cópia da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros publicada no ano de 1958.

O delegado, doutor Giacomelli informou-lhe que a Delegacia só havia passado para o Município no ano de 1984, o que certamente dificultava a busca.

Essa dificuldade, porém, ao mesmo tempo, instigou-nos a prosseguir com nossos questionamentos. Esta postura de não envolvimento das autoridades e dos servidores públicos responsáveis pela guarda desses “Arquivos” vem acentuar nossas dúvidas sobre as ações praticadas pelo poder local e regional no passado. Essas atitudes nos deram margem para questionar comportamentos e ações também no presente.

## **ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL**

Na Câmara entregamos o pedido e ficamos aguardando a autorização. Esperamos, fomos lá várias vezes, até que um dia, após insistirmos muito e perceberem que nosso interesse era voltado às Atas antigas, autorizaram sem restrições. Pareceu-nos que havia receio de que nosso interesse fosse pelas Atas das Administrações mais recentes. Depois desse episódio, tivemos livre acesso ao “Arquivo Antigo” e a colaboração de uma antiga funcionária da Câmara, Sueli, que nos auxiliou todo o tempo.

## **ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL**

O ofício que enviamos ao prefeito de Três Lagoas na época, doutor Issam Fares, foi recebido pelo professor de História da Universidade Federal, Germano Molinari, que era seu assessor. O professor nos avisou que o “Arquivo” da Prefeitura era muito desorganizado, e que se eu lhe passasse alguns dados, ele pediria a alguém para localizar os documentos. Com os dados que lhe passei não conseguiram localizar nada. Posteriormente, com novas informações, conseguimos localizar, em nome de Horacio Nogueira Barbosa, os documentos que procurávamos. Nesse momento, nossa busca começava a ter sentido. Já na gestão atual, foi por meio da Secretaria da Cultura que tivemos acesso a toda a documentação que solicitamos.

## ARQUIVOS DE TRÊS LAGOAS

*“Então eu lembrei sobre o ‘Camisa de Couro’, né! E geralmente quando a gente se encontra em amigos assim, em reuniões tal a gente começa a falar sobre alguns assuntos sobre o ‘Camisa’, né! E aquilo foi interessando e eu falei: Vou escrever sobre o ‘Camisa’. E andei anotando algumas coisinhas, sabe? Só que ainda tenho muita coisa a pesquisar porque sobre o ‘Camisa’ a gente sabe muito sobre a história, né? Mas nada de real que a gente tenha em documento.”*  
*(Relato do senhor José Luiz)*

Uma coisa foi positiva em nossa experiência com os “Arquivos” de Três Lagoas. Nas tentativas que fizemos, somente em dois casos tivemos realmente acesso aos documentos, pudemos observá-los, manuseá-los, contrapô-los e analisá-los em seu conjunto. Nos outros casos, os documentos solicitados nos foram dados, às vezes, já xerocados o que impossibilitava experimentar o sentimento de descoberta das entrelinhas que todo documento contém e que o pesquisador é ávido por encontrar.

Em muitas ocasiões, ao chegarmos a alguns lugares, percebíamos que nós pesquisadores éramos vistos como aqueles “chatos” que nos fazem mexer em coisas “velhas” e “empoeiradas” que não servem para nada. Pesquisar, buscar, procurar, comparar dá trabalho. E muito trabalho.

Foi assim que passamos a compreender melhor a “sabedoria e os ditos populares” quando se referem à palavra “Arquivo”. Em muitas dessas situações por nós enfrentadas, ouvimos: - São aqueles papéis que estão lá no “Arquivo Morto”. E, às vezes, escutamos também: - Isso tudo aí foi “Queima de Arquivo”. O que nos levou a compreender que o “Arquivo”, assim como o “Passado”, é vivo, ativo e incomoda. Nesse caso, é bem mais cômodo para algumas pessoas considerá-lo morto e, quando pulsante e revelador, queimá-lo.

Todas essas ocorrências me revelaram que “Camisa de Couro” assim como o período de 1959 a 1962 ainda são assuntos proibidos em Três Lagoas. Compreendemos que a dificuldade da pesquisa não é à toa, ela é indício de que alguma coisa ainda incomoda e não vale mais a pena lembrar. Três Lagoas não é mais isso, ou melhor, como querem alguns, ela nunca foi.

## O CASO DAS FOTOS

*"As fotos que eu tenho, eu tinha, mas foi ele que me deu o próprio 'Camisa de Couro'. Então, na hora assim, eu falava: Oh, 'Camisa' não esquece de mim não, revela uma pra mim. Aí ele revelava uma pra mim e uma pro Onofre, quando nós tirava." (Relato do senhor Ibraim)*

Falemos das fotos. Conseguir uma foto ou as fotos de “Camisa de Couro” também não foi fácil. A primeira vez que vimos uma foto de “Camisa de Couro” foi na reportagem publicada no “Jornal do Povo”, em 1996, que ilustrava a reportagem. Nessa foto ele estava sentado de lado, de forma bem natural, vestindo um paletó claro, aberto, que deixava à mostra sua guaiaca e seu revólver, e sua mão direita se amparava displicemente no cano da arma. Sem dúvida um rapaz bonito, forte e bem-arrumado.

Um dos primeiros passos de nossa pesquisa foi buscar uma cópia dessa foto, o que nos parecia ser fácil. Afinal, o Jornal da cidade recentemente a havia publicado em uma de suas matérias. A nosso ver, não teríamos dificuldade nenhuma em consegui-la. Todavia, não foi bem isso o que aconteceu. Procurei exaustivamente e nada. Foi por meio das entrevistas e do contato com as pessoas que cheguei a ela.

A primeira foto que consegui de “Camisa de Couro” foi tirada em cima de um sofá, presa a um pedaço de madeira, e me foi enviada pelo senhor Elias, que não quis se identificar nem me conhecer pessoalmente. Em seguida, durante a entrevista com a dona Áurea, ficamos sabendo das fotos de “Camisa de Couro” que foram vendidas na época pelo Foto Zaguir, e de um pôster dessa foto, que ficava exposto em uma das paredes do estabelecimento.

Depois, o senhor Paraná nos mostrou a sua cópia quase no final da entrevista. E foi ele o primeiro a nos contar o caso da interdição das fotos de “Camisa de Couro”, que eram vendidas pelo Foto Zaguir na ocasião de sua morte.

Logo, tentamos localizar uma cópia dessa fotografia com a filha do fotógrafo Fares Zaguir, que nos informou que quem poderia tê-la seriam seus

tios, Amélia e Jamil. Procuramos dona Amélia e o senhor Jamil, que aceitaram nos conceder uma entrevista, só que avisaram que fotos eles não tinham, porque a polícia tinha apreendido tudo. Fizemos as entrevistas, em que nos contaram o que ocorreu naquela época. Disseram que muitas fotos foram vendidas e que, tempos depois, a polícia proibiu as vendas. Perguntamos se a foto tinha sido tirada pelo senhor Fares e em quais circunstâncias. Acrescentaram que não havia sido o senhor Fares que tinha tirado a fotografia e, sim, a foto havia sido mandada para o senhor Fares fazer cópia para revender e, em suas palavras, eles revenderam muitas.

Dias depois, quando fui levar a transcrição e a autorização das entrevistas para eles assinarem, quando já estava quase saindo, o senhor Jamil me chamou e me mostrou duas fotos. Uma era a cópia do jornal e a outra era uma foto dele sentado em um bar numa roda de amigos. O intrigante é que nessa foto do bar ele está com a mesma roupa e na mesma posição da foto em que ele está sozinho. Ele me emprestou as fotografias para tirarmos cópia. Depois, ao analisarmos detalhadamente essa foto, vimos que a fotografia em que ele está sozinho foi montada a partir da fotografia em que ele está sentado no bar com amigos. Na verdade as outras pessoas que estavam com ele foram cortadas da foto.

Em outras ocasiões também vivenciamos situações parecidas. No decorrer das entrevistas, quando perguntávamos aos nossos depoentes se possuíam alguma fotografia de “Camisa de Couro” eles respondiam contando a ação de busca e apreensão realizada pela polícia no Foto Zagueir. Entretanto, ao longo de nossas conversas, muitas dessas pessoas mudaram seu comportamento e, num dado momento, revelaram possuir essas fotos proibidas e até nos emprestaram para tirarmos cópias.

Foi assim que conseguimos a foto publicada no *Jornal do Povo*, na *Revista Visão* e no jornal *Diário da Noite*, a foto original de “Camisa de Couro” sentado no bar Esporte com amigos, uma foto de seu jipe, uma outra foto dele em Três Lagoas, portando uma arma na cintura e rodeado de amigos e de crianças, como também a foto da foto.

A foto do jipe foi tirada pelo falecido mecânico, senhor Dorival Floriano, e nos foi doada por sua filha Vera. A foto dele com amigos e crianças nos foi enviada por um sobrinho dele de Sergipe. As outras fotos conseguimos com os

nossos entrevistados. E dois relatos de nossos depoentes foram muito significativos, o do senhor Ibraim, que foi amigo de farra de “Camisa de Couro” e aparece em duas das fotos que conseguimos, e o da Dona Zelina, que foi muito amiga de “Camisa de Couro”.

O senhor Ibraim, que, segundo sua família, foi muito boêmio e teve problemas com a bebida conta-nos o que aconteceu com suas fotos:

*“Eu tinha várias fotos com o “Camisa de Couro”, mas elas sumiram. Acredito que foram roubadas. Só sobrou uma que eu estou com a amante dele no Bar da Zona do Meretrício a Iracema dos Santos. Essa amante o “Camisa” trouxe da Zona de Anápolis pra Zona daqui.”*<sup>164</sup>

E quando lhe perguntamos como ele tinha conseguido essas, fotos ele nos explicou que: *“As fotos que eu tenho, eu tinha, mas foi ele que me deu o próprio “Camisa de Couro”. Então na hora assim eu falava: Oh, “Camisa” não esquece de mim não, revela uma pra mim. Aí ele revelava uma pra mim e uma pro Onofre quando nós tirava.”*<sup>165</sup>

De acordo com uma sobrinha do senhor Ibraim ele realmente possuía algumas fotos, porém, várias vezes ele teve seus pertences pessoais roubados enquanto bebia. Essa sobrinha acredita que essas fotos provavelmente foram roubadas em alguma dessas vezes.

A Dona Zelina também nos explica o que aconteceu com sua foto,

*“Eu tive uma foto, me roubaram. A que eu estava com ela era uma foto que ele estava de manga de camisa. Uma camisa xadrezinha, um xadrez miudinho, a camisa solta do lado de fora, ele estava com a guaiaca cheia de bala, o “parabelo” e o “trinta e oito”, né! Mas ele estava de manga de camisa sentado. Eu peguei essa foto lá no Zaguir, não foi ele que me deu não. Eu fui no Zaguir um dia e o Zaguir me conhecia muito e eu falei: - Oh, Zaguir me dá essa foto do Antonio! Ele falou: - O que você vai fazer com ela? Eu falei: - Vai ficar de lembrança porque eu o conhecia muito. Ele pegou, me deu essa foto. Ele nem me cobrou, ele me deu essa foto. E me roubaram essa foto. Faz muitos anos que me roubaram essa foto.”*<sup>166</sup>

Esses relatos do Senhor Ibraim e de Dona Zelina se tornam significativos no momento em que se suspeita ou se insinua que suas fotos foram roubadas. Que interesse essas fotos provocariam para serem roubadas? Talvez o mesmo interesse que levou muitas pessoas a comprar fotos semelhantes no Foto Zaguir. Ou até, o mesmo interesse que tiveram as pessoas que proibiram sua comercialização.

Como dissemos no começo dessa reflexão, consideramos que as dificuldades que enfrentamos em relação às fontes escritas e as fotografias, a

---

<sup>164</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 16/1/2006.

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 29/1/2003.

nosso ver, têm um sentido político mais do que qualquer outro. Mesmo que tenhamos enfrentado má vontade por parte de algumas pessoas e mesmo que tenhamos nos deparado com pessoas prepotentes, a interdição no acesso às fontes se torna significativa no momento em que as apreendemos como questões políticas.

Forjar documentos, esconder informações, manter arquivos particulares, dificultar o acesso às fontes, proibir a venda de fotografias, desconhecer a autoria das fotos, ter fotografias roubadas e não querer ter a identidade reveladas são demonstrações de que algumas forças ainda atuam e operam em Três Lagoas. Senão qual seria o motivo de se tentar ocultar esse passado? Foram tantas as dificuldades enfrentadas com os “Arquivos” em Três Lagoas que me matriculei num curso de “Introdução à Política e ao Tratamento dos Arquivos” para tentar aprofundar minha compreensão sobre a situação com que me deparei<sup>167</sup>.

## O PODER DOS HABITANTES

*“No nosso município, na verdade ele era só um esconderijo. Ele vinha aqui porque ele tinha vários amigos, tinha segurança e tal (...).” (Relato do senhor José Luiz)*

De tudo o que falamos até agora pode parecer que a cidade de Três Lagoas era composta por apenas dois grupos sociais, a elite política dominante e um outro grupo social que seria o dominado. A complexidade das relações nos mostra que não há dois blocos hegemônicos que se contrapõem. Um exemplo disso pode ser analisado do ponto de vista do mecanismo das relações sociais vividas por essas pessoas. Para isso partimos da premissa de construir as relações sociais que envolviam o personagem “Camisa de Couro”

---

<sup>167</sup> Fiz o curso no período do 1º semestre de 2007 na PUC/SP – COGEAE. Esse curso é promovido pelo Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) e pelo Departamento e Programa de Estudos Pós-Graduados em História

na cidade de Três Lagoas. Assim, buscamos saber quem eram seus amigos, seus inimigos, protetores e contratantes. Buscamos ainda saber o que faziam e por que se relacionavam. O perfil de nossos depoentes nos ajudou a construir, em parte, essas relações, no entanto, suas falas deixaram transparecer uma multiplicidade de outras pessoas que também se relacionavam com “Camisa de Couro” e entre si.

No âmbito das relações afetivas, entre os nossos depoentes estão dona Áurea viúva do senhor Alberto “Armeiro”, dono da oficina de armas, que algumas vezes o hospedava em sua casa e que ele costumava chamar de madrinha; dona Zelina, uma ex-prostituta, que hoje cuida de um orfanato e que foi muito amiga dele; dona Minda, viúva do mecânico Dorival Floriano, que era seu amigo e cuja casa freqüentava; senhor Ibraim, padeiro aposentado, amigo de farra dele; senhor José, primo de segundo grau de “Camisa de Couro”, aposentado por invalidez; senhor José Luiz, mecânico e piloto, que era menino na época e o admirava.

No âmbito dos desafetos estão senhor Paraná, que foi amigo de “Camisa de Couro” e depois se tornou inimigo, ex-militar, hoje aposentado pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas; senhor Argeo, fazendeiro e pecuarista que foi ameaçado por “Camisa de Couro”, teve um primo assassinado por ele e que também presenciou a morte de “João Cachimbo”; senhor Carlos, fazendeiro e pecuarista, teve muitos amigos ameaçados por “Camisa de Couro” e assistiu a sua morte.

No âmbito dos conhecidos estão dona Amélia e o senhor Jamil dois irmãos comerciantes de ascendência árabe, que continuam no comércio e que o conheciam; senhor Amado, pedreiro aposentado, que possuía amigos em comum e freqüentava os mesmos lugares que “Camisa de Couro”; doutor Juca, Promotor Público e Juiz de Direito aposentado, que atuou em toda a região naquela época.

Todas essas pessoas têm em comum o fato de terem vivido em Três Lagoas entre os anos de 1959 a 1962 e terem conhecido “Camisa de Couro”. Elas nos contaram como o conheceram,

Dona Áurea<sup>168</sup>, viúva do Senhor Alberto “Armeiro”, recorda-se: “Ele chegou aqui nós tínhamos um estabelecimento e ele foi lá. Meu marido tinha oficina. Chegou lá, entrou conversando e ele usava uma camisa de couro mesmo.(...) E foi aonde eu conheci ele. E a gente pegou muita amizade porque ele tratava todo mundo muito bem.”<sup>169</sup>

Chegamos a dona Áurea por indicação de várias pessoas. Ela e seu marido, acolhiam “Camisa de Couro”, de vez em quando, em sua casa por serem muito amigos.

A amiga de “Camisa de Couro”, dona Zelina,<sup>170</sup> nos conta que, ao chegar a Três Lagoas, em 1944, começou trabalhando em casa de família e, depois, foi trabalhar na “Pensão Dirce”, isso por volta de 1958, quando conheceu Antonio.

“É, trabalhei muitos anos. Antigamente tinha uma pensão, ‘Dirce’ ali na Oscar Guimarães e eu fui trabalhar também lá na pensão. Trabalhei lá muito tempo, a mulher me pagava bem. Eu estava acostumada a trabalhar na roça, né? Então, aí eu trabalhava de madrugada, que eu trabalhava, e eu fiquei muito tempo aí.(...) Naquele tempo eu ganhava dez réis, era muito dinheiro naquele tempo, a gente empregada por dez réis.”

Dona Zelina se recorda de como começou sua amizade com “Camisa de Couro”.

“Daí um dia eu fui num baile aqui no cerrado<sup>171</sup>, no lado de um pistoleiro(...) Aí, em outro baile que eu fui, eu encontrei o Antonio. Encontrei o Antonio e até a minha colega falou: - Você só fica dançando com esses homens bravos. Esses homens é pistoleiro, mata todo mundo. Eu falei: - Mata todo mundo mas não mata eu e eu tô dançando. Aí nós começamos amizade. Aí eu passei a ter amizade com o Antonio, com o Norão<sup>172</sup>, eles me levavam nos bailes...”<sup>173</sup>

Chegamos a dona Zelina por indicação de várias pessoas. Ela é muito conhecida na cidade pelo seu pseudônimo, era prostituta e foi muito amiga do “Camisa de Couro”.

Dona Minda<sup>174</sup> fala sobre a época em que se mudou para Três Lagoas, em 1958.

“Nosso trabalho era outro, era madeireira, mas era bem diferente. Tirava madeira para estrada de ferro, ‘dormentes’ era a especialidade. A Serraria era bem na beira da linha onde entregava dormentes, lá.(...) A gente veio pra cá e já foi trabalhar. Já ia trabalhar pra captura e ficava lá. Essa madeireira montou uma oficina para o meu marido cuidar dos caminhões da firma. Era só estrada de terra, quebrava muito.”<sup>175</sup>

---

<sup>168</sup> Dona de casa e viúva do senhor Alberto “Armeiro”, era chamada de madrinha por “Camisa de Couro”.

<sup>169</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 28/11/2000.

<sup>170</sup> Ex-prostituta muito amiga de “Camisa de Couro”.

<sup>171</sup> Cerrado quer dizer campo, mato ou fazenda.

<sup>172</sup> O Norão foi um pistoleiro que atuou em Três Lagoas em meados da década de 1950.

<sup>173</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 29/1/2003.

<sup>174</sup> Dona Minda é servente de uma escola municipal e viúva do mecânico Dorival Floriano.

<sup>175</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

Quando perguntamos a dona Minda como conheceu “Camisa de Couro”, ela nos relata:

*“A oficina era ali quase em frente ao Moreira<sup>176</sup>, ao lado, ali onde é a casa do Quincas Martins. Então, ali que a gente conheceu. Quando ele ia junto com os caminhões da madeireira para a mata do Alto Sucuriú, ele passava em casa<sup>177</sup>. Ele ia junto com meu marido no caminhão dele. Ele ia, passava e tomava café.”<sup>178</sup>*

Chegamos até dona Minda por causa de uma fotografia do jipe de “Camisa de Couro” tirada pelo seu falecido marido, que era o mecânico dele.

O senhor Ibraim<sup>179</sup> lembra como se tornou amigo de farra de “Camisa de Couro”.

*“Eu conheci o ‘Camisa’ por intermédio de um amigo meu. Aí nós conhecemos e fizemos muita farra juntos e tudo.(...) Foi coincidência, ele era amigo de um tal de Onofre Elias que era amigo meu também. Um dia nós tava na Zona lá, aí chegou ele. Esse é o tal do Camisa, é o Camisa. Aí eu tremi tudo também. Aí o Onofre disse: - Não, ele é gente boa. Aí ele me apresentou e nós fizemos amizade. Viajamos juntos, fomos para Jataí de avião. Ele deve ter ido fazer um cara lá, mas, eu não fiquei sabendo de nada. Ele me deixou no hotel e falou, amanhã cedo eu te pego. Fui mais pra fazer companhia.”<sup>180</sup>*

Ao perguntarmos ao senhor Ibraim sobre quais os lugares que ele freqüentava em Três Lagoas, ele responde,

*“Aqui só tinha a praça naquele tempo. Ele freqüentava o centro mesmo. O Três Lagoas Clube não, os bailes não. Touradas tinha, corridas de cavalo. Corridas de cavalo todo homem casado de Três Lagoas tinha cancha lá. Eu não saía de lá. Ele o Zé Bernardino ele era pistoleiro também.”<sup>181</sup>*

Chegamos ao senhor Ibraim por indicação de seu próprio irmão, o senhor Mamede, por ele ter sido muito amigo e companheiro de farra de “Camisa de Couro”.

O senhor José<sup>182</sup>, primo de segundo grau de “Camisa de Couro”, nos conta como ele veio de Sergipe.

*“Aí ele veio meio escondido lá do nordeste, veio de carona com uma família, né? Aí ficou pro aqui, pro Araçatuba, foi naquela...foi no tempo das eleições do Plácido Rocha e, e aí já ele, ouviu falando de se, que se queria que matasse alguém na eleição. Aí ele se prontificou a matá...Ele veio aqui de...quando ele veio de Sergipe. Ele veio e ficou aqui até os vinte sete anos. Foi na época que ele morreu, né? E nunca deu o endereço, ninguém nunca sabia pra onde é que ele tava. E ele que veio descobri meu pai aqui(...).”<sup>183</sup>*

---

<sup>176</sup> Um dos maiores supermercados que Três Lagoas já teve.

<sup>177</sup> Eles iam para a mata do alto Sucuriú retirar madeira para a fabricação de dormentes.

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> O senhor Ibraim era padeiro e foi amigo de farra de “Camisa de Couro”.

<sup>180</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 16/1/2006

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Primo de segundo grau de “Camisa de Couro”, por meio dele chegamos ao seu local de nascimento.

<sup>183</sup> Entrevista coletada no Município de Castilho, SP, em 5/12/ 2002.

Quando lhe perguntamos qual a relação de “Camisa de Couro” com o seu pai, ele explica: “Às vezes, de vez em quando, ele vinha aqui em Castilho, né? Mas, era muito difícil também, ele não era cara de andar dando sopa não(...) Ele andava meio ligeiro, andava meio corrido, ele não parava num canto.”<sup>184</sup>

Chegamos ao senhor José por intermédio de uma amiga da Universidade, Silvia, que o conhecia da cidade de Castilho.

O senhor José Luiz<sup>185</sup> nos conta como conheceu “Camisa de Couro”,

“A gente quando criança conheceu ele, por várias vezes ele passava em frente de minha casa e ele se tornou um mito da história da valentia na região.(...) Eu conheci ele como uma pessoa de bem. Depois que ele morreu é que apareceu os crimes e as histórias, né! Mas, enquanto vivo, nego temia ele por ele ser um encomendador de morte. Mas ninguém viu ele matar ninguém aqui em Três Lagoas. Ele fez crimes lá fora e então, ele pegou aquela fama, né!”<sup>186</sup>

Assim o senhor José Luiz lembra-se por que “Camisa de Couro” veio para a região.

“Um amigo meu piloto me contou que o ‘Camisa de Couro’ veio da região de Paranavaí, da fazenda do Remo Massi<sup>187</sup>, no estado do Paraná. O Remo Massi, por ter adquirido uma gleba de terra aqui na região de Costa Rica, resolveu trazer a família de ‘Camisa de Couro’ então pra fazenda em Costa Rica e eles vieram.”<sup>188</sup>.

Chegamos ao senhor José Luiz por sugestão de um funcionário da prefeitura que sabia que ele possuía vários documentos e fotos porque ele estava escrevendo um livro sobre “Camisa de Couro”.

O senhor Paraná<sup>189</sup> nos conta como conheceu “Camisa de Couro”. “Conheci o Antonio no Paraná e nos reencontramos aqui em Três Lagoas.(...) Ele era uma pessoa bem apessoada e, sem beber, era uma moça.(...) Quando ele bebia se tornava agressivo e bagunceiro”<sup>190</sup>

E acrescenta:

“Rapaz novo, forte, gostava de tratar bem, tinha dinheiro, sempre andava bem trajado e, com isso, conquistava mulher fácil. Ele não só cobiçava as mulheres como as conquistava. Teve uma mulher na Zona de Meretrício que ficou conhecida com ‘Maria Camisa de Couro’ e que chegou a ter um filho dele. Mas a criança morreu com uns dois meses de idade.”<sup>191</sup>

---

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Mecânico dono de uma oficina e piloto de avião.

<sup>186</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/11/2006.

<sup>187</sup>O Comendador Remo Massi era um italiano dono de muitas terras na região, por isso, uma pessoa muito influente na época. Algumas vezes o seu nome foi citado pelos depoentes, relacionado aos impostos a serem pagos para ele na região de Costa Rica. Hoje, em Três Lagoas, o Hospital Particular mantido pela Unimed tem o seu nome.

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> Ex-militar tornou-se inimigo de “Camisa de Couro”.

<sup>190</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 04/12/2000

<sup>191</sup> Idem

Chegamos até o senhor Paraná por meio do senhor Elias<sup>192</sup>, que nos indicou que senhor Paraná tinha sido amigo de "Camisa de Couro" e era possuidor de uma foto dele.

O Senhor Argeo<sup>193</sup> se lembra muito bem de como conheceu "Camisa de Couro".

*"Eu tenho uma irmã que, inclusive, ela está viva (...) e na época ela largou do marido. O marido queria matar ela, batia nela. (...) Aí ela deu um jeito de desquitar, largar. Mas como ele era muito mau, o marido dela arrumou esse 'Camisa de Couro' para não deixar ninguém tirar o gado dela de lá. Porque tinha que repartir, né? Eu tava com o meu irmão Joel e tava o Silvio Macena, o peão, aí nós pegamos esse gado tamo apartando. Antes de fechar o gado, ele arrancou do revólver lá dentro da casa o 'Camisa de Couro' e veio ligeiro de lá e falou pro meu irmão assim: - Eu comprei esse revólver por sessenta contos pra matar o João do Pito e matei!"<sup>194</sup>*

E, ainda, recordando essa passagem o senhor Argeo completa.

*"Oh! O homem tinha me esquecido. Ele deu esse jipe para o 'Camisa de Couro' meu cunhado, o Osório Vida. Deu o jipe e vinte mil para ele ir lá na fazenda pra me matar, bater uma surra boa no Joel meu irmão que estava lá e pegar a Maurides e trazer para o Osório Vida. Só que não chegou essa época, ele morreu aí."*<sup>195</sup>

E finaliza explicando como viviam: "*Naquela época a gente trabalhava muito na fazenda a gente tava baseado lá.*"<sup>196</sup>

O senhor Argeo nos foi indicado por ter tido várias passagens com "Camisa de Couro". Uma ocasião foi ameaçado por ele a mando de seu ex-cunhado, em outra ocasião assistiu ao assassinato do João Cachimbo no bar Aviação, e, em outra, seu primo "Diguinho" foi assassinado por "Camisa de Couro".

Já o senhor Carlos<sup>197</sup>, ao falar sobre o "Camisa de Couro", lembra-se de que:

*"Mas, o 'Camisa de Couro', de início, ele não se mostrava, ele ficava acoitado em casas de amigos dele, de pessoas que ou deviam favores a ele ou, temerosos dele, aceitavam hospedá-lo. Com o passar dos anos, ele foi avançando e começou a hospedar-se no Hotel Modelo, começou a freqüentar os bares que a sociedade de Três Lagoas freqüentava e, por algumas vezes, ele chegava a sentar-se na cadeira de uma mesa onde familiares não levantavam. Não iam embora, temendo a reação dele. Isso aconteceu no Bar Esporte, no Bar Ponto Azul, no Bar Marabá e no reduto melhor freqüentado pela sociedade de Três Lagoas no*

---

<sup>192</sup> O senhor Elias foi um caso curioso. Ele nos foi indicado por um amigo da faculdade que o conhecia. Ele nunca se apresentou pessoalmente, somente nos falamos por telefone e por intermédio desse amigo que levava e trazia recados. Ele me indicou várias pessoas e, um dia, me mandou uma foto da foto de "Camisa de Couro". Depois desse dia, sumiu e não tive mais como procurá-lo. Nem esse amigo em comum quis se envolver.

<sup>193</sup> Fazendeiro e pecuarista.

<sup>194</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 19/12/2005.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Idem.

<sup>197</sup> Fazendeiro e pecuarista, pertence a uma antiga e influente família da região.

*Bar Cinelândia. Esses bares todos eram na rua Paranaíba, nas proximidades do Cine Santa Helena*<sup>198</sup>.

O senhor Carlos, várias vezes em seu depoimento, recorda-se de alguns lugares que eram muito freqüentados na cidade pela população. O campo de aviação era um deles. “*Na época, Três Lagoas tinha uma quantidade muito grande de táxi aéreo, porque nós não tínhamos estradas. Todas as fazendas tinham campo de pouso.*”<sup>199</sup>

Chegamos ao senhor Carlos por ele ter presenciado muitas cenas de “Camisa de Couro” na cidade, por ter tido vários amigos ameaçados por “Camisa de Couro” e por ele ter assistido ao seu assassinato junto com o falecido doutor Munir e por ter ajudado a socorrê-lo.

Os irmãos comerciantes dona Amélia Zaguir e o senhor Jamil Zaguir, descendentes de árabes e irmãos do falecido fotógrafo Fares Zaguir<sup>200</sup> nos contam: “*Eu tenho 80 anos aqui, meu irmão tem 72, o outro fez 82. Somos todos nascidos e criados aqui. Trabalhamos no começo de Três Lagoas e no comércio. Meu pai mora aqui desde 1913 foi o fundador.*”<sup>201</sup>

Assim, eles relatam como conheceram “Camisa de Couro”.

“(... ) Quando ele vinha no alfaiate que era justamente aqui na nossa loja, aqui no nosso prédio, ele não ficava de costas para rua, e ele só ficava de frente de medo de ser atingido por alguém. Sabe? O alfaiate dele chamava Azevedo. Fazia as roupas dele. Experimentava tudo, ele olhando para a rua. Ele não virava as costas. Isso nós sabemos certinho.”<sup>202</sup>

Chegamos até a família Zaguir em razão da fotografia de “Camisa de Couro” que ilustrava a reportagem do Jornal do Povo, de 1996. O senhor Fares Zaguir, já falecido, foi o primeiro fotógrafo profissional de Três Lagoas.

Quando perguntamos ao senhor Amado<sup>203</sup> se ele havia conhecido “Camisa de Couro” pessoalmente, ele disse: “*Conheci, só que nunca tive papo com ele, e conheci assim. Mas, nunca tive um diálogo com ele que, além da fama e das histórias, eu tinha medo de puxar conversa e ele interpretar mal. Eu assisti muito crime aqui.*”<sup>204</sup>

O senhor Amado comenta sobre algumas pessoas que devem ter muita coisa para contar dessa época e de “Camisa de Couro”.

---

<sup>198</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.  
<sup>199</sup> Idem.

<sup>200</sup> Antigos comerciantes de Três Lagoas, foram proprietários do primeiro bar, da primeira loja, do primeiro Barateiro e do primeiro foto da cidade.

<sup>201</sup> Entrevistas coletadas no Município de Três Lagoas em 3/2/2003.

<sup>202</sup> Idem.

<sup>203</sup> O senhor Amado é pedreiro aposentado e, na época da entrevista, era churrasqueiro do Lions Clube de Três Lagoas.

<sup>204</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 6/11/2002

*“Então o Vitorino, o Nestor, a Didi também devem ter muita coisa para contar, os da farmácia “Odeon”. Muita gente morreu de cinqüenta anos pra cá.(...) O pessoal do comércio da Casa Síria, Casa Modelo, Casa Peres... A família Abdalla eram uns oito ou nove irmãos no comércio. A família Guerra, o Armando, o Antonio(...) O Azevedo do estacionamento que era da Alfaiataria Elegante(...).”<sup>205</sup>*

E o senhor Amado além de citar vários nomes de estabelecimentos comerciais, fala da forte influência dos estrangeiros no comércio da cidade, e nos conta que, “(...) aqui, naquele tempo, tinha poucos médicos. O dr. Munir, dr. Ramalho, o dr. Neif, o dr. Carriço e o dr. Orestes.”<sup>206</sup>

O senhor Amado nos foi indicado por várias pessoas, por sempre estar contando sobre esse período e sobre “Camisa de Couro”.

O doutor Juca<sup>207</sup>, ao falar dos lugares em que exerceu o cargo de Juiz de Direito, recorda que: *“Mas, de Três Lagoas até Paranaíba, até Cassilândia, que depois eu fui Juiz, tudo isso aí estava também sob a influência do crime, que se dizia de ‘Camisa de Couro’. Que eu o conheci pessoalmente, por forças das circunstâncias, com o nome de Antonio Araújo.”*<sup>208</sup>

Para o doutor Juca, “Camisa de Couro” começou a pegar nome por determinados atos de bravura que ele estava fazendo e, também, “(...) por interesse de grupos dizia-se que ele era muito bravo, que ele era matador, que ele era assassino em tal lugar, que ele era nordestino, que ele era isso, que ele era aquilo.”<sup>209</sup>

Chegamos ao doutor Juca por indicação de várias pessoas que sugeriram seu nome por ser ele uma autoridade na época e, também, por ele gostar de contar histórias sobre esse período.

Muito embora boa parte da população de Três Lagoas fosse ligada à pecuária, o comércio e à prestação de serviços também agregava uma grande parte desses sujeitos. De acordo com a fala do Senhor José Luiz, *“A região era uma região de gente trabalhadora, né!”*<sup>210</sup>

Como apreendemos em nossas fontes havia uma pluralidade de pessoas que se relacionavam com “Camisa de Couro” em Três Lagoas. Para citarmos apenas os que foram mencionados nas falas destacadas acima, são eles: comerciantes, fotógrafos, alfaiates, donas de casa, madeireiros,

---

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Idem.

<sup>207</sup> Promotor Público e Juiz de Direito da época, atuou em várias cidades da região, pertence a uma antiga e influente família da região.

<sup>208</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/11/2006.

mecânicos, armeiros<sup>211</sup>, condutores de gôndolas (balsas), prostitutas, militares, aviadores, padeiros, pistoleiros, beberrões, apostadores, políticos, valentões, autoridades judiciais, coronéis, contrabandistas, matadores, mandantes, empreiteiros, migrantes (nordestino), fazendeiros, pedreiros, farmacêuticos, imigrantes (Casas Síria, Peres, Abdalla), policiais, médicos, empregadas domésticas, peões de fazenda, contratantes de pistoleiros, charreteiros, carroceiros, taxistas, barbeiros, campeiros<sup>212</sup>, colchoeiros<sup>213</sup>. Devemos concordar que uma pluralidade de pessoas compunha essa sociedade e compartilhavam muitas experiências sociais vividas.

Da mesma forma, surgem em suas falas locais e espaços da cidade que eles também compartilhavam entre si e com “Camisa de Couro”. Entre eles, primeiro destacamos: o centro comercial, a beira da linha, a estrada de terra, a mata do Alto Sucuriú, o rio Paraná, o cerrado, as fazendas. Vimos aparecer também em seus depoimentos a praça, o centro, o Campo de Aviação, o Três Lagoas Clube, a Alfaiataria Elegante, a Oficina de armas do Senhor Alberto “Armeiro”, o Hotel Modelo, o cine Santa Helena, a Barbearia do Sebastião Barbeiro, a Pensão da Dona Geralda, a Pensão Dirce, a Casa da Baianinha, a Casa da Diná, os bares da rua Paranaíba e, entre eles, o Bar Esporte, Bar Ponto Azul, Bar Marabá, Bar Cinelândia e o Bar da Aviação. Outros locais que foram mencionados foram as touradas, as corridas de cavalo, a estação ferroviária, a lagoa maior e os bailes do cerrado.

Todavia, de todos esses lugares, um em especial se destacou, a Zona de Meretrício.

Dona Minda assim nos conta: “A Zona de Meretrício era separada, nem a gente passava lá. A gente ainda passava de caminhão, mas, a pé não. Era bem separada mesmo. Depois tirou né, de lá da avenida e foi lá para cima. Era bem separada. Ainda é. Acho que ainda tem alguma casa né? Eu não sei.”<sup>214</sup>

Mesmo considerando a Zona de Meretrício um local separado da cidade e, ao mesmo tempo, proibido ela revela: “Eu conheci a Baianinha, a Terezona que foi assassinada também. Não sei quem assassinou aquela mulher, ela era muito bonita. Porque

---

<sup>211</sup> Mecânicos de armas de fogo.

<sup>212</sup> Trabalhador do campo.

<sup>213</sup> Fazia e trabalhava com colchões.

<sup>214</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

*eu fazia doce e elas encomendavam doce pra mim. O charreteiro ia lá, encomendava e entregava.*<sup>215</sup>

O senhor Amado nos explica onde a Zona de Meretrício se localizava.  
*“Era ali na rua Capitão Olintho Mancini, na Barão do Rio Branco e na Filinto Muller. Eram várias casas pegas aquele quarteirão (...) até a beira da lagoa.”*<sup>216</sup>

O doutor Juca, em certa altura de sua fala, também se recorda. “(...) Nós tínhamos a Zona de Meretrício aqui em Três Lagoas, que era na lagoa, na beira da lagoa. E tudo ali era Zona de Meretrício.”<sup>217</sup>

Dona Zelina se lembra da época que deixou a Pensão Dirce e montou uma casa para ela.

*“Antigamente tinha uma pensão Dirce ali na Oscar Guimarães (...) Trabalhei lá muito tempo a mulher me pagava muito bem. (...) Então aí eu trabalhava de madrugada (...) e eu fiquei muito tempo aí. Aí, depois eu comecei a conhecer muita gente, conhecer muita colega e elas foram me convidando. Elas falavam assim pra mim, isso já foi em 58, aí elas falavam assim, aqui tem uma casa de tábua e fui no Senhor Tuffi. Aí arrumei esse barracãozinho de tábua, só pra mim.”*<sup>218</sup>

Lembrando-se de suas farras com “Camisa de Couro”, o Senhor Ibraim nos conta:

*“Aí ele dispensou as meninas tudo e fomos embora. Aí nós fomos terminar a festa lá na Zona com o jipe dele. (...) Sabe onde é o posto que era do Miguelão? Era lá. Então, ali atrás era tudo Zona. (...) Quando nós se encontrava é que ele vinha aqui no bar tomar cerveja e depois a gente ia pra Zona. (...) E nossa vida sabe o que é que era? Te falando a verdade, era de farra com a mulherzada.”*<sup>219</sup>

O senhor Carlos nos conta que, na época, ainda era solteiro e se lembra de uma passagem:

*“Eu estava sentado no Bar Cinelândia conversando com um amigo e ele falou vamos até a estação para ver se chega “carne nova”. A expressão, eu era solteiro, meu amigo também, a expressão significava a chegada de alguma prostituta nova pra Três Lagoas, que só podia chegar de trem, não havia outro meio de transporte.”*<sup>220</sup>

Para o senhor Paraná, o Antonio não saía da casa da Baianinha, de quem era muito amigo.<sup>221</sup>

Dona Minda, o senhor Amado, doutor Juca, dona Zelina, senhor Ibraim, senhor Paraná, senhor Carlos, dona Áurea todos, sem exceção, fizeram algum comentário sobre a Zona de Meretrício ou sobre as mulheres que lá viviam e

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 6/11/2002.

<sup>217</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2007.

<sup>218</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 29/1/2003.

<sup>219</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 16/1/2006.

<sup>220</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

<sup>221</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/12/2000.

trabalhavam. Assim, compreendemos que a Zona de Meretrício era um lugar ou um espaço social muito freqüentado e muito lembrado pelas pessoas que viveram em Três Lagoas naquela época.

Devemos, portanto, voltar à fala de dona Minda que, a nosso ver, destaca-se das outras falas, por deixar transparecer que havia um conflito de lugares e espaços entre a Zona de Meretrício e a cidade, em suas palavras, a Zona de Meretrício era considerada um lugar “separado” da cidade.

Todavia, a fala de dona Minda se torna representativa, quando nos remete a uma reflexão sobre a possibilidade e existência de uma fronteira simbólica que separava dois mundos ou dois modos de viver que ocupavam o mesmo espaço social. E no caso do depoimento de dona Minda isso fica muito claro, pois ao mesmo tempo em que ela considera a Zona de Meretrício um lugar separado, ela respeita esse limite, não passando lá sozinha e a pé. Deste modo, entendemos que tinha conhecimento dos limites e fronteiras dos espaços da cidade.

No entanto, ela se recorda que, de vez em quando, passava lá de caminhão na companhia do marido. E o curioso em sua fala é que, apesar de todas essas lembranças em relação ao que era permitido ou não em relação à Zona do Meretrício, ela nos conta que conheceu algumas prostitutas e que, por intermédio do charreteiro<sup>222</sup>, elas encomendavam os doces que ela fazia.

Nesse sentido o pesquisador Antonio Arantes, em seu estudo sobre a cidade de São Paulo, observa como se estrutura o espaço social onde essa “guerra” ocorre e, desta forma, o autor indaga qual a natureza dessas fronteiras contraditórias que a um só tempo, separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas e as põem em contato tornando possível um diálogo.<sup>223</sup>

Compreendemos que, em relação à Zona de Meretrício de Três Lagoas, foi construída uma fronteira simbólica que a separava e a excluía dos outros espaços sociais da cidade. No entanto, a força e o vigor com que a Zona de Meretrício é lembrada por essas pessoas a incluem nas práticas sociais

---

<sup>222</sup>Era o condutor de charretes, um dos meios de locomoção muito popular nas cidades do interior. Era um carrinho puxado por um cavalo. Por um período as charretes ficaram associadas como o meio de transporte das prostitutas, popularmente conhecidas como “balaios de puta”.

<sup>223</sup> ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000. p.106.

estabelecidas por essa sociedade. Nesse jogo de inclusão e de exclusão, a fala de dona Minda vai ao encontro das palavras de Arantes, quando observa que,

*“Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam, ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de ‘pertencimento’.”<sup>224</sup>*

Assim, compreendemos que a Zona de Meretrício de Três Lagoas nos anos de 1959 a 1962 foi um lugar onde se estabeleciam diversas relações sociais, palco de muitas experiências vividas e, por isso, é um espaço social constantemente lembrado por essas pessoas. Curiosamente, no lugar onde existia a Zona de Meretrício em Três Lagoas, foi construído o Mercado Municipal, hoje desativado. Cabe-nos lembrar que funcionam no local apenas alguns pontos comerciais como lojas populares e bares. O interessante é que o local continua sendo um dos pontos de prostituição da cidade de Três Lagoas.

Pensar politicamente nessas questões nos fez refletir sobre as palavras de Beatriz Sarlo, quando nos propôs que lançássemos sobre nosso objeto de estudo um “olhar político que atentasse ao menos visível, ao menos audível, em discursos e práticas que escapam pelas fissuras” e que, ao mesmo tempo, faz com que detectemos as “diferenças e as disputas em torno dos processos de privação e de desigualdade a que a cultura popular responde com estratégias alternativas” como, por exemplo, a criação do imaginário.<sup>225</sup>

Desse modo tentamos nos aproximar do personagem “Camisa de Couro” e a criação de uma memória popular de mitos e lendas em torno de figuras de homens considerados fora-da-lei, entre os anos de 1959 a 1962, na cidade de Três Lagoas e, por intermédio deles, tentar compreender quais as relações de poder que envolvem a criação desse imaginário.

---

<sup>224</sup>Idem. p.106.

<sup>225</sup>SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997, p.p. 55-63.

## O PODER DOS COSTUMES

*“Na época, para vir pra cá, tinha que comprar uma arma.” (Relato do senhor Amado)*

Propomo-nos a discutir a cidade de Três Lagoas e seus costumes se tornou para nós, nesse momento, instigante e, ao mesmo tempo, desafiador. Afinal, não podemos nos esquecer de que em nosso papel de pesquisadores somos inclinados a identificar diferenças e investigar tendências que questionam a ordem.

De acordo com E. P. Thompson, em seu trabalho sobre os costumes vigentes na sociedade inglesa do século XVIII, quando explica que, longe de exibir a permanência sugerida pela palavra tradição, o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes<sup>226</sup>, ele nos alerta para que tomemos cuidado com o termo “cultura”, que, com sua inovação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.<sup>227</sup>

Assim, segundo Thompson, devemos considerar que:

*“Cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho.”*<sup>228</sup>

Ao analisarmos suas palavras e ao considerarmos nossas fontes como práticas sociais por meio das quais os sujeitos se formam e se forjam, compreendemos que desfazer esse feixe seria buscar as tensões vividas pelas forças em disputa na cidade de Três Lagoas. Uma cidade que, de certo modo, guarda traços culturais específicos que agem e atuam no cotidiano de seus habitantes.

---

<sup>226</sup>THOMPSON, E. P. *COSTUMES EM COMUM. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.p. 16-17.

<sup>227</sup> Idem, p.17.

<sup>228</sup> Idem, Ibidem . p.22.

Daí a complexidade de uma reflexão que busca apreender as noções de “cultura(s)” como todo modo de vida e campo de disputa na realidade ambígua e contraditória vivida pelos homens em suas experiências de vida.

Nesse sentido, certas práticas sociais e culturais que identificamos entre as pessoas que compunham a população de Três Lagoas no período analisado, nos desafiam nessa compreensão. Desta forma, um dos passos foi compreender de que maneira a sociedade três-lagoense vivia e quais as práticas que essa sociedade adotava ou desenvolvia para reger o seu dia-a-dia, refazendo valores ao mesmo tempo em que contrariava leis e normas estabelecidas.

No termo de audiência do processo-crime movido pela Justiça Pública contra o réu Sauro Teodoro da Silva, que tramitou no Cartório do 3º Ofício da Comarca de Três Lagoas, no dia sete de novembro de 1960, o defensor do réu alega em sua defesa que,

*“(...) quanto ao porte de armas é de se considerar que dadas as condições de insegurança reinantes nesta cidade ultimamente, fato público e notório, há como que uma autorização tácita da autoridade competente (grifo nosso) para que qualquer cidadão assim se previna em sua defesa pessoal dada inclusive a ausência do poder público(...).”<sup>229</sup>*

Como podemos perceber, o ataque ao poder público era aberto e as insinuações de conivência eram explícitas. Em suas palavras, mesmo proibido, o porte de armas era autorizado tacitamente, ou seja, usado e aceito pela população e pelas autoridades competentes. Nesse sentido, indagamos: - Mas quem proibia?

De acordo com a Resolução nº. 42, de 10 de dezembro de 1921, Livro Nº. 1 de Leis e Resoluções, na folha de nº. 50 (frente) constituiu-se o Código de Posturas de Três Lagoas. No Título IV, que trata da “Segurança, Asseio e Commodidades (sic!) Pública” o artigo 159 diz que: “É expressamente proibido: a) fabricar...; b) queimar...; c) dar tiros com coqueiras, espingardas ou qualquer arma de fogo, dentro da cidade ou povoação.”<sup>230</sup>

No mesmo Código de Postura, no Título VII, que trata da “Tranqüilidade, Moral e Ordem Pública”, o artigo 207 diz que: “É proibido atirar com qualquer arma de

---

<sup>229</sup> Livro de Registro de Audiências dos Processos Crimes do Cartório do 3º Ofício da Comarca de Três Lagoas. Termo de Audiência do Processo movido pela Justiça Pública contra o réu Sauro Teodoro da Silva. Fls. 7 (verso) 8 (frente e verso), 7/11/1960.

<sup>230</sup> Código de Postura de Três Lagoas fornecido pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas.

fogo, mesmo as denominadas de salão dentro do perímetro urbano, salvo nos estabelecimentos de tiro ao alvo ou nas linhas de tiro confederadas. Multa: 30\$000<sup>231</sup>.

Na posterior alteração desse Código de Postura, sob a Lei Nº. 22, de 1º de dezembro de 1950, o Título VII passa para Título XIV, e o artigo 207 passa para o artigo 123, no entanto, a redação continua a mesma e somente a multa por sua violação passa para Cr\$100,00.

Pelo que percebemos na fala do senhor José Luiz<sup>232</sup>, não importava se era proibido pelo Código de Postura Municipal portar arma ou andar armado, porque “(...) era hábito usar. Isso não era só em nível de Três Lagoas não. Era em nível de Estado, todo mundo andava armado. Não havia impedimento da polícia para desarmar ninguém. Todo mundo andava armado.”<sup>233</sup>

Para o senhor Carlos<sup>234</sup>.

“Era comum naquela época as pessoas andarem armadas. Cada cidadão tinha o seu revólver registrado ou não pra defesa pessoal. Porque a iluminação era extremamente deficiente. (...) Como as pessoas andavam armadas, um criminoso, um pistoleiro andar armado era absolutamente corriqueiro.”<sup>235</sup>

O senhor Amado<sup>236</sup> se recorda que, quando chegou a Três Lagoas, todo mundo andava armado.

“Todo mundo tinha prazer de andar com o revólver. Até eu, quando eu cheguei aqui, pra ficar aqui, eu fui na fazenda Água Limpa que era do pessoal dos Medeiros, eu tinha um revólver na guaiaca com 42 balas. Não aqui dentro da cidade, mas, quando eu saia pro mato eu levava. Até para se sentir seguro, todo mundo andava armado. Na época, para vir para cá tinha que comprar uma arma.”<sup>237</sup>

Andar armado ou possuir uma arma naquela época, em Três Lagoas, era tão natural que nos surpreendeu a naturalidade com que todos se referiram ao senhor Alberto “Armeiro”, o dono da oficina de armas. Ele e o seu comércio foram citados em todas as entrevistas, o que nos leva a supor que sua oficina era bem popular e muito freqüentada.

A forma natural com que o senhor Argeo<sup>238</sup> nos conta sua última conversa com o piloto João de Freitas, o “João Cachimbo”, antes de ele ser

---

<sup>231</sup> Idem.

<sup>232</sup> Lembremos que o senhor José Luiz é mecânico, dono de uma oficina e piloto de avião.

<sup>233</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/11/2006.

<sup>234</sup> Lembremos que o senhor Carlos é fazendeiro e pecuarista.

<sup>235</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

<sup>236</sup> Lembremos que o senhor Amado é pedreiro aposentado.

<sup>237</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 6/11/2002.

<sup>238</sup> Lembremos que o senhor Argeo era fazendeiro e pecuarista.

assassinado, nos chamou a atenção, também, sobre como a “arma de fogo” fazia parte do cotidiano dessas pessoas.

*“Ele tinha um wolkzinho vermelho e estava parado na porta do bar Aviação. E eu cheguei lá e fui conversando com ele. Coitado, ele tinha um revólver ‘trinta e oito’ preto e um revólver muito bonito, meio maneirinho. Eu tinha um ‘trinta e oito’ também, mas eu ainda chamei ele na troca e ele falou: - Não, Argeo eu não disponho desse revólver. Mas eu tenho ali no carro um ‘trinta e oito’ e um ‘mosquetão’. Mas, eu não me interessei por aquilo porque eu gostei do ‘pretinho maneirinho’. Por outro eu não quero nem ver.”<sup>239</sup>*

Esse diálogo protagonizado pelo senhor Argeo nos traz o universo da cultura como modo de vida e modo de luta. Ela gera práticas sociais, vocabulário e linguagem específicos da realidade vivida por essas pessoas. Por exemplo, nessa narrativa havia uma atividade social que envolvia um comércio ou uma relação de trocas entre esses sujeitos. E, nesse caso, o produto em negociação era uma arma de fogo diferenciada da usual, ou seja, um “pretinho maneirinho”. O Senhor Argeo não era um pistoleiro, era um fazendeiro, mas negociava armas com naturalidade. Seu vocabulário e sua linguagem expressam modos culturais de viver específicos dessas pessoas que também compunham uma sociedade especificamente diferente.

Dona Zelina<sup>240</sup>, ao recordar de seu amigo “Camisa de Couro”, também mostra certa familiaridade com as armas.

*“Andava simples, sempre de manga de camisa, só que ele tinha um ‘parabelo’ e um ‘trinta e oito’ por dentro da camisa e, então, ele andava com a camisa solta assim. Mas, o ‘parabelo’ dele sempre com a guaiaca cheia de bala. E o ‘parabelo’ de um lado e o ‘trinta e oito’ de outro.”<sup>241</sup>*

Nesse caso, dona Zelina mostra desenvoltura e conhecimento em relação às marcas dos revólveres e de seus acessórios.

E o senhor Carlos, ao falar de “Camisa de Couro”, explica que,

*“(...) ele usava uma guaiaca onde tinha um chicote para os dois revólveres. Quando ele estava só com um, ele não usava guaiaca, ele usava o revólver enfiado dentro da roupa.(...) Aí ele não fazia absolutamente questão de esconder a arma, geralmente a arma tava enfiada na calça, mas com o cabo da arma aparecendo.”<sup>242</sup>*

Para dona Minda<sup>243</sup>: *“Ele andava sempre armado e bem armado. E também não ficava mostrando armas, não, na casa da gente.”<sup>244</sup>*

---

<sup>239</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 19/12/2005.

<sup>240</sup> Lembremos que dona Zelina é uma ex-prostituta.

<sup>241</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 29/1/2003.

<sup>242</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

<sup>243</sup> Lembremos que dona Minda era dona de casa.

<sup>244</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

Enquanto para a dona Zelina que vivia na Zona de Meretrício, e para o senhor Carlos, que era jovem e solteiro na época, o comportamento de “Camisa de Couro” com as armas era ostensivo. Já para dona Minda, que era dona de casa, casada com o mecânico que era seu amigo, ele não ficava mostrando as armas, não na casa dela. Percebemos, nos depoimentos que sua conduta podia variar dependendo do local em que estava e das companhias em que se encontrava.

O senhor Paraná é quem nos conta sobre esse comportamento que para ele, podia variar. “(...) Na época se levava a isso, para cada tipo de gente, um jeito de ser. Quando se estivesse no meio de gente civilizada, seria um deles. Quando estivesse no meio de bandidos, que impressionasse.”<sup>245</sup>

Conhecendo um pouco mais sobre essas pessoas e suas práticas socioculturais, destacamos dois comentários feitos por nossos depoentes, que julgamos serem muito importantes. Eles nos mostraram algumas práticas adotadas, que eram muito peculiares e específicas de uma sociedade composta por pessoas que faziam uso de armas de fogo cotidianamente.

O senhor Argeo, ao contar um acontecimento ocorrido com sua cunhada no dia da morte do “João Cachimbo”, no campo de aviação, explica: “Aquelas balas do tiroteio, a bala partiu no meio. Deveria ser daquelas balas que antigamente tinha umas **balas explosivas** (grifo nosso). Pegou no portal e partiu no meio e pegou na costela da Maria Laura e foi parar na veia artéria dela.”<sup>246</sup>

Destacamos dois pontos interessantes nessa fala do senhor Argeo, o primeiro diz respeito ao artefato bélico e o segundo, é esse acontecimento com a cunhada do senhor Argeo não constar em nenhuma fonte oficial, nem na imprensa local à qual tivemos acesso.

O senhor Carlos também cita essas balas, ao contar sobre a morte de “Camisa de Couro”, diz que “(...) essas perfurações do lado esquerdo eram pequeninhas, mas, na saída das balas que na maioria se alojaram no estofamento do jipe do outro lado eram buracos mesmo. É que eram **balas “dum-dum”**(grifo nosso) que iam abrindo por onde passavam.”<sup>247</sup>

Um trecho da reportagem publicada em 14 de dezembro de 1961, pelo jornal vespertino *Diário da Noite*, com o título “Líder dos pistoleiros de Três

---

<sup>245</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 24/12/2000.

<sup>246</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 19/12/2005.

<sup>247</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2003.

*Lagoas está com seus dias contados*”, traz uma informação que reitera os depoimentos sobre o uso de armas que é muito significativa. Conforme a reportagem,

*“Os bandidos ao saírem para uma empreitada fazem-no com cuidado e dispostos a não fracassar. Uma de suas precauções diz respeito a munição que irão usar. Tem preferência pelas balas de enorme calibre. Além disso, tratam de envenenar os projéteis. (...) fazem três orifícios na parte superior da bala, mergulham-na em formicida e depois cobrem-na com uma leve camada de cera (grifo nosso). Assim, o projétil ao ser desfechado esquenta-se, a cera derrete-se e a bala penetra onde penetrar no corpo da vítima causa automaticamente a morte mesmo que não atinja um ponto vital.”<sup>248</sup>*

Em outra reportagem do *Diário da Noite*, publicada no dia 15 de dezembro de 1962 com o título “*Camisa de Couro*: uma legenda criminosa que acabou no sertão”, ao narrar a morte do pistoleiro, fala da possibilidade de “Camisa de Couro” ter sido morto por essas balas envenenadas. Assim explica a reportagem: “(...) os médicos que examinaram o cadáver do bandido fuzilado, constataram um negrume impressionante, causado pelo veneno com que estavam impregnados os projéteis.”<sup>249</sup>

Outro costume dessa sociedade eram os bailes, que podiam ser no “cerrado”<sup>250</sup> ou na cidade. O senhor Argeo é quem se recorda dos bailes de Três Lagoas.

*“De primeiro tinha muito baile aqui em Três Lagoas. Você fazia na sua casa, tirava alvará ou, às vezes, não tirava e eles dançavam, não tinha problema. (...) Eu lembro do Diguinho (...) que era um homem de mau costume. (...) Ele ia numa festa, ele era parente da gente mas ele bebia e não é porque ele ficava bêbado não. Qualquer coisa como se uma moça não dançasse com ele ou qualquer outro motivo ele já dava tiro nas lâmpadas. Porque naquela época era lamparina de querosene e ele atirava naquilo tudo.”<sup>251</sup>*

Observamos, que, além de se recordar dos bailes, o senhor Argeo se recorda também de alguns comportamentos sociais tolerados por essa sociedade, como dar tiros nas lâmpadas, e como o uso da arma de fogo fazia parte do cotidiano dessas pessoas. Era natural e comum ir ao baile armado.

O senhor Ibraim, ao narrar uma de suas farras com “Camisa de Couro” conta-nos que:

*“Era aquela luzinha. Naquele tempo não tinha a CESP ainda e a luz vinha lá de Itapura. Era um vagalume. Era escuro Três Lagoas. E teve uma ocasião que, onde é o Supermercado Santo Antonio, ali ia pra Zona, e ele quebrou seis postes e deixou tudo na escuridão. Por ali tinha uma cerca de arame e umas casas de tábua, ele estourou tudo na bala. Isso eu vi com*

---

<sup>248</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo, *Diário da Noite*, 2ª edição, 14 de dezembro de 1961, p. 8.

<sup>249</sup> Arquivo Público do Estado de São Paulo, *Diário da Noite*, 2ª edição, 15 de dezembro de 1961, p.7.

<sup>250</sup> Cerrado aqui é no sentido de Campo ou Fazenda.

<sup>251</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 19/12/2005.

*meus próprios olhos. Aí eu falei: - O que é isso Antonio? E ele falou: - Essa porcaria não acende mesmo!"<sup>252</sup>*

Também dona Zelina se recorda de ter ido a muitos bailes do cerrado.

*"(...) Daí, um dia fui num baile aqui do cerrado no lado de um pistoleiro, e o povo falava: - Você não tem medo desse povo que mata gente? Eu falava: - Eu não, eu não tenho medo de ninguém, eu nunca matei ninguém. Eles não vão fazer nada pra mim. Aí eu ia pra baile, voltava de baile, ia lá no baile."<sup>253</sup>*

Dentre as práticas analisadas, uma que também podemos destacar em nossas fontes refere-se ao hábito que essa sociedade tinha de pôr apelidos nas pessoas. Esses apelidos se tornavam tão populares que, em muitos casos, o nome e o sobrenome se faziam acompanhar do termo “vulgo”, acrescido do apelido, por exemplo, João de Freitas vulgo “João Cachimbo”; Antonio Carvalho<sup>254</sup> vulgo “Camisa de Couro”, Alcides Silva vulgo “Cabo Maranhense”, João Lino da Silva vulgo “João Carapina”, entre outros que tivemos acesso. Esses exemplos localizamos nos processos, na imprensa, nos livros do cartório criminal como também nos depoimentos.

Esses apelidos podiam se referir ao atributo físico, uma característica da personalidade, a profissão, seu lugar de origem ou qualquer qualidade que se fazia ressaltar. Como, por exemplo, “Alzirão”, o “Jerônimo Sinhá”, o “Sessenta”, o “Alberto Armeiro”, o “Zézé Taxista”, o “Mané Campeiro”, o “Juvenal Colchoeiro”, o “João Sorveteiro”, o “Sebastião Barbeiro”, a “Goiiana”, a “Boliviana”, o “Paraguaio”, o “Dani Mata Pai”, o “Biriba”, o “Zé Bilongo”, o “Jacaré”, “Zé Giango”, “Zé Branco”, e muitos outros.

Dona Áurea é quem nos conta sobre esse costume.

*“Naquele tempo, aqui todo mundo tinha apelido. Colocava um no outro e ninguém se incomodava, sabe? E puseram apelido nele de ‘Camisa de Couro’ e ele achou que pode pôr mesmo que eu tenho a camisa de couro. E depois todo mundo chamava ele de ‘Camisa de Couro’ e ele não se incomodava com esse apelido, não. (...) Por passar de uns tempos apareceu um senhor aqui que usava um cachimbo e puseram o apelido nele de ‘João Cachimbo’, também.”<sup>255</sup>*

O senhor Carlos lembra-se de que naquele tempo todo mundo usava chapéu de aba larga, que era moda na época.<sup>256</sup> O senhor Argeo, ao contar sobre a morte do “João Cachimbo”, também faz uma referência aos chapéus.

---

<sup>252</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

<sup>253</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/2003.

<sup>254</sup> Informação coletada no Processo 491/66.

<sup>255</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 28/11/2000.

<sup>256</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

*"(...) E o 'João Cachimbo' levou só aquele tiro mortal e aí pegou um na virilha, meio na perna e um na copa do chapéu. Que ele usava um panamazão."*<sup>257</sup>

Dona Áurea ao recordar-se da visita que recebeu da viúva Madalena Moreira, no dia da morte de “Camisa de Couro”, também faz referência ao chapéu. *"(...) O chapéu dele, né, que ele deixou e essa senhora que veio de lá me pediu e eu dei esse chapéu de panamá muito bonito. (...) Ele andava de chapéu de panamá e eu peguei e dei esse chapéu pra ela."*<sup>258</sup>

E o doutor Juca se lembra das jaquetas de couro,

*"(...) uma jaqueta que era muito usada pelos motoristas de praça, pelos caminhoneiros que se destinavam pra dentro desse Mato Grosso todo e também pelos pilotos. E naquela época, quase todo mundo aqui tinha o seu aviôzinho particular, e esses aviões "Cessna", na maior parte, cada um tinha o seu piloto e eles usavam muito isso."*<sup>259</sup>

Para o senhor Paraná:

*"O Antonio gostava muito de usar uma blusa de napa ou couro que estava muito em moda na época, que ele sempre usava quando ia viajar. Houve um tempo que o pessoal da cidade até parou de usar esse tipo de blusa com medo de levar um tiro."*<sup>260</sup>

O costume de usar chapéus de abas largas, portar armas de fogo e vestir blusão de couro é ressaltado pelas palavras de Valmir Batista Correa, que considera que as roupas que eram usadas pelos vaqueiros ou peões no Sul de Mato Grosso também apresentavam características com o modo de vida e com a atividade exercida pelos sujeitos.

*"Por exemplo, no uso da indumentária comum aos peões que lidavam com o gado e no uso obrigatório da arma branca ou de fogo que aproximava o vaqueiro do bandido na sua convivência diária com a violência, o nomadismo e com a vida rústica do campo."*<sup>261</sup>

Essas palavras reafirmam minhas observações sobre o modo de vestir dos trabalhadores das fazendas da região de Três Lagoas. Eles conservam alguns desses costumes até hoje. Chapéus de aba larga, botas, largos cinturões de couro, grandes fivelas e canivetes são acessórios indispensáveis e também instrumentos de trabalho para os peões que cuidam do manejo do gado nas fazendas da região.

---

<sup>257</sup> Panamazão - chapéu panamá que se refere ao tipo de material usado na sua confecção, uma palha bem fina importada do Panamá. O modelo do chapéu panamá de aba larga era muito usado pelos “caubóis” dos filmes americanos. Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 19/12/2005.

<sup>258</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 28/11/2000.

<sup>259</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>260</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/12/2000.

<sup>261</sup> CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso 1889-1943*. Campo Grande, MS: UFMS, 1995. p.153.

Compreendo que “Camisa de Couro” não fugia à regra de se vestir ou de ostentar um desses símbolos que representavam “coragem”, “valentia”, “rusticidade” e “destemor” entre as pessoas que viviam em ligação direta com o campo nos anos de 1959 a 1962, em Três Lagoas.

Ainda, não podemos deixar de ressaltar que o cinema era uma das atividades de lazer da população de Três Lagoas. Conforme nossas fontes nos mostraram, o Cine Santa Helena era “um cine teatro, com capacidade para 954 pessoas com tela panorâmica e ‘cinesnacope’”<sup>262</sup>, que se localizava na rua Paranaíba, no centro da cidade. Certamente, o cine Santa Helena era muito freqüentado, e os filmes de Faroeste americano que traziam os caubóis como protagonistas, com certeza, eram vistos. Muitos de nossos depoentes citaram o Cine Santa Helena como referência de lazer da população três-lagoense.

Recompor o passado envolve fazer algumas escolhas e, nesse sentido, optamos por conhecer algumas experiências da cidade de Três Lagoas, seus habitantes e seus costumes. Em nosso entendimento não poderíamos compreender a “violência” e o “Camisa de Couro” se não apreendêssemos os meandros do poder que atuava sobre a cidade, o Estado e a população. Mas isso não quer dizer que tudo se explica por esse ponto de vista, o que nos interessa são as dimensões da cidade e as pessoas que vem à tona nesse processo em que disputas são forjadas a todo o momento.

Como dissemos anteriormente, a cidade é um espaço onde tudo é muito potencializado, e nossa intenção foi buscar a cidade como espaço social vivido e não como cenário. Assim, surgiram à nossa frente várias cidades, entre elas, a cidade da ordem e da desordem<sup>263</sup> e a cidade da dominação e da resistência.

Ao buscarmos o passado recente de Três Lagoas nos deparamos com a cidade e seus poderes. Junto a essa cidade e seus poderes vieram as pessoas que representavam esses poderes. Conseqüentemente esses sujeitos nos levaram as outras pessoas sobre as quais seus poderes foram impostos e exercidos. Essas outras pessoas nos mostraram os costumes e as práticas

---

<sup>262</sup> Encyclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p.314.

<sup>263</sup> Referimos-nos aqui ao trabalho da pesquisadora Nadir Domingues Mendonça. *A (DES) CONSTRUÇÃO DAS (DES) ORDENS- Poder e Violência em Três Lagoas, 1915-1945*. São Paulo: USP, 1991.

sociais e culturais por eles adotadas para viverem na cidade e para se relacionarem.

Quando imaginávamos que a cidade de Três Lagoas havia se perdido no meio dessas relações e conflitos, ela reaparece plena e vívida. Por meio dessas pessoas e de suas percepções de si mesmas, dos outros e da própria cidade é que Três Lagoas passa a ser percebida.

Como por encanto a cidade de Três Lagoas ressurge no movimento dessas pessoas que lutam e refazem seus valores, desestabilizando as forças hegemônicas e questionando a ordem. Trata-se, dessa forma, de trilhar outros caminhos utilizando como guias os acontecimentos representados naquela época, que nos incomodam e que se refletem no presente. Nesse percurso procuramos conhecer as pessoas, apreender seus costumes e assim, compreender a cidade.

## O PODER DOS OUTROS PISTOLEIROS

*"Eu tive amigos que, quantas e quantas vezes, eu, ameaçado... É, eu tenho muita coisa escrita e eu já estou pertinho de ir embora mesmo. E quando eu for então vai ser publicado. Meus filhos vão publicar. Aí eu dou nome aos bois e eu digo tudo. Das vezes que eu tive de enfrentar morte em Aparecida do Tabuado. Das vezes que eu tive de enfrentar morte em Paranaíba. Mas pude sair galhardamente disso sem nunca ter cometido qualquer ato que me desabonasse ou que falassem que eu mandei fazer ou deixasse de fazer, não." (Relato do doutor Juca)*

No dia 14 de setembro de 1996, o *Jornal do Povo*, em edição especial, dedica um espaço de sua primeira página à matéria ***"Mito dos pistoleiros é revisitado"***, e acompanha essa legenda uma foto de “Camisa de Couro” e o seguinte texto,

*"Vida, morte e trajetória dos pistoleiros que já atuaram em Três Lagoas e Região estão sendo objeto de estudo por parte de professores e pesquisadores. Eles pretendem estudar os fatos reais que deram vazão a mitos e lendas em torno de figuras sinistras de homens-sem-lei como "Camisa de Couro", "João Cachimbo", Alzirão" e "Gino Amado". São raros os registros oficiais. Pessoas que foram contemporâneas aos fatos não gostam de relembrar um passado*

*de medo e perseguição. É impreciso o número de assassinatos e crimes cometidos pelos pistoleiros. “Camisa de Couro” teria matado mais de 50 pessoas. Ele foi morto há 35 anos, em frente à Estação Ferroviária. O homem apontado como seu matador foi executado há três semanas em Jardim (MS).*<sup>264</sup>

Na mesma edição, na página 5, é apresentada a matéria da capa, que ocupa página inteira, e com a foto de “Camisa de Couro” ampliada. O título **“Pesquisadores estudam mito dos pistoleiros”** e, no teor da matéria, fala-se da intenção de pesquisa, conta-se a morte dele, mencionam-se outros pistoleiros. Aqui destacamos a parte que mais nos interessou.

*(...) O JP publicou com exclusividade na edição passada, uma reportagem sobre a recente morte, no município de Jardim (MS), do delegado aposentado Antonio João de Oliveira, o “Sargento Antonio”. Ele é apontado, inclusive por fontes policiais, de ter sido o responsável pela eliminação de Antonio Joaquim Aragão, o “Camisa de Couro”, há 35 anos. Na época, a Milícia Estadual encontrava problemas para combater os criminosos, que além de serem em grande número, eram extremamente ousados e perigosos. Sargento Antonio teria comandado a patrulha volante que metralhou o pistoleiro, em 6 de novembro de 1961, quando ele chegava da Estação Ferroviária com um amigo e se preparava para pegar um jipe.(...)*<sup>265</sup>

Esse trecho nos chamou a atenção por quatro motivos. O primeiro é falar sobre a morte do “Sargento Antonio” em duas edições seguidas. O segundo, apelar novamente para o “mito”, reafirmando uma posição tomada há 35 anos. O terceiro, afirmar que os criminosos eram em grande número na cidade. E o quarto, a data da morte como 6 de novembro, pois no atestado de óbito consta 8 de novembro e o título de aforamento perpétuo traz também a data de 8 de novembro. Esses são apenas detalhes, no entanto, essas considerações estão sendo feitas por algum motivo. Apreendemos no livro de Registro de Ordens e Requisições do Cartório Criminal<sup>266</sup>, enviada para ser cumprida pela Delegacia de Polícia, nas folhas 27 verso, sob o número 165/61, uma ordem requisitando o patrulhamento no Fórum, no dia 6 de novembro. Isto não parece se tratar de uma enorme coincidência.

Outras evidências encontramos na edição de 28 de maio de 1961, nº. 2682 do jornal *A Gazeta do Comércio* de Três Lagoas. A matéria intitulada **“Nomeado Major Benedito Couto pelo Governador Fernando Corrêa da Costa”** e a matéria fala da nomeação do “Major Couto” como Chefe de Polícia do Estado de Mato Grosso<sup>267</sup>.

---

<sup>264</sup> Três Lagoas, Jornal do Povo, Edição Especial, 14 de setembro de 1996, p.1.

<sup>265</sup> Idem, p.5.

<sup>266</sup> Como citamos anteriormente, alguns livros de Registro foram localizados em Arquivos Privados.

<sup>267</sup> Gazeta do Comércio de Três Lagoas, nº. 2682, 28 de maio de 1961, p.3.

Segundo informações de uma pessoa que ocupou vários cargos políticos na cidade e no Estado de Mato Grosso, e que pediu para não ser identificada, o Major Couto teria sido nomeado pelo Governador Fernando Corrêa da Costa para realizar a operação de “limpeza dos pistoleiros” e, por isso, foi o responsável pela morte de “Camisa de Couro”. O próprio Major Couto foi eliminado pouco tempo depois. Essa mesma pessoa me enviou cópia de um documento do Arquivo Pessoal do doutor Carlos Magno Couto, filho do Major Couto, o qual fazia referência à reportagem publicada no jornal *Diário da Noite* de 15 de dezembro de 1961. Através dessa fonte, fornecida pelo doutor Carlos Magno Couto, chegamos até as reportagens do *Diário da Noite* já citadas anteriormente.

Reforçando nossas reflexões, o teor de uma Sentença Criminal julgada pelo Juiz de Direito Titular da Comarca de Três Lagoas doutor Raul Bezerra, no dia 12 de setembro de 1961, traz vestígios da existência de outros criminosos e de uma possível aliança entre esses e o setor policial.

No Livro de Registro de Sentenças da Vara Criminal da Comarca de Três Lagoas no dia 12 de setembro de 1961, consta Sentença expedida referente ao processo-crime movido pela Justiça Pública contra o réu Ivo Potiguara<sup>268</sup>, em que o depoimento do doutor Raul Bezerra também reitera nossos questionamentos.<sup>269</sup>

*“(...) Verdade, diga-se de passagem, que havia então certa predominância de banditismo na cidade, fato público e notório. Mesmo porque a própria polícia ao invés de prender os desordeiros, fornecia-lhes salvo-condutos, acolhendo-os como investigadores em prejuízo da ordem pública e da segurança dos cidadãos. Haja vista que o referido José Bernardino, cunhado do réu, e a quem faz ele vaidosamente, referência quando interrogado (fls14) outro não é senão um preso foragido da Cadeia Pública de Campo Grande, neste Estado onde se achava recolhido preventivamente por crime de homicídio e que aqui, inexplicavelmente tem gozado do beneplácito da autoridade policial apesar dos insistentes protestos e ofícios deste juízo (...)”<sup>270</sup>*

De forma clara, suas palavras revelam a posição que essa autoridade mantinha diante das ações praticadas por algumas pessoas, ou do “banditismo”<sup>271</sup> conforme sua referência em Três Lagoas. Ele deixa claro que

---

<sup>268</sup> O nome de Ivo Potiguara é citado como criminoso dos mais perigosos por quase todos os depoentes, assim como o de seu cunhado, casado com sua irmã, José Bernardino. Os dois são apontados como pistoleiros.

<sup>269</sup> Livro de Registro de Sentença Nº. 2 da Vara Criminal da Comarca de Três Lagoas, fls. 173 (f/v), 174 (f/v), 175 (f/v) e 176 (verso).

<sup>270</sup> Idem, fls. 174 (frente).

<sup>271</sup> O termo “banditismo” se forja na fala das autoridades e dos representantes da elite local.

havia conivência de alguns setores sociais em acobertar as ações dos “bandidos” ou “desordeiros” que agiam em Três Lagoas.

Mais adiante, na mesma Sentença, o doutor Raul Bezerra faz uma observação que reforça esse sentimento de impotência e inconformismo do Poder Judiciário em relação às divergentes práticas exercidas e adotadas pelo Poder Policial,

*“São divagações inevitáveis e que implicam um certo desabafo do julgador por ver a Justiça permanentemente afrontada, mas que vem muito a propósito, pois os autos nos estão a revelar que o acusado jovem ainda, parece tomar como padrão para sua vida social esse mesmo cunhado de antecedentes criminosos.”*<sup>272</sup>

Essas divagações a que se refere o Juiz no teor da Sentença nos mostram o grau de insatisfação dessa autoridade em relação às ações referidas por ele como “banditismo” reinante na cidade. Deu-nos a entender que o doutor Raul Bezerra não estava acostumado com essas relações de poder que se estabeleciam entre certos grupos sociais de Três Lagoas. Ele deixa claro não aceitar algumas práticas pré-estabelecidas por essa sociedade.

É interessante observar que um comentário de um de nossos entrevistados, o senhor José Luiz,<sup>273</sup> traz uma possibilidade de auxílio aos nossos questionamentos. Quando perguntamos a esse depoente qual seria o motivo de não conseguirmos localizar os documentos sobre a morte de “Camisa de Couro” ou encontrar documentos com as identidades trocadas ele nos respondeu:

*“Agora isso aí eu acho que é uma falha da Justiça, alguma coisa que eles acobertaram na época, né? O Juiz de Direito daquela época deve ter alguma coisa que travou ele. Que falou não faça nada, deixa quieto, deixa passar. Porque ele era uma pessoa temida, né? Sendo que não tem. Você vê, tem livros que falam das histórias de outras pessoas próximos nas datas da morte dele e não fala dele.”*<sup>274</sup>

Para o senhor Paraná<sup>275</sup>, a falha na documentação é explicada da seguinte maneira: “(...) Para despistar os assassinos de Antonio jogaram alguns documentos de pessoas falecidas há mais de dez ou quinze anos para atrapalhar a investigação.”<sup>276</sup>. Ele nos leva a crer na possibilidade de que não exista nenhum

---

<sup>272</sup> Idem, Ibidem, fls. 174 (f/v).

<sup>273</sup> Lembremos que o senhor José Luiz é mecânico e proprietário de uma oficina em Três Lagoas, possui um arquivo pessoal sobre “Camisa de Couro” e quer escrever um livro sobre ele.

<sup>274</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/11/2006.

<sup>275</sup> Lembremos que o senhor Paraná foi amigo e, depois, tornou-se inimigo de “Camisa de Couro”, ele foi militar.

<sup>276</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/12/2000.

documento sobre a morte de “Camisa de Couro”, pois conforme, seu depoimento, “(...) não existe nenhum documento sobre o assunto porque a Justiça mandou caçar tudo(...)”<sup>277</sup>

O doutor Juca<sup>278</sup>, ao ser indagado sobre como poderíamos conseguir o processo sobre a morte de “Camisa de Couro”, nos respondeu, “Que processo? Não existe processo!”<sup>279</sup>

No entanto, ao analisarmos o Livro de Registro de Ordens de Requisições, Mandados de Prisão e de Inquéritos Policiais para ser cumprido pela Delegacia de Polícia, constatamos que sob o número de ordem 195/61 foi recebido, em 13 de dezembro de 1961, pelo escrivão José Mercante, a seguinte solicitação: “Solicitando informações à Delegacia de Polícia sobre “Camisa de Couro” digo Camisa de Couro.”<sup>280</sup>

No mesmo Livro, encontramos sem número de ordem, nas folhas 29 verso, uma solicitação recebida em 16 de dezembro de 1961 pelo escrivão José Mercante que diz: “Remessa a Delegacia de Polícia do Processo (Homicídio) Vítima “Camisa de Couro”. Prazo 30 dias/ com 26 fls. Devolvido em 20 de janeiro de 1962.”<sup>281</sup> Em seguida, nas folhas 31 verso, também sem ordem de numeração, foi recebido, no dia 1º de fevereiro de 1962, um novo pedido de remessa à Delegacia de Polícia dos autos de homicídio de “Camisa de Couro”, e este foi devolvido ao Cartório no dia 1º de março de 1962.

No Livro de Registro de Cargas de Processos, verificamos que no dia 14 de março de 1962, o Promotor Público doutor Ramez Tebet pede carga do processo-crime movido pela Justiça Pública, cuja natureza era de Homicídio, e a vítima era Horácio “Camisa de Couro”. Esse processo constava conter 34 folhas e foi devolvido pelo Promotor no dia 20 de março de 1962.<sup>282</sup> Com certeza esse processo-crime sobre a morte de “Camisa de Couro” existe ou existiu, conforme, verificamos em nossas fontes.

Outros depoentes também se recordam da violência como prática corrente. Como nos conta o senhor Argeo, quando lhe perguntamos se em

---

<sup>277</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/12/2000

<sup>278</sup> Lembremos que o doutor Juca foi Promotor e Juiz na região, na década de 1950 e 1960.

<sup>279</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 22/1/2007.

<sup>280</sup> Livro de Registro de Ordens, Requisições, Remessas, Mandados de Prisões, Inquéritos Policiais recebidos pela Delegacia de Polícia de Três Lagoas, fls. 29 (frente).

<sup>281</sup> Idem, fls. 29 (verso).

<sup>282</sup> Livro de Cargas de Processos fls. 17(f/v).

Três Lagoas ocorriam muitos crimes naquela época: “*Tchi! Quando a luz apagava, aí acontecia muito, e você podia falar vai morrer um. E a luz apagava demais, por que eu não sei se desligava. No tempo era aqueles geradores. Quando desligava sempre amanhecia um morto aí!*”<sup>283</sup>

O senhor Ibraim reitera: “Oh, naquele tempo aqui morria gente. Às vezes aparecia nego morto esticado nas zonas aí.”<sup>284</sup>

E dona Zelina: “*Naquela época tinha muito pistoleiro. Tinha o “Antonio”, o “Cabo Maranhense”, o “Sessenta”, “João Cachimbo”, o “Norão”, era tudo pistoleiro. Tudo eles matavam pra ganhar dinheiro. O “Norão” foi o primeiro pistoleiro que eu conheci em Três Lagoas. Foi em 45 ele já era pistoleiro era um homem maduro.*”<sup>285</sup>

Assim, fomos percebendo nos depoimentos uma prática antiga da violência. Conforme dona Zelina, desde 1945 já existia em Três Lagoas o pistoleiro “Norão”. Se analisarmos que ela chegou a Três Lagoas no ano de 1944<sup>286</sup>, veremos que 1959 a 1962 não foi um período de explosão da violência. Ela já existia e estava enraizada há muito tempo. E a própria dona Zelina explica: “*Porque a maioria desse povo antigo aqui de Três Lagoas de família antiga eles nunca matou. Eles pagavam pra matar!*”<sup>287</sup>

Logicamente, se existe o “pistoleiro”, tem de haver também o “contratante” ou “mandante”, pois o “pistoleiro” não existe por si só. A nosso ver é toda uma organização social voltada a essas práticas. Não era só “Camisa de Couro” e nem somente nos anos de 1959 a 1962 que ocorreram crimes de assassinatos por emboscada ou por encomenda em Três Lagoas e região. Eles eram constantes. Assim, apreendemos que “Camisa de Couro” não era e não foi o único “pistoleiro” na cidade existiram muitos outros.

O senhor Paraná também se lembra de outros pistoleiros que agiram em Três Lagoas. Em suas palavras:

“*Antes de Antonio tivemos em Três Lagoas muitos bandidos famosos e perigosos como o ‘Biriba’, que era de Andradina e que matou o prefeito de Água Clara, e depois veio o seu sobrinho, o ‘Alzirão’. ‘Biriba’ morreu fraco da cabeça, o ‘Alzirão’ eliminaram. Tivemos um outro bandido diferente, um oficial da polícia conhecido como Sessenta e que eliminou o ‘Cabo Maranhense’ em frente ao Comercial. Tivemos muitos outros meninos famosos e de muita coragem como o ‘Dani-Mata-Pai’, o ‘João Cachimbo’ e o ‘Lázaro’, homem de muita coragem, e muitos outros.*”<sup>288</sup>

---

<sup>283</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 19/12/2005.

<sup>284</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

<sup>285</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/2003.

<sup>286</sup> Dona Zelina chegou a Três Lagoas no ano de 1944, ela era mineira do Barro Preto, perto de Belo Horizonte. Antes de vir para Três Lagoas ela morava em Lins, no Estado de São Paulo.

<sup>287</sup> Idem.

<sup>288</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/12/2000.

O senhor Ibraim, ao se recordar de “Camisa de Couro”, acrescenta: “Te falaram do Ivo Potiguara? O Ivo Potiguara também era jagunço aqui, mas só matava atrás do toco. E ele era assim com o ‘Camisa de Couro’ e os dois sempre faziam matança aí. (...) O Zé Bernardino, ele era pistoleiro também.”<sup>289</sup>

Já o senhor José Luiz se lembra da fama que Três Lagoas tinha de acoitar pessoas valentes.

“Existia, sim, essa fama na época, de que Três Lagoas era lugar de bandidos vir pra cá, né! Então acho que foi devido a isso que ‘Camisa de Couro’ pegou fama. Mas isso é devido aos próprios moradores da região como Raul Garcia Leal, o Ivo Potiguara gente da nossa época aí, que fazia farras bárbaras. Então, pegou-se a fama da cidade ser valente e outras pessoas mais.”<sup>290</sup>

O senhor Carlos também nos conta sobre os outros bandidos: “Nessa ocasião havia aqui o ‘João Cachimbo’, o ‘Camisa de Couro’, o ‘Guri’, o ‘Vicente Peralta’ e mais alguns outros, talvez, que eu não me recorde agora passado tanto tempo.”<sup>291</sup>

Para o doutor Juca, que ocupou os cargos de Promotor Público e Juiz de Direito em Três Lagoas e em toda a região, existiam outros “pistoleiros” como “Camisa de Couro” atuando por ali. Assim, ele explica.

“O banditismo que se dizia de Três Lagoas, um ou dois tipo ‘Camisa de Couro’ que, além dele, quem podia ser? Tinha o ‘Zé Biombo’, que eu me lembro também dele. Tinha um tal de ‘Goiano’, que veio de Goiás, mas logo mataram aqui em Cassilândia. O mais tinha o ‘Zé Bernardino’, que no fundo, no fundo, nós acabamos tomando conhecimento de que ele foi o criador aqui ou, pelo menos se dizia que ele tinha sido criador do ‘Sindicato do Crime’. Mas, como ele dizia, uma vez no Fórum, que ele foi obrigado a ir a minha presença: - Nunca matei ninguém! Agora, fui obrigado a tratar muita coisa!”<sup>292</sup>

Acrescenta ainda:

“Mas, com exceção aqui de dois ou três que se falavam como, por exemplo, o Pascoal Tosta, mas tanta coisa se joga nas costas dele. O Pedro Tosta são parentes meus, o Pedro Tosta é sobrinho da mamãe. Agora, eles mataram? Mataram! Mas, não foram só eles não. Eu não vou citar outros nomes que é pra não falar dessa ou daquela família. Então, eu estou falando de parentes meus. Cometeram crimes? Cometeram! Alguns foram obrigados. Outros não.”<sup>293</sup>

Como já dissemos anteriormente, neste trabalho, a violência se fazia presente em todos os segmentos na sociedade da época estudada. Quando perguntamos aos nossos depoentes se a polícia não agia contra a violência, compreendemos o quanto ela fazia parte do cotidiano dessa população. Dona Áurea nos explica: “Naquele tempo era 2, 3 soldados aqui. Não tinha e sempre aparecia um

---

<sup>289</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

<sup>290</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/11/2006.

<sup>291</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>292</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>293</sup> Idem.

*para ficar ajudando no bate-pau da polícia. E esse João Cachimbo era um desses. Depois apareceu um outro chamado Cândido. (...)*<sup>294</sup>

O doutor Juca quando menciona a Zona de Meretrício, lembra-se da ação da polícia. Em suas palavras:

*"Realmente, a polícia estava sempre correndo pra lá. Lembro muito bem do Sargento Macedo, que era um homem violento, todo mundo tinha medo dele. Ele sempre queria uma autorização para matar o 'Camisa de Couro', aí. Mas eram coisas de cidade pequena que a gente escutava, sabia que estava acontecendo isso, mas. (...)"*<sup>295</sup>

Já o senhor Amado se lembra de que “(...) quem patrulhava a cidade era o exército junto com a polícia, mas isso antes de 'Camisa de Couro'.”<sup>296</sup>

E conta que “Camisa de Couro”, depois de uns tempos, “(...) ele veio como membro da polícia, eu não sei qual cargo que ele exerceu na polícia. Aí, ele andava de manga de camisa junto com a turma da polícia, do destaque armado da polícia em frente da lagoa.”<sup>297</sup>

Como vimos, a violência estava presente nas antigas famílias, na polícia como também no meio das pessoas comuns. Ao tentarmos compreender qual seriam os motivos que levavam essas pessoas ao uso da violência, diferentes explicações foram dadas, o que nos leva a pensar que a violência era parte da organização social dessa sociedade.

O senhor Amado nos explica que, “(...) os crimes eram mais por causa da violência, briga de divisa, briga de mulher, diversos crimes. Ou então aqueles que discutiam na fazenda e o patrão mandava matar.”<sup>298</sup>

Já para o senhor Ibraim, as causas eram as seguintes:

*“Tinha muita gente por esse cerrado que fazendeiro mandava matar. Ele matou muita gente nessas beiradas, que fazendeiro mandava matar. (...) Não era pra roubar, não era pra nada. Era rixa de família. Às vezes, tinha um tal de fazendeiro em Garcias”<sup>299</sup> que matava para não pagar os empregados.”<sup>300</sup>*

Na fala do doutor Juca:

*“Os crimes que eu conheço aqui em Três Lagoas, com exceção daqueles de antigamente, em que realmente, os fazendeiros, e nisso eu tenho que incluir os meus ancestrais, mandaram matar muito por causa de gado, por causa de divisa de terra, é por causa disso é por causa daquilo. Isso teve. Mas tinha-se que manter a ordem naquela época. E quem não defendesse o que era seu, o Poder Público não ia defender. Olha esse 'MST' o que anda fazendo no País.”*<sup>301</sup>

---

<sup>294</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 28/11/2000.

<sup>295</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>296</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 6/11/2002.

<sup>297</sup> Idem.

<sup>298</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 6/11/2002.

<sup>299</sup> Garcias era parte do Distrito de Três Lagoas. Hoje, Garcias é um Município.

<sup>300</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

<sup>301</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

Para o senhor Carlos os motivos eram “*rixas pessoais, vinganças políticas, mas a maioria, de crime político.*”<sup>302</sup>

No entanto, nas palavras do senhor Argeo percebemos o quanto essa prática era habitual e, por vezes, de razões difíceis de compreender. Quando lhe perguntamos quais eram os motivos que levavam a esses crimes ele nos revelou:

*“Nem sempre tinha motivos, como quando mataram o Raimundo. O Raimundo era um homem bom, um fazendeiro, e mataram ele na casa dele sem motivo. Eu não sei o motivo. Aí, lá em cima, já mataram o Edmundo, o irmão dele. E eles matavam por qualquer coisinha eles mandavam matar.(...) Igual esse negócio desse gado que eu fui buscar. Isso não merecia morte nenhuma, isso era normal, natural. Se você tem seus bens, seu marido e parou de dar certo, vocês tem que repartir seus capitais. É lógico, né!(...) Mas, tem gente que não gosta de perder causa. Uma causa boba porque nós só não perde causa se for tocar de demanda. Mas matar os outros para não perder causa é doído, né? E ele ia fazer isso.”*<sup>303</sup>

Diante das várias explicações dadas como causas possíveis para a prática da violência compreendemos que os motivos, para os nossos depoentes, poderiam ser disputas políticas, rixas pessoais, rixas de família, partilha de bens, disputas por terras, por amor, vingança, para não pagar salário e uma infinidade de outras. Há uma variada gama de motivos que resultaria em atos de violência para essas pessoas. No entanto, algumas falas de nossos depoentes se mostraram extremamente significativas para nossa problemática.

Como, por exemplo, ao perguntarmos sobre como era a disputa política em Três Lagoas, naquele tempo, e o doutor Juca nos responde:

*“(...) Mando e desmando político havia, mas, com certa contenção. E havia como sempre houve em todo lugar e era verdadeiro ‘Coronelismo’. Tanto ‘Udenista’ quanto ‘Pessedista’. Mas havia respeito entre aqueles coronéis. Havia respeito entre as famílias que formavam o clã ‘Pessedista’ e o clã ‘Udenista’. Que existia. Existia.”*<sup>304</sup>

E o senhor Ibraim, ao nos contar sobre as façanhas de “Camisa de Couro” em Três Lagoas, que ele presenciou.

*“Teve um comício que ele acabou com o comício aí na praça. Era PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional,) e aí ele era UDN, e teve um comício do PSD, e ele acabou com o comício com um tiroteio. Mas não matou ninguém! Só assustou! Era lá no coreto, ainda tinha o coreto lá.”*<sup>305</sup>

---

<sup>302</sup> Entre vista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>303</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 19/12/2005.

<sup>304</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>305</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

Como dissemos anteriormente, havia uma disputa entre o Poder Político local e, aliado a isso, mudanças estavam acontecendo em vários setores da sociedade. Nesse caso, práticas antigas de “mando” precisaram se reorganizar para a nova situação que lhes era apresentada. Assim, uma outra fala do doutor Juca nos leva a apreender que havia uma articulação de forças entre a elite política e a violência praticada por homens como “Camisa de Couro”.

Segundo o doutor Juca: “(...) O ‘Camisa de Couro’ também foi muito protegido politicamente por políticos da época. Não se pode e não se deve dizer por que a maior parte já faleceu ou quase todos já faleceram. E são coisas que não se devem revolver.”<sup>306</sup>

Na fala de nossos depoentes apreendemos a força e o poder que a “política” partidária exercia no Estado de Mato Grosso e, particularmente, em Três Lagoas naquele momento de grandes obras e investimentos de âmbito nacional. No depoimento do senhor Ibraim fica evidente que muito mais do que uma disputa pelo poder político local estava em jogo naquele momento. Forças se uniram e se articularam para colocar em prática um plano que eliminaria o problema que estava ameaçando e incomodando a todos. Conforme o senhor Ibraim,

“(...) o ‘Camisa de Couro’ morreu porque naquela época o governador era o Fernando Corrêa da Costa e ele começou a abusar muito de mulher casada aí. Ele começou a mexer e, aí, os políticos, naquela época era UDN e PSD. E os políticos se reuniram tudo e falaram nós precisamos dar um jeito nesse homem. Aí, o governador de Cuiabá mandou chamar ele lá em Cuiabá. Tudo de mentira. Armaram foi uma cilada pra ele. Fizeram dele um investigador de polícia de Três Lagoas. Aí, ele ficou manso, tanto que mataram ele.”<sup>307</sup>

O senhor Amado assim nos relata essa possível ligação: “(...) Aquilo ali o doutor Fernando Corrêa da Costa, ele tramou a coisa bem tramada. Ele mandou ele pra cá que aqui que ele foi tratadinho. Foi aqui!”<sup>308</sup>

O senhor Paraná se recorda que “(...) ele foi morto a mando do governador Fernando Corrêa da Costa e por uma guarda de três soldados vindos de Campo Grande. Sua morte foi encomendada, pouca gente sabe quem o eliminou.”<sup>309</sup>

Para dona Amélia e o senhor Jamil “Ele foi atraído por causa do povo de Cuiabá. Vieram de lá e não sei como eles souberam que ele estava na estação.”<sup>310</sup>

---

<sup>306</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>307</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2007.

<sup>308</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 6/1/2002.

<sup>309</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/12/2000.

<sup>310</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 3/2/2003.

Dona Minda nos conta,: “Parece que tinha algum fato que envolvia política, mas não sei dizer. Eu não me interei e tinha medo. Fui criada na região de Araçatuba, toda iluminada, e cheguei aqui não tinha luz não tinha nada.”<sup>311</sup>

Por outro ponto de vista, o senhor Carlos nos fala sobre a possibilidade da morte de “Camisa de Couro” ter sido provocada por outro tipo de envolvimento político. Em suas palavras:

“(...) Consta, consta que na época o governador de São Paulo fez um ofício para o governador de Mato Grosso solicitando providências. Caso contrário as obras da Usina de Jupiá sofreriam um atraso por causa dos engenheiros que não aceitavam morar em Três Lagoas. Nem na vila Piloto que não é a vila Piloto que é hoje.”<sup>312</sup>

Ao que parece, vários foram os motivos que levaram a elite dominante de Três Lagoas a adotar um novo comportamento em relação às suas tradicionais formas de agir e isso incluiu novas medidas. No entanto, para a aplicação dessas novas medidas, a elite conservou seus métodos tradicionais. Ou seja, para combater a violência, lançou mão da própria violência.

Um depoimento do senhor Paraná se mostra bem significativo para mostrar que as coisas estavam mudando. Percebemos que alguns setores dessa sociedade se viram obrigados a não mais compactuar ou fazer vista grossa para o que acontecia. Alguns comportamentos tolerados e aceitos por toda a comunidade passaram a incomodar a elite dominante envolvida diretamente nessas mudanças. A imagem de Três Lagoas e de sua sociedade precisava acompanhar todas as mudanças anunciadas. E o senhor Paraná, ao nos falar de “Camisa de Couro” mostra-nos a dimensão dessas mudanças.

“O Antonio era muito forte, chegava à delegacia onde hoje é a APAE<sup>313</sup> e sentava em cima da mesa do delegado para saber como andava as coisas. Ele dava uma de valente e por aqui, na época, vigorava a lei do mais forte, ser bandido dava poder. O seu jeito foi apavorando e colocava em risco a sociedade três-lagoense, que sabia que a criminalidade e a pistolagem corriam soltas na época.”<sup>314</sup>

Por meio desses depoimentos apreendemos que forças se articularam, ou seja, a UDN, o PSD, o Governo do Estado de Mato Grosso, a polícia, a elite local e o Governo do Estado de São Paulo todos se uniram para que o plano de “limpeza dos pistoleiros” fosse posto em prática. E para que isso acontecesse sem problemas, outros segmentos atuantes dentro dessa

---

<sup>311</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>312</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>313</sup> Associação de Paes e Mestres dos Excepcionais.

<sup>314</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/12/2000.

sociedade também tiveram que se reorganizar e se adaptar às mudanças que se anunciavam. O que ninguém esperava foram os rumos que os acontecimentos tomaram após a morte de “Camisa de Couro” e do assassinato do Juiz de Direito da cidade de Mirassol, doutor Jaime Garcia Pereira. Esses acontecimentos fizeram com que a cidade de Três Lagoas ganhasse uma notoriedade que ela não pretendia e não esperava. No lugar de ter seu nome envolvido com o Complexo de Urubupungá e com o progresso, Três Lagoas teve seu nome envolvido ao mundo do crime e das mortes encomendadas. Um reduto de matadores profissionais. Mesmo com todas as articulações e tramas que envolveram o fim de “Camisa de Couro” e a “limpeza dos pistoleiros” o fantasma da violência não deixou de rondar Três Lagoas.

## CAPÍTULO III

### “CAMISA DE COURO: BANDIDO E MOCINHO NO IMAGINÁRIO DA POPULAÇÃO DE TRÊS LAGOAS.”

*“De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas.” (CALVINO Ítalo, *As Cidades Invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia da Letras, 1990, p.44)*

*“No início que ele apareceu aqui ele não cometia nenhum delito. Depois com o passar do tempo é que ele começou a chegar aos lugares onde não era convidado, a entrar, impor a presença dele. Num dos bares da cidade aconteceu uma passagem que talvez mostre que de herói ou de mocinho ele não tinha nada.” (Relato do senhor Carlos)*

*“Chamar de bandido não sei viu? Não sei se cabia isso! Por que ele era uma pessoa educada, fina entrava na casa da gente e pedia licença. Um bandido você não aceita dentro da sua casa, aceita? Ele vinha na casa da gente tomava café entrava sempre muito educado.” (Relato de dona Minda)*

Nos capítulos anteriores mostramos a cidade de Três Lagoas e as imagens produzidas da cidade, localizamos que, no fim da década de 1950 e início da década de 1960, transformações estavam ocorrendo na cidade, ameaçando antigas formas de mando locais. Apreendemos que os vários poderes atuantes nessa sociedade em transformação se articularam e não mediram esforços para se reorganizar e enfrentar os novos tempos. Medidas foram tomadas e postas em prática por alguns setores dessa sociedade para o saneamento de seu principal problema, a “violência”. No entanto, como costuma ocorrer em uma sociedade violenta, lançou-se mão da própria “violência” como método para realizar a “limpeza dos pistoleiros” e, também, com o uso das mesmas armas, ou seja, “as mortes por emboscadas”. Foi assim que apreendemos que esse tipo de “violência” era natural e prática corrente naquele lugar e assim, fazia parte do cotidiano daquelas pessoas que viviam ali.

Essa realidade se descortinou em meio às inúmeras falas de nossos depoentes, ao nos revelarem como a “violência” era uma prática habitual em Três Lagoas, tão presente a ponto de fazer parte da organização social dessa sociedade. Diante disso, fomos impulsionados a tentar compreender como as pessoas lidavam com “Camisa de Couro” e com as imagens que ele produziu na cidade. Sob essa óptica, buscamos trabalhar com o imaginário produzindo sentido e expressando, para nós pesquisadores as relações de poder que se estabeleciam naquela sociedade.

Dessa forma, neste capítulo, procuramos trabalhar com a perspectiva do narrador, apreendendo o que ele avaliou e o que ele interpretou do pistoleiro “Camisa de Couro”, dos outros “pistoleiros” e da própria “violência” em Três Lagoas. Assim, buscamos apreender como, ainda hoje, depois de quase cinqüenta anos, as pessoas com as quais conversamos falam e se lembram de “Camisa de Couro”.

### **“CAMISA DE COURO” E SUAS IMAGENS**

*“Não é que eu falei pra ele assim: - Antonio, por que você gosta de matar os outros? Nós conversamos na mesa e ele falou assim: - Oh, Zelina, não tem carpinteiro, não tem pedreiro, não tem marceneiro, não tem pintor, todos não tem ofício? Tem. Então eu também tenho minha profissão. E eu falei: - Qual é a sua profissão? O Antonio falou: - Eu sou empreiteiro de Cristo, eu só vivo de matar mesmo. A gente até dava risada de ouvir ele falar assim, ele alegre e satisfeito.(...)”.* (Relato de dona Zelina)

Essas palavras fazem parte do depoimento de dona Zelina, que era prostituta na época e se tornou muito amiga de “Antonio”. Em seu depoimento, recheado de histórias, apreendemos o significado das relações de amizade nesse universo que “Camisa de Couro” e dona Zelina compartilhavam. Um universo criativo e, ao mesmo tempo, tenso. Uma relação de tempo presente sem perspectiva de futuro e com um passado móvel e incerto.

Percebemos que, ao se recordar de “Antonio”, dona Zelina transforma essa relação de amizade em experiências vividas e compartilhadas. E essa

relação de amizade ela nos conta por meio de diálogos protagonizados por eles, em que ela mistura vários elementos da cultura e das culturas como forma de expressão. Lançar mão desses elementos foi a maneira que ela encontrou para interpretar esse passado e esse período de sua vida. Apreendemos, assim, o imaginário criando sentidos e expressando relações de poder nessas experiências compartilhadas por dona Zelina e por “Antonio”.

Dessa forma, dona Zelina começa sua fala, fazendo uma retrospectiva, de sua vida, e nos conta como, quando e porque chegou a Três Lagoas. Ela traça sua trajetória até o momento em que conheceu “Antonio” e, a partir daí, nos fala de sua relação de amizade com ele e com os outros pistoleiros que viviam em Três Lagoas. Em suas palavras:

*“(...) Quando eu entrava nos bailes assim com eles, todo mundo ficava com medo e falava, como essa menina tem coragem de andar com esses homens. O Antonio era muito bonitão, e eu saía. Ia o Antonio, o Norão, o Sessenta, que era polícia naquela época, o João Cachimbo, que era um homem muito bonito, um homem alto, bonito, bem claro.”<sup>315</sup>*

Assim, apreendemos que para dona Zelina compartilhar da amizade e da companhia desses homens tido como perigosos e bravos a diferenciava das outras pessoas, e essas amizades de certa forma lhe davam poder. O interessante foi percebermos como em toda a sua fala ela lembra de “Antonio” como um homem corajoso, destemido, alegre, conversador e um matador profissional. Matar era sua profissão, e da maneira como ela nos conta, era uma profissão como qualquer outra. E isso fica evidente quando ela nos relata com naturalidade uma de suas conversas com “Antonio” no momento em que ele lhe explica sua profissão<sup>316</sup>,

*“Não é que eu falei pra ele assim: - Antonio, por que você gosta de matar os outros? Nós conversamos na mesa e ele falou assim: - Oh, Zelina, não tem carpinteiro, não tem pedreiro, não tem marceneiro, não tem pintor todos não tem ofício? Tem. Então eu também tenho minha profissão. E eu falei: - Qual é a sua profissão? O Antonio falou: - Eu sou empreiteiro de Cristo eu só vivo de matar mesmo. A gente até dava risada de ouvir ele falar assim, ele alegre e satisfeito.”<sup>317</sup>*

O intrigante é que em nenhum momento de nossa entrevista dona Zelina nos passa a idéia de que “Antonio” era um pistoleiro diferente dos demais com

---

<sup>315</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/2003.

<sup>316</sup> Esse trecho de sua fala se mostrou tão significativo que o escolhemos para abertura do capítulo.

<sup>317</sup> Idem.

os quais ela convivia. Para ela, ele se diferenciava não pelos seus atos ou pela sua profissão e, sim, pelo seu jeito de ser. Conforme dona Zelina :

“(...) Ele era um homem muito bom assim pra gente viver com ele. Se não tivesse medo dele. E todo mundo tinha medo dele. Mas a gente não tinha medo dele porque tinha amizade com ele e não tinha nada contra ele. (...) Mas o Antonio era um sarro. (...) A gente até dava risada de ouvir ele falar assim, alegre, satisfeito. E ele falava ele não tinha medo de falar que matou. Ele falava eu matei porque estava precisando de dinheiro. (...) A gente conversava bastante e ele falava essas coisas rindo. Ele falava sem medo. Medroso ele não era não. (...) Ele não tinha um pingo de medo. Ele andava na rua de cabeça erguida (...)”<sup>318</sup>

Dona Zelina tem orgulho desse passado, de seu modo de vida e das pessoas com quem conviveu. A forma que escolheu para nos contar esse passado demonstra que aquela forma de viver era natural e, ao exaltar a coragem de “Antonio”, ela exalta a sua coragem também. A sua profissão a colocava em risco tanto quanto a dele. Eles se conheciam e compartilhavam espaços, perigos, amigos, inimigos e tensões. Afinal, esse era o seu mundo e esse era o mundo dele. Dona Zelina aceitava a profissão de “Antonio”, assim como ele aceitava a sua.

Todavia, foi ao terminar de nos contar sobre tudo o que aconteceu e que ela presenciou no dia da morte de “Antonio” que ela fez uma observação que deixa à mostra a possibilidade de “Antonio” ter servido como “bode expiatório” para a prática de outros crimes. Crimes esses que teriam sido praticados por outros “pistoleiros”. “(...) Então, dessa época pra cá, que mataram ele, aí ficou, toda morte diziam foi o “Antonio”. Foi o “Antonio”. Mas que não foi tudo ele não. Naquela época tinha muito pistoleiro. (...)”<sup>319</sup>.

Para ela o “Antonio” era um pistoleiro que matava por dinheiro, no entanto, isso não era motivo para jogarem nas costas dele coisas que ele não havia feito. Percebemos em sua fala a presença de um senso de ética e de justiça para com “Antonio” que, entretanto, ao mesmo tempo, revela que essa conduta e essa prática estavam sendo violadas por alguém que não desejava aparecer. Ou então, por algum grupo de pessoas interessadas em “limpar a cidade”, e isso incluía “queimar arquivos”<sup>320</sup>.

---

<sup>318</sup> Idem.

<sup>319</sup> Idem.

<sup>320</sup> Nesse sentido, “queimar arquivos” significa matar uma pessoa ou pessoas que sabem muitas coisas que colocam em risco algumas formas de poder. A prática de matar ou mandar matar quem sabe demais é chamada de “queima de arquivo”.

E foi assim que ela nos contou uma de suas conversas com “Antonio”, em que identificamos existir essa possibilidade.

“(...) E ele falou: - Eu gosto demais de você Zelina, mas se uma pessoa me pagar pra te matar eu venho aqui e te mato, po que eu vivo disso. Eu vivo disso. Agora a maior parte das mortes de Três Lagoas não é eu não. Ele falou assim e me contou o caso da cobra e da lagartixa. Ele pegou e falou assim pra mim: - Sabe aquela história da cobra e da lagartixa? Eu falei: - Eu não! Isso foi lá no Norte. Então eu vou contar a história pra você: - Lá no Norte antes de eu vir pra cá tinha um carreador assim, então os homens iam lá trabalhar, vinham cá, vinham da roça e tudo trabalhando, né? Então a cobra falou assim pra lagartixa: - Não é tudo que é gente que eu mordo que morre. E a lagartixa falou assim: - Você é muito má. Muito malvada, você morde o povo morre. E a cobra falou: - Não é assim não! Vamos fazer uma aposta nós duas? A lagartixa falou: - Então vamos. Aí a cobra falou assim: - Você fica no carreador e você morde que eu apareço a cabeça. Aí vinha vindo um homem da roça com a enxada nas costas. Aí, a cobra mordeu o calcanhar dele, e a lagartixa mostrou a cabeça. E o homem disse assim: - Oh, bichinho besta! Nunca vi lagartixa morder a gente, e foi embora. Depois veio outro homem e a lagartixa mordeu, e a cobra apareceu a cabeça. E o homem disse assim: - Ara, meu Deus do céu! A cobra me mordeu! E ele saiu gritando: - Ai, ai, ai, e acabou morrendo. Agora eu vou mostrar pra você que é tudo assim. Eu mordi você apareceu com a cabeça e ele falou que você era um bichinho besta. Quando você mordeu e eu apareci a cabeça o homem morreu. Então o Antonio falou: - Eu sou a mesma coisa. A maioria aqui dessas mortes daqui de Três Lagoas não fui eu que matei. Mas, aqui é assim, mata um fala, foi o ‘Camisa de Couro’. Mas não foi bem o ‘Camisa de Couro’, foi quem tem medo! Ele falou: - Eu não tenho medo, as mortes que eu faço... Aí ele abriu uma cadernetinha e falou: - Olha aqui quantas empreitadas eu tenho ainda pra fazer. Aí eu disse: - Mas ‘Antonio’ você ainda vai matar todo esse povo? Ele disse: - Eu já tenho acertado. Quando eu preciso de dinheiro eu vou lá e ainda tem uma coisa. Além de eu matar, ainda tenho que arrancar a orelha para eu receber o dinheiro. Se eu não levar um documento, a orelha que eu matei, eu não recebo! Então, ele matava e tirava a orelha esquerda e levava para receber o dinheiro. Ele vivia só disso, só de matar. Mas ele era um homem muito bom assim pra se viver com ele. Se não tivesse medo dele. E todo mundo tinha medo dele. Mas a gente não tinha medo dele porque tinha amizade com ele e não tinha nada contra ele.”<sup>321</sup>.

Para dona Zelina, “Antonio” matava e assumia ter matado, e ao que parece, havia pessoas que não estavam agindo dessa forma. Ela também se recorda de que, naquele tempo, além da coragem de assumir seus atos, você também não poderia ter ninguém contra você. Lembra-se, ainda, de um tempo em que “Antonio” começou a se sentir acuado, e ela explica que, “(...) a polícia não prendia ele porque tinha medo dele também, né! (...) Todo mundo tinha medo dele. O ‘Antonio’ não tinha amigo. (...) Ainda ele falava assim: - Parece que eu sou bicho, quando eu entro num lugar o povo corre tudo.”<sup>322</sup>

Quando perguntamos a dona Zelina que tipo de pessoa contratava os serviços de “Antonio”, ela nos fala:

“Ele pegava empreita era de fazendeiros, de gente rica. Que aquela época ele só pegava empreita de demanda de fazenda. (...) à toa não matava não! Sem dinheiro não matava, não. Ele matava pra ganhar. Ele não matava por briga. Se você chegasse nele, se você tivesse encrencas, por exemplo, com uma pessoa. Porque a maioria desse povo antigo aqui de Três Lagoas de família antiga eles nunca matou, eles pagavam pra matar. (...) Depois ele ganhou

---

<sup>321</sup> Idem.

<sup>322</sup> Idem.

*esse jipe dessa família do povo antigo, do bisavô desses meninos de hoje. Ele fez uma morte não sei pra quem e deram o jipe pra ele em troca do dinheiro.*<sup>323</sup>

Como pudemos perceber, o “Antonio” para dona Zelina não representava uma ameaça, ele era um amigo por quem demonstrava compreensão. Ela não o temia, os outros e a polícia é que tinham medo dele. Ele era parte do mundo dela, assim como ela era parte do mundo dele, e suas palavras demonstram que, muito mais do que a amizade, eles também compartilhavam experiências e relações vividas.

Dona Zelina reconhece que “Antonio” era corajoso e ele tinha consciência de que essa coragem o colocava em risco, no entanto, essa coragem também lhe dava poder, e ele jogava com isso. O fato é que dona Zelina também tinha consciência do risco que ela corria, vivendo na Zona de Meretrício e, como ele, ela também jogava com esse risco. Um exemplo disso foi quando mencionou sua coragem em desafiar as pessoas ao aparecer nos bailes na companhia de “Antonio” ou na companhia de outros “pistoleiros”. Frequentar os bailes ou lugares públicos acompanhada por esses homens bravos e reconhecidamente perigosos a tornava forte e corajosa como eles.

No entanto, apesar de sua interpretação sobre a passagem de “Antonio” por Três Lagoas, uma coisa ainda a incomoda: “O interessante é que o pessoal mais comenta a morte do “Antonio” a vida do “Antonio”, mas, o “Norão” foi muito mais que o “Antonio” e ninguém comenta. O “Norão” foi morto em 48, 49 o Antonio foi lá pra 62, 63.”<sup>324</sup>

Talvez a resposta a essa observação de dona Zelina esteja no fato de que nos anos de 1948 ou 1949, quando mataram o “Norão”, Três Lagoas não estava enfrentando mudanças e transformações tão bruscas como as que ocorriam nos anos de 1962 ou 1963, quando mataram o “Antonio”. E isso explica em parte a sua observação acima.

De outro ponto de vista, temos os depoimentos de dona Amélia e do senhor Jamil, que já eram comerciantes em Três Lagoas desde aquela época. Para eles: “Foi a pior época de Três Lagoas (...) Matavam um aí, falavam foi o ‘Camisa de Couro’. Podia nem ser ele, mas ele pegou fama. Aqui vivia um outro pistoleiro também, um tal de ‘Cachimbinho’, que era um famoso pistoleiro daquela época.”<sup>325</sup>

---

<sup>323</sup> Idem.

<sup>324</sup> Idem.

<sup>325</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 3/2/2003.

Para a versão de dona Amélia e do senhor Jamil, essa foi a pior época de Três Lagoas, e eles se lembram disso nos contando sobre a foto de “Camisa de Couro” que ilustra a reportagem do Jornal do Povo, que foi publicada no ano de 1996. Dona Amélia se recorda que,

*“(... ) saiu no jornal e vendida pelo Foto Zaguir. Pra todo o pessoal do Norte que compravam depois da morte dele. Mas foi proibida pelo delegado daqui que era o doutor Rui Garcia, que veio e proibiu a venda e levou todos os negativos. Não temos mais fotos dele.(...) O doutor Rui Mario Garcia, hoje ele é Desembargador em Campo Grande. É, não sei se naquele tempo ele mexia com a cidade. Acho que ele mexia com a cidade, não sei se é daquela época. Ele que proibiu a venda das fotografias, por isso que não tem mais fotografias dele. Só tem essa do Jornal.”<sup>326</sup>*

Ao nos contar sobre a “foto”, a primeira lembrança de dona Amélia se refere à interdição que sofreram e sua primeira reação é negar a existência das fotos e dos negativos. E, assim, continua:

*“Essas fotos foram muito procuradas. Muito mesmo! Todo mundo queria foto dele de lembrança para saber como é que era para mandar para os outros. Porque mandava assim e contava: - Aqui em Três Lagoas houve um crime, mataram fulano, ciclano, né? O pistoleiro aqui era o ‘Camisa de Couro’, o apelido dele era ‘Camisa de Couro’ então, todo mundo queria saber! Vendemos, vendeu muita fotografia dele! Aí, quando o delegado viu que estava muita procura, ele suspendeu a venda e levou os negativos.”<sup>327</sup>*

Ao falar das fotos e da ação de apreensão, dona Amélia se lembra de como era o “Camisa de Couro” e como ele se portava perante as pessoas que trabalhavam no comércio e com a prestação de serviço.

*“Ele era alto. Estatura alta, um homem muito bonito, bem vestido sabe? Era um homem bem vistoso. (...) Bonitão, não era feio não. Era de uma aparência ótima! Nem parecia pistoleiro! (...) E quando ele vinha no alfaiate, que era justamente aqui na nossa loja, aqui no nosso prédio, ele não ficava de costas para a rua. Ele só ficava de frente de medo de ser atingido por alguém. Ele não virava as costas e isso nós sabemos certinho. Ele foi muito atraído por causa do povo de Cuiabá. (...) Mas ele era danadão! Todo mundo tinha medo, qualquer coisa ele matava. Qualquer coisa que fazia, ele matava. Agora, ele veio mais para matar esse povo, mandado por um homem”<sup>328</sup>.*

Ele era danadão e todo mundo tinha medo dele, no entanto, suas lembranças a fazem explicar que ele veio mais para matar esse povo mandado por um homem. Essa naturalidade com que as relações de poder se tornam explícitas para dona Amélia é que se torna importante. A presença de “Camisa de Couro” em Três Lagoas se justifica porque ele veio a mando de um homem. E pelo que apreendemos em sua fala esse homem representava o poder muito mais que “Camisa de Couro”, que era somente um instrumento para se fazer

---

<sup>326</sup> Idem.

<sup>327</sup> Idem.

<sup>328</sup> Idem.

valer esse poder. E, assim, ela analisa que as coisas em Três Lagoas mudaram desde aquela época, mas isso não exclui que esse período tenha sido um período perigoso e ameaçador. Em suas palavras:

*"Naquela época não havia roubo nem mortes, ninguém matava. (...) Depois você vê, agora tudo é calmo. Né? Só essa moçada nova agora, que tomam drogas, ficam fazendo barbaridades. Na cidade não havia essas bagunças, não. Só que quando falavam Mato Grosso, todo mundo tinha um medo, né! Com esse negócio piorou para Três Lagoas, com esses crimes. É, piorou muito a coisa em Três Lagoas. O povo não saía mais de casa à noite. Não saia mesmo. Era perigoso sabe? Depois da morte dele acabou também."*<sup>329</sup>

Dona Amélia e o senhor Jamil, em vários momentos de suas falas, repetem que a coisa piorou muito em Três Lagoas naquela época, e isso nos leva a pensar que a situação piorou não por causa de “Camisa de Couro”, que já freqüentava a cidade havia um tempo. Como demonstra dona Amélia, ele era tão conhecido no comércio que o seu comportamento e a sua atitude ao provar suas roupas no alfaiate já não surpreendiam ninguém e, além disso, eram aceitos. “Camisa de Couro” assim como outros pistoleiros eram partes dessa organização social. Todavia, sua fala nos leva a apreender que a situação piorou no momento em que foram colocadas em prática medidas violentas para as ações voltadas para a “limpeza dos pistoleiros” na cidade. E essas medidas atingiram toda a população.

Cabe-nos lembrar que as coisas estavam mudando e se transformando em Três Lagoas. As práticas e as formas de convívio que eram naturais no cotidiano das pessoas que viviam na cidade passaram a incomodar alguns grupos de pessoas que estavam diretamente envolvidos com essas mudanças. Foram esses grupos, que envolviam políticos, fazendeiros, comerciantes, ou seja, a elite dominante, que lutaram e encabeçaram a campanha para que a imagem construída de Três Lagoas ligada á violência, mudasse a todo custo. Consideramos que mudar a imagem de Três Lagoas significava mudar a própria imagem também.

Em nossa compreensão foram essas medidas que afetaram a população, e nos depoimentos de dona Amélia e do senhor Jamil percebemos que essas medidas chegaram até eles, que sempre foram comerciantes conceituados na cidade. Eles haviam sido envolvidos no clima de ameaça e perseguição que foi implantado, e isso aconteceu quando um de seus

---

<sup>329</sup> Idem.

estabelecimentos comerciais o “Foto Zagueir” sofreu uma ação de busca e apreensão por parte das autoridades para a proibição do comércio das fotos de “Camisa de Couro”.

Hoje, por mais que dona Amélia e o senhor Jamil demonstrem naturalidade ao falarem dessa ação de busca e apreensão das quais foram vítimas no passado, percebemos que um sentimento de receio ou medo os acompanha. Esse sentimento está presente em suas argumentações até hoje, quando são indagados sobre essas fotos, e a primeira reação deles é negar que tenha sobrado alguma cópia ou os negativos. Uma coisa é certa, a ordem que foi dada há quase cinqüenta anos ainda os amedronta.

Por outro lado, temos o depoimento do senhor Carlos que era jovem e tinha acabado de retornar do Rio de Janeiro, onde estudava para assumir os negócios de uma das fazendas da família. Ele se lembra de sua chegada a Três Lagoas no fim do ano de 1959.

*“Chegando aqui já ouvia de várias pessoas comentários a respeito do banditismo na região. E era um banditismo que estava enraizado aqui no bolsão Sul Mato-Grossense da região de Cassilândia, Paranaíba, Aparecida do Taboado, Três Lagoas. Enraizado de uma tal maneira que as autoridades municipais ou a polícia local do Estado de Mato Grosso não estava conseguindo coibir as investidas desses criminosos. Alguns deles fixaram residência em Três Lagoas, entre eles o Antonio Joaquim, tido como ‘Camisa de Couro’.”<sup>330</sup>*

Ao recordar-se de “Camisa de Couro”, o senhor Carlos o integra a um sistema que estava enraizado, que ele denomina de “banditismo”. Dessa forma, ele admite que a violência era prática corrente na região e, com isso, interpreta que “Camisa de Couro” era uma figura comum naquele meio. Como explica o Senhor Carlos:

*“No início, que ele apareceu aqui, ele não cometia nenhum delito. Depois, com o passar do tempo, é que ele começou a chegar aos lugares onde não era convidado, a entrar, impor a presença dele. Num dos bares da cidade aconteceu uma passagem que talvez mostre que de herói ou de mocinho ele não tinha nada”<sup>331</sup>*

O senhor Carlos se lembra das passagens que presenciou e das ameaças que “Camisa de Couro” fez aos seus amigos e conhecidos o, Olin<sup>332</sup>,

---

<sup>330</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>331</sup> Idem.

<sup>332</sup> Segundo o senhor Carlos, o “Camisa de Couro”, num dos bares da cidade, desafiou o senhor Olin , que era fiscal do estado na época, dizendo que ficara sabendo que o Olin havia lhe chamado de covarde. O senhor Olin não se amedrontou e segurou o cano do revólver que o “Camisa de Couro” lhe apontava. A reação de Olin foi tão inesperada por ele que ele abaixou a arma e botou a mão no ombro de Olin e falou:  
- Tudo isso é conversa.

o Comandante Moacir<sup>333</sup>, o fazendeiro Semi<sup>334</sup> e o delegado da época, o Sebastião “Barbeiro”<sup>335</sup>. Ao contar os desfechos dessas ameaças, ele comenta que, em um dos casos, o ameaçado ofereceu a “Camisa de Couro” o dobro da empreita para que ele retornasse com o “mando”. E foi isso que ele fez, aceitou a pedida e voltou-se contra o primeiro “mandante”. E assim, “(...) *daqui ele foi até a cidade de Goiás de onde havia partido a ordem pra matar, e liquidou com o cidadão que havia empreitado o serviço. Esse é o ponto que mostra perfeitamente o profissionalismo dele.*”<sup>336</sup>

Ao comentar essas ações de “Camisa de Couro”, o senhor Carlos lembra que ele estava muito à vontade na cidade e dando muitas oportunidades para que fosse eliminado. Assim, perguntamos a ele se o regime político da época dava abertura à atuação desses pistoleiros, ao que nos respondeu:

*“Não, o que havia era ineficiência da polícia. E mesmo porque a polícia continua hoje não aparelhada e não era aparelhada naquela época. Não era preparada para enfrentar pistoleiros desse calibre. Mas acredito eu que era só mesmo por esse motivo. Não havia, não era protegido, não era acoitado pela polícia. O que ela procurava era um jeito de eliminá-los, mas temia-se, os policiais tinham medo dele.”*<sup>337</sup>

O senhor Carlos se lembra ainda da aparência de “Camisa de Couro” e da forma como ele se trajava.

*“Ele não era um maltrapilho, mas era de extremo mau gosto ao se trajar, porque não tinha conhecimento. Às vezes, ele usava camisas um pouco berrantes, mas eu nunca o vi sem a jaqueta de couro preta. (...), uma jaqueta de couro surrada, que não esquentava, era apenas para disfarçar a guaiaca com os dois revólveres.”*<sup>338</sup>

---

<sup>333</sup> Conforme o senhor Carlos, ainda, o Comandante Moacir Tocquenville era piloto aposentado da Panair do Brasil, e o ‘Camisa de Couro’ o enfrentou no bar Ponto Azul, dizendo: - Se prepara que você vai morrer! E sacou dos dois revólveres “trinta e oito” com os quais ele andava normalmente. Aí, o Comandante Moacir falou: - Eu não falei que você é covarde? Eu não tenho sequer um canivete na mão e você está com dois revólveres com seis balas cada um, dizendo que vai me matar. Me dá um de seus revólveres que nós vamos trocar tiro aqui e eu quero ver quem morre. Novamente ‘Camisa de Couro’ abaixou a arma, deu um abraço no Moacir, sentou-se com ele e foram tomar pinga juntos.

<sup>334</sup> Segundo o senhor Carlos, o ‘Camisa de Couro’ pegou de empreita para matar um fazendeiro de Goiás, amigo seu, radicado em Andradina, o Semi. Chegou ao conhecimento do Semi que ele estava indo para Andradina para matá-lo, e o Semi tinha um primo, o “João do Cano”, que era pessoa de absoluta confiança do Semi e que era fazendeiro também. Então, o Semi mandou o “João do Cano” encontrar o “Camisa de Couro” para dobrar a parada e propor que ele retornasse o “mando”. E o “Camisa de Couro” perguntou ao “João do Cano”: - Mas dobra? A empreita é tanto. E o “João do Cano” falou: - Dobra. E assim ele retornou o “mando” para o fazendeiro de Goiás que havia empreitado para matar o Semi.

<sup>335</sup> O delegado de Três Lagoas era o senhor Sebastião “Barbeiro”, de profissão ele era barbeiro, e delegado por indicação política. E o Sebastião, investido então das funções de delegado, saiu de sua residência e ‘Camisa de Couro’ o cercou, o xingou fez uma série de violências contra o delegado. Bateu e falou: - Você não reage? Então não vou te matar, só a vergonha que você está passando aqui na rua pra mim já vale a pena. É o suficiente! Em seguida o Sebastião pediu demissão do cargo.

<sup>336</sup> Idem.

<sup>337</sup> Idem.

<sup>338</sup> Idem.

Como pudemos observar no depoimento do senhor Carlos, a polícia não conseguia coibir as ações dos pistoleiros com o calibre de “Camisa de Couro” por medo, por ineficiência e por estar mal aparelhada. Em sua concepção, “Camisa de Couro” era uma pessoa de caráter duvidoso e sem ética profissional e, portanto, uma grande ameaça para pessoas como ele um jovem fazendeiro que acabava de voltar do Rio de Janeiro trazendo na bagagem novas idéias e novos costumes. Para o senhor Carlos a presença de “Camisa de Couro” na cidade passou a incomodar a ponto de se tornar uma ameaça a muitas pessoas, incluindo ele próprio e seus amigos.

*(...) Isso foi trazendo a cada dia uma preocupação muito grande e um temor nas pessoas em se encontrarem fortuitamente com ele, nesses locais, onde a sociedade freqüentava corriqueiramente, e que poderiam ser vítimas de alguma atitude dele mais grave.*<sup>339</sup>

Diante desses fatos parece que a polícia achou o jeito que estava procurando para eliminá-lo ou, conforme as palavras do senhor Carlos, eliminá-los. Coincidentemente, ou não, em dezembro de 1960, foi assassinado o aviador João de Freitas, vulgo “João Cachimbo”<sup>340</sup>; no dia 22 de março de 1961, sofre uma ameaça João Lino e Silva, vulgo “João Carapina”<sup>341</sup>; no dia 7 de julho de 1961, é aberto o processo-crime do assassinato de Alfredo Silva, vulgo “Cabo Maranhense”<sup>342</sup> e no dia 8 de novembro de 1961, é assassinado Antonio Joaquim de Aragão, vulgo “Camisa de Couro”<sup>343</sup>. Todos esses crimes envolvem assassinatos, ou tentativas de assassinatos, e todas as vítimas desses atentados, em algum momento, foram citadas por nossas fontes como “pistoleiros” ou “empreiteiros”.

Entretanto, o senhor Carlos, ao se lembrar dos acontecimentos posteriores à morte de “Camisa de Couro”, observa e, ao mesmo tempo, interpreta o que ocorreu, da seguinte maneira. Para ele, “Camisa de Couro” era um “pistoleiro profissional” e agia como tal. Como vimos, sua presença passou a não ser mais aceita e suas ações começaram a incomodar. Assim, apreendemos que algumas pessoas não o queriam mais ali e, para isso, uniram-se para eliminá-lo. Os acontecimentos ocorridos depois de sua morte,

---

<sup>339</sup> Idem.

<sup>340</sup> Gazeta do Comércio de 4 de dezembro de 1960, edição 2664-2564. Arquivo doutor Castro Pinto

<sup>341</sup> Conforme Livro de Registro da Vara Criminal, ordem sob o número 14/61 fls. 18(f).

<sup>342</sup> Conforme Livro de Registro da Vara Criminal, ordem sob o número 84/61 fls. 22(v)

<sup>343</sup> Certidão de Óbito sob o nº. 11, folhas 74.

porém, acabaram mudando um pouco os rumos das coisas. O senhor Carlos, ao se recordar dessas mudanças, enfatiza o seu posicionamento ao dizer:

*"Tentam transformá-lo em mito. Mas, pra mim ele não tem nada além de um pistoleiro profissional com todos os requisitos para isso. Só matava de tocaia, e no caso do João Cachimbo, ele apoiou a execução. Sem contar que houve, na época, pessoas que se diziam amigas dele de medo dele."*<sup>344</sup>

Para o senhor Amado, um cidadão comum de Três Lagoas, a morte de “Camisa de Couro” está muito ligada ao começo da Barragem, nos anos de 1961, 1962, quando ele discutiu no Bar Esporte. E ele explica:

*"Ele não vivia aqui. Chegava aqui, ia para a Zona de Meretrício. Chegava lá, a polícia dava em cima, trocavam tiros, e ele fugia naquela noite ou ia dormir numa daquelas casas de amigos. No dia seguinte, ele fugia, passava 3, 4 ou 5 meses fora até ele voltar. E assim que ele ficou nessa vida aí dois anos mais ou menos."*<sup>345</sup>

Entretanto, o senhor Amado recorda que não demorou muito tempo ele apareceu na cidade como membro da polícia e, coincidentemente, uns três ou quatro meses depois disso ele foi executado. E assim ele se lembra que,

*"(...) ele passou a morar no hotel quando ele veio como um cidadão comum, não era mais um pistoleiro procurado e ameaçado pela polícia. Aquilo ali o doutor Fernando Corrêa da Costa, ele tramou a coisa bem tramada, mandou ele pra cá, que aqui ele foi tratadinho, foi aqui. (...) Uns três ou quatro meses depois ele foi executado com 11 tiros de metralhadora, uma rajada"*<sup>346</sup>.

Ao contar sobre a ascensão de “Camisa de Couro”, o senhor Amado nos dá a justificativa de que tudo fazia parte de uma trama montada com o apoio do Governo Estadual para eliminá-lo. Dessa forma, o senhor Amado traça a trajetória de “Camisa de Couro” desde seu lugar de origem, “Sergipano. No Sergipe ele começou na criminalidade. Em Sergipe ele matou dois e aí foi para o Paraná. No Paraná ele foi Polícia Florestal, aí foi onde ele fez muitos crimes. Depois que ele veio pra cá e aí foi, que quando ele morreu, ele estava com 26 anos e 32 mortes.”<sup>347</sup>

No entanto, um comentário do senhor Amado fez com que apreendêssemos o grau de tensão que sua presença provocava nas pessoas, ao contar que: “Um dia minha mulher foi na casa do Vitorino<sup>348</sup>, e ela era amiga da Dona Maria do Vitorino. Ela disse: - Dona Maria quem é esse? E a dona Maria disse: - É o “Camisa de Couro”. Ela ficou com muito medo. Não dele, da fama dele.”<sup>349</sup>

---

<sup>344</sup> Idem.

<sup>345</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 6/11/2002.

<sup>346</sup> Idem.

<sup>347</sup> Idem.

<sup>348</sup> Segundo o Senhor Amado o senhor Vitorino era uma pessoa comum, era seu amigo e amigo de “Camisa de Couro”.

<sup>349</sup> Idem.

Para o senhor Amado, um cidadão comum, o que amedrontava não era a presença de “Camisa de Couro” na cidade ou na casa de dona Maria do Vitorino, mas a fama dele. Aliado a isso existia a preocupação dessas pessoas em conviverem com a violência. O que, de certa forma, demonstra que elas tinham consciência de que a violência como modo de vida lhes era imposta como prática corrente dessa sociedade. Mas foram suas palavras quando lhe perguntamos se ele havia conhecido “Camisa de Couro” pessoalmente que revelam sua preocupação e seu temor. Seu temor se faz presente ao julgar que podia ser mal interpretado e correr o risco de se tornar vítima de uma ação violenta que pudesse resultar em crime. Crimes que ele mesmo se recorda que eram corriqueiros na cidade. Em suas palavras: *“Conheci só que nunca tive papo com ele. Conheci assim, mas, nunca tive um diálogo com ele. Que, além da fama e das histórias, eu tinha medo de puxar conversa e ele interpretar mal. Eu assisti muito crime aqui.”*<sup>350</sup>

Dessa maneira o senhor Amado deixa transparecer que, além do medo da fama de “Camisa de Couro”, ele também tinha medo de ser vítima da “violência”, pois ela estava ali. Ela existia e podia ser praticada por qualquer um, ou melhor, por qualquer motivo.

Outras experiências com “Camisa de Couro” viveu o senhor Argeo, que era fazendeiro e pecuarista em Três Lagoas. E assim ele nos contou como foi uma delas.

*“Eu tenho uma irmã, que inclusive ela está viva, e na época ela largou do marido e o marido queria matar ela, batia nela. Ela apareceu em casa uma época toda marcada de revólver. Aí, eu peguei, me condoí com aquilo e falei, vou tomar providência disso. Aí, ela veio, eu falei primeiro você vai lá no nosso pai e vé o que ele faz ou o que ele tem que fazer né? Aí ela veio e sumiu, desapareceu, né! Aí eles vieram aqui para Três Lagoas e ela encontrou com o Osório Ferreira Vida, que era o marido dela, e casaram de novo e aí foram embora. De repente ele dá uns tiros por cima dela lá na fazenda. E isso não era muito perto, era distante duns 24 quilômetros mais ou menos da nossa fazenda. E quando foi um belo dia, lá, ele dá uns tiros nela, lá. Ele atirou pra matar mais ela vazou e pegou um cavalo escondido lá e veio embora. Aí, lá pro amanhecer do dia ela estava chegando em casa. Aí, ela deu um jeito de desquitar, largar. Mas ele, como era muito mau, o marido dela arrumou esse ‘Camisa de Couro’ para ninguém tirar o gado dela de lá, porque tinha que repartir, né? Mas naquela época aqui tinha muitos jagunços e eu não sei bem o nome deles, mais tinha diversos. E ele mexeu com esses homens aí, e ninguém quis, todos falavam: - Não, não isso é de família, é encrenca de família e eu não vou mexer com isso. E aí o ‘Camisa de Couro’ foi. Aí eu falei: - Pô, se ninguém pega o gado como é que parte? Por causa do ‘Camisa’? (...) Então eu fui lá, peguei o gado com ordem do juiz aqui. (...) Aí ele levou o ‘Camisa de Couro’ no dia pra vedar o gado e, no certo, matar a gente lá. Não sei, mas Deus é grande, porque eu também não abaxei pra ele, porque eu tô fazendo um serviço é pro negócio ficar tudo feito. Eu tava com meu irmão Joel, o Silvio Macena, o peão, e eu esqueci o nome do outro peão bom também. (...) Aí nós pegou os cavalos, arreou, fomos lá no pasto, pegamos o gado, fechamos e aí começou a apartação desse gado. Aí ele veio de lá mais o Osório Ferreira Vida e deram seis tiros cada um*

---

<sup>350</sup> Idem.

*pra cima. Pá, pá, pá, pá, pá! Nossa, aí os meninos viu que ele estava meio corajoso e queria responder aqueles tiros. Aí eu falei: - Não altera esses tiros não! (...) E o ‘Camisa de Couro’ veio e sentou em cima da cerca, e pôs a mão no joelho assim, e dobrou a mão no joelho e ficou quietinho ali. Nós apartou tudo, deu 487 rês pra Maurides, minha irmã, e uns cavalos lá.*<sup>351</sup>

Essa passagem contada pelo senhor Argeo faz parte do universo que envolve as ações de homens como “Camisa de Couro” em Três Lagoas. E mais do que isso, suas palavras nos mostram a maneira como essas pessoas viviam, relacionavam-se e resolviam seus conflitos. Ao nos contar essa passagem, o senhor Argeo ainda nos explica:

*“E aí, o motivo disso é que quando ele morreu aqui em Três Lagoas, nós ficou sabendo no mesmo momento. O meu irmão Jorge já era aviador, e ele passou lá na fazenda e falou: - Vocês querem ver o ‘Camisa de Couro’ mais uma vez? Vai que ele está morto. Mataram ele agora mesmo lá na Prefeitura. Mas ninguém queria ver o ‘Camisa de Couro’, meu irmão já tinha visto ele morto e a gente tinha serviço lá e meu pai morava aqui, mas estava na fazenda pescando.”<sup>352</sup>*

A versão sobre a morte de “Camisa de Couro” que o senhor Argeo nos conta é a seguinte.

*“Dizem que era um cabo muito perfeito no assunto. Mandaram matar ele aqui, que o motivo é que ele já estava batendo na cabeça dos homens aí, dizendo: - Hoje eu vou dormir com sua mulher! E aí, alguém que aqui tem gente que esses Garcias, justamente era dos Garcias, e eles de certo mandaram uma carta pra lá com assinaturas. O governo, foi o governo que mandou fazer ele. Foi o governo de Cuiabá que mandou fazer ele.”<sup>353</sup>*

O que apreendemos em sua fala é que, para o senhor Argeo, enfrentar problemas e homens como “Camisa de Couro” era tão natural e provável em sua profissão que nem a notícia de que “Camisa de Couro” teria sido assassinado fez com que ele saísse da fazenda para conferir. Ter sido ameaçado por “Camisa de Couro” não mudava sua rotina, e a morte dele foi algo tão banal e corriqueiro que, em suas palavras, nada significou além de ser mais uma morte entre tantas outras que ocorriam. A morte de “Camisa de Couro”, não lhe dizia respeito, ele morreu a mando do governo de Cuiabá que, para isso, contou com o envolvimento de outras pessoas da cidade. Naquele momento, “Camisa de Couro” não representava mais uma ameaça ao senhor Ageo, e, portanto, eram mais importantes os serviços a fazer na fazenda, que não podiam esperar.

---

<sup>351</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 19/12/2005.

<sup>352</sup> Idem.

<sup>353</sup> Idem.

O senhor Argeo, além da experiência com “Camisa de Couro” na partilha dos bens de sua irmã, também presenciou a morte de “João Cachimbo” no Bar Aviação, ocasião em que sua cunhada, Maria Laura, foi atingida por uma das balas que eram dirigidas à vítima. Ele nos contou que conhecia o “João Cachimbo”, pois já havia voado com ele algumas vezes, estavam conversando na frente do Bar Aviação no momento em que ele foi chamado ao telefone. Em sua lembrança, assim que “João Cachimbo” se afastou para atender ao telefone, logo em seguida, ele presenciou “Camisa de Couro” entrando no estabelecimento e atirando em “João Cachimbo”, acompanhado de um outro companheiro que também começou a atirar. O senhor Argeo foi testemunha ocular do crime que resultou na morte de “João Cachimbo”. Suas experiências com “Camisa de Couro”, porém, não pararam aí. Ele nos conta também o assassinato de seu primo Diguinho que assim ele nos conta,

*“Mas ele matou o finado Diguinho. O Diguinho era desses homens que parecia ser um homem valente, mas era um homem de mau costume. E ninguém nunca matou ele, nunca atirou nele, e o “Camisa de Couro” matou ele. Era desses botecão de fazenda que só tem a casa, e o Diguinho rodeava a casa e pedia pra ele não matar, e ele falou: - Eu vou te matar, sim! E o Diguinho rodeava, e ele virou e atirou. O Diguinho com o revólver na cintura não era pra brigar? Uai, às vezes você não quer mais, se é acuado tem que se defender, né? Então eu acho que ele quebrou a força do Diguinho, eu penso nisso.”<sup>354</sup>*

Como pudemos perceber, o senhor Argeo viveu intensamente esse período, e suas palavras para definir “Camisa de Couro” foram as seguintes,

*“Ele não era desses homens assim de ter medo não. E eu quando recebi esse gado lá e levei, eu vi que ele não era. Ele punha medo e toda vez que o cara tinha medo, aí os caras correm e você corre em cima, né? Então eu notei que depois disso ele não era tão assim como falavam. (...) O homem não era tão difícil assim. Não era difícil não, ele bebia. Não foi só meu irmão que contou que puseram ele pra dormir. Tem mais gente que bebeu junto. Uma pessoa perigosa não bebe pra ficar bêbado e precisa saber com quem também. Então, ele bebe no quarto dele sozinho e dorme. Mas do jeito que ele fez aí, não! Então, eu acho que ele era um meio descabeçado. Ele tinha coragem e precisava de dinheiro e num trabalhava.”<sup>355</sup>*

Desta forma, o senhor Argeo nos passa a idéia de que “Camisa de Couro” era uma pessoa que não media as consequências de seus atos e, mais do que isso, ele integrava e representava todo um sistema amparado na violência, do qual ele era apenas mais um instrumento. Ele mesmo nos explica: “Aqui tinha muito mais gente com coragem do que o ‘Camisa de Couro’. Só faltou igual esses

---

<sup>354</sup> Idem.

<sup>355</sup> Idem.

*homens que matou ele, que nem falou com ele. Não era mais bonito? Você é o Antonio 'Camisa de Couro'? Então o senhor vai morrer! Eu tô aqui pra te matar! Aí era bonito, né!*<sup>356</sup>

Neste depoimento, o senhor Argeo deixa transparecer seu modo de ver a violência como parte de seu cotidiano. Para ele, homens como “Camisa de Couro” e atuando na mesma profissão, ou seja, “pistoleiro profissional”, eram habituais em Três Lagoas e em toda região. Segundo o senhor Argeo: “É que aqui tinha o Jerônimo Sinhá que matava mesmo e não saí o nome dele. Mas ele era um dos mais bom.”<sup>357</sup>

Nas falas de nossos depoentes fomos percebendo que as ações de “Camisa de Couro” se assemelhavam ou eram tidas como menores em relação às de outros pistoleiros. Entre eles, dona Zelina se recorda do “Norão”; o senhor Argeo, do “Jerônimo Sinhá”; dona Amélia e o senhor Jamil se recordam do “Cachimbinho”<sup>358</sup> e o senhor Carlos se lembra do “banditismo” enraizado na região. Assim, apreendemos que uns se recordam de maneira mais direta e próxima, outros de maneira mais generalizada, outros de forma mais distante. O grau de suas recordações varia conforme o seu grau de envolvimento com “Camisa de Couro” e, também, conforme as experiências e as relações compartilhadas por essas pessoas na época.

Para o senhor Carlos: “Querem transformá-lo em mito”. Para dona Zelina: - “O interessante é que o pessoal mais comenta a morte do ‘Antonio’ e a vida do ‘Antonio’. E o ‘Norão’?” Para o senhor Argeo: - “Aqui tinha o Jerônimo Sinhá que matava mesmo, mas não saí o nome dele.” E assim por diante. O que incomoda e intriga essas pessoas é o motivo de tanta fama para “Camisa de Couro”. Por mais que tentem, eles não conseguem diferenciá-lo de todo um sistema, e isso é significativo.

Conversamos, ainda, com o senhor Ibraim, que foi companheiro de muitas farras de “Camisa de Couro” e, segundo suas palavras:

*“Ele andava normalmente aqui na cidade com aquele jipinho dele. Só que ele era meio esquisito, era esperto mesmo. Ele vinha, às vezes, e nós se encontrava. Quando nós se encontrava é que ele vinha aqui no bar tomar cerveja e depois a gente ia pra Zona. Era o dia-a-dia dele assim três, quatro dias aqui o resto nas fazendas. Tinha muita gente por esse cerrado que fazendeiro mandava matar. Ele matou muita gente nessas beiradas que fazendeiro mandava matar.”*<sup>359</sup>

---

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> Idem.

<sup>358</sup> “Cachimbinho” seria o piloto “João Cachimbo”.

<sup>359</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/2/2006.

Ao falar de seu amigo, o senhor Ibraim se recorda das inúmeras passagens que viveu ao seu lado. Uma delas foi a comemoração do aniversário do “Camisa” no Bar Esporte, que, segundo ele, resultou numa das fotografias em que eles estão juntos. Segundo ele, foi nesse dia também ”(...) que ‘Camisa de Couro’ mandou fechar o bar e colocou as garçonetes para dançar sem roupa em cima das mesas.”<sup>360</sup>

Em outra ocasião eles foram de jipe para a beira do rio Sucuriú e levaram algumas mulheres. E o senhor Ibraim recorda que,

*“Num certo momento o “Camisa” se enfezou com uma delas e pôs fogo em suas roupas deixando elas tudo pelada. Ai, ele colocou elas pra virem a pé por mais ou menos doze quilômetros. E ele ia de jipe atrás delas, atirando em seus pés para assustar. Coitadas, delas.”*<sup>361</sup>

Em outro dia, eles estavam na Zona de Meretrício e “Camisa” mandou ele se esconder embaixo da cama porque ia haver um tiroteio. E foi o que aconteceu. Assim, o senhor Ibraim explica sua relação de amizade com o “Camisa de Couro”: “*Nossa vida, sabe o que era, te falando a verdade? Era de farra com a mulherzada.*”<sup>362</sup>

Todavia, algumas passagens que não envolviam mulheres também fazem parte das lembranças do senhor Ibraim como, por exemplo, as viagens de avião a Goiás, nas cidades de Jataí e Anápolis, e também à cidade de Araçatuba, interior de São Paulo, que ele fez para acompanhar o “Camisa”. Ele nos fala sobre uma dessas viagens.

*“Eu fui de companhia pra ele. Só que ele sumiu e me deixou uns dois dias no hotel. Ai nós viemos embora, só que eu não vi nada. Mas desconfio que ele foi matar alguém lá. Nós fomos de avião, de “teco-teco” desses fazendeiros ricos aí, que tratava e pagava ele. Olha, você vai lá e faz ele lá. E ele fazia mesmo. E os pilotos eram de confiança do fazendeiro.”*<sup>363</sup>

Esse foi um período bem agitado na vida do senhor Ibraim e, por isso, suas lembranças são tão intensas. Como vimos várias são as passagens de que ele se recorda e, entre elas, está o dia em que o “Camisa” atirou em todos os postes da rua, deixando tudo escuro. Assim também o dia em que ele deu uns tiros que acabou com um comício político no coreto da praça, assustando todo mundo. E foi num desses encontros e numa dessas farras que o senhor Ibraim se recorda de ter lhe perguntado:

---

<sup>360</sup> Idem.

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Idem.

<sup>363</sup> Idem.

*"Aí, um dia, nós tava na farra lá, eu o "Camisa" e o Onofre, e eu falei: - Oh, "Camisa" você já matou mais de cinqüenta aqui? Ele falou assim: - Pois é, você vê como é as coisas, nego mata aí e fala que é eu. Mata aí fala que é eu. E tudo jogava nas costas dele. E aí eu não sei se é mentira ou verdade."*<sup>364</sup>

Assim, ao lembrar de seu amigo, o senhor Ibraim avalia e interpreta essa amizade.

*"Ele era bom demais. Quando era amigo, era amigo mesmo. Ele quantas vezes falou assim pra mim: - Vai embora, vai pra sua casa. Aí eu falava: - Não, eu vou ficar. Ele falava: - Não, vai. Hoje eu tô sabendo que vai ter tiroteio. E isso na Zona, né? Ele me mandava embora pra mim não morrer. Ele era amigo."*<sup>365</sup>

O senhor Ibraim se sentia protegido na companhia de “Camisa de Couro”. Para ele compartilhar de sua amizade era ter diversão, poder e proteção também. De certo modo, participar das farras com o “Camisa” o isentava de responsabilidades perante a sociedade, ele gostava e se aproveitava disso.

O senhor Ibraim também presenciou a morte de seu amigo “Camisa de Couro” e, nos conta qual foi o motivo que levou a esse desfecho.

*"Agora, aqui ele sofreu pressão de família, porque ele começou a perder o respeito. Ele achou que era o investigador que era o tal, né? Ninguém tinha coragem de prender ele. Todo mundo tinha medo dele. Daquela vez não foram quatro policiais lá na Zona para matar ele e não conseguiram matar ele. Agora ele sempre tinha salvação e eu não sei não, mas eu tô desconfiado que esse "João Carapina" fez parte da armação. Eu desconfio."*<sup>366</sup>

Conforme esses depoimentos, há na morte de “Camisa de Couro” um indício de tensão na disputa por poderes e, talvez, esse seja o maior motivo para que cada pessoa interprete esse acontecimento com base em diferentes perspectivas, eles falam a partir de um lugar social. Para os amigos de “Camisa de Couro”, por mais que ele estivesse desafiando algumas forças locais, o motivo maior de sua eliminação encontra explicação numa possível traição que ele tenha sofrido por parte de amigos, conhecidos, contratantes, da polícia, de políticos ou do próprio Governador do Estado. Somente uma traição poderia eliminá-lo. Afinal, ele era protegido. Como explica o senhor Ibraim: “(...) Agora ele sempre tinha salvação.”<sup>367</sup>

Para os conhecidos e para os desafetos de “Camisa de Couro”, as explicações envolvem a articulação de forças de alguns setores dessa

---

<sup>364</sup> Idem.

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> Idem.

sociedade resultando numa densa trama para eliminá-lo. Todavia, inúmeras foram as interpretações sobre “Camisa de Couro” que ouvimos de nossos depoentes. Algumas envolvem sua morte, outras envolvem suas ações, outras envolvem suas relações, outras tentam explicar o inexplicável. Contudo, “Camisa de Couro” é real tanto quanto todo o sistema que ele representa.

Procuramos por dona Minda, viúva do Senhor Dorival Floriano, que era mecânico do jipe de “Camisa de Couro” e seu amigo. Ela se recorda do período em que ele freqüentou sua casa e de uma vez em que serviu café a ele antes de sair com seu marido de caminhão para a mata do Alto Sucuriú.

*“(...) Então, uma dessas vezes, é que eu servi café para ele e ele ficou com a xícara na mão. Aí, meu marido tomou o café e me deu um sinal, e eu pus pra mim também. Aí, depois quando meu marido voltou, eu perguntei pra ele, e ele disse que era medo de engolir. Podia ser de madrugada que eles saíssem uma ou duas horas da manhã que fosse ele sempre estava impecável.”<sup>368</sup>*

Foram nessas palavras de dona Minda que encontramos vestígios de que “Camisa de Couro” tinha receio de ser envenenado e tomava cuidado até entre amigos. Anteriormente dona Amélia já havia citado uma atitude semelhante de “Camisa de Couro”, ao provar suas roupas no alfaiate. A nosso ver essas atitudes deixam transparecer que ele também tinha medo ou receio de que algo lhe acontecesse em Três Lagoas.

Mesmo “Camisa de Couro” freqüentando sua casa, dona Minda se recorda de que poucas foram as vezes em que ela trocou algumas palavras com ele, a não ser bom dia, boa tarde ou boa Noite. No entanto, ela se recorda de que ele era muito educado e reservado e analisa sua conduta.

*“Chamar de bandido não sei viu? Não sei se cabia isso! Porque ele era uma pessoa educada, fina, entrava na casa da gente e pedia licença. Um bandido você não aceita dentro da sua casa, aceita? Ele vinha na casa da gente, tomava café, entrava sempre muito educado. Ele não era um homem de palavras baixas, assim, sabe, moral, ele tinha uma moral. Eu acho que ele era uma vítima de alguma coisa lá da família dele. Eu acho que ele era vítima.”<sup>369</sup>*

Em outro momento desse trabalho já comentamos que o comportamento de “Camisa de Couro” variava conforme o lugar e as companhias em que ele se encontrava. Esse é o caso de dona Minda, que se lembra dele como uma pessoa fina e educada e, dessa forma, considera que não cabe chamá-lo de bandido. Na verdade ela até se arrisca a julgá-lo uma vítima.

---

<sup>368</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

<sup>369</sup> Idem.

Diante de suas observações, percebemos que para dona Minda, “Camisa de Couro” não era um bandido da forma como falavam ou como o transformaram. Ela, certamente, não o considerava como tal. Ele freqüentava a sua casa, assim como ela também freqüentava a casa de “João Carapina”, que era pai de suas amigas. Tanto “Camisa de Couro” como “João Carapina” tinham relação de amizade com o marido dela. Sendo assim, apreendemos que para dona Minda, eles não eram “bandidos”, eles faziam parte da estrutura e da organização social de Três Lagoas, da qual ela também participava. E, ainda, dona Minda considera que “Camisa de Couro” pode ter sido vítima dos acontecimentos que se desenrolaram. Tanto acha isso possível que, ao nos contar sobre sua morte, ela diz:

*“Foi muito comentada, mas ninguém comentava abertamente, era bem restrito. O que a gente ficou sabendo é que foi o “João Carapina” que programou a morte dele. Isso foi muito comentado na época. Mas, como a gente tinha amizade com o “João Carapina” e as filhas dele e todo mundo, a gente nunca comentou. Nunca, porque a gente tinha medo de falar. E parece que tinha algum fato que envolvia a política, mas não sei dizer. Eu não me interei e tinha medo.”<sup>370</sup>*

Isso nos leva a ponderar que, para dona Minda, uma dona de casa extremamente religiosa, aceitar a presença de um homem como “Camisa de Couro” em sua casa se torna natural desde que ele não represente nenhum perigo para ela e sua família. Além do mais, ele agia e se comportava educadamente em sua casa e em sua presença. Sua atitude não lhe causava nenhum tipo de apreensão ou desconforto.

Todavia, devemos considerar o comentário que ela fez sobre o medo que sentia em comentar ou falar sobre sua morte. Desse medo dona Minda se recorda bem e, entre os nossos entrevistados, não foi só ela que admitiu ter sentido algum tipo de temor. Foram inúmeras as falas que deixaram transparecer certo incômodo diante de todos os acontecimentos que envolveram não somente a morte de “Camisa de Couro” em Três Lagoas, mas também os acontecimentos ocorridos posteriormente. Todas essas considerações nos levam a apreender que, além de “Camisa de Couro”, outras situações e outras pessoas provocavam medo na população.

Na versão do senhor José, que é primo de segundo grau de “Camisa de Couro”, foi devido a um problema que ele teve com um vizinho de terras de seu

---

<sup>370</sup> Idem.

pai no Nordeste, quando ele estava com dezessete anos, que ele veio meio escondido para a região de Três Lagoas. O senhor José nos conta que logo que chegou à região, “Camisa de Couro” recebeu proposta de trabalho.

*“Aí ele veio meio escondido de lá do nordeste... veio de carona com uma família, né? Aí desceu e ficou pro aqui, pro Araçatuba. Foi naquela época, foi no tempo das eleições do Plácido Rocha e, aí, já ele ouviu falando de se queria que matasse alguém na eleição. Aí ele se prontificou a matá...”<sup>371</sup>*

Aprendemos, na fala acima, a existência de uma forte ligação do tipo de violência praticada por homens como “Camisa de Couro” com os crimes políticos. Dessa maneira, o senhor José se lembra como era seu comportamento e como agia em seu contato com a família.

*“Ele veio aqui de quando ele veio de Sergipe. Ele veio e ficou aqui até os vinte sete anos, foi na época que ele morreu, né! E nunca deu endereço, ninguém nunca sabia pra onde é que ele tava. Ele é que veio descobrir meu pai aqui em Três Lagoas.(...) Às vezes, de vez em quando ele aparecia aqui em Castilho, né! Ele não era cara de andar dando sopa não. Ele andava meio ligeiro, andava meio corrido ele não parava num canto.”<sup>372</sup>*

Pudemos perceber que para o senhor José é importante destacar o comportamento diferenciado de “Camisa de Couro”. Durante todo o depoimento, ele ressalta as atitudes de seu primo como se fossem qualidades. Isso constatamos em dois momentos de sua fala. O primeiro, quando ele nos contou o provável motivo de sua morte. O segundo, a maneira como ele narrou o assassinato do “João Cachimbo”. E foi dessa forma que ele nos relatou um desses momentos.

*“A morte de ‘Camisa de Couro’? Aí foi um enguiço que ele tinha com um engenheiro quando eles começaram a Usina de Jupiá, né! E, aí, eles fizeram a reclamação direto de um governo pro outro. Aí contrataram uns policial aí, ou uns caras vestidos de polícia, e atiraram nele. Atiraram nele. Inclusive tinha uma, ele ia sempre na Bahia fechá o corpo. E, aí, diz que a baiana véia, a baiana véia lá pedia pra ele tomá cuidado com carro, se eles atirassem no chão não tinha nada. Aí, foi quando eles pegaram ele dentro do jipe e descarregaram o revólver tudo nele... Ele disse que só teve um juiz aí, aqui pro lado de Mirassol, que ele foi pra matá e ele disse que chegô lá pra matá e não conseguiu mata, e ele voltô pra trás. Porque o cara tava com o guri no colo.”<sup>373</sup>*

Essa fala do senhor José reúne vários elementos que envolvem os acontecimentos e as várias explicações sobre a morte de “Camisa de Couro”. Está presente em sua narrativa a construção da Usina de Jupiá e uma possível articulação dos governos do Estado de São Paulo e do Estado de Mato Grosso apoiados pelo poder policial e pela elite local para a execução dessa ação.

---

<sup>371</sup> Entrevista coletada no Município de Castilho, SP, em dezembro de 2002.

<sup>372</sup> Idem.

<sup>373</sup> Idem.

Outro elemento explica que o desfecho dessa ação só foi possível porque “Camisa de Couro” se descuidou de sua proteção espiritual. Assim, misturados a todos esses elementos aparece também o caso do juiz de Mirassol, acompanhado de uma ação humana de “Camisa de Couro” na defesa de uma criança. Todos esses elementos nos levam às reportagens que foram publicadas na imprensa paulista depois do assassinato do Juiz de Direito de Mirassol. Principalmente, as informações que estão contidas na série de reportagens publicadas sobre Três Lagoas, o Sindicato da Morte e “Camisa de Couro” pelo jornal Diário da Noite em dezembro de 1961.

O outro momento foi seu relato sobre a morte de “João Cachimbo”. O senhor José recorda que:

*“O ‘Cachimbo’ ele matô na rua o ‘cabo Cachimbo’. (...) Ele tinha dado uns tiros nele também e na hora que ele passou numa cerca e arranhô a mão. Arranhou, assim, cortô no arame e aí ficou aquele sangue seco na mão dele. Mandaram ele lavá a mão e ele falou que só ia lavá com o sangue do ‘Cachimbo’, que era o ‘cabo Cachimbo’. Aí, na segunda-feira ele desceu de avião ali no aeroporto e veio. Pegou um carro e desceu bem ali na frente do jardim. Ali diz que vinha vindo, quando ele foi fazendo a curva assim na esquina, o cara vinha vindo de frente com ele e fez a curva também. Trombaram quase assim um no outro e aí ele atirou no ‘Cachimbo’ ali. E passava a mão e tirava o sangue da mão e lavava ah, ah, ah... ”<sup>374</sup>*

Seus depoimentos indicam que, para o senhor José, falar desses episódios é contar parte da versão que circulou na imprensa paulista. Sua atitude alimenta a imagem de seu primo construída pela imprensa e pela elite local, ou seja, um homem perigoso, cruel e vingativo. No entanto, devemos considerar também que grande parte da população de Três Lagoas se sentiu ameaçada pelas ações impostas após a sua morte, porém, não podemos alegar que isso tenha ocorrido com o senhor José e sua família, mas existe uma grande possibilidade.

Na fala do senhor José Luiz apresentam-se vestígios de que alguns conhecidos e familiares de “Camisa de Couro” tenham sofrido alguma represália por parte das autoridades locais. Em suas palavras, *“Então, assim que mataram o ‘Camisa de Couro’ até esse irmão dele foi embora. Por ser um período violento e tal, eles acharam que iam eliminar até a família.”*

O doutor Juca também se lembra de um irmão de “Camisa de Couro” que morava em Três Lagoas, que era uma pessoa simples e pacata. Para o

---

<sup>374</sup> Idem.

doutor Juca, “(...) esse irmão se afastou o que pode dele e depois de sua morte até se mudou da cidade.”<sup>375</sup>

Essas duas falas vão ao encontro de nossa observação de que os familiares e as pessoas próximas de “Camisa de Couro”, assim como o pai do senhor José, provavelmente se sentiram ameaçados depois de sua morte. E isso explica a imagem de “Camisa de Couro” que o senhor José nos apresenta. Ele era primo de “Camisa de Couro”, mas esse parentesco de alguma forma o incomoda, e isso ele demonstra em sua fala, quando diz que ninguém sabia por onde ele andava. Como também ele faz questão de ressaltar que foi “Camisa de Couro” quem descobriu o pai dele em Três Lagoas. Apreendemos que é importante para o senhor José manter certo afastamento e certa distância de “Camisa de Couro”. O parentesco ele não pode negar, mas próximo ele também não precisa ser.

E, ainda, o senhor José se recorda de que logo depois da morte de “Camisa de Couro” seus pais estiveram em Três Lagoas. “Eles vieram aqui pra vê se descobriam alguma coisa dele, mas não conseguiram nada, não. Tava tudo no nome de alguém lá.”<sup>376</sup> Sua observação de que “tava tudo no nome de alguém lá” nos é bem familiar, vem ao encontro de nossa reflexão no capítulo anterior. A nosso ver o senhor José, em algum momento do passado, sentiu medo desse parentesco, e ele se defende alimentando a versão oficial, acrescentando a ela elementos de sua interpretação.

Escutamos também dona Áurea, viúva do senhor Alberto “Armeiro”, que nos contou como eles se tornaram amigos de “Camisa de Couro”.

“Então, um dia, ele falou assim para o meu marido: - Será que a dona Áurea achava ruim se eu chamar ela de madrinha? Eu acho ela tão parecida com a minha madrinha. E meu marido falou: - Não, ela não se incomoda. Foi assim que começou, e aí ele pegou muita amizade com nós. Às vezes, meu marido vinha almoçar e convidava ele: - Vamos almoçar lá em casa? E ele vinha. Foi assim que nós conhecemos. (...) Ele era muito bom e gostava muito de criança. Ele gostava muito de jogar pião de roda. Aí ele ia lá, jogava e depois ia comprar balas e dava para os meninos.”<sup>377</sup>

Seu depoimento reitera a observação de que “Camisa de Couro” era integrado à sociedade três-lagoense, pois, era convidado para almoçar na casa de algumas pessoas e, mais do que isso, ele convivia abertamente com as crianças e manifestava atitudes para conquistá-las. Significativo é o fato de que

---

<sup>375</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>376</sup> Idem.

<sup>377</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 28/11/2000.

ele parecia não se sentir excluído e nem tampouco segregado quando estava na cidade. E dona Áurea acrescenta:

*"Ele o que ele fazia era o que hoje se diz "marreteiro". Ele chegou aqui num jipe velho depois trocou por um mais novo. Era o que ele fazia, marreta. Depois apareceu esse 'João Cachimbo' e um outro chamado 'Cândido' e implicaram com ele, e ele quase não parava aqui."*<sup>378</sup>

Para dona Áurea “Camisa de Couro” era um marreteiro e quase não parava na cidade. Por esse motivo ela estranhou quando, passado uns tempos, ocorreram diversas mortes na cidade e todo mundo falava que tinha sido ele. Em suas palavras: “*Como poderia ter sido ele se nem aqui ele estava?*”<sup>379</sup> Foi nesse período que, ela se lembra, como o “João Cachimbo” e o “Cândido”, que andavam meio junto com a polícia implicaram com ele. Dona Áurea, se recorda:

*“Aí passou uns dias, passou algum tempo, ele voltou. Ele sempre vinha me visitar e, quando ele voltou, já tinha tido muitas mortes cujo esse ‘Cândido’ e esse ‘João Cachimbo’ já estavam com medo de ficar na cidade. Esse ‘Cândido’ ficava aqui e o ‘Cachimbo’ ficava em Andradina, uma cidade que fica aqui perto, em São Paulo.”*<sup>380</sup>

Estavam ocorrendo diversas mortes em Três Lagoas e culpavam “Camisa de Couro” por elas. Dona Áurea se recorda que foi uma época tão violenta que até o “João Cachimbo” e o “Cândido” estavam com medo de ficar na cidade. Porém, segundo dona Áurea, “Camisa de Couro” também se viu ameaçado por “João Cachimbo”, o que resultou na cena abaixo relatada por ela ocorrida minutos antes da morte de “João Cachimbo”.

*“(...) Aí juntou uns amigos dele e fizeram uma cilada.(...) E o Antonio veio e ele estava prevenido trouxe um companheiro com ele. Ele estava em Costa Rica e tinha que matar ou morrer. Foi quando eu vi o Antonio. Ele chegou e como eu te disse foi a hora mais triste da minha vida. Ele me deu um abraço e ele estava modificado e ele não era o Antonio não, era outra pessoa. Aí ele disse: - Madrinha, peça a Deus por mim pois não sei se voltarei e foi embora. Daí a pouco veio a notícia que ele tinha matado o ‘João Cachimbo’.”*<sup>381</sup>

E, assim, dona Áurea expõe quem era para ela “Camisa de Couro”, uma pessoa que antes desse acontecimento, “(...) vinha abertamente aqui porque todo mundo conhecia ele e ele passeava.”<sup>382</sup> Para ela a atitude dele começou a mudar depois da morte do “João Cachimbo”, e “Antonio” passou muito tempo sem vir

---

<sup>378</sup> Idem.

<sup>379</sup> Idem.

<sup>380</sup> Idem.

<sup>381</sup> Idem.

<sup>382</sup> Idem.

à cidade. Isso até o dia em que lhe fizeram uma emboscada na Estação Ferroviária.

Deprehendemos de seu relato, uma atitude de compreender o crime como legítima defesa, pois se “Antonio” não matasse “João Cachimbo” seria ele quem morreria. Novamente observamos a naturalidade com que se fala de “mortes”, “ciladas” e “emboscadas”, representando a violência como parte da cultura dessa sociedade, onde toda a forma de poder se amparava e se impunha com a prática da violência.

Os fazendeiros resolviam seus conflitos amparados na violência, os políticos resolviam suas rixas com violência, a polícia reprimia a população pela violência, a elite propunha e aceitava medidas que se aplicavam pela violência, os governos se articulavam para eliminar a violência lançando mão da própria violência, a imprensa mostrava a violência sem criticá-la, maridos praticavam a violência contra suas mulheres<sup>383</sup>, sobrinho matava tio com violência<sup>384</sup>, filho matava pai<sup>385</sup>, prostitutas eram mortas<sup>386</sup>, fazendeiro matava os empregados para não pagar o salário e os homens como “Camisa de Couro” tidos como “fora-da-lei” eram os instrumentos para se fazer valer toda essa violência.

No entanto, mesmo conhecendo o lado violento de “Camisa de Couro” dona Áurea ressalta outros aspectos de seu comportamento.

*“Ele se afeiou em nós. Em mim porque eu parecia com a madrinha dele lá do norte. E quando ele vinha, às vezes, chegou ao ponto dele sonhar comigo lá em Ponta Porá. Ele saiu pra vim ver se eu estava doente. Chegou era umas duas horas da tarde e quando foi quatro horas ele foi embora. Ele não xingava ninguém, não insultava ninguém, nada disso. Naquele tempo aqui se matava pra ganhar dinheiro, né? Deixou saudades e deixou tristezas, ainda mais quando eu vi ele morto no hospital.”<sup>387</sup>*

Como vimos, “Camisa de Couro” jogava com o seu jeito de ser. No caso de dona Áurea, ele a adotou como madrinha, deu-lhe presentes, não xingava, não insultava, agradava as crianças e lhes contava histórias. Assim, ela se recorda dele de uma maneira afetuosa.

*“Ele sempre contava histórias. Andava muito bem vestido e gostava do que era bom. O que era dele não era dele, era dos outros. Tinha dó de Deus e o mundo. Ele só falava assim: - Olha madrinha eu queria ser rico pra mim poder ajudar tudo que era pobre. Ele sempre falava isso. Ele não gostava de ver um mendigo pedindo. Se ele tinha alguma coisa no bolso, ele ajudava. Cê vê, ele tirou a camisa, chegou sem camisa. Ele viu o homem deitado ali tremendo*

---

<sup>383</sup> O caso da irmã do Senhor Argeo.

<sup>384</sup> O crime do árabe que foi assassinado por seu sobrinho.

<sup>385</sup> O caso conhecido como “Dani-mata-pai”.

<sup>386</sup> O caso da “Terezona” contado pela Dona Minda.

<sup>387</sup> Idem.

*de frio, cobriu o homem lá perto do coreto, cobriu o homem e veio sem camisa. Agora naquele tempo se matava para ganhar dinheiro, não é verdade? Era tempo do cangaço, né? A gente não sabe adivinhar não é mesmo?*<sup>388</sup>

Para interpretar esse período de sua vida, dona Áurea encontrou uma maneira, ou seja, ela recorreu ao cangaço para explicar o que viveu. Ao lançar mão do cangaço, apreendemos que dona Áurea buscou vários elementos que foram divulgados pela mídia em relação ao cangaço do sertão nordestino como meio de compreensão e análise para sua experiência vivida. Possivelmente ela encontrou razões que a levaram a essa explicação. Provavelmente, isso inclui as ações cruéis dos cangaceiros e a existência de uma forte ligação desses com os coronéis. Contudo, devemos considerar que todo o processo que envolveu a perseguição e a captura dos bandos de cangaceiros que foram empreendidas por articulações entre governos, elites e a população comum rechearam o imaginário das pessoas que viviam nas zonas sertanejas do País. Além do mais, as histórias do cangaço são repletas de traições, vinganças, intrigas, violências e amores.

Outro fator relevante é que a grande imprensa fez do cangaço um fértil terreno para a venda de notícias e, por isso divulgava todo o tipo de informação que conseguia reunir. Isso incluiu a divulgação de elementos da cultura nordestina como, por exemplo, a divulgação dos cordéis, das histórias regionais, das rádio novelas, dos filmes e dos casos contados. Não podemos esquecer, em todo esse contexto, que “Camisa de Couro” era nordestino e certamente isso colaborou para a construção de sua imagem. A nosso ver, todos esses elementos reunidos se transformaram numa fonte inesgotável para a criação do imaginário.

Dona Zelina é um exemplo disso, quando nos explica o porquê do apelido de “Camisa de Couro”: “Um dia eu perguntei pra ele: - ‘Antonio’ por que todo mundo te chama de ‘Camisa de Couro’? Ele falou: - Porque lá no Nordeste todo mundo usa camisa de couro e aquele chapéu de couro na cabeça”<sup>389</sup>

O doutor Juca também fez um comentário em seu depoimento que nos levou a essa reflexão. Ao se lembrar de “Camisa de Couro”, ele diz:

---

<sup>388</sup> Idem.

<sup>389</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/2003.

*“O ‘Camisa de Couro’ começou a pegar nome por determinados atos de bravura que ele estava fazendo. Porque, por interesse de grupos, dizia-se que ele era muito bravo, que ele era matador, que ele era assassino, que ele era nordestino, que ele era isso, que ele era aquilo.”<sup>390</sup>*

Como citamos anteriormente, a população de Três Lagoas era também composta por migrantes nordestinos que trouxeram em suas bagagens traços da cultura de seus lugares de origem, o que explica em parte algumas falas que estão presentes neste trabalho.

Todavia, isso não descarta a possibilidade de que o “cangaço”, assim como as ações e relações dos “cangaceiros” associadas à captura de Lampião e seu bando, ocorrida na década de 1930, tenha servido como fonte de construção, alimentação, interpretação e explicação para a criação do imaginário de boa parte das pessoas que viveram em Três Lagoas nas décadas de 1950 e 1960. E isso inclui algumas imagens que foram construídas de “Camisa de Couro”.

Por outro lado, temos o relato do senhor Paraná, que era amigo do “Antonio” e depois se tornou seu desafeto. Eles se conheceram no Paraná e depois se reencontraram em Três Lagoas. Segundo o senhor Paraná:

*“O ‘Antonio’ sempre procurava a fama e por esse motivo assumiu muitos crimes que não cometeu. Em Três Lagoas, ‘Antonio’ não cometeu nenhum crime, apesar de assumir a autoria de alguns como a morte de seu grande inimigo ‘João Cachimbo’. Sei que ele cometeu vários crimes em Goiás, Campo Grande, São Paulo, e pegava mortes aí pelos ‘paus baixos’<sup>391</sup>. Ele era uma pessoa bem-apessoada e sem beber era uma moça. Quando ele bebia se tornava agressivo e bagunceiro. Quando ocorreu a morte de ‘João Cachimbo’ aqui em Três Lagoas, no bar Aviação, Antonio estava se recuperando de um tiro lá na casa dos Peralta em Paranaíba.”<sup>392</sup>*

Observamos que para o senhor Paraná, “Antonio” sempre procurava a fama e ao assumir os crimes que não cometeu o fez em busca da fama e por vaidade. Para o senhor Paraná foi sua vaidade que o acabou traindo.

*“Num período quando bebia começou a mexer com famílias e mulheres casadas e essa atitude revoltou a sociedade três-lagoense que pediu providências ao Governo Federal.(...) O ‘Antonio’ não morreu pelos crimes que cometeu e, sim, pelo seu comportamento com a família três-lagoense. Sua aparência é que o traiu, quando muito conquistador, começou a mexer com mulheres casadas da sociedade. Essa atitude acabou traindo-o.”<sup>393</sup>*

---

<sup>390</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>391</sup> “Pau baixo” é uma expressão regional para explicar o abate de um animal no meio de um pasto distante e sem recursos. Ao abater o animal, os peões procuram pendurar a rês num galho baixo de uma árvore para sangrar o animal e aproveitar a carne. Nesse caso, “Pau baixo” pode ser também um lugar distante e sem recurso. Um lugar ermo e desabitado onde matar não seria difícil.

<sup>392</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas em 4/12/2000.

<sup>393</sup> Idem.

Parece que o que incomodou foi seu confrontamento perante a elite ao julgar-se parte dela. Nas palavras do senhor Paraná a atitude de “Camisa de Couro”, sua aparência, sua vaidade, seu modo de ser e sua forma de agir o traíram. Para ele o “Antonio” era um “(...) rapaz novo, forte, gostava de tratar bem, tinha dinheiro, sempre andava bem trajado e com isso conquistava mulher fácil. Ele não só cobiçava as mulheres como as conquistava.”<sup>394</sup>

Certamente seu comportamento desafiou a elite que, quando se sentiu ameaçada reagiu. O senhor Paraná faz questão de afirmar que “Antonio” foi um grande “bandido” que atemorizou e impôs respeito, ou seja, conseguiu a fama que tanto procurava, mesmo que isso tenha ocorrido depois de sua morte. No entanto, sutilmente ele desmerece todos os seus feitos ao dizer que ele atemorizava e impunha respeito, mas, quando bêbado. Em suas palavras, “(...) volto a dizer ele foi um grande bandido que atemorizou e impôs respeito, quando bêbado.”<sup>395</sup>

Toda sua fala revela, afinal, que ele foi amigo de “Camisa de Couro” e, querendo ou não, eles compartilharam muitas experiências e relações vividas. Contudo, essa amizade por algum motivo não revelado se rompeu, e o senhor Paraná demonstra isso ao desmerecer a coragem e as ações de “Antonio”, afirmando que só com o artifício da bebida ele se tornava perigoso, corajoso e valente. Em outras palavras, a fama conseguida por “Antonio” não faz sentido para o senhor Paraná. Para ele sua fama só foi alcançada devido às circunstâncias da época e não por sua coragem.

Já para o senhor José Luiz, que era moleque na época e que o admirava, sua fama alcançou quase o Brasil inteiro.

*“Ele é conhecido na região e por várias vezes eu estive em São Paulo na casa do meu tio e pessoas que eu nunca vi me perguntavam: - E o ‘Camisa de Couro’ quem é que matou? E tal? E aquilo me interessou e eu falei: - Esse cara é conhecido quase no Brasil Inteiro, né? Eu tive em Porto Alegre uma vez num hotel. E nós conversando no hotel e eu achava que lá ninguém sabia sobre o ‘Camisa de Couro’ e o rapaz do hotel citou: - Lá tinha um cara valente, né? Que morava lá em Três Lagoas e morreu uns anos atrás, né? Então ele era uma pessoa conhecida quase no Brasil.”*<sup>396</sup>

Nas palavras do senhor José Luiz sua fama atravessou as fronteiras de Três Lagoas e do estado de Mato Grosso. Possivelmente, isso foi devido à publicidade que o caso do assassinato do Juiz de Direito de Mirassol, doutor Jaime Garcia Pereira obteve na época. Além de falar sobre a suposta fama

---

<sup>394</sup> Idem.

<sup>395</sup> Idem.

<sup>396</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/11/2006.

nacional alcançada por “Camisa de Couro”, o senhor José Luiz assim se lembra dele:

*“Eu conheci muito a história dele por amigos que estão vivos até hoje, né? Inclusive pessoas que são fregueses meus hoje aqui no meu comércio e que viveu sua infância junto com o ‘Camisa’. Mas ele não era uma pessoa assim tão maldosa. Ele era uma pessoa de bem, comerciante de compra e venda de gado na região e ele não era uma pessoa tão temida assim com os amigos e as pessoas do município. Mas lá fora, na região de Goiás e lá perto de Campo Grande, ele fez muitos crimes.”<sup>397</sup>*

Como já dissemos, o senhor José Luiz nutre uma forte admiração pelo passado e isso inclui as ações de “Camisa de Couro”. Consideramos que para um menino de oito ou dez anos, que vivia em Três Lagoas naquela época, certamente esse período foi marcante. O clima de medo e perseguição que se instaurou na cidade, os comentários dos adultos, a morte dele com todos os requisitos cinematográficos, as fotos, as notícias nos jornais e revistas de São Paulo, as interdições que parte dos habitantes sofreu, tudo isso mexeu com a maioria da população adulta da cidade quanto mais com as crianças.

Se “Camisa de Couro” era popular com os adultos, que deveriam temê-lo, devemos considerar que para os meninos com idade entre oito ou dez anos, como o senhor José Luiz na época, sua figura deveria ser extremamente popular e curiosa. Lembremos que vários de nossos entrevistados comentaram a relação amigável e agradável que “Camisa de Couro” mantinha com as crianças. Segundo dona Áurea, ele jogava pião de roda e comprava balas para as crianças. Sendo assim, muitas dessas crianças que hoje são adultas devem lembrar dele e desse período de forma diferenciada, assim como o senhor José Luiz. Ressaltamos que em duas das fotografias que conseguimos de “Camisa de Couro” ele está rodeado por crianças. E o senhor José Luiz ao lembrar de “Camisa de Couro”, reitera.

*“Então o ‘Camisa de Couro’ veio e criou nome, aquele mito né! Mas ele não era uma pessoa assim, difícil de lidar com ele não! Todo mundo que eu conheço que viveu com ele diz que ele era uma pessoa de paz, de negócio, de amizade, de brincadeiras, gostava das crianças e gostava das pessoas. Não tinha por que ele levar essa fama toda, né?”<sup>398</sup>*

Novamente, um depoimento que enfatiza a falta de motivo para a fama de “Camisa de Couro”. Como vimos o senhor Paraná fala da fama, o senhor José Luiz fala da fama, a dona Zelina fala da fama, o senhor Amado fala da fama, dona Amélia e o senhor Jamil falam da fama e o senhor Carlos também

---

<sup>397</sup> Idem.

<sup>398</sup> Idem.

se refere à fama. Provavelmente, para essas pessoas, a notoriedade que “Camisa de Couro” alcançou não condiz com as imagens que ele produziu na cidade. Apreendemos que, ao se lembarem da fama de “Camisa de Couro”, essas pessoas estão se referindo às estratégias que foram traçadas por forças articuladas que estavam interessadas em transformá-lo num “bode expiatório”, servindo assim a vários interesses.

Consideramos, então, que a morte de “Camisa de Couro”, que deveria ser parte do cumprimento das medidas que já haviam sido iniciadas com outras mortes na “limpeza dos pistoleiros”, que também pode ser considerada como “operação queima de arquivos” em Três Lagoas, desencadeou uma série de acontecimentos imprevistos. Na realidade, foi depois dos acontecimentos que envolveram a viúva Madalena e o fazendeiro Vicente Peralta que sua morte acabou se tornando providencial. Um “pistoleiro” morto era tudo o que essas pessoas e seus advogados precisavam naquele momento.

Mas nenhuma história é tão simples como parece ser. As pessoas que conheciam “Camisa de Couro” e que conviviam com ele, e isso abrange nossos depoentes, demonstram em suas falas que essa fama faz parte de uma trama para transformar “Camisa de Couro” numa lenda ou no último dos “pistoleiros” de Três Lagoas. Lembremos da manchete da edição do jornal Diário da Noite, de 15 de dezembro de 1961, que apresenta “Camisa de Couro” como uma “legenda criminosa que acabou no sertão” e isso é significativo.

“Camisa de Couro” era um “pistoleiro” e isso nenhum dos nossos entrevistados negou. O que não se comprehende é por que ele ganhou fama, se existiam outros pistoleiros em Três Lagoas até mais perigosos do que ele. Devemos considerar que ver sua fotografia e seu nome estampado em veículos da imprensa paulista com a importância da Revista Visão, do jornal O Estado de S. Paulo e dos vespertino Última Hora e Diário da Noite, certamente, mexeu com os habitantes de Três Lagoas. Afinal, aquela “personalidade” que estampava as matérias da imprensa paulista eles conheciam muito bem, e além do mais, muitas pessoas da cidade compartilharam de sua fama repentina. A notoriedade alcançada por “Camisa de Couro”, em alguma medida, passou a fazer parte do sentimento de importância de seus habitantes. Da mesma maneira que fez a cidade

importante também e isso se torna significativo nas lembranças de sua população.

Entretanto, a versão dada pelo senhor José Luiz sobre a morte de “Camisa de Couro”, torna-se significativa por considerá-la possível por outro ângulo.

*“A opinião que eu tenho sobre o fato da morte dele é que um amigo que o pai dele era dono de uma pensão aqui em Três Lagoas, me contou. O ‘Camisa de Couro’ uns cinco anos antes da morte ou dois ou três anos antes o ‘Camisa’ era hóspede do senhor Etelvino e, então, ele tinha um relacionamento com o ‘Camisa de Couro’. E a história então contada por ele é a de que o ‘Camisa’ matou uma pessoa que era proprietária de umas terras lá em Costa Rica. E que essa pessoa era da região de Londrina, no Paraná. Então a viúva arrumou uma maneira de mandar matar ele, arrumando um policial de perto de Campo Grande de Coxim. Esse policial veio com outras pessoas para fazer o crime e são as pessoas que se hospedaram na pensão. Então assim que mataram o ‘Camisa’ os caras se exalaram da pensão e só o fato veio depois confirmar que realmente a morte do ‘Camisa’ foi devido ao crime do fazendeiro.”<sup>399</sup>*

Em sua versão “Camisa de Couro” morreu por vingança de um crime que cometeu. No entanto, o senhor José Luiz até admite que existam outras versões para o motivo de sua morte, mas, para ele, sua versão é de fonte fidedigna, o que a torna mais verdadeira que as outras. E assim ele interpreta.

*“Muitas pessoas falam que foi uma encrenca que ele teve na barragem por causa de um caminhão que foi cortado do serviço e tal. Esse relato da barragem realmente aconteceu, mas, que não foi o governo que mandou matar ele não. Foram outras pessoas através de crime familiar. Não foi encrenca, não.”<sup>400</sup>*

Como já citamos anteriormente, nossa intenção neste trabalho não é achar culpados ou inocentes e nem tampouco transformar bandidos em mocinhos ou o inverso, e, sim, compreender o poder da memória na reconstituição de fatos do passado. Por isso, para nós não importa o motivo nem os possíveis motivos que levaram à “morte” de “Camisa de Couro”. O que nos importa são as inúmeras formas de interpretar esse passado e isso se tornou revelador. Elas nos revelaram um passado violento, em que forças disputavam poderes que se tornaram ameaçados pelas visíveis transformações que estavam acontecendo na cidade. Essas mudanças afetaram pessoas, costumes, relações de poder e a própria organização social dessa sociedade. E isso é nítido na fala de nossos depoentes ao se lembrarem de “Camisa de Couro” e todo o universo que o envolve.

---

<sup>399</sup> Idem.

<sup>400</sup> Idem.

Para dona Zelina “Camisa de Couro” era corajoso e jogava com isso; para dona Amélia ele era “danadão” e todo mundo tinha medo dele, mas ele matava para alguém; para o senhor Carlos ele era um “pistoleiro profissional” com todos os requisitos para isso; para o senhor Amado, de um dia para o outro, ele passou de “pistoleiro profissional” a cidadão comum e “membro da polícia”; para o senhor Argeo ele não era uma pessoa tão perigosa assim, ele era corajoso, meio descabeçado e bebia; para o senhor Ibraim, ele era amigo mesmo e sempre tinha salvação; para dona Mindá, ele era educado a ponto de não considerá-lo um bandido, mas uma vítima; para o senhor José, ele não parava quieto e não andava dando sopa; para dona Áurea, ele era marreteiro, gostava de crianças e só matou o “João Cachimbo” por legítima defesa; para o senhor Paraná, ele sempre procurava a fama, e sua vaidade o traiu; para o senhor José Luiz, ele alcançou a fama, era marreteiro de gado, encomendador de crime e, também, apaziguador de negócios. E suas palavras explicam isso.

*“Eu conheci ele como uma pessoa de bem. Depois que ele morreu é que apareceu os crimes e as histórias, né? Mas enquanto vivo, nego temia ele por ser encomendador de crime. Mas ninguém viu ele matar ninguém aqui em Três Lagoas. Ele fez crime lá fora e então ele pegou aquela fama, né? Mas ele era apaziguador também, ele não ia lá só pra matar. Muitas vezes a pessoa tinha uma encrença com um fazendeiro sobre divisa de terra e ele então pegava a questão para resolver. Aí ele ia lá, resolvia a questão sem matar o vizinho.(...) Ele também era um apaziguador de negócios, justamente por ser um homem temido.(...) Então, muito negócio foi feito através de acordo. E num era lá só pela maldade, mas, quando ele pegava para ir lá fazer, ele não voltava sem fazer.*<sup>401</sup>

Como pudemos perceber, uma variada gama de imagens “Camisa de Couro” produziu na cidade. Ele não era apenas considerado “mocinho” pelos seus amigos e “bandido” pelos seus inimigos. Hoje, além de bandido e mocinho ele é considerado também apaziguador, contador de histórias, conversador, amigo, inimigo, vaidoso, descabeçado, farrista, mulherengo, cruel, violento, corajoso, valente, covarde, traidor, arruaceiro, bandoleiro devasso, famoso e muitas outras. E foram as muitas versões possíveis para essa história que nos desafiou a realizar este trabalho.

Outra versão que apreendemos foi o depoimento do doutor Juca, Promotor Público e Juiz de Direito na época, em Três Lagoas e na região. O doutor Juca, que pertence a uma antiga família com poderes políticos e administrativos na cidade se recorda que, no ano de 1928, quando nasceu,

---

<sup>401</sup> Idem.

fazia um ano que a ponte ferroviária Francisco de Sá, que transpunha o rio Paraná na divisa com o Estado de São Paulo havia sido inaugurada. Em suas palavras: “*Então, quando eu abri os olhos, eu já vi a Noroeste do Brasil, que realmente foi quem conduziu os primórdios de Três Lagoas.*”<sup>402</sup> Nascido e criado em Três Lagoas e com participação direta na vida pública e indireta na vida política, ele se recorda que quando “Camisa de Couro” chegou à cidade.

“*Ele era uma pessoa pacata, sabia-se aqui em Três Lagoas que ele chegou até sem roupa, e o irmão*”<sup>403</sup> *dele foi quem comprou pra ele uma camisa de couro, uma jaqueta que era muito usada pelos motoristas de praça, pelos caminhoneiros que se destinavam pra dentro desse Mato Grosso e também pelos pilotos.*”<sup>404</sup>

O doutor Juca e o senhor Carlos se lembram que “Camisa de Couro”, quando chegou a Três Lagoas, não representava perigo. Mas, com o passar dos tempos, seu comportamento começou a mudar e a incomodar algumas pessoas. Segundo o doutor Juca, isso aconteceu quando “Camisa de Couro” começou a pegar nome por alguns atos de bravura que ele cometera e que, por interesse de algumas pessoas ou de alguns grupos, foram ressaltados, e suas habilidades elevadas. Em suas palavras,

“*O ‘Camisa de Couro’ começou a pegar nome por determinados atos de bravura que ele estava fazendo. Porque, por interesse de grupos, dizia-se que ele era muito bravo, que ele era matador, que ele era assassino em tal lugar, que ele era nordestino, que ele era isso que ele era aquilo..*”<sup>405</sup>

Conforme, doutor Juca havia alguns interesses envolvidos na construção da imagem de “pistoleiro profissional” que “Camisa de Couro” conquistou em Três Lagoas. Em sua opinião esse fato está ligado ao assassinato de “João Cachimbo”, que, para ele, foi o único crime que “Camisa de Couro” praticou em Três Lagoas, e que assim ele nos relata:

“(…) *Mas crime aqui em Três Lagoas que eu tenho conhecimento que ele fez, que ele praticou e assim mesmo, vamos dizer, foi a traição foi do ‘João Cachimbo’. Que o ‘João Cachimbo’ era um piloto, e na época era até piloto do doutor Julio de Castro Pinto, que era deputado e um dos maiores advogados de toda a região. Um homem que está acima de*

---

<sup>402</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>403</sup> Assim como o doutor Juca, alguns de nossos depoentes citaram a possibilidade de “Camisa de Couro” ter um irmão morando na cidade. Até o presente momento de nossa pesquisa não conseguimos comprovar essa informação. O parente mais próximo que conseguimos localizar foi o senhor José, primo de segundo grau de “Camisa de Couro”. Sabemos que existem parentes seus em várias regiões do estado de São Paulo, em Rondonópolis, no Estado de Mato Grosso e no Pará, o que não impede que na ocasião, alguns deles tenham morado em Três Lagoas.

<sup>404</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

<sup>405</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2007.

*qualquer dúvida. E ele era piloto do doutor Julio como foi piloto de diversas outras pessoas. E o ‘Camisa de Couro’ o matou no Campo de Aviação.*<sup>406</sup>

A insinuação de que “João Cachimbo” fora assassinado traiçoeiramente por “Camisa de Couro” e a insinuação de uma forte ligação entre o “João Cachimbo” e o doutor Julio de Castro Pinto, advogado e deputado, é bem intrigante. Como já citamos, o doutor Julio de Castro Pinto era líder da UDN (União Democrática Nacional), dono do jornal *“A Gazeta do Comércio”* e advogado de defesa de Vicente Peralta, acusado de ser o empreiteiro contratado pela viúva Madalena Vieira Moreira na morte do Juiz de Direito de Mirassol. A nosso ver, o doutor Júlio foi um dos idealizadores da série de reportagens que foram publicadas no jornal *“Diário da Noite”*, no mês de dezembro de 1961, em São Paulo. Essas reportagens que falavam sobre “Camisa de Couro”, “Três Lagoas” e um suposto “Sindicato da Morte” serviram para desviar o foco das atenções dos verdadeiros envolvidos no caso. Uma estratégia digna de um grande advogado.

Em termos políticos, não podemos esquecer que a família do doutor Juca era ligada ao PSD (Partido Social Democrata), que estava perdendo a liderança do Poder Estadual para o seu opositor direto, a UDN (União Democrática Nacional), que ocupava naquele momento a liderança no “poder” Estadual, o qual o doutor Julio de Castro Pinto representava. Rivalidades políticas sempre deverão ser analisadas quando se tratar desse período.

Por outro lado, temos também a insinuação da forma traiçoeira com que “João Cachimbo” fora assassinado por “Camisa de Couro”. Ao analisarmos outros depoimentos, percebemos que “João Cachimbo” provavelmente foi morto por “Camisa de Couro” por saber demais. A ordem para essa execução deve ter partido de alguém que considerava “João Cachimbo” uma ameaça ou em outras palavras um “arquivo vivo”. E naquele momento de mudanças e transformações isso não era interessante. Envolvidos na construção de uma nova imagem do “poder”, algumas pessoas ou grupos, como se refere o doutor Juca, precisavam retirar da frente qualquer tipo de obstáculo que pudesse atrapalhar seus planos.

---

<sup>406</sup> Idem.

O poder na liderança naquele momento era da UDN (União Democrática Nacional), partido que elegera o Governador Fernando Corrêa da Costa, do qual também o doutor Júlio de Castro Pinto era um dos líderes. Encontramos, nessas evidências, vestígios das falas que ligam a morte de “Camisa de Couro” a uma ordem pessoal do Governador Fernando Corrêa da Costa. Além do mais, logo depois do assassinato de “João Cachimbo”, segundo nossos depoentes “Camisa de Couro” assume a posição de investigador de polícia que “João Cachimbo” ocupava. Cargo esse que “Camisa de Couro” ocupou até a sua morte. Muitas das insinuações que ouvimos durante os depoimentos ganham novos sentidos a partir dessas reflexões. O doutor Juca mesmo se recorda:

*“Agora, ele era protegido, inclusive, politicamente por autoridades da época. Eu nunca cheguei a ver, mas soube que ele tinha inclusive dado pelo governo do Estado um passaporte, uma carteira de identidade ou coisa que o valha para que ele fosse defeso de qualquer coisa. Se é verdade? Muita gente que ainda está viva em Três Lagoas diz que viu! Eu nunca vi? Mas, que eu vi muitas e muitas vezes eu vi.”<sup>407</sup>*

Que “Camisa de Couro” e os outros pistoleiros eram protegidos politicamente, disso não tínhamos dúvida. No entanto, o intrigante foi percebermos como homens tidos como bravos e violentos se tornaram presas fáceis de articulações e tramas que envolveram forças muito mais poderosas do que eles. Essas forças praticavam a violência e também a controlava por meio de instrumentos e mecanismos próprios daquela sociedade e suas formas de mando. São essas forças que fazem e mantêm a violência, que justificam e que se beneficiam dela, que administram as doses da violência e até onde ela pode ir.

Todavia, Três Lagoas passava por grandes transformações e, ao mesmo tempo em que forças se articulavam, forças também se estranhavam. E, para nós, partir da morte de “Camisa de Couro” e suas incontáveis versões representou um caminho para algumas respostas que procurávamos. E os tons e as nuances dos depoimentos que colhemos nos conduziram nesse caminho, que nos levou a compreensão dos movimentos de dominação e resistência entre as várias forças atuantes dessa sociedade. E como não poderia deixar de ser, as imagens produzidas por “Camisa de Couro” em Três Lagoas muito nos

---

<sup>407</sup> Idem.

auxiliou nessa busca. E, nesse caso, o doutor Juca, assim como os outros depoentes, ao se recordarem de “Camisa de Couro” nos mostraram esse caminho. E o doutor Juca nos auxilia, ao contar como ele se lembra de “Camisa de Couro”,

*“Agora, ele era um bandoleiro devasso. Gostava de passar medo em todo mundo. Têm aqueles que o acobertavam e diziam por que ele é isso ele é aquilo. Tinha fazendeiro aqui em Três Lagoas que o protegia, que davam dinheiro, que compravam carro pra ele. Mas, de medo. E aqueles que não tinham medo dele, ele também não chegava perto. Agora ele era protegido..(…).”<sup>408</sup>*

O doutor Juca era um homem que exercia cargos importantes e em sua atuação profissional, poderia se deparar com ameaças de homens como “Camisa de Couro”. Em outro momento deste trabalho já mostramos sua preocupação ao nos contar que sofreu ameaças durante o exercício de seus cargos. Aliás, o caso do assassinato do Juiz de Direito de Mirassol vem demonstrar a possibilidade dessa prática de crimes contra autoridades judiciais. Assim, torna-se natural que o doutor Juca tivesse algum tipo de receio desses homens “sem eira nem beira”, que praticavam a violência por dinheiro, atendendo a quem pagasse mais. Mesmo sendo natural de Três Lagoas e conhecedor dos costumes dessa sociedade, o doutor Juca também se mostra ameaçado. E quando nos contou sobre a morte traíçoeira de “João Cachimbo”, essa preocupação se revelou.

Nos depoimentos apreendemos que “João Cachimbo” agia em nome da elite dominante, o que de certa forma “protegia” essa elite das ações de forasteiros e de pessoas indesejáveis. No entanto, ele era uma ameaça a pessoas comuns e um empecilho para outros criminosos. E foi ao nos contar sobre “Camisa de Couro” que doutor Juca nos revela essa preocupação,

*“Ele pôs muita família aqui de Três Lagoas com medo. E todo mundo com certa precaução e preocupação com um homem sem eira nem beira que ninguém sabia de onde vinha, não tinha família a não ser esse irmão que depois se afastou dele. Ele mexia com muita moça, ele mexia com algumas senhoras e quando ele mexeu com quem não devia aconteceu um punhado de coisa pra ele inclusive isso aí.”<sup>409</sup>*

Como dissemos anteriormente “Camisa de Couro” serviu a vários interesses quando vivo e também após sua morte. Sua vaidade foi alimentada com a proteção política e pelo “poder” que ele julgou ter. Porém, ele estava a

---

<sup>408</sup> Idem.

<sup>409</sup> Idem.

serviço de pessoas que não aceitavam ser desafiadas dentro de seus domínios e de seu controle. Parece que ele se tornou apenas mais um instrumento ou uma ferramenta para fazer valer as formas de mando locais e, quando ele fugiu ao controle e julgou ser parte dessa sociedade, a elite reagiu. Reagiu com a articulação de suas forças. O desfecho nós já conhecemos.

### **“CAMISA DE COURO” E AS IMAGENS DA “VIÚVA MADALENA”**

Como estamos trabalhando com o imaginário produzindo sentido e significado para nós pesquisadores e para os próprios depoentes, que também constroem significados para eles, consideramos importante falar um pouco sobre as interpretações que ouvimos de alguns de nossos entrevistados sobre a relação de “Camisa de Couro” com a “viúva Madalena”.

Como demonstramos em outras partes deste trabalho, o acontecimento que envolve a chegada da “viúva Madalena” ao enterro de “Camisa de Couro” foi muito lembrado pelos entrevistados. Assim, fomos em busca de apreender o que esse acontecimento representa hoje para os nossos entrevistados e como eles o interpretam.

O senhor Carlos<sup>410</sup>, ao se recordar da relação da “esposa do deputado” com o “Camisa de Couro”, conta-nos como viu e interpretou essa relação,

*“Nessa ocasião ele matou por empreita um deputado estadual de Mirassol, o Anísio Moreira, que era juiz também a mando da própria esposa. O crime foi esclarecido e a esposa foi a júri. (...) Ele já tinha baixado a sepultura. Já estavam fechando a sepultura quando a esposa do deputado e do juiz desceu de avião. É que chegou ao conhecimento dela que ele havia sido morto. Ele vinha explorando essa mulher depois da morte do marido. Ele explorava financeiramente essa mulher e ela já estava cansada de dar dinheiro pra ele. Quando ela veio ver foi porque ela queria ter certeza de que ele tinha morrido. Ela chegou fazendo barulho, pediu para abrirem a sepultura que estava quase fechada. Abriram o caixão pra ela ter certeza que era o ‘Camisa de Couro’ que estava enterrado. Salvo melhor juízo o nome dela era Madalena ou um nome assim.”<sup>411</sup>*

Para o senhor Carlos, a “esposa do deputado” estava sendo explorada financeiramente por “Camisa de Couro” e isso explica o tumulto que sua

---

<sup>410</sup> Hoje o senhor Carlos é um dos pecuaristas mais renomados do Estado de Mato Grosso do Sul, membro de uma antiga e tradicional família de pecuaristas e políticos da região.

<sup>411</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 22/1/2003.

presença causou no enterro de “Camisa de Couro”. Um aspecto que se torna significativo nessa interpretação do senhor Carlos é a menção que ele faz à extorsão que ela poderia estar sofrendo por parte de “Camisa de Couro”.

Soubemos que o deputado Anísio José Moreira havia morrido um pouco antes, na queda do avião em que ele viajava. Lembremos também que a morte do Juiz de Direito de Mirassol, doutor Jaime Garcia Pereira, só ocorreu depois da morte de “Camisa de Couro”, sendo assim, a chegada da “viúva Madalena” ao enterro de “Camisa de Couro” aconteceu antes de seu nome ter sido envolvido ao assassinato do Juiz. Nesse caso, apreendemos que são três mortes distintas, a morte do deputado Anísio José Moreira, que ocorreu antes da morte de “Camisa de Couro”, a morte de “Camisa de Couro” e a morte do Juiz, doutor Jaime Garcia Pereira que ocorreu depois da morte de “Camisa de Couro”.

O que se torna significativo na fala do senhor Carlos é que esses acontecimentos estão todos embaralhados. No entanto, esse emaranhado de acontecimentos não modifica sua versão de que a “esposa do deputado” estaria sofrendo algum tipo de extorsão por parte de “Camisa de Couro”. Na verdade, todo esse emaranhado acaba confundindo e propositalmente apresenta a possibilidade de que a “esposa do deputado” seja mais uma “vítima” de “Camisa de Couro” e não uma “contratante” de seus serviços.

Essa sua interpretação nos leva a apreender que para ele a “esposa do deputado” se tornou alvo fácil para um homem com a conduta de “Camisa de Couro”. Afinal, ela era uma viúva e, por isso, ela poderia representar estar desprotegida. O fato de se tratar de uma mulher, viúva, certamente, levaram o senhor Carlos a pensar na possibilidade da extorsão e da exploração como justificativa de sua presença no enterro.

Nesse sentido, não podemos nos esquecer de que a defesa da “viúva Madalena” nesse caso foi resultado de muitas tramas que envolveram advogados muito hábeis. A versão do senhor Carlos, no entanto, pode ser aquela que foi manipulada pelos advogados de defesa de Madalena Vieira Moreira para transformar a poderosa “viúva Madalena” na indefesa e explorada “esposa do deputado”.

Por outro lado temos o depoimento do senhor Ibraim<sup>412</sup> que presenciou o episódio no cemitério, e assim se recorda da “viúva Madalena”,

*“Você ficou sabendo daquele crime do Juiz de Mirassol? Então, sabe aquela viúva, o que ela fez com nós lá no cemitério? Fez nós tirar o caixão pra ver se era ele mesmo. (...) Nós íamos vindo embora e ela fez todo mundo voltar com quatro jagunço tudo armado. Fez nós voltar pra tirar ele. Chegamos lá, chamamos o coveiro. Tirou os tijolos, tirou o caixão, ela mandou abrir e falou: - Tá certo é ele mesmo! E foi embora. Será que ela está envolvida nesse crime também? Ela pegou, virou as costas pegou o avião e foi embora.”<sup>413</sup>*

O depoimento do senhor Ibraim nos apresenta a “viúva Madalena” como uma mulher forte, autoritária, decidida, que fazia valer suas vontades e, para isso, contava com a ajuda de jagunços. O fato relevante é que sua conduta perante as pessoas que estavam no cemitério foi de intimidação e isso não causou estranhamentos ao senhor Ibraim, que se recorda do fato com naturalidade. O que se torna significativo é que essa lembrança que o Senhor Ibraim guarda desse episódio é a imagem da própria “viúva Madalena” chegando e impondo sua vontade e o seu “poder” à força. Dessa forma, o senhor Ibraim interpreta a ação da “viúva Madalena” como uma ação do “poder” que se fazia valer naquela sociedade e entre aquelas pessoas. Nesse episódio protagonizado pela “viúva Madalena” vimos que o “poder” se fez valer pela presença de seus jagunços, que ninguém ousava ou ousou desafiar, e isso é significativo.

A versão de dona Zelina<sup>414</sup> também enfatiza essa imagem de “Madalena”.

*“(...) Até na hora do sepultamento dele chegou a Madalena. A Madalena tinha dado mil cruzeiros pra ele, pra matar o Juiz de Mirassol. E então, quando ele matasse o Juiz de Mirassol, ela pagava os outros mil cruzeiros. É que ela tinha empreitado por dois mil. Aí, a Madalena chegou e o caixão já estava dentro da sepultura, do túmulo e ela pediu para o coveiro. E o coveiro falou: - Agora eu já estou fechando. Aí, ela falou: - Pode abrir que eu lhe dou dez réis. Naquele tempo dez réis era um dinheirão. Aí, o coveiro tirou os tijolos, puxou o caixão, abriu e ela olhou. Ela era bem pequeninha. A Madalena era pequeninha, e ela olhou e falou: - É ele mesmo pode colocar. Tirou dez réis da bolsa dela deu pro coveiro e virou as costas.”<sup>415</sup>*

Entendemos que, também para dona Zelina, tudo ocorreu de forma natural. “Madalena” já havia acertado uma parte da empreita que ela havia contratado com “Camisa de Couro”, e como em qualquer negócio que envolve

---

<sup>412</sup> Amigo de farra de “Camisa de Couro” hoje o senhor Ibraim é aposentado.

<sup>413</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 16/1/2006.

<sup>414</sup> Ex-prostituta muito amiga de “Antonio” que hoje trabalha numa creche cuidando de crianças abandonadas.

<sup>415</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 29/1/2003.

dinheiro e pagamento, isso fez com que ela fosse conferir se ele estava realmente morto. Diante disso ela pagou o coveiro para desenterrá-lo.

Apreendemos que, para dona Zelina, tudo faz parte de um negócio e, como tal, não existe sentimento ou arrependimento, se ele recebeu para matar ela tinha que cobrar de alguém. No entanto, ao recordar que a “Madalena” era pequeninha ela exalta a coragem e a valentia dessa mulher que desafiou a todos e mandou desenterrar o caixão de “Camisa de Couro” ali na frente de todo mundo. Dona Zelina também é pequeninha, forte, corajosa e desafiava algumas normas. Ao enfatizar atributos em comum, talvez estivesse querendo ressaltar que ela também, conheceu homens perigosos e compartilhou do “poder” que eles representavam.

Dona Áurea<sup>416</sup> também se recorda que no dia do enterro de “Camisa de Couro” ela foi procurada por uma mulher cujo nome ela prefere não citar, a quem deu o chapéu Panamá dele, que havia ficado com ela.

*“Ela veio de fora mais eu não vou citar o nome. Você sabe né? Veio procurar ele e eu tinha acabado de chegar do cemitério. Aí ela foi lá, soube e veio aqui em casa, né. Por que ela era apaixonada por ele. Ele dizia que não era homem para ter mulher e família. (...) O chapéu dele que ele deixou e essa senhora que veio de lá me pediu e eu dei esse chapéu de Panamá muito bonito. Ele andava de chapéu de Panamá, e eu peguei e dei esse chapéu pra ela.”<sup>417</sup>*

Ao se recusar a citar o nome da “viúva Madalena”, dona Áurea reconhece que esse ainda é um assunto proibido. Considera que a “viúva Madalena” era apaixonada por “Camisa de Couro”, e por esse motivo lhe pediu uma recordação dele. Para dona Áurea, o sentimento que Madalena nutria por “Camisa de Couro” explica sua ida ao cemitério e também a ordem dada por ela para desenterrá-lo.

O senhor Paraná<sup>418</sup> também tem interpretação semelhante sobre o acontecimento no cemitério.

*“No dia de seu enterro, chegou uma mulher de Mirassol, quando já estava terminando de enterrá-lo. Então, ela pediu permissão para abrir o caixão, jogou algumas rosas e começou a chorar e saiu. Ela era muito rica e passou a gostar dele. Eu não a conheci, mas essa passagem é verdadeira.”<sup>419</sup>*

---

<sup>416</sup> Dona Áurea foi esposa do senhor Alberto “Armeiro” e eles foram muito amigos de “Camisa de Couro”.

<sup>417</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 28/11/2000.

<sup>418</sup> O senhor Paraná foi amigo e depois se tornou inimigo de “Camisa de Couro”, hoje ele é aposentado pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas.

<sup>419</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 4/12/2000.

O interessante na fala do senhor Paraná é que, ao nos contar esse fato, o seu tom de voz e suas palavras se tornaram mais solenes, talvez, para demonstrar a importância que o depoimento adquire. Para falar sobre a “viúva Madalena”, ele se reportou a ela como uma “dama” que educadamente pediu permissão para abrir o caixão e que, no final de seu ritual de despedida, ainda lhe jogou flores ou rosas para demonstrar seu grau de tristeza e afeição pelo morto.

Dessa forma, observamos que tanto para o senhor Paraná como para dona Áurea, que não estavam presentes no cemitério na hora em que a “viúva Madalena” chegou, esse fato foi interpretado como uma despedida inconformada de uma pessoa querida, próxima, e com poder para realizá-la sem se importar com as pessoas presentes e com horários. Para essas duas pessoas, sua posição lhe dava poder e condição para fazer as coisas de seu jeito, para que suas ordens fossem executadas.

Para dona Zelina e para o senhor Ibraim, que estavam no cemitério e participaram da cena que a “viúva Madalena” protagonizou, ela representa a imagem do “sistema” e do “poder”. Para o senhor Ibraim, ela chegou e impôs sua vontade com ameaça de violência, representada pela companhia de jagunços armados. Para a dona Zelina, ela impôs a sua vontade por meio do “poder” que o dinheiro lhe dava.

Já para o senhor Carlos, que também não estava no cemitério, a interpretação tem um outro sentido, ou seja, a presença da “viúva Madalena” representava o fim de uma pessoa indesejada, que ameaçava pessoas que como ela, e ele, também representava a elite. Nesse caso, sua visita e seus atos representam o triunfo da elite na disputa pela dominação vencendo quem a desafiava em seu “poder” de mando.

Outro fato intrigante nessas falas é como as pessoas se referem à “viúva Madalena”. O senhor Carlos a chama de a “esposa do deputado”, o que de certa forma é uma deferência a sua pessoa e ao lugar que ocupava dentro da sociedade e do “poder”. O senhor Ibraim se refere a ela como “aquela viúva” do crime do Juiz, ou seja, a “viúva Madalena”. Nesse caso, o termo “viúva” parece empregado como um atributo para o “poder”. A dona Zelina a chama intimamente de “Madalena”, o que de certo modo as torna muito próximas. A dona Áurea se refere à “viúva Madalena” como “ela” ou “essa senhora”, o que

nos passa a idéia de distanciamento. O senhor Paraná fala de “uma certa mulher de Mirassol”, o que nos dá a sensação de respeito a sua identidade, que deve ser preservada para que ela não seja incomodada ainda hoje.

Devemos ainda considerar que, no meio rural, a conotação para o termo “viúva” pode significar tanto algo abandonado e malcuidado, como algo cobiçado e intocável. Muitas vezes, para desmerecer alguma coisa se fala “parece coisa de viúva” o que representa algo desprotegido, malcuidado, abandonado, sem zelo. Em relação às propriedades rurais, esse termo é utilizado quando as cercas de divisas das propriedades estão mal conservadas ou caíndo, quando os pastos estão sujos e quando os animais de várias eras se encontram misturados nos mesmos pastos e isso, de certa forma, demonstra que a coisa anda sem dono.

Por outro lado, dependendo da “viúva” e do “poder” exercido pelo falecido marido, ela pode muito bem lançar mão desses “poderes”, como parte da herança. Nesse caso, além de administrar os bens, ela assume os vários papéis que o marido desempenhava.

No caso da “viúva Madalena”, apreendemos que o termo “viúva” representa o “poder” de mando que foi herdado por Madalena Vieira Moreira no momento em que enviuvara. Ao ser reconhecida como a “viúva” do deputado, uma importância política que não condiz com sua posição lhe é transferida. No entanto, é uma forma de mostrar que o seu “poder” está amparado e protegido em redes de relações que abrangem os mais altos graus da hierarquia política.

Nesse caso, apreendemos que as imagens produzidas por “Madalena Vieira Moreira” em Três Lagoas são importantes tanto quanto as imagens produzidas por “Camisa de Couro” ou, até mesmo, por “João Cachimbo”. Elas representam vivências amparadas e organizadas na dinâmica de uma cultura dominada por fazendeiros e coronéis. Dessa maneira, essas pessoas expressam a presença da violência nas formas de mando do lugar e na disputa pelo poder. Mais do que isso, elas representam as relações sociais que se fazem naquela sociedade e isso é significativo.

## **“CAMISA DE COURO” E O PODER DA FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SUAS IMAGENS**

*“ (...) Toda fotografia é o frontispício de um livro sem página, um elo que nos anuncia algo e que, ao mesmo tempo, nos despista. Resta-nos mergulhar nesses fragmentos deslizantes de ambigüidade e evidência, para tentarmos desvendar os mistérios que se escondem sob olhares interessantes e paisagens perdidas. (...) Seguir decifrando essa forma de conhecimento é o desafio que nos move.” (KOSSOY, Boris. Os tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo. 2007, p.61)*

Entre as muitas experiências sociais que os habitantes da cidade de Três Lagoas viveram no início dos anos 1960, uma delas diz respeito à fotografia de “Camisa de Couro” que circulou em jornais e revistas da imprensa paulista e que curiosamente acabaram se transformando em “objeto de desejo” para parte da população três-lagoense. Lembremos que tanto as reportagens quanto o interesse despertado pela fotografia de “Camisa de Couro” só ocorreram dias depois de sua morte, o que de certa forma explica o fato da fotografia ter se tornado a prova material de sua existência.

Sem sombra de dúvidas, foi devido ao interesse que a imprensa paulista despertou por “Camisa de Couro” e pela cidade de Três Lagoas, após o crime de assassinato do Juiz de Direito de Mirassol, que provocou um movimento de pessoas em direção ao Foto local para adquirirem cópias de sua fotografia. Diante desse interesse e da imensa procura por essas fotos, o Foto Zaguir começou a comercializar as fotografias de “Camisa de Couro”, que mais tarde acabaram incomodando as autoridades. Aliás, o Foto Zaguir sofreu uma ação de busca e apreensão dessas fotos e de seus negativos por parte das autoridades locais e estaduais.

O interesse despertado pelas fotografias de “Camisa de Couro” atingiu diretamente as pessoas comuns, e isso se explica pelo fato de “Camisa de Couro” ter sido uma figura conhecida e popular entre elas. Explica-se principalmente pelo fato de “Camisa de Couro”, ou melhor, de “Antonio”, como a maioria de nossos depoentes se refere a ele, de repente, ter se tornado uma pessoa de fama reconhecida. Foi com a rapidez de um raio que essas pessoas

viram o “Antonio” se tornar o famoso “Camisa de Couro”, que aparecia nas manchetes dos jornais e nas capas das revistas, transformando-se em uma “personalidade”, ou como se diz hoje em dia, uma “celebridade”.

As fotografias e as reportagens de “Camisa de Couro” que começaram a circular através da imprensa paulista passaram a representar para essas pessoas a oportunidade de saírem do anonimato e compartilharem da fama que o “Antonio” ou “Camisa de Couro” alcançara. Afinal, elas tinham muitas lembranças de experiências e relações sociais vividas e compartilhadas com “Camisa de Couro”. Dessa forma, elas se viram participando como atores coadjuvantes em uma série de “verdades” e “realidades” construídas sobre o “Antonio”, sobre “Camisa de Couro”, sobre Três Lagoas e sobre elas mesmas.

Hoje, conhecemos bem a rapidez com que esse processo de construção e transformação de pessoas em “celebridades” é desenvolvido pela mídia. À serviço de vários interesses, lemos, vemos e ouvimos diariamente a mídia e a publicidade se prestando ao papel de construir certas “realidades” e “verdades” encomendadas para manipular, controlar, dominar e direcionar a opinião pública.

Ao mesmo tempo foi-nos possível apreender os métodos utilizados nesse processo em que o poder “constrói” e “destrói” pessoas e fatos em prol do mercado de capitais e de ideologias dominantes. No caso da construção e criação da imagem de “Camisa de Couro” elaborada pela mídia, fomos apreendendo como a manipulação das notícias encobria outras realidades. Por meio dessas reportagens, reforçou-se a idéia de que a morte de “Camisa de Couro” dava um fim às rixas violentas entre grupos rivais de “bandidos - pistoleiros” que andavam assolando Três Lagoas e a região. Com a afirmação dessa versão de que os “bandidos - pistoleiros” que atuavam de acordo com um suposto “Sindicato do Crime ou da Morte” estariam lutando e se matando entre si, ocultava-se a existência de outras realidades sobre esses episódios. A versão publicada encobria outra, ou seja, de que eles estavam se matando entre si, mas a mando de forças muito mais poderosas, ardilosas e articuladas do que as suas ou dos supostos “Sindicatos do Crime ou da Morte” criados pela imprensa.

Alimentar a idéia de uma luta entre grupos de criminosos rivais escondia a real intenção do poder, que era a de esconder ou encobrir suas ações de

mando arbitrárias na operação “Limpeza dos pistoleiros” realizada em Três Lagoas e na região. Como vimos, essa operação “limpeza dos pistoleiros” já tinha sido iniciada havia algum tempo, mas, por algum motivo alheio, ela ameaçava vir à tona, e tudo indica que a publicidade que se criou em torno da morte de “Camisa de Couro” e do assassinato do Juiz de Direito da cidade de Mirassol foi uma ameaça direta para que isso acontecesse.

No capítulo anterior abordamos os problemas que enfrentamos com as fontes para a realização deste trabalho e citamos algumas de nossas dificuldades em localizar cópias de fotografias de “Camisa de Couro”. Nesse caso, devemos considerar que a busca por essas imagens nos levaram aos elementos reveladores desse passado do qual a fotografia passou a fazer parte. Assim, fomos apreendendo a fotografia, como importante fonte histórica, que permite reflexões sobre o processo de criação de imagens.

As fotografias de “Camisa de Couro” se tornaram fundamental para esse trabalho de pesquisa por vários aspectos. Um deles está relacionado aos “interesses” que estavam por trás das dificuldades em localizar as fotografias. Aliado a isso a forma como a imagem de “Camisa de Couro” foi forjada e manipulada por meio da fotografia nos mostrou os meandros do poder em ação naquela sociedade e naquela organização social. Diante disso, a fotografia nos fez ultrapassar barreiras rumo a um diálogo silencioso com as imagens que resultou em muitas reflexões que não se esgotam nesse trabalho de pesquisa que por sinal consideramos ser apenas um início.

Antes de qualquer análise de nossa parte em relação às fotografias encontradas, é importante dizer que lamentamos em parte não termos conseguido resgatar do anonimato os fotógrafos autores dessas fotos. Isso é devido ao respeito e à preocupação que nós historiadores e pesquisadores temos em relação à autoria e ao uso indevido de nossos trabalhos. No entanto, consideramos da maior importância e de grande relevância para a compreensão de nossos objetos de estudo conhecermos a autoria de nossas fontes. Neste trabalho, a impossibilidade de identificação e mesmo de acesso a algumas fontes tornou-se parte de nossas indagações, por nos revelarem que fortes questões políticas ainda acompanham esse assunto. Consideramos ser lamentável essa impossibilidade de autenticar a autoria das fotos, porque foram

elas que nos ajudaram a revelar o alcance dos braços do poder que atuou e atua nessa densa trama que envolve todo o nosso objeto de pesquisa.

Nessa reflexão vamos ao encontro das palavras do pesquisador Boris Kossoy, que, ao dialogar com o pesquisador Michael Pollack, analisa que:

(...)“Os documentos nos guiam, na medida em que são desmontados em seus elementos constituintes, analisados e interpretados à luz do momento histórico e avaliados segundo as condições em que foram produzidos. Assim, para reconstituirmos fragmentos significativos da memória individual e coletiva, devemos estar atentos a ação dos órgãos repressores e controladores da informação. (...) Reafirmando Michael Pollack, é essa memória “proibida”, e portanto “clandestina”, que deve nos interessar, pois, apesar de inibida pelos órgãos censores, faz parte do cenário cultural, do setor editorial, dos meios de comunicação e das artes em geral. Se identificada através de documentos proibidos e/ou confiscados pelos órgãos de censura e repressão institucionais, essa memória pode nos comprovar, “caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica”.”<sup>420</sup>

Seguindo essa direção fomos dialogando com as imagens que as fotografias nos revelavam e ocultavam ao mesmo tempo. Como dissemos no capítulo anterior, a primeira fotografia que conseguimos obter de “Camisa de Couro”, sem ser a que havia sido publicada em 1996 na matéria do Jornal do Povo foi a “foto da foto” que nos foi enviada pelo senhor Elias. Antes de qualquer coisa, é preciso analisar essa fotografia e o modo como chegou a nossas mãos, pois nos indicaram a existência de um ponto de tensão em que a elaboração de uma cópia caseira e o receio em ser identificado como detentor de uma foto dessas foi extremamente significativo para nós.

Diante desses fatos nos perguntamos: - O que levou o senhor Elias a tomar toda essa precaução depois de quase cinquenta anos que separa essa foto de sua produção? Foi esse cuidado e essa precaução que o senhor Elias teve em produzir uma “foto da foto”, utilizando-se de recursos caseiros e limitados, que nos chamou a atenção. Teria sido bem mais fácil e lógico que ele mandasse fazer uma cópia em um dos muitos estabelecimentos comerciais dedicados a fotografia que existem hoje na cidade. No entanto, ele preferiu produzir essa cópia com os seus recursos pessoais e limitados, sem que ninguém tivesse contato com a sua cópia da fotografia. Essa atitude do senhor Elias de não querer tornar público ou do conhecimento de outras pessoas a sua condição de possuidor de uma das fotos “proibidas” de “Camisa de Couro”

---

<sup>420</sup> KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p.p 106 e 107.

nos foi revelador. Seu comportamento nos deu indícios de que ainda existe um temor latente em relação a esse assunto presente em algumas pessoas. Assim, a “foto da foto” que nos foi enviada pelo senhor Elias nos revelou partes desse passado que ainda incomodam.

**Figura – 1 – A “FOTO DA FOTO” – Fotografia tirada da “fotografia proibida” que era comercializada pelo Foto Zaguir.**



“FOTO DA FOTO” (Autoria do senhor Elias)  
Três Lagoas, MS.

Por outro lado, com o passar do tempo, tivemos acesso a várias cópias da fotografia proibida de “Camisa de Couro”, que circulou na imprensa paulista no início dos anos de 1960, e que ainda hoje circula na imprensa local.<sup>421</sup> Cabe-nos lembrar que foi essa foto que teve suas cópias comercializadas pelo Foto Zaguir e que posteriormente foram proibidas pelas autoridades.

---

<sup>421</sup> Do ano de 1996 para cá, várias vezes a imprensa local publicou matérias sobre “Camisa de Couro” ilustrada pela mesma imagem da fotografia da década de 1960.

Essa fotografia, que mais parece um retrato pessoal ampliado, traz “Camisa de Couro” sentado de perfil, vestindo um paletó aberto, que deixa à mostra sua guaiaca e seu revólver, que se encontra apoiado por sua mão esquerda. A fotografia revela a imagem de um homem jovem, forte, bem vestido e em estado de alerta e atenção. Uma foto mais que perfeita para se criar a imagem do “bandido-pistoleiro” temido por uns e admirado por outros, que a mídia ajudou a construir. Notemos que essa foto tem um fundo bem escuro, o que já não acontece com outras cópias da mesma imagem em que se percebe que ele está sentado ao lado de uma pessoa, na qual aparece uma orelha bem ao lado de sua boca, deixando ver que foram recortadas as outras pessoas que estavam ali.

Essa fotografia nos chegou como parte das reportagens publicadas nos anos 1960 e como referência da imagem e da identidade de “Camisa de Couro”. No entanto, aos poucos fomos percebendo que essa imagem nos dizia mais coisas do que realmente deixava ver. Ao nos depararmos com a impossibilidade de localizar a sua autoria, pois o Foto Zaguir, que fazia as cópias e depois as revendia alegou, não ser de sua autoria a fotografia original, como nos explicou dona Amélia Zaguir: *“Mandou essa foto pra cá quem tirou. Meu irmão fazia cópia para revender. Revenderam muitas. Todo mundo era curioso e queria saber e ver a história dele.”*<sup>422</sup>

Nessas condições, e diante da observação de dona Amélia de que a fotografia não era de autoria do Foto Zaguir, verificamos que seria bem difícil saber quem as teria tirado e qual teria sido a intenção. Devemos considerar que dona Amélia possa ter medo de assumir a autoria dessa fotografia, uma vez que no passado essa mesma foto já lhe trouxera transtornos. Mas existe também a possibilidade de que a foto tenha sido produzida por ordem de alguma pessoa que não queira ser identificada, e isso nos remete mais uma vez ao receio de admitir a autoria dessa fotografia, por temor de represálias, o que devemos respeitar. Isso não nos impede, porém, de interpretar sua imagem e o contexto que a envolve.

---

<sup>422</sup> Entrevista coletada no Município de Três Lagoas, em 3/2/2003.

**Figura – 2 – Fotografia de “Camisa de Couro” com o fundo escuro que foi comercializada pelo Foto Zaguir e que ilustrou todas as reportagens publicadas.**



“Camisa de Couro” Início da década de 1960. Autoria desconhecida.  
(Acervo foto Zaguir, Acervo José Luiz Cezero, Arquivo Público do Estado de São Paulo e  
Acervo da Biblioteca Mario de Andrade)

Em outra fotografia que conseguimos localizar “Camisa de Couro” está sentado com amigos e conhecidos a uma mesa do bar Esporte em Três Lagoas. Coincidentemente, nessa fotografia “Camisa de Couro” está na mesma posição e com a mesma roupa das fotos que acabamos de mencionar, o que nos levou a apreender que essa fotografia foi a que deu origem às outras duas fotos mostradas anteriormente. Nossa observação exige considerar as palavras de Boris Kossoy, quando analisa que: *“Imagens sujeitas a intervenções cirúrgicas: manipulações e adaptações de toda ordem esvaziam os seus conteúdos históricos e simbólicos, como também, descompensam seus tempos formativos. Alteram seus significados.”*<sup>423</sup>

---

<sup>423</sup> KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p.140.

Claramente, a fotografia de “Camisa de Couro” que foi publicada e vendida havia sofrido uma intervenção cirúrgica por parte de pessoas interessadas em desconectar e esvaziar de conteúdos históricos e simbólicos a imagem de “Camisa de Couro”. Intencionalmente, ao recortarem sua imagem da foto original e transformá-la em retrato individual, alteraram seus significados mais reais. É ele, “Camisa de Couro”, que interessa às pessoas e não as crianças e as outras pessoas que estão ao seu lado na fotografia.

Todavia, essa imagem revela que “Camisa de Couro” era integrado a essa sociedade a ponto de sentar-se à mesa dos bares da cidade junto às pessoas comuns e na presença de crianças. O significativo foi apreendermos que as pessoas a sua volta não pareciam estar com medo de sua presença nem tampouco pareciam estar preocupadas com sua companhia.

Dessa forma, percebemos que algumas das pessoas retratadas ao seu lado não se deram conta de que a fotografia estava sendo tirada, porém, “Camisa de Couro” percebeu que estava sendo fotografado e isso explica sua postura e sua posição de alerta. Assim como ele, as duas pessoas que estão em pé no centro da imagem e as crianças que estão ao fundo também perceberam a presença do fotógrafo e se posicionaram de forma a serem fotografadas por ele. Cabe-nos lembrar que a pessoa que está em pé de bigode e roupa clara é o senhor Ibraim. No caso das demais pessoas presentes na cena, elas não serão identificadas, por preservação de suas identidades.

Aprendemos que a fotografia, em sua forma original, não serviria aos propósitos das publicações feitas pela imprensa paulista, pois elas destoariam das matérias veiculadas. Não seria fácil para a imprensa e para o poder explicar como um “bandido-pistoleiro” com o grau de periculosidade de “Camisa de Couro” freqüentava lugares públicos tão abertamente. Compreendemos que, por esse motivo, a foto original foi modificada e manipulada para servir aos interesses e aos propósitos da imprensa a serviço do poder.

*Figura – 3 - Fotografia que deu origem à “Foto Proibida”.*



*“Camisa de Couro” entre amigos no Bar Esporte em Três Lagoas. Início da década de 1960.*

*(Autoria desconhecida). (Acervo Foto Zaguir e Acervo Particular José Luiz Cezero)*

Outra fotografia significativa para o contexto que envolve nossas indagações é a que “Camisa de Couro” aparece ao lado de amigos, conhecidos e crianças. Entre as pessoas fotografadas está o “Camisa de Couro”, que é a segunda pessoa da esquerda para a direita na fileira de pessoas que estão em pé. Ao seu lado direito está um adulto e, ao seu lado esquerdo, está um adulto com uma criança ao colo, seguido de mais dois adultos. Logo abaixo, há duas crianças agachadas, o senhor Ibraim, de bigode, e outra criança.

Pareceu-nos que as pessoas, ao posarem para essa fotografia, estão agindo naturalmente em sua presença, o que demonstra que elas estavam acostumadas a compartilhar espaços, experiências e relações vividas entre si e com “Camisa de Couro”. Todavia, o que nos chamou a atenção nessa fotografia é que tudo indica que ela foi tirada no mesmo dia da fotografia anterior. A nosso ver os personagens são praticamente os mesmos nas duas

fotografias e as roupas que vestem também. Nesse caso, observamos que “Camisa de Couro” pode ter tirado o paletó devido ao calor que provavelmente fazia. Se estivermos corretos em nossa percepção o fotógrafo poderia estar procurando uma forma de fotografá-lo para algum fim específico, no entanto, não podemos afirmar que tenha ocorrido essa intenção.

Entretanto, também não devemos desconsiderar essa possibilidade, pois, muitas coisas nos indicaram, no decorrer deste trabalho de pesquisa, que todo o contexto que envolve a morte de “Camisa de Couro” em Três Lagoas faz parte de uma densa trama de poderes articulados e isso envolve a criação e construção de suas imagens.

***Figura – 4 – Fotografia de “Camisa de Couro” entre amigos, conhecidos e crianças na cidade de Três Lagoas.***



*“Camisa de Couro” entre amigos em Três Lagoas. Início da década de 1960.*

*Autoria desconhecida (Acervo Particular José C. Resende)*

Ao contrário das outras fotografias às quais tivemos acesso, a do jipe de “Camisa de Couro” tem identificação de autoria. O senhor Dorival Floriano, que era amigo e mecânico de “Camisa de Couro”, fotografou o jipe de sua

propriedade em frente a sua oficina. Pelo que nos contou sua viúva, dona Minda, essa foto foi tirada depois da morte de “Camisa de Couro”, quando o jipe ficou recolhido na oficina do senhor Dorival por alguns dias. Apreendemos que, depois da morte de “Camisa de Couro”, tudo o que estava relacionado à sua presença em Três Lagoas ganhou novo significado, e essa fotografia tirada pelo senhor Dorival representa isso.

Dessa forma, essa fotografia tirada de seu jipe logo após a sua morte demonstra que o senhor Dorival Floriano por algum motivo por nós ignorado registrou em sua máquina fotográfica a presença do jipe de “Camisa de Couro” em sua oficina. Talvez, sua intenção tenha sido a de se proteger de possíveis acusações que poderiam surgir a respeito da guarda desse bem que pertencera a “Camisa de Couro” e que por um período ficou sob sua guarda na oficina. No entanto, dona Minda não soube nos dizer com certeza quem retirou o jipe da oficina, porém, ela tem uma vaga lembrança de ter sido o “João Carapina” quem o retirou de lá.

**Figura 5 – Fotografia do jipe de “Camisa de Couro”**



*Foto do Jipe de “Camisa de Couro” tirada por Dorival Floriano em frente a sua oficina em Três Lagoas. Início da década de 1960 (Acervo Particular Dorival Floriano)*

Essas cinco fotografias revelam que a presença de “Camisa de Couro” era natural entre os moradores de Três Lagoas, pois elas nos indicam que ele comparecia a lugares que eram freqüentados por toda a sociedade. Pelo que pudemos ver através dessas imagens, sua presença não mudava a rotina dessas pessoas. Diante disso, voltamos àquela nossa reflexão anterior sobre a importância que a fotografia de “Camisa de Couro” ganhou para as pessoas comuns depois de sua morte. Como já dissemos, sua fama atingiu a todos que o conheciam e que conviviam com ele em Três Lagoas. Possuir sua foto era dizer: - Eu vivo em Três Lagoas! Eu conheci e convivi com “Camisa de Couro”! Eu sou tão corajoso e valente quanto ele!

Todavia, devemos nos lembrar de que nem só das ações e da presença de “Camisa de Couro” viviam Três Lagoas e seus habitantes. Outros “pistoleiros” também viviam e agiam por ali. Aliás, toda uma gama de pessoas convivia sob a ameaça de várias formas de “violência” e, por isso, práticas e costumes foram adotados e mantidos por essas pessoas para que se protegessem dessa convivência diária com o perigo.

Essa experiência aqui relatada nos mostra que nesse processo de construção e de criação da imagem de “Camisa de Couro” promovido pela imprensa paulista e pelo “poder”, as imagens fotográficas foram fortes aliadas. Nesse caso, ao reconhecermos o “poder” da imagem que as fotografias de “Camisa de Couro” alcançaram na década de 1960, reconhecemos também o “poder” das reportagens publicadas pela imprensa paulista no mesmo período. Nesse sentido, esse trabalho com fotografias nos sugeriram pensar na construção de uma memória que se forja na articulação de textos escritos e imagens que hoje são realimentados pela imprensa local. Apreendemos que todos esses elementos estão presentes na criação do imaginário sobre o personagem “Camisa de Couro” cultuado por parte da população de Três Lagoas desde a década de 1960 até os dias de hoje.

**Figura – 6 - Reportagem publicada na edição de 15 de dezembro de 1961, Jornal Diário da Noite, São Paulo, São Paulo.**



**Figura – 7 – Reportagem publicada na edição de 2 de fevereiro de 1962, Revista Visão, São Paulo, São Paulo.**

**Visão**

Vol. 20 - N.º 5 - 2 de fevereiro de 1962

**Para Sua Informação**

O visitante que chegar à cidade mato-grossense de Três Lagoas, distante 7 km do local onde se iniciou a construção da Usina Hidrelétrica de Urubum, poderá ver no Museu das Nações Latinas, ouvir logo uma história de jangadeiros ou pescadores de pirarucu, ou visitar a sede da Associação dos Pescadores, que é administrada pelas autoridades da região, que é o governo do Mato Grosso. A operação na zona cobrando preços altos.

A população já é habituada com a jagunçoada e a escuta de botos, que é o maior peixe das águas brasileiras. Apesar, prudentemente, limitar sua vida noturna ao dia.

O jagunço conhecido como "Câmisa de Couro" (foto) foi uma das últimas vítimas desse triste animal, do qual existem poucas espécies por concreto de suas fôveas.

Câmisa de Couro choverá copiosamente todos os vésperas de Carnaval, quando os jangadeiros voltarem à praia, dizendo-se um lecomprendido, que só matava em legítima defesa.

Entre outros problemas sociais preocupam sériamente o Bairro de Campo Grande, Dom Antônio Barbosa, que é o bairro mais antigo da capital, que é o berço do samba Vai-Vai, desfilado que conquistou o título de melhor desfile da Universidade (pág. 20).

Quando os jangadeiros atingiram um estágio mais avançado, o jagunço exerceu um papel benéfico no ensaamento do bandolim. O maior número de instrumentos musicais que se pode encontrar é traços para contribuir para diminuir o "baque-baque". O sumário do enredo da empunha já conseguiu abalar os alicerces do samba, que é sempre o trunfo da sua vida, certa pela batente condignamente remunerado. E não tardará que o samba de Carnaval seja o trunfo da sua vida, restringido aos sonhos familiares e às conversas de botiquim, precedidas da introdução clássica: "Era uma vez, antes de Irmãos e Irmãs...".

De vez em quando, é preciso sair um problema de tanta hora. Vaiô é obrigado a solicitar os pretestos de algum passageiro no Aeroporto Santos Dumont. Na aeronave, que é o seu maior problema, é preciso traçar para contribuir para diminuir o "baque-baque". O sumário do enredo da empunha já conseguiu abalar os alicerces do samba, que é sempre o trunfo da sua vida, certa pela batente condignamente remunerado. E não tardará que o samba de Carnaval seja o trunfo da sua vida, restringido aos sonhos familiares e às conversas de botiquim, precedidas da introdução clássica: "Era uma vez, antes de Irmãos e Irmãs...".

Neste número, o leitor encontrará ainda um artigo que fala dos 80 anos de Igor Stravinsky (pág. 46), entre elas a apresentação da peça teatral de François Sagana, que é o autor de "O Leopardo", que é um dos primeiros livros plásticos para atrações subaquáticas (pág. 28), a criação da Maracanã (pág. 30), um museu de calhambiques (pág. 32), que é o nome que os índios davam ao lago que existe entre o litorâneo e o interior que manda no Pernambuco (pág. 34).

ÍNDICE

A Negócio . . . . .	12	Indústria . . . . .	28
Agricultura . . . . .	32	Livros . . . . .	48
Arte . . . . .	10	Música . . . . .	20
Brasil Capa . . . . .	16	Multimedias . . . . .	46
Do Exterior . . . . .	18	Mundo . . . . .	14
Do País . . . . .	2	Opinião . . . . .	50
Economia . . . . .	3	Sociedade . . . . .	50
Fórcas Armadas . . . . .	34	Teatro . . . . .	50

11

**Figura – 8 – Reportagem publicada na primeira página, edição de 14 de setembro de 1996, Jornal do Povo, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



**Figura – 9 – Reportagem publicada na página 5, edição de 14 de setembro de 1996, Jornal do Povo, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



**Figura – 10 – Reportagem publicada na Revista Criativa Print, edição 03 de outubro de 2004, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



**Figura – 11 – Reportagem publicada na primeira página, Jornal Correio de Três Lagoas, edição de 2 de novembro de 2006, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



**Figura – 12 – Reportagem publicada na página 3, Jornal Correio de Três Lagoas, edição de 2 de novembro de 2006, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



*Figura – 13 – Reportagem publicada pelo Jornal Acontece Notícias, edição de 15 de junho de 2007, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.*



No Arquivo do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, encontramos duas fotografias que ilustram algumas reflexões que fizemos no capítulo anterior, quando abordamos o “Poder dos Costumes” vigentes em Três Lagoas naquele período. Entre eles, destacamos o porte de armas, o uso de chapéus e toda a indumentária que se fazia necessária para o trabalho com o gado no meio do cerrado.

A fotografia de um churrasco do qual homens e crianças participam juntos nos chamou a atenção. Nela podemos perceber que várias pessoas estão portando guaiacas, revólveres, chapéus, botas e lenços nos pescoços o que reitera nossas reflexões anteriores. Uma outra observação que devemos fazer é a respeito de como eram assadas as carnes e o tipo de espetos que eram usados para esse fim. Diante da rusticidade da cena, apreendemos que vários traços culturais dessa sociedade ali se revelam e vão ao encontro de nossas indagações.

**Figura – 14 – Foto de um churrasco no cerrado em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



“Churrasco em Três Lagoas” - Data e Autoria desconhecida (Acervo do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Câmpus de Três Lagoas)

A outra foto escolhida é a de uma mulher apontando uma arma, com um sorriso no rosto. Essa cena de um momento de lazer e descontração revela também o porte de arma como algo natural no cotidiano daquelas pessoas. A arma fazia parte da vida dessas pessoas de tal forma que o seu porte se torna natural e espontâneo em suas experiências sociais vividas.

Armas, chapéus, botas, morte por encomenda, presença de pistoleiros, fotografias forjadas, crianças convivendo com “pistoleiros”, “fotos proibidas” e mais uma infinidades de costumes e práticas são parte de todo o universo ao qual “Camisa de Couro” pertenceu e compartilhou em Três Lagoas. Um universo violento, em que forças ao mesmo tempo convergentes e divergentes incansavelmente disputam seus poderes e suas formas de mando.

**Figura – 15 – Foto no Ribeirão Palmito, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.**



*“Foto no Ribeirão Palmito - Três Lagoas”, Junho de 1941. (Autoria desconhecida) (Acervo do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Três Lagoas).*

## CONCLUSÃO

Chegar ao fim do trabalho não significa por um ponto final em tantas indagações que este tema suscita. “Camisa de Couro” morreu em 1961, mas está vivo nas lembranças de homens, mulheres e crianças. Sua morte evoca ainda hoje muitas histórias que recolocam relações e tensões de sujeitos indicados ao longo da pesquisa. Também destaquei dificuldades vividas por mim ao tratar de tema tão presente constantemente revivido. Neste percurso, a partir das relações estabelecidas, também vivi situações de encontros e desencontros.

No ano de 2004, quando estava lecionando no Curso de História como Professora Contratada pelo Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, fui procurada por uma jornalista da cidade de Três Lagoas, Marisa Coutinho, para que lhe desse uma entrevista sobre o trabalho de pesquisa que estava desenvolvendo. Meu objeto de estudo naquele momento estava relacionado com o período das décadas de 1950 e 1960 na cidade de Três Lagoas e, por se tratar de um período muito tenso e denso, ele envolvia muitas histórias e muitas memórias da cidade de Três Lagoas e seus habitantes.

Na realidade fui procurada pela imprensa em razão de um artigo que havia escrito e apresentado em duas ocasiões distintas. Uma no ano de 2002, na Semana de História “*Perspectivas Históricas e Historiográficas da Região do Alto Paraná*”, quando o trabalho ainda era um Projeto de Pesquisa. A outra foi no ano de 2004, quando o trabalho foi apresentado na sessão de comunicação coordenada “*Cultura em Três Lagoas, uma análise das práticas e representações sociais e culturais*”, durante o VII Encontro de História de Mato Grosso do Sul – “*Patrimônio Histórico e Cultural: Identidade e Poder*”, promovido pela Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) – Núcleo Mato Grosso do Sul, realizado na cidade de Campo Grande, MS. Nessa ocasião o tema apresentado se intitulava “*Camisa de Couro: Bandido ou mocinho no imaginário da população de Três Lagoas*” e, dessa forma, tratava de questionar as imagens produzidas por um personagem que havia protagonizado alguns episódios na cidade de Três Lagoas, no fim da

década de 1950 e início da década de 1960, que são alimentados e realimentados constantemente pela imprensa local há quase cinqüenta anos.

Na ocasião da entrevista comentei a respeito das dificuldades que encontrava para localizar as fontes e cedi algumas imagens como a fotografia do jipe de “Camisa de Couro” e solicitei que a autoria fosse reconhecida se fosse publicada, a cópia de um documento e indiquei o local de sua sepultura no Cemitério Municipal de Três Lagoas. A publicação da reportagem teve uma grande repercussão entre os moradores de Três Lagoas e muitas vezes fui abordada na rua por pessoas que me reconheciam e queriam comentar a reportagem ou indicar alguma fonte.

No ano de 2006, já estava afastada do quadro de professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e havia sido aprovada no Curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e, por esse motivo, estava residindo na cidade de São Paulo. Fui convidada pelos ex-colegas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do curso de História do Campus de Três Lagoas para ministrar uma palestra durante o II Ciclo de Palestras – Perspectivas Interdisciplinares de Pesquisa: a história no ensino fundamental, médio e superior. Minha apresentação ocorreu no dia programado para a discussão do tema *“Do imaginário da violência no sul de Mato Grosso-Uno ao banditismo social”*. No debate realizado após a palestra, formou-se um movimento de perguntas e indagações do público presente, demonstrando que minha fala havia despertado muita expectativa a respeito do meu tema de pesquisa. Uma experiência gratificante para qualquer palestrante.

No mesmo ano de 2006 foi publicada e lançada, durante a semana de História de Três Lagoas, a *“Coletânea Cultura, Trabalho e Memória – Faces da Pesquisa em Mato Grosso do Sul”*. Essa coletânea, que é composta por onze textos que abrangem várias linhas de pesquisa sobre Três Lagoas e região, contém um texto de minha autoria, no qual relato toda minha experiência de campo na pesquisa e faço reflexões e indagações sobre o personagem “Camisa de Couro” e suas histórias em Três Lagoas.

Faço essas considerações para demonstrar o papel da imprensa local na alimentação e realimentação das imagens construídas na constituição da

memória sobre o personagem “Camisa de Couro” em Três Lagoas atuando no presente.

No dia 2 de novembro de 2006, em artigo assinado por Eva Elias, o jornal semanário local, “*Correio de Três Lagoas*”<sup>424</sup> publica em primeira página uma fotografia de “Camisa de Couro” com a legenda: “*Há 45 anos mataram “Camisa de Couro”, o maior pistoleiro de todos os tempos. Antonio Joaquim Aragão, popular Camisa de Couro, foi muito mais valente que Lampião. Ele matava sozinho.*” Na página 3, matéria de página inteira, intitulada “*O matador “Camisa de Couro” muito mais valente que “Lampião”*” vem ilustrada com uma das fotografias cedidas por mim na entrevista concedida em 2004, para outro órgão de imprensa, e com informações publicadas no artigo de minha autoria na Coletânea que havia sido lançada dias antes da publicação do Jornal. Muitos dados de minha pesquisa, que constam no artigo da Coletânea e que foram apresentados no Ciclo de Palestra, foram utilizados nessa reportagem. No entanto, não fui procurada por nenhum dos responsáveis pela edição para um parecer e nem mesmo para uma autorização, principalmente, a respeito da imagem do jipe de “Camisa de Couro”, que me foi cedida pela família do autor, e no jornal não consta sequer o crédito de sua autoria. Diante dessas observações cabe lembrar que o meu nome aparece na reportagem no mesmo formato que fora publicado na entrevista concedida em 2004.

No dia 15 de junho de 2007, o episódio acima relatado se repete com o “*Jornal Acontece Notícias*”<sup>425</sup>, publicado na cidade de Três Lagoas. Lançando mão da reportagem publicada no “*Correio de Três Lagoas*” em 2 de novembro de 2006, o Jornal Acontece Notícias, faz o mesmo trabalho. Dessa vez, por sinal, a diferença estava em dois novos depoimentos publicados, nos créditos assim mencionados: “*Editado pela redação, com informações gentilmente cedidas por Luiz Corrêa – do Correio de Três Lagoas*”, e devemos reconhecer que esse jornal não fez uso da fotografia do jipe de “Camisa de Couro” como ocorreu com a reportagem anterior. A matéria que se encontra na página 8

---

<sup>424</sup> Jornal Semanário Correio de Três Lagoas dirigido por Luiz Correa da Silveira Filho e Elzi Terezinha Garcia Corrêa.

<sup>425</sup> Jornal Acontece Notícias de 15 de junho de 2007, Ano II, Nº. 95, Três Lagoas –MS. Diretora Sayuri Ahagon Baez.

dessa edição se intitula “*Camisa de Couro – Histórias de um pistoleiro solitário*”.

Meu objetivo ao narrar esses episódios não se resume ao risco que a apropriação indevida de um trabalho com anos de pesquisa está sujeito a sofrer. Mas observar a intenção que há por trás do poder da imprensa e de algumas pessoas em alimentar esse passado de forma insistente. Apreendemos que essas atitudes é que alimentam o “mito” criado e realimentado por quase cinqüenta anos e que serve para confirmar o poder de certos grupos interessados na manipulação da história. Agindo dessa forma, assistimos como as forças atuantes no poder esvaziam de significados um episódio tão representativo para a história da cidade de Três Lagoas.

Por outro lado, devemos considerar a maneira como esse passado é constantemente recordado. Comente sobre “Camisa de Couro” em Três Lagoas e de imediato surgem recordações e lembranças. Nesse caso escutamos inúmeras vezes: - “*Sei tudo sobre isso, ele foi morto a mando do Governador Fernando Corrêa da Costa em frente à estação.*” O ponto chave dessa questão é que ninguém discute o grau do poder de vida e morte do governador Fernando Corrêa da Costa e nem tampouco questiona em que esse poder se amparava.

No entanto, todo esse passado não se explica tão enfaticamente assim: - “*Foi a mando do governador Fernando Corrêa da Costa e ponto final*”. O que se torna significativo neste trabalho é o sentido mais profundo desse período, é a luz da diferença entre o que se passou e as múltiplas maneiras de recordá-lo, sendo que se trata de um acontecimento muito recordado. A nosso ver essa dúvida é que alimenta o “mito” e que o transforma em objeto de indagação histórica.

Em nossa perspectiva, “Camisa de Couro” foi morto a mando do governador Fernando Corrêa da Costa e da UDN (União Democrática Nacional), com o apoio do PSD (Partido Social Democrático) e do governo de São Paulo. Mas foi também a mando da elite local composta por políticos, fazendeiros, comerciantes, advogados, médicos e detentores de cargos públicos como juízes, promotores e delegados. Dessa forma, foi a mando também de pessoas como a viúva Madalena e Vicente Peralta, que resolviam seus conflitos amparados nas ações desse tipo de profissionais, os “pistoleiros

de aluguel". Foi resultado também de uma disputa de poder entre grupos rivais formados por esses profissionais os “pistoleiros de aluguel” que agiam em Três Lagoas e na região. E foi a mando de todos esses poderes articulados e ameaçados de perder suas forças que se deu toda essa história.

Como dissemos no início deste trabalho, não foi nossa intenção descobrir se há inocentes ou culpados nessa história e nem tampouco fazer um trabalho biográfico do personagem. Mas, sim, apreender o poder de atuação da memória na constituição da cultura como campo de luta, como passado vivo e ativo e também como prática política.

Com base nas indagações e reflexões busquei apreender o significado do personagem “Camisa de Couro” e o que ele representa para alguns moradores da cidade de Três Lagoas. Assim, por meio deste personagem fui ampliando a discussão em torno da violência e das relações de poder que foram vividas e experimentadas pelas pessoas com as quais conversamos. Suas experiências vividas e compartilhadas nos revelaram que a cidade de Três Lagoas passava por profundas e significativas transformações nos anos de 1959 a 1962. Apreender como se exercia o poder e como se organizava a vida desse lugar fez surgir a nossa frente um grande universo de possibilidades para novas pesquisas. Certamente, novas portas se abrirão e novas pesquisas sobre o tema brotarão. E, assim, a cidade de Três Lagoas e seus habitantes terão a oportunidade de lembrar, contar e viver suas outras histórias.

## FONTES

### Fontes Orais: entrevistas

- \_\_\_\_\_ com dona Áurea, realizada em Três Lagoas, 22/ 11/ 2000.
- \_\_\_\_\_ com senhor Paraná, realizada em Três Lagoas, 4/ 12/ 2000.
- \_\_\_\_\_ com senhor Amado, realizada em Três Lagoas, 6/ 11/ 2002.
- \_\_\_\_\_ com senhor José, realizada em Castilho, São Paulo, 6/ 12/ 2002.
- \_\_\_\_\_ com dona Minda, realizada em Três Lagoas, 22/ 1/ 2003.
- \_\_\_\_\_ com senhor Carlos, realizada em Três Lagoas, 22/ 01/ 2003.
- \_\_\_\_\_ com dona Zelina, realizada em Três Lagoas, 29/ 1/ 2003.
- \_\_\_\_\_ com dona Amélia, realizada em Três Lagoas, 3/ 2/ 2003.
- \_\_\_\_\_ com senhor Jamil, realizada em Três Lagoas, 3/ 2/ 2003.
- \_\_\_\_\_ com senhor Argeo, realizada em Três Lagoas, 19/ 12/ 2005.
- \_\_\_\_\_ com senhor Ibraim, realizada em Três Lagoas, 16/ 1/ 2006.
- \_\_\_\_\_ com senhor José Luiz, realizada em Três Lagoas, 4/ 11/ 2006.
- \_\_\_\_\_ com doutor Juca, realizada em Três Lagoas, 22/ 1/ 2007.

### Fontes

- Arquivo Biblioteca Mario de Andrade, São Paulo, São Paulo.
- Arquivo Biblioteca PUC-SP, Monte Alegre, São Paulo, São Paulo.
- Arquivo da Câmara Municipal de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo do Cartório do Segundo Ofício de Itabi, Sergipe.
- Arquivo do Cartório do Segundo Ofício de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo Criminal do Fórum de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo doutor Carlos Magno Couto, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo doutor Francisco Leal de Queiroz, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo doutor Luiz Carlos Castro Pinto, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo do IBGE de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo do IBGE de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.
- Arquivo José Luiz Cezero, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Arquivo do Núcleo de Documentação Histórica da UFMS, CPTL, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo.

## **Fotografias**

Arquivo senhor Elias

Arquivo Dorival Floriano

Arquivo Família Zaguir

Arquivo José Luiz Cezero

Arquivo José da C. Resende

## **Periódicos**

### **Jornais**

Jornal Acontece Notícias – 15 de junho de 2007 – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Jornal Diário da Noite – novembro e dezembro de 1961 – São Paulo, São Paulo.

Jornal Correio de Três Lagoas – 2 de novembro de 2006 – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Jornal Estado de São Paulo – novembro e dezembro de 1961 – São Paulo, São Paulo.

Jornal Gazeta do Comércio de Três Lagoas - jan.1959 a out.1961 - Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

Jornal Última Hora – novembro e dezembro de 1961 – São Paulo, São Paulo.

Jornal do Povo – 14 de setembro de 1996 – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

### **Revistas**

Revista Visão – janeiro de 1959 a dezembro de 1962 – São Paulo, São Paulo.

Revista Criativa Print – outubro de 2004 – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

## Bibliografia

- ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas. Transformações do Espaço Público*. Campinas, SP: Editora UNICAMP. 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História in Magia e Técnica, Arte e Política*. S.d. p.222 a 232.
- BORGES, Maria Celma; OLIVEIRA, Vitor W. (orgs.) *Cultura Trabalho e Memória. Faces da Pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 2006.
- BRETAS, Marcos Luiz. *A Guerra das Ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997.
- BRITES, Olga. “*Memória, Preservação e Tradições Populares*” In CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.) *O Direito a Memória*. São Paulo: DPH/ SMC. 1992. p. 17/20.
- \_\_\_\_\_. *Retratos de Infância. Infância, história e fotografia*. São Paulo nos anos 30. IN Outras Histórias, Memórias e Linguagens. MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara Aun (org). São Paulo: Editora Olho D' Água. 2000.
- CAMELO FILHO, José Vieira. *Lampião – O sertão e sua gente*. Campo Grande: Editora UFMS. 2001.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *Santana do Paranaíba de 1700 a 2002*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2<sup>a</sup> edição. 2002.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque*. 2<sup>a</sup> edição. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2001.
- CORREA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso 1889 – 1943*. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 1995.
- \_\_\_\_\_. *Fronteira Oeste*. Campo Grande, MS: Editora UFMS. 1999.
- \_\_\_\_\_. *História e Violência em Mato Grosso. 1817 – 1840*. Campo Grande, UFMS. 2000.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira Cunha. *Nação um lugar comum. In Pátria Amada Esquartejada*. São Paulo: SMC, Departamento do Patrimônio Histórico. 1992.

- DÓRIA, Carlos Alberto. *O Cangaço*. São Paulo: Brasiliense, 3<sup>a</sup> edição. 1982.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE. 1958.
- ETCHENIQUE, Jorge Raúl. *La Cruz del Sur: El puente y los bandidos*. 1<sup>a</sup> edição Santa Rosa: Ameríndia Nexo di Napoli. 2006.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 6<sup>a</sup> edição. 1980.
- FENEILON, Déa; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara A. (orgs.) *Muitas Memórias outras histórias*. São Paulo: Editora Olho Dágua. 2005.
- FAUSTO, Boris. (orgs.) *História Geral da Civilização Brasileira III – O Brasil Republicano Estrutura de Poder e Economia. (1889-1930)*. São Paulo: Difel. 1985.
- FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano a criminalidade em São Paulo (1880 – 1924)*. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.
- FOCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e Tradução Roberto Machado. 22<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2006.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na Ordem Escravocrata*. 4<sup>a</sup> edição. São Paulo: UNESP. 1997. p. 51.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e o verme: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia da Letras. 2006.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; Editora UFMT. 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovik ,tradução Adelaine La Guardiã Resende...et all. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.
- HOBSBAWM, E. J. *Bandidos*. 2<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1976.
- \_\_\_\_\_. *Rebeldes primitivos – Estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. 2<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- \_\_\_\_\_. *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Monções*. 3<sup>a</sup> edição, São Paulo: Brasiliense, 1990

IBANHEZ, Brígido. *Silvino Jaques: o ultimo dos bandoleiros*. 3<sup>a</sup> edição, Campo Grande: Ed. UFMS. 1997.

JORGE, Stela Maris Floresani. *Filinto Muller: Memória e Mito (1933-1942)*. Dissertação de Mestrado em História Social apresentada ao Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 1993.

KOSSOV, Boris. *Fotografia & História*. 2<sup>a</sup> edição rev. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

\_\_\_\_\_. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpetuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2007.

MACHADO, Maria Cristina Matta. *As Táticas de Guerra dos Cangaceiros*. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Brasiliense. 1978.

MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: EDUC. 1998.

MATA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *A (Des) Construção das (Des) Ordens Poder e Violência em Três Lagoas 1915-1945*. Tese de doutorado. São Paulo: USP. 1991.

MENEZES, Alfredo da Mota. *A Morte de Totó Paes: política no interior do Brasil*. Cuiabá: Carlini & Caniatto. 2007.

NEVES, Margarida de Souza Neves. *O Povo na Rua um conto de duas cidades*. In Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro. p. 136 – 155.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará v. 1 (2). 1996. p. 59-72.

\_\_\_\_\_. *Forma e significado na história Oral. A pesquisa como um experimento de igualdade*. Projeto História nº 14. São Paulo: PUC, fevereiro de 1997. p. 7 – 24.

\_\_\_\_\_. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História nº 14. São Paulo: PUC, fevereiro de 1997. p. 25-39.

\_\_\_\_\_. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral*. In Projeto História Ética e História Oral. nº 15. São Paulo: PUC, abril de 1997. p. 13-49.

\_\_\_\_\_. *O massacre de Civitella Val di Chiana(Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum.* In Usos e Abusos da História Oral. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coord.) 5<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 103-130.

\_\_\_\_\_. *As fronteiras da memória. O massacre das Fossas Ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos.* In História e Perspectivas. Vol. 25 e 26: Uberlândia julho dezembro de 2001, jan.julho de 2002. p. 9 – 54

\_\_\_\_\_. *Dividindo o Mundo: o som e o espaço na transição cultural.* In Projeto História da PUC. N° 26. São Paulo: PUC, junho de 2003. p. 47 – 64.

QUEIROZ, Francisco. *Registros do doutor Wladislau Garcia Gomes, Pequena História de Santanna de Paranahyba.* Campo Grande: Mattriz. 1969.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo local na vida política brasileira e outro ensaios.* São Paulo: Alfa-Omega. 1976.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimo. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20.* Bauru, SP: EDUSC; Campo Grande, MS: Ed. UFMS. 2004.

\_\_\_\_\_. *Divisionismo e Identidade Mato-Grossense e Sul-Mato Grossense um breve ensaio.* Dourados: UFMS. 2004.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: política urbana e territórios na cidade de São Paulo.* São Paulo: Studio Nobel: Fapesp. 1997.

SALGUEIRO, Sebastiana de Carvalho. *Brasis D antanho.* Com a colaboração de Maria Julia Salgueiro Lourenço, 1<sup>a</sup> edição, São Paulo: S.C. Salgueiro. 1999.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, arte e meios de comunicação.* Tradução Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina. 1<sup>a</sup> edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico.* 22<sup>a</sup> ed.rev. e ampl. de acordo com a ABNT – São Paulo: Cortez. 2002.

SLATTA, Richard W. *Bandidos the Varieties of Latin American Banditry.* New York: Green Press. s.d.

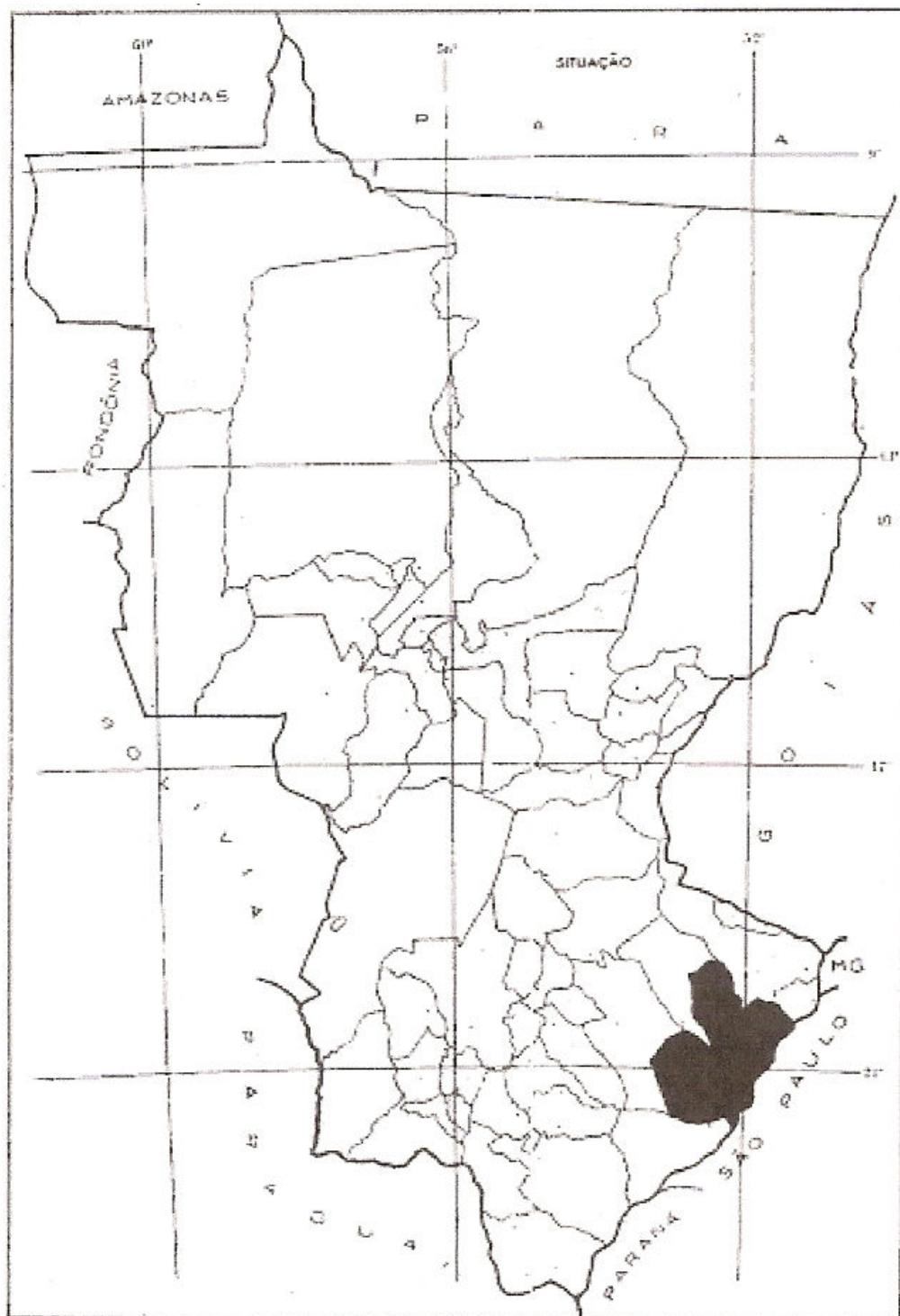
SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação. A construção de novos valores.* São Paulo: EDUC. 1995.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna.* São Paulo: Martin Claret. 2003.

- \_\_\_\_\_. *Inocência*. Série Bom Livro. 29<sup>a</sup> edição. 5<sup>a</sup> impressão. São Paulo: Ática. 2004.
- TELAROLLI, Rodolpho. *Poder Local na República Velha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1977.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução Waltensir Dutra. Rio Janeiro: Zahar. 1981.
- \_\_\_\_\_. *Senhores e Caçadores. A origem da Lei Negra*. Trad. Denise Bottmann. 2<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- \_\_\_\_\_. *Costumes em Comum*. 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Tradicion, Revuelta y Consciència de Clase. Estúdios de la crisis de la sociedad preindustria*. Prólogo de Josep Fontana. Barcelona: Editorial Critica. s.d.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. Projeto História nº15. São Paulo: PUC-SP. abril 1997.
- TRINDADE, Vilma Elisa. *Elites Regionais do Estado Novo: o caso Virgílio Corrêa Filho*. Corumbá: UFMS. 2002.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo at all... *A Pesquisa em História*. 4<sup>a</sup> edição, 5<sup>a</sup> impressão. São Paulo: Ática. 2005.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores. s.d.
- \_\_\_\_\_. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Tradução Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

# **Anexos**

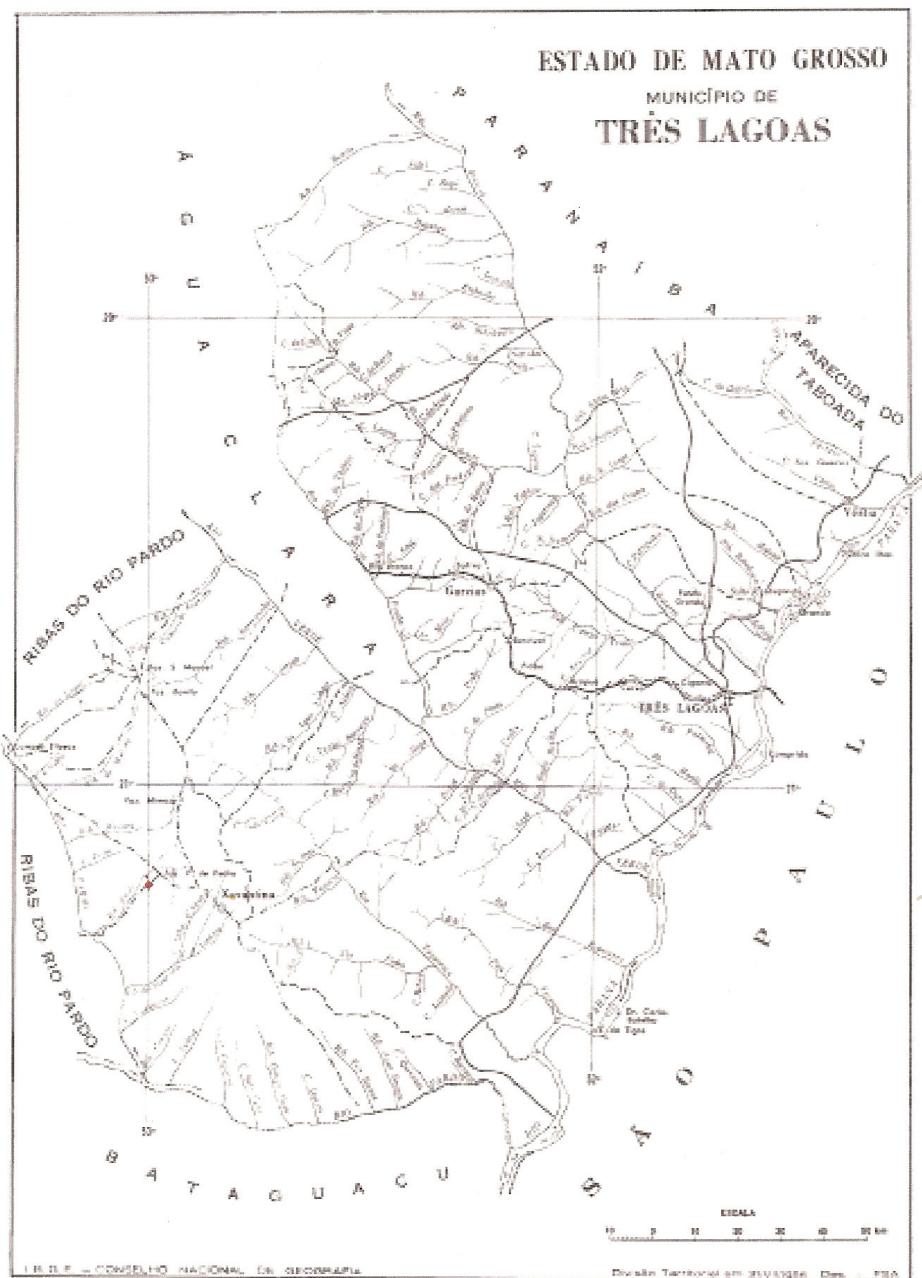
**Mapa da posição de Três Lagoas em relação ao estado de Mato Grosso. (Encyclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, 1958).**



*Posição do Município em relação ao Estado e sua Capital.*

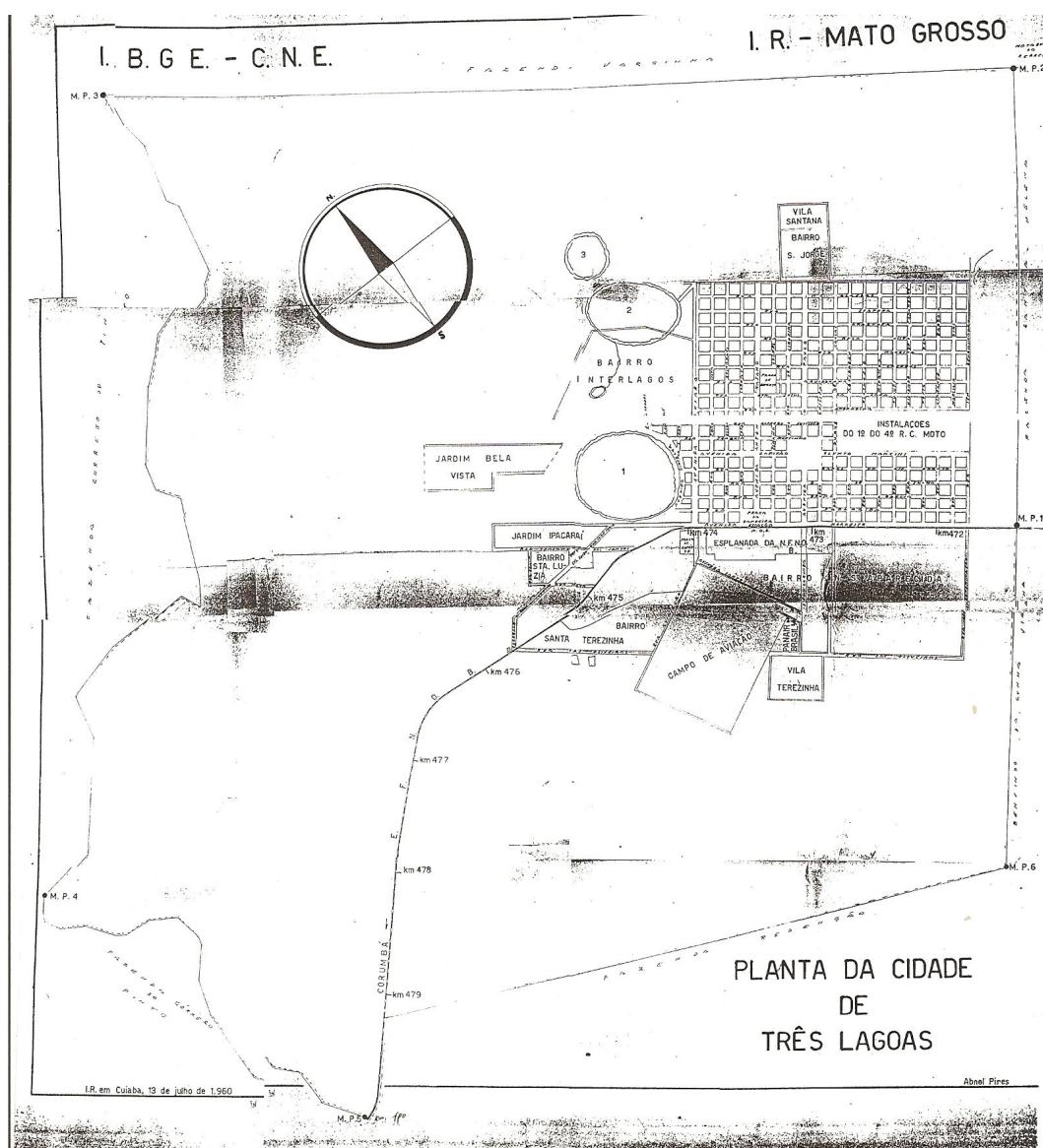
# Mapa do Município de Três Lagoas

## Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, IBGE, 1958.



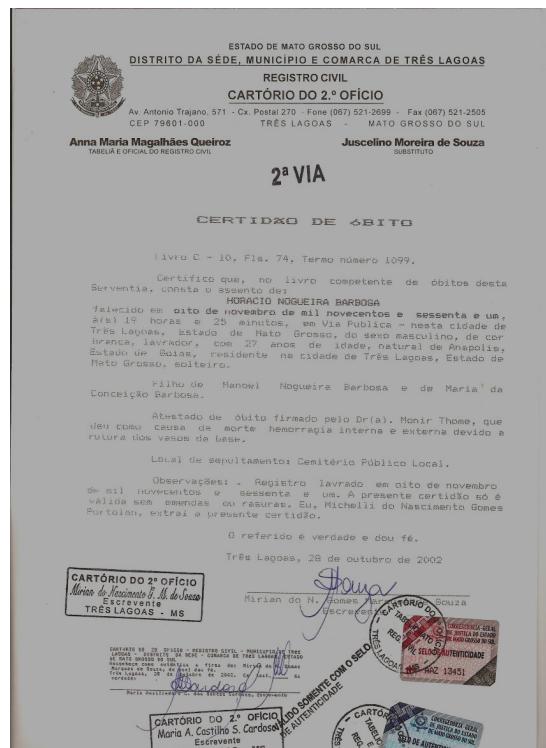
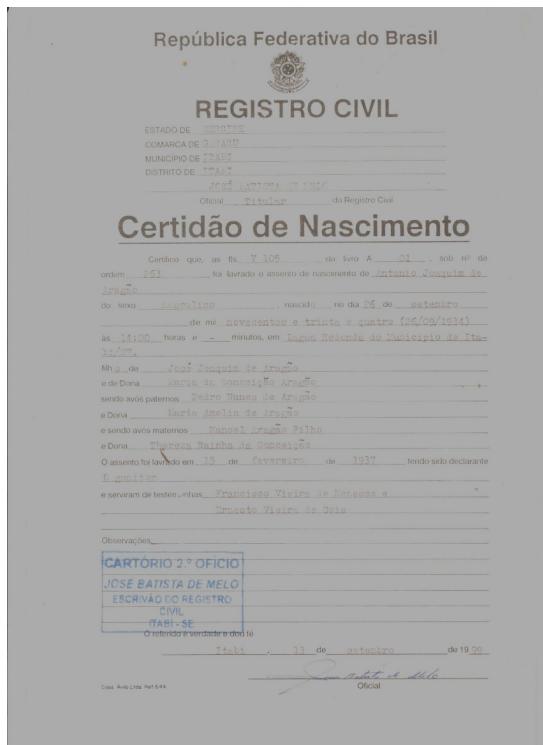
## Planta da cidade de Três Lagoas

IBGE, 1960.



## Documentos

## Certidões de Nascimento e de Óbito de “Camisa de Couro”



## Título de Aforamento

láp. 3 - pg. 108 verso - Sepultura nº 6.233

titulo de Aforeamento  
Nº: 533

O Dr. Francisco Peal de Souza  
Prefeito Municipal de São Brá  
soc, que faleceu, recente-  
mente, deixou escrito que ele  
confessa a Diário, que  
aprendendo o que lhe requeira-  
vam, a Companhia Financeira "Cedros"  
em praticas gravíssimas, cerca de  
trinta mil e cinqüenta mil reais, do 9-11-1961, con-  
cede-lhe prazos aforavam perspectivas,  
tornando esquivamente à repartição  
o nº 6.233, do Ministério Públíco Munici-  
pal, onde se acham indumentos e  
outros materiais da "Associação Voluntária  
Bombeiros", falecidos nesta cidade em  
dia 8 de outubro de 1961.

Porando o interessado page os  
instrumentos legais, especificando  
o presente título de domínio para  
os efeitos terrenos e qual se fa-  
o necessário recorrer para garantir  
para o seu sucessor.

F. Lugo de Grin  
Prefijo

## **Ficha do Cartório do 2º Ofício**

NOME DO FALECIDO: HORACIO NOGUEIRA BARBOSA  
Livro nº -10- Fólias nº -74- Termo nº -1.099-  
Com 27 anos de idade data 08 -11 -61  
Natural de: Anapolis - Estado de Goais prof. lavrador  
cór: branca sexo: masculino  
Filho ... de: Manoel Nogueira Barbosa  
e de d.: Maria da Conceição Barbosa  
residente em: nesta cidade via Pública - ruia  
Dia, mês e ano falecimento: 8 - 11 - 1961. 19:25 hs.  
VITIMA DE: Hemorragia interna e externa devido a  
ruptura dos vasos da base -  
Médico atestante: Dr. Monir Thomé  
Casado com: Sônia -  
filho: Mauricio Laffani, mais maior, cas. marcenio

**Capa de processo – crime em que “Camisa de Couro” atua como réu.**

